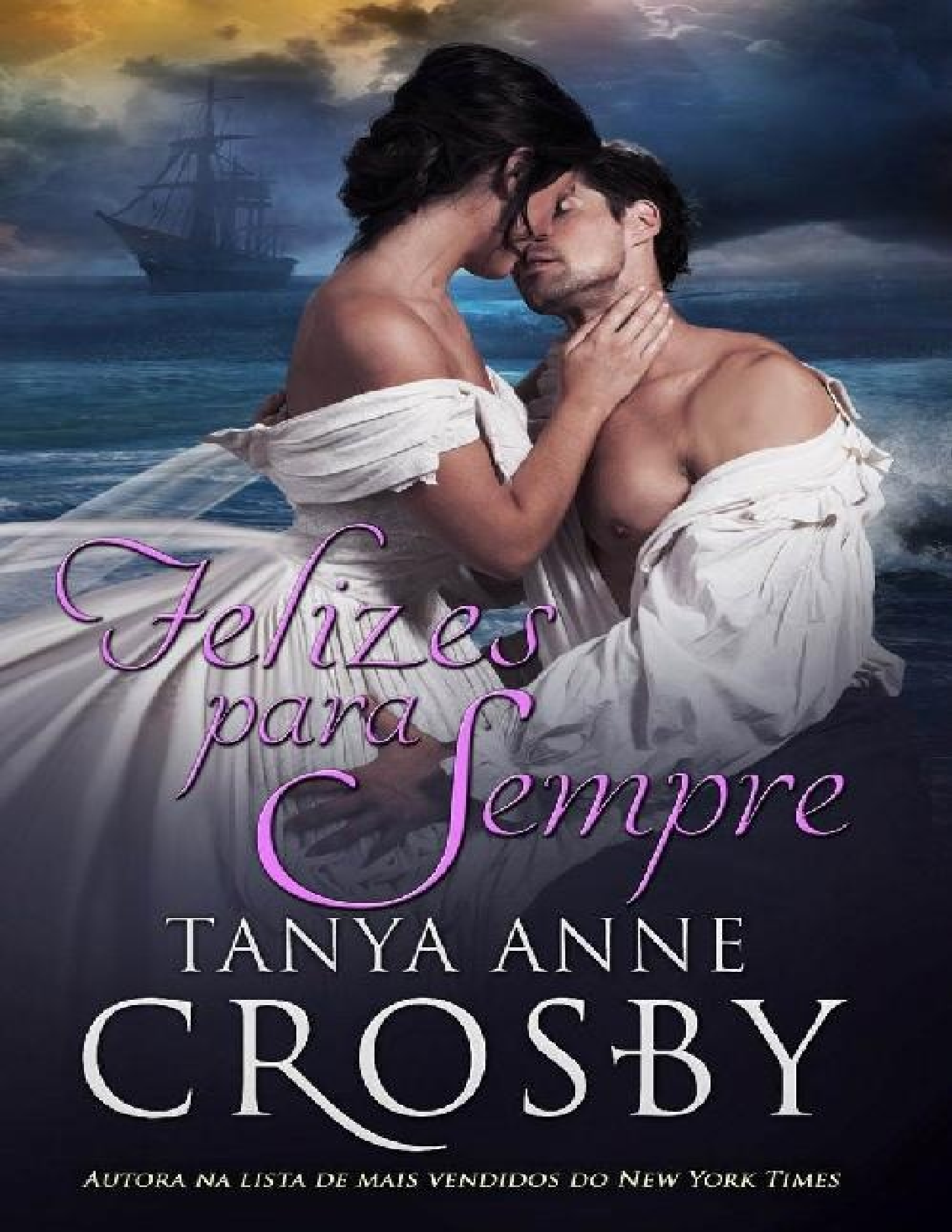




*Felizes
para Sempre*

TANYA ANNE
CROSBY

AUTORA NA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO NEW YORK TIMES

FELIZES PARA SEMPRE

TANYA ANNE CROSBY

TÂNIA NEZIO



FELIZES PARA SEMPRE

[Elogios ao livro](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Epílogo

Sobre a Autora

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser usada ou reproduzida ou transmitida de qualquer maneira, por via eletrônica, por via impressa, ou de qualquer outra forma, sem a permissão prévia e por escrito de Oliver-Heber Books e de Tanya Anne Crosby, exceto no caso de breves citações, comentários e críticas.

NOTA DO EDITOR: Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou localidades é total e simplesmente uma coincidência.

COPYRIGHT © Tanya Anne Crosby

Publicado por Oliver-Heber Books

 Created with **Vellum**

*Este é ainda para Alaina.
Sempre.*

ELOGIOS AO LIVRO

"Crosby permanece fiel à forma de escrever neste animado romance passado no século 19... As brincadeiras divertidas dos personagens de Crosby manterão os leitores presos a este romance com humor."

— PUBLISHERS WEEKLY

4 1/2 estrelas! "Mais uma vez, Tanya Anne Crosby presenteia seus leitores com uma gostosa história de amor. Seu incrível dom para tecer uma estória vai encantar mais uma vez o leitor, desta vez sobre a emocionante descoberta de amor de Jack e Sophia."

— RT BOOK REVIEWS

"Tanya Anne Crosby vem com um novo livro vencedor!"

— AFFAIRE DE COEUR

5 corações! "A autora de romances históricos Tanya Anne Crosby nos brinda com um excelente conto, cheio de humor, numa estória com a quantidade certa de romance".

— THE OAKLAND PRESS

PRÓLOGO

Boston, 1884

Estava escuro debaixo das cobertas, mas não tão escuro após Sophie abrir uma fenda para deixar a luz do luar brilhar através da janela do seu quarto. Ela tinha feito uma espécie de tenda, com travesseiros e cobertores e esperava que ninguém pudesse espioná-la.

Sua mãe a tinha proibido de sair de sua cama, mas ela nunca disse uma palavra sobre ela não poder admirar o céu debaixo das cobertas. Ela tinha sido mandada para a cama cedo, logo após o jantar, como punição por seu comportamento na parte da tarde — tudo porque Sophie tinha saído para brincar com os meninos, tinha sujado seu vestido e, na opinião da mãe, tinha arruinado o piquenique.

Mas Sophie não entendia por que ela tinha estragado o dia de todos só porque seu vestido estava sujo. Jonny e Harlan tinham ficado sujos também, mas ninguém parecia se importar. De qualquer forma, ela não gostava de ter que ficar sentada num cobertor a cada piquenique só para que seu vestido ficasse limpo. Isso a fazia se sentir como uma daquelas tortas na janela de um padeiro, que ficava obsoleta e nojenta, enquanto esperava que alguém viesse comê-la!

Os amigos da mãe dela não tinham nenhuma filha mulher, e Sophie sempre ficava sentada sozinha. Ela não gostava nem um pouco! Ela queria correr e brincar como os meninos. E ela podia achar dentes de tubarão melhor do que

qualquer um!

Na verdade, ela tinha achado um hoje e queria admirá-lo agora. Ela se sentou diante do travesseiro, e olhou para seu prêmio desta tarde, tão bonito para Sophie em toda sua glória como os diamantes da sua mãe. Ela queria acariciá-lo brilhante, bonito e dourado, como ele parecia ser para ela. Enquanto ela o acariciava, pensou em Harlan Penn.

O pai de Harlan era um osteologista! Harlan tinha lhe ensinado essa palavra. Ele estudava os ossos, e sua casa era como um mausoléu — ossos para todo o lado, crânios sem olhos, pernas e até mesmo mãos com dedos que balançavam. Harlan disse que tinha uma caixa de charutos cheia de olhos que ele tinha arrancado dos crânios de seu pai, mas Sophie não acreditou. Não importava, ela gostava de ir a casa dele e passear pelos corredores. Havia sempre algo novo para se ver. E quando ela crescesse, ela queria morar numa casa igual a do Harlan.

Talvez ela se casasse com Harlan e Harlan traria para ela coisas lindas de lugares distantes para que ela pudesse exibi-las para todo mundo ver.

A porta do quarto se abriu, e Sophie congelou, com medo de que de repente sua mãe tivesse vindo ver como ela estava. Ela raramente fazia isso, porque ela esperava que Sophie a obedecesse. E geralmente Sophie a obedecia, mas ela queria tanto olhar para o seu desenho. Todos disseram que ela o tinha feito muito bem para uma menina com apenas oito anos e ela sempre ficava orgulhosa sempre que alguém olhava para seus desenhos e sorria em aprovação.

"Sophia?"

Era a voz do pai dela, e ela soltou a respiração, que ela estava segurando, e alívio atravessou todo seu corpo. Ainda assim, ela já deveria estar dormindo e ela realmente não queria chatear seu pai. Por um instante, Sophie considerou fingir que estava dormindo, mas o pai dela nunca iria acreditar, ela sabia. O pai dela era inteligente demais.

"Sophia," ele chamou de novo e havia apenas um pouco de reprimenda na voz dele.

Sophie saiu debaixo das cobertas, deixando o lápis, o papel e o dente de tubarão em segurança.

Ele estava diante de sua cama, olhando para ela.

"Mas eu ainda não estou com sono," Sophie queixou-se, caindo sobre os travesseiros.

"Pergunto-me por que," disse o pai e puxou as cobertas, descobrindo os desenhos de Sophie. Sophie pensou que ele ia pegá-lo, mas ele apenas deixou as folhas caírem, olhando-a com censura. "Se sua mãe vir isso, ela não vai gostar," foi tudo o que ele disse. Ele puxou as cobertas colocando-as sobre ela e, em seguida, ajoelhou-se ao lado da cama.

Sofia esfregou os olhos. "Ela nunca gosta de nada que eu faço." E realmente isso parecia verdade. Não importava o que Sophie fizesse que a mãe nunca ficava contente com ela. Porque de alguma forma, ela sempre poderia ter feito melhor.

"Isso não é verdade, Sophia," o pai a repreendeu. "Sua mãe te ama. Ela simplesmente espera o melhor de sua filha única." Ele ficou em silêncio um instante, e então adicionou, "Você é toda a sua esperança e sonho, enrolada num pacote lindo." Ele estendeu a mão e torceu o nariz dela. "Entendeu?"

Sophie abanou a cabeça. De alguma forma, a afirmação a perturbou, mas ela não sabia por quê. Suas sobrancelhas se fecharam enquanto ela pensava.

"Ela quer que sua vida seja perfeita," ele disse. "Ela quer que você seja perfeita."

Sophie franziu a testa. Era muito difícil ser perfeita. Ela não queria ser perfeita. Mas ela queria fazer sua mãe feliz.

"Quando eu crescer eu serei perfeita!" ela prometeu, pensando no casamento perfeito, que sua mãe tinha descrito para ela tantas vezes. Quando ela falava do futuro de Sophie, esse era o único momento que a mãe sorria para ela. "Posso por favor casar com Harlan, papai?"

O pai dela riu suavemente, o tom rico da voz dela encheu seu coração com calor. "Sophia, minha querida, quando você crescer, você se casará com quem seu coração desejar!"

Sophie sorriu totalmente tranqüilizada.

"Por que Harlan?" perguntou o pai.

Sophie encolheu os ombros. "Ele tem uma casa muito curiosa."

O pai dela riu novamente. "Isso ele tem, meu anjo."

Sonhadora, Sophie pensou na casa de Harlan. "Eu poderia andar por ela toda a minha vida e nunca ficar entediada, papai!" Sua própria casa era demasiado perfeita, nada fora do lugar, tudo perfeito. Era proibido correr e brincar, ou mesmo tocar. Apenas o quarto dela parecia ser o paraíso fora da perfeição.

O pai dela tocou sua bochecha com as costas do dedo da mão, acariciando-a suavemente. "Vá dormir," ele ordenou-lhe e sorriu. "Mas primeiro você deve me mostrar o desenho que você estava trabalhando."

Sophie sorriu para ele. Ela se sentou e ao mesmo tempo tirou sua coberta, mostrando a luz do luar seus desenhos para o pai.

Ele acendeu a luz do quarto, tentando ver a fonte de sua inspiração. "É muito... é encantador, querida."

Sophie sabia que ele não sabia o que era, mas ele provavelmente nunca tinha visto um dente de tubarão antes. Ela segurou o dente na mão. "Veja, eu encontrei, papai! Eu estava numa expiação com Harlan —"

"Expedição?"

"Sim! Com Jonny e Harlan! No piquenique! Eu encontrei sozinha!"

Seu pai sorriu.

"Harlan disse que o mar costumava vir até a nossa casa! E ele disse que tinha tubarões por todo o lado! O pai dele disse!"

Seu pai assentiu com a cabeça e piscou. "O pai dele certamente saberia!"

Sophie sorriu com orgulho.

"Guarde isso em algum lugar seguro," o pai dela disse para ela. Ele colocou os dedos nos lábios como se estivesse dizendo-lhe para guardar segredo.

"A mamãe não vai gostar," ela disse com uma voz desesperadora.

"Sua mãe não precisa saber de tudo, minha querida."

Sua declaração pareceu chocá-lo, como chocou Sophie. Ela olhou para ele, sobrancelhas arqueadas, esperando por uma explicação.

"Há coisas na vida, que quando você ficar mais velha vai ver que terá que tomar decisões por conta própria," ele explicou. "Mães e pais não são perfeitos, Sophie, embora nós sempre queiramos o melhor para nossos preciosos filhos. Lembre-se sempre disso." Ele estendeu a mão e bateu-lhe suavemente na testa.

"Sua mãe ama você," ele disse, "mas... bem..." Ele vacilou e em seguida franziu a testa, como se não tiver certeza de como proceder. "Deixe-me lhe contar uma pequena estória..."

Sophie assentiu ansiosamente e colocou sua cabeça no travesseiro para ouvir. Nem sempre seu pai lhe contava uma estória para dormir. Ele trabalhava muito. Mas quando ele contava, ela sempre gostava delas imensamente.

"Era uma vez," ele começou, "uma menina que tinha uma mãe que queria apenas o melhor para ela..."

As sobranceiras de Sophie se levantaram. A estória parecia familiar.

"Esta mãe amava tanto a filha dela," ele disse para ela, "que ela apenas colocava nela os melhores vestidos, dava-lhe somente sapatos pretos reluzentes. E ela nunca, nunca a deixava brincar com os meninos. Ela nunca podia sujar o vestido dela... ou ter lama debaixo das unhas."

A sobranceira de Sophie franziu um pouco mais. Será que ele estava contando uma estória sobre ela, ela se perguntava.

"No entanto, esta menina só queria brincar nos estábulos, alimentar os cavalos e montá-los sempre que pudesse. O pai dela vendia cavalos puros-sangues, alguns dos melhores e mais belos cavalos."

Sophie ouvia atentamente. "O avô vende cavalos puros-sangues," ela disse depois de um momento.

O pai sorriu para ela, obviamente satisfeito com sua observação. "Sim, bem... nunca foi permitido a esta menina montá-los, mesmo na presença dele. Você vê... a mãe dela não achava ser apropriado sua filha fazer isso, e só os meninos eram autorizados a brincarem nos estábulos. Seus irmãos e seus amigos muitas vezes cuidavam dos cavalos enquanto a menina observava."

Sophie não entendia a estória. Não era divertida como as que ele normalmente contava. Ainda assim, ela ouvia, porque ela sabia o que era ter uma mãe que nunca deixava fazer nada.

"Bem, havia um menino," o pai continuou: "Que achava que a menina tinha o sorriso mais encantador do mundo." O pai suspirou melancolicamente e balançou a cabeça. "Ele costumava sentir pena dela, quando ela se sentava sozinha, desejando poder brincar. Ele queria muito falar com ela, mas ele sabia

que ele só iria deixá-la em apuros e ele nunca falou, mas ele prometeu a si mesmo que um dia ele a levaria para longe e lhe daria uma casa própria, onde ela poderia fazer tudo o que ela quisesse, e ela poderia criar cavalos se ela desejasse, um lugar onde ela poderia sorrir."

"Ele era um bom menino," observou Sophie, já ficando com sono.

O pai dela riu suavemente. "Bem, ele nem sempre foi um bom menino," ele assegurou-lhe, "mas ele realmente gostava da menina."

"Oh," Sophie disse. Ela esfregou os olhos novamente.

O pai dela ficou em silêncio, olhando para ela, embora de alguma forma Sophie não estivesse certa de que ele realmente a estava vendo. De repente ele parecia triste e muito longe.

"O que aconteceu com a menina e o menino, pai?"

"Eles deveriam ter vivido felizes para sempre... mas felizes para sempre não é algo que alguém possa dar a você, Sophia... nem mesmo uma mãe que ama muito sua filha. É um lugar aqui dentro." Ele estendeu a mão e colocou no peito de Sophie.

Sophie assentiu, tentando desesperadamente manter os olhos abertos, não querendo ferir os sentimentos do pai. Ela queria ouvir o final da história, ela realmente queria, mas ela estava ficando com muito sono.

Ela lutou para manter os olhos abertos enquanto o pai dela continuava. "Então o menino e a menina cresceram e se casaram. Ele a levou embora, como ele tinha prometido, mas era tarde demais para a menina. Ela era uma boa menina, sempre fez o que os pais dela queriam que ela fizesse. Ela nunca os desobedeceu, nunca. Eles a moldaram e ela se tornou uma menina perfeita... que cresceu para ser uma perfeita dama... como a mãe dela... que nunca sorriu."

Sophie de repente ficou muito sonolenta, até mesmo para tentar entender a estranha história do pai dela.

"Sophie... às vezes é preciso mais coragem para se seguir seus próprios sonhos em vez dos sonhos daqueles que você ama."

"E o menino?" Sophie perguntou. O pai dela se levantou, puxou as cobertas até seu pescoço. Ele a colocou confortavelmente deitada e sorriu para ela, um pouco mais triste. "Ele cresceu e se tornou um pai terrível, que nunca estava em

casa e dava conselhos terríveis para sua doce filha. Finja que não ouviu uma palavra dessa estória, Sophie... Vá dormir e sonhe com os anjos tão doces como você."

Seria tolice fingir que não tinha ouvido ele, mas seria fácil o suficiente colocar a história para fora da sua mente. Sophie não entendia uma palavra do que ele estava dizendo para ela. "Eu te amo, papai," ela murmurou quando ele acariciou sua bochecha. "Você é o melhor pai do mundo!"

Então ela se virou, abraçou seu travesseiro, o dente do tubarão escondido em sua mão por segurança. Ela o ouviu indo embora e fechar suavemente a porta... e, em seguida, ela sonhou em montar nas costas de baleias douradas navegando pelos oceanos azuis, enquanto o pai dela ficava parado e assistia e acenava.

Boston, 1899

A evidência parecia inegável.

Era, de fato, a caligrafia do seu noivo, mas só para ter certeza Sophie pegou na sua escrivaninha a carta mais recente de Harlan, e comparou meticulosamente a caligrafia. Ela estudou as duas cartas, tentando encontrar alguma diferença.

Atrás dela, Jonathon Preston abriu um pouco mais as cortinas, deixando entrar o último raio de sol da tarde. "Eu nunca traria isso a você," ele afirmou um pouco mais ansioso, depois que ela começou a levar o assunto mais a sério. Ele estava ao seu lado, espiando por cima do seu ombro, enquanto ela lia a carta que fazia suas bochechas queimarem de raiva e humilhação.

Ela engoliu desconfortavelmente.

Não importava o quanto ela desejasse achar que a carta fosse uma falsificação, a caligrafia era a mesma; o “y” com uma cauda comprida, o cruzar da letra “t”... “i” e “j” com pingos precisos. Harlan, raramente escrevia em letras maiúsculas os nomes de seus conhecidos... nem mesmo o dela — algo que a atormentava.

"Embora Harlan tenha sido sempre um amigo, de alguma forma me pareceu injusto," Jonathon continuou, "que vocês sejam tratados com tão pouca consideração!"

Sophie duvidava que as intenções de Jonathon fossem honradas. Ele podia vender sua alma ao diabo para obter os favores do pai dela. Ainda assim, ela não era do tipo que preferia não saber. Se o noivo dela estava fazendo com que ela parecesse uma tola, ela certamente queria saber — sem se importar com os motivos de Jonathon.

E, maldição, parecia que Harlan estava, de fato, estava fazendo ela de tola!

De repente todo o seu futuro ruiu diante dela como um velho castelo de conto de fadas, todos seus planos cuidadosamente pré-estabelecidos foram reduzidos a escombros e seus sonhos levados como poeira.

Que idiota ela tinha sido.

Ela olhou para Jonathon vendo que ele ainda olhava para ela, como se esperasse que ela fosse soluçar a qualquer instante, por ter tido o seu coração partido. Sophie franziu a testa. Sem dúvida ele iria gostar disso. Bem, ela não iria ceder à histeria! De qualquer forma, ela estremeceu ao pensar em Jonathon consolando-a.

ESTRANHO como antes de hoje ela nunca o tinha achado nefasto, mas o rapaz que ela se lembrava da época de sua juventude não existia mais e em seu lugar tinha ficado um homem calculista. Não, ela não tinha dúvida das intenções de Jonathon e menos ainda de suas motivações. Seu pai era um homem poderoso e caridoso — testemunhado pela generosidade e apoio que ele tinha concedido a Harlan. Desde o dia que Harlan partiu de Boston, seu melhor amigo tinha feito de tudo para conquistar não a ela, mas a seu pai.

Com os diabos, homens e seu amor por dinheiro!

Seus olhos ardiam enquanto ela digitalizava a carta que Jonathon tinha trazido, desta vez permitindo-lhe total compreensão das palavras escritas diante dela.

Que Deus a ajudasse, ela se recusava a chorar — e certamente não em frente à Jonathon Preston.

Ela examinou o envelope novamente. Ele estava carimbado com a data de 20 de abril de 1899. Há dois meses — irônico ele ter escrito a carta no terceiro

aniversário do noivado deles. Ela se perguntava se Harlan tinha notado.

Meu bom amigo, começava a carta.

Sophie olhou para Jonathon, pensando como ele podia trair seu bom amigo tão facilmente. Suas emoções estavam em alvoroço. Ela não sabia se deveria ser grata ou se deveria ficar zangada com o homem diante dela. Porque ela se importaria de Jonathon ter agido como seu Judas?

Ela leu a carta com atenção.

Você realmente deve se juntar a mim aqui! Sem mais objeções, jon! É um mundo maravilhoso que não apenas nos dá a oportunidade de experimentar os prazeres mais abundantes da vida, mas na verdade, nos faz querer experimentar! Todo homem deveria ter uma noiva compreensiva, não é? E um sogro disposto a apoiar a sua causa. Considero-me afortunado, de fato — sim, de fato — de ter ganhado o coração de sophia vanderwahl, mas não pense que esteja insatisfeito se eu não correr para casa para contrair matrimônio.

Sua escolha de palavras doía.

Ônus.

É isso o que ele pensava dela?

Ela respirou profundamente e continuou.

De qualquer forma, caro amigo, talvez você possa achar que sophia está perdendo tempo. Ela é bastante jovem ainda para me dar filhos mesmo se eu atrasar as núpcias em cinco ou mesmo seis anos. E seu espírito não vai arrefecer; suas cartas são leves e cheias de interesse sobre os meus estudos. Ela é um amor demonstrando tanto interesse em assuntos que devem entediá-la. As mulheres não têm paciência ou capacidade para tais reflexões, jon. Mas não se preocupe com sophia, meu bom amigo. Ela é leal, e com certeza me aguardará com a graça que ela foi criada para mostrar. Na verdade, eu não poderia ter escolhido melhor.

Sophie cerrou os dentes, resistindo à vontade de amassar a carta.

Leal, ela era leal?

Um amor, ela era um amor?

A raiva subiu através do seu corpo.

O interesse dela não era fingido! Suas perguntas eram de legítimo interesse — e como ousava Harlan assumir que ela esperaria cinco, talvez seis anos até que ele se dignasse a voltar para ela! E essa foi a parte da narrativa que a fez ficar com mais raiva. Os olhos dela procuraram as páginas até que ela chegou ao parágrafo em que ele começou a tentar Jon...

... e as mulheres aqui são as mais lindas... a pele aveludada e os olhos de um preto profundo, que um homem é capaz de ver seu próprio reflexo em suas profundezas.. E o cabelo... Cristo, eu nunca tive a alegria de tocar em cabelos tão macios que fluem através das minhas mãos como a crina de um bom cavalo de raça. (E elas adoram ser cavalgadas, jon... Sei disso por experiência própria.)

Sophie não era tão idiota que não entendesse o significado do que ele tinha escrito, mesmo que ela não soubesse exatamente o que significava. Suas bochechas queimavam com raiva e mortificação.

"Perdoe-me, Sofia, eu não queria mascarar mesmo a pior parte da carta," Jonathon interrompeu, interpretando corretamente o rubor em seu rosto. "Você tinha o direito de saber."

Sophie concordou muito abalada para falar qualquer coisa, mesmo depois de ler a carta pela terceira vez.

Ela se forçou a continuar.

nunca conheci mulheres de natureza tão natural. Se você experimentar a alegria carnal do ventre de uma delas, você não deve achá-la uma exceção porque a próxima vai fazer você ansiar sentir seu gosto nativo e querer correr como um selvagem através das selvas do seu corpo. Você quase vai esquecer que é um homem civilizado e nunca mais vai desejar

definhar na miséria que é Boston. Nem por todo o dinheiro dos vanderwahl eu seria arrastado tão cedo deste paraíso!

Sophie estremeceu pela lembrança sutil, que era o dinheiro do seu pai, e não ela, que provavelmente poderia trazê-lo de volta — e nem mesmo o dinheiro do seu pai era suficiente! Ele estava se divertindo muito bem à custa dos Vanderwahl!

A tristeza foi substituída por uma fúria fria e armada com raiva ela releu mais uma vez o último parágrafo.

Mesmo aqui, na selva, recebi notícias da imprudente aventura de Jack Macauley... a compra de um velho navio... Miss Deed, é este o nome? De qualquer maneira, ele deve estar pronto para partir em breve. Rogue a ele, para lhe dar uma passagem. Ele daria uma para você, tenho certeza. Os bolsos dele estão vazios. Neste meio tempo, eu vou escolher a dedo a garota nativa mais sensual, e não vou deixar nenhum homem prová-la a não ser você. Junte-se a mim, Jon, e você vai entender por que devo convencer o pai de Sophia, a dar-me mais tempo. Nós dois certamente podemos convencê-lo do nosso potencial aqui. Ele está ansioso para ter netos e eu sozinho não vou triunfar.

Venha, meu amigo. Sua presença é a única coisa que sinto muita falta. Seu fiel amigo e sócio, Harlan Horatio Penn III

A companhia de Jon era a única que ele sentia falta? E a dela?

Como poderia ela não ter percebido mais cedo o pouco interesse dele por ela? Ainda na outra noite Sophie o tinha defendido violentamente quando sua amiga Maggie ousou dizer que seu interesse tinha diminuído. Por que somente com a carta para Jonathon que ela percebeu o que aparentemente estava bastante óbvio para todos os outros?

Ela abaixou a carta. Ela tentou tanto ser tudo o que todos queriam que ela fosse — a melhor filha, a melhor namorada — ela não deveria usar seu decote muito alto ou muito baixo. Ela não devia chorar, nem rir muito alto.

Ela pegou na sua mesinha a carta que Harlan tinha escrito para ela, com

todas as suas mentiras, e manteve a outra na mão, disposta a renunciar a uma evidência, esquecendo-se por um instante de manter seus ombros eretos — uma senhora nunca os deixava cair, nem mesmo na mais angustiante das situações.

"Está tudo bem, Miss Sophia?"

Sophie se endireitou e tranquilizou seu mordomo de longa data, Harold, que estava na porta. Na eterna ausência dos pais dela, Sophie era a senhora da mansão. Ela tinha sido bem preparada por sua mãe e ela conseguia administrar a casa meticulosamente, mas foi só neste instante, quando Harold olhava para ela, que ela de repente se perguntou quem exatamente cuidava de quem.

"Está tudo bem, Harold," ela assegurou. "Eu estou bem," ela mentiu.

Ele virou a cabeça, como se ele não acreditasse nela. "Tem certeza, Miss Sophia?"

Sofia acenou mandando-o embora, engasgada com uma onda de tristeza. "Tenho. Não é nada que eu não consiga controlar."

O velho sorriu carinhosamente pra ela. "Como sempre, Miss Sophia." Ele lançou um olhar desconfiado para Jonathon, e disse, "Eu estarei bem aqui no corredor se você necessitar de mim."

Sophie sorriu para si mesma. Harold era, como sempre, o anjo da guarda dela. Se ela o conhecia bem — e, de fato, ela o conhecia —, ele ficaria na porta até Jonathon Preston deixar o local. Na verdade, se dependesse de Harold, ele nunca teria permitido a entrada de Jonathon. Harold era muito mais protetor do que até mesmo seu próprio pai. Mas o pai e a mãe sempre esperavam que ela fizesse a coisa certa. Eles nunca duvidaram, nem por um instante, que Sophie esquecesse sua boa educação.

"Sophia," Jonathon chamou.

Sophie olhou para ele. De repente pareceu que ele estava ocupando quase todo o espaço dela para respirar.

De repente, tudo parecia demasiado confinado — a casa do pai, suas maneiras previsíveis, até mesmo o vestido dela.

Ela tinha todo o direito de estar zangada!

Porque ela já não podia se permitir um único instante de verdadeira emoção? Por que ela devia sempre ser perfeita? Sempre ser forte? Sempre fazer a coisa

certa? Ela queria gritar e chorar e quebrar alguma coisa! Ela olhou para uma foto de Harlan que estava na mesa dela e não se atreveu a tocá-la.

Ela puxou uma respiração e ficou calma, segurando a carta de Jonathon contra o peito. Os dedos dela inconscientemente se enrolaram sobre o papel fino, amassando-o. Fúria contraiu sua garganta — não tristeza, não medo, mas uma fúria enorme.

Como ousava Harlan tirar proveito de seu pai!

Como ele ousava usar e descartar os dois tão facilmente!

"Oh, querida! Eu vejo o quanto isso a irritou, Sophie. Talvez eu não devesse ter vindo," Jonathon falou. Ele colocou uma mão cautelosamente sobre o ombro dela.

Sophie encolheu os ombros quando ele a tocou, engolindo seu temperamento, tentando recuperar a compostura.

Há três anos, com a bênção da sua mãe e do seu pai, ela tinha sido prometida para Harlan. Durante três anos e dois meses ela tinha esperado ele vir para casa para se casar com ela, para que ela pudesse fazer para eles um lar perfeito. Ela alegremente tinha rejeitado os avanços de todos os seus pretensos pretendentes até que cada uma de suas amigas estava casada, e só Sophie permanecia solteira. E ela ainda esperava, achando que seu querido Harlan um dia voltaria de uma terra distante e exótica para reclamá-la como sua noiva — como um cavaleiro de armadura brilhante.

Conversa fiada!

Era suposto que eles deveriam viver felizes para sempre... juntamente com três filhos e um pônei em miniatura para sua filha — nada além de tolices de uma jovem mulher!

E, sim, na verdade, ela era muito jovem quando Harlan saiu de Boston, mas ela agora tinha vinte e três anos e não era mais uma menina com sonhos que podiam ser desfeitos.

Harlan achou que era tão inteligente, não é?

A companhia de Jonathon era a única que ele sentia falta?

Bem, Sophie tinha mais orgulho do que permitir-lhe se desfazer dela, apenas para recuperá-la quando ele quisesse! Ela estava prestes a lhe dar esta satisfação!

"Por favor, acredite em mim... Eu nunca quis acompanhá-lo, Sophia," Jonathon a tranquilizou, seu tom reprovando Harlan. "Eu nunca poderia me juntar a ele para enganar seu pai!"

Sophie olhou para Jonathon. Ela estava cansada de ouvir sobre o pai dela! Por que tudo era sempre sobre o pai dela, seu dinheiro, suas conexões, o nome dele? Ela decidiu naquele instante que nunca mais faria parte de tal arranjo — mesmo que isso significasse que ela passaria todos os dias do resto da sua vida completamente sozinha! Se um homem não pudesse amá-la por si mesma, então ela não iria querer ele!

Na verdade, ela gostava da idéia de ficar sozinha! E por que não? Ela realmente não precisava de um homem na vida dela!

Ela só queria que Harlan estivesse aqui para poder rasgar sua carta e atirá-la no rosto dele — juntamente com seu anel de noivado e algumas palavras bem escolhidas.

Ela sentia seus pensamentos vertiginosos com a decisão de abandonar o infeliz.

"Sophia," Jonathon falou. "Por favor, não chore, minha querida."

Assustada por sua solicitação, Sophie endireitou seus ombros. Chorar? Ah, mas ela não estava chorando!

Embora ela certamente pudesse entender por que ele pensava assim, estando de costas para ele. Suas sobranceiras se juntaram de repente quando um pensamento lhe ocorreu.

Porque ela não estava chorando?

Talvez ela estivesse em estado de choque?

Sim, devia ser isso; mais tarde ela ia se abater quando Jonathon fosse embora. E então ela se sentaria e escreveria uma carta para Harlan, rompendo seu casamento de uma vez por todas — ela apenas desejava poder estar lá para ver a cara dele quando ele lesse — o rato! Ela não ia esperar como uma tola seu noivo se dignar a voltar, simplesmente para dizer-lhe para ir para o inferno. Ela absolutamente não mais colocaria sua vida em espera nem mais um instante!

Foi o dinheiro do pai de Sophie e suas conexões que fez com que Harlan ganhasse a prestigiada bolsa, e Sophie o apoiou com todo seu coração, desejando

que ele fosse feliz em todos os seus empreendimentos, e agora não era bom ver seus subsídios serem recusados.

Ressentimento inundou seu corpo.

Talvez ele não fosse se arrepender de perdê-la, mas ele se arrependeria de perder o apoio do seu pai — embora ela soubesse precisamente o que seu pai iria dizer sobre tudo isso. Ela não sabia se ele iria apoiá-la ou se iria se esforçar para convencê-la que Harlan não queria lhe fazer mal... que todos os homens erram... que isso não refletia seu sentimento por ela... mas pela primeira vez na vida de Sophie, ela pretendia tomar uma posição. Ela estava cansada de ser a boa filha!

Um pensamento diabólico, de repente, ocorreu-lhe.

Porque ela deveria esperar Harlan voltar? Além disso, por que deveria ela esperar seus pais voltarem de Paris para convencê-la que estava tudo bem? Por que ela não podia ver o rosto de Harlan quando ela rasgasse sua carta? Na verdade, por que deveria ela enviar uma carta quando ela poderia levar esta carta?

Ela se virou lentamente para Jonathon. "Eu não estava chorando," ela assegurou-lhe.

"Parecia que v-você estava com raiva," ele disse.

Sophie levantou uma sobrancelha. "Muita!"

"Sophia, minha querida... Eu-eu nunca te vi assim," ele conseguiu dizer.

Sofia nunca tinha se sentido assim.

Com a traição de Harlan, algo aconteceu dentro dela, algo um pouco assustador e emocionante ao mesmo tempo. O simples fato de que ela não estava desesperada e soluçando deveria a ter alarmado como parecia ter chocado Jonathon. O pobre homem estava olhando para ela, com a boca aberta.

Sophie deu a entender que ela queria que ele fosse embora. Quanto mais cedo ele a deixasse, mais cedo ela poderia começar a fazer planos. "Obrigada Jonathon, por ter trazido este assunto à minha atenção." Ela endireitou o papel contra o peito, alisando-o, resolvendo o que ela deveria fazer.

Ela queria ver Harlan implorar pelo dinheiro do seu pai! Ela queria que ele caísse aos seus pés e se esforçasse para convencê-la a ficar com ele. E acima de tudo, ela queria rasgar a carta em mil pedacinhos e depois ir embora para

sempre.

"Sophia," Jonathon começou, dando um passo para trás, enquanto ela se aproximava. Sophie não pode deixar de notar sua reação confusa. Obviamente, ele esperava uma resposta muito diferente dela. "Eu acho que você está em choque," ele disse se recuperando.

Sophie sorriu. Sem dúvida ele pensava isso.

Certamente era inédito que uma mulher respondesse a esse tipo de assunto a não ser com pura histeria, ela pensou irritada.

"Estou perfeitamente bem," ela assegurou ao melhor amigo do noivo dela, dando-lhe um sorriso para mostrar calma, mesmo estando seus olhos queimando de raiva. "Você pode ir agora e, por favor, não fique aborrecido Jonathon."

"Ah, mas eu devo ficar!" ele protestou imediatamente. "Como posso vir até você com notícias tão horríveis e deixá-la simplesmente desconsolada? Você precisa de conforto, minha querida — conforto e amizade! E estou aqui para dar a você!"

Sophie dobrou a carta. "Como você pode ver... Eu estou muito bem."

"Mas Sophia, minha querida... essa reação é muito diferente de você!"

Sophie sorriu. "Sim, é!" ela concordou. Homens! O pai dela incluído, todos eles eram despóticos por natureza! Bem, ela estava bastante farta de ser um capacho!

Ela foi até Jonathon, colocou uma mão sobre seu braço. Ela firmemente se apoderou dele e puxou-o em direção à porta. "Obrigada, caro Jon, por sua consideração."

Ele não tinha escolha, mas seguir... ou fazer uma cena e Jonathan, como Harlan, não tinha estômago para espetáculos embaraçosos.

A mente dela, ao mesmo tempo, começou a fazer planos. Primeiro, ela iria fazer uma visita a este Jack MacAuley que Harlan tinha mencionado em sua carta. Alguém na universidade saberia como localizá-lo. Em seguida, ela precisaria fazer as malas. E dinheiro — ela iria precisar de dinheiro, claro. Ela escreveria uma carta para a mãe e o pai, então eles não se preocupariam quando retornassem e não a encontrassem em casa. Por falar nisso, eles provavelmente nem iriam notar, mas ela deveria escrever de qualquer maneira. Era a coisa certa

a fazer, e, claro, ela sempre fazia a coisa certa.

Ela se perguntava sobre Jack MacAuley. Ela já tinha ouvido seu nome mencionado antes — um homem polêmico o pai dela tinha dito — embora Sophie não ligasse se ele fosse descendente de macacos azuis; ele seria perfeito para seus propósitos. Se ele pudesse ser subornado para levá-la a bordo de sua embarcação, ela certamente tinha os meios para fazê-lo.

Ela foi com Jonathon até a porta. "Meu pai vai apreciar muito sua... integridade," ela disse-lhe, "e você pode estar certo de que vou dizer a ele que você foi muito gentil em considerar o meu — os nossos — interesses."

"É claro," respondeu Jonathon acenando, confusão aparecendo nos sulcos próximos a sua sobrancelha. E então ele a olhou com aquela arrogância zombeteira familiar que sempre a fazia cerrar com mais força a sua mandíbula. "Minha querida... gostaria que eu voltasse para testemunhar enquanto conta para o seu pai?" Seu tom estava muito esperançoso, mas ela sabia que sua oferta não tinha nada a ver com qualquer preocupação com ela. Ele queria que seu pai soubesse o que ele tinha feito — que ele tinha traído Harlan pela honra da filha — pela honra dos Vanderwahl.

"Oh, não, não!" Sophie respondeu, acariciando seu braço. "Vai ser muito melhor se você não estiver perto quando ele ler a carta do Harlan, Jonathon. Confie em mim, ele vai ficar com muita raiva, eu te garanto! Eu muito me arrependeria se você fosse o único a suportar o peso de sua ira em lugar do Harlan. Afinal, você estava apenas cuidando dos meus interesses... não é verdade?" Ela lhe deu um olhar sagaz. Sophie esperava que a pergunta o fizesse se sentir culpado, embora soubesse que um momento de desconforto era o máximo que ela poderia esperar. Ela estava começando a entender que as mulheres significavam pouco para homens como Jonathon e Harlan. As mulheres eram meros peões — dispensáveis para um bem maior.

Ela sorriu ao ver que ele assentiu com a cabeça. "Sim, na verdade... isso não seria bom." Ele retirou um lenço do bolso, enxugando a testa.

Sophie assentiu. "Como você sabe, o papai é bastante protetor." E ele era, de fato, ferozmente protetor do nome deles.

"É claro," Jonathon respondeu enquanto Sophie abria a porta. "Como deve

ser... como deve ser." Suas sobrancelhas se uniram, e ele hesitou claramente incerto sobre o fruto do seu trabalho. Ele sabia que não tinha ido bem como esperava. Ela devia deixá-lo estar lá quando o pai dela lesse a carta de Harlan. Ele serviria para testemunhar à ira de Maxwell Vanderwahl... exceto que Sophie não ia mostrar ao pai a carta... ainda não.

Ela pegou o chapéu de Jonathon do mancebo perto da porta e colocou-o no topo da sua cabeça, sorrindo para ele. Adeus, caro Jon!"ela disse.

A mãe dela teria ficado bastante orgulhosa de ver como ela manteve a calma.

Ela abriu a porta, mal se contendo em empurrá-lo para a rua para ela subir correndo as escadas. Ela estava de repente ansiosa para começar os preparativos.

Os pais dela estariam em Paris até o final do mês. Quando eles voltassem, seria tarde demais para detê-la. Ela não era mais uma criança e certamente tinha todo o direito de lidar com o noivo da forma que achasse apropriada — mesmo se não fosse adequada.

Jonathon deu um passo para fora da porta e, em seguida, pisou sobre o limiar, impedindo-a de fechar a porta. "M-mas se seu pai não está aqui, Sophia, então talvez eu devesse ficar! Para garantir que você não fique deprimida."

Sophie o empurrou delicadamente para fora da porta. "Não, mas obrigada!"

Harold, que Deus o abençoasse, apareceu naquele instante, parado como uma sentinela no final do corredor. Ele não disse nada, mas limpou a garganta, discretamente, e Jonathon se lembrou o que deveria fazer.

"Adeus!" ela disse com firmeza quando ele abriu a boca para protestar.

"Sim... muito bem, então... adeus," ele gaguejou e finalmente saiu.

Sophie bateu a porta atrás dele. Ela se virou para inclinar-se contra ela num instante de fraqueza, lágrimas aparecendo em seus olhos enquanto ela segurava a carta. Ela se sentiu maltratada e pisoteada, mas ela se recusava a se sentir assim por muito tempo.

Harold ficou olhando para ela com as mãos atrás das costas.

"Se posso me atrever a dizê-lo, Miss Sophia, eu nunca gostei deste jovem!"

Ela sorriu suavemente para ele. "Eu sei. Isso é tudo, Harold," ela disse, dispensando-o. Quando ele se foi, ela saiu correndo pela escada.

A única coisa que ela tinha determinado há muito tempo era que uma pessoa

podia perder qualquer coisa — qualquer coisa, exceto o orgulho — e voltar a ficar incólume. Ela não ia carregar essa cicatriz por toda sua vida, só para acabar amarga e sozinha aos cinquenta anos e roubando conhaque do armário do pai dela.

Não, isso ela não faria.

Ela foi para o quarto, fechando a porta atrás dela. Era meticoloso, exceto pelos desenhos afixados por toda parte — no espelho do armário, nas paredes. Eles eram seus desenhos, e para o desespero da mãe dela, ela os pendurava em todos os lugares. Era a pequena rebelião de Sophie, mas ela tinha orgulho de cada desenho e não conseguiria enterrá-los em um armário ou em uma gaveta.

Sophie nunca desenhava as coisas como elas realmente eram. Ela nunca verdadeiramente viu as coisas da maneira que os outros viam. Tudo — cada coisa — tinha uma alma, e ela sentia que sua missão era capturar sua essência em seus esboços.

Ela foi até a cômoda e tocou com um dedo o desenho de sua mãe, que ela tinha colocado lá. Infelizmente, às vezes os retratos dela não eram particularmente lisonjeiros. Ela sorriu para si mesma lembrando-se da expressão da mãe dela quando ela mostrou o retrato para ela. Coitada, ela tinha praticamente desmaiado com a visão dele. Sophie tinha esboçado os olhos da mãe absurdamente grandes, porque ela estava sempre vigilante. E sua boca também era grande e as orelhas dela... e o nariz dela. Sophie não tinha sido capaz de ajudá-la. A mãe dela parecia ouvir tudo, cheirar tudo, saber tudo — ou pelo menos ela fazia questão de tentar.

Os esboços de Sophie nunca seriam exibidos numa galeria de arte, mas ela adorava todos eles — de sua re-interpretação da Mona Lisa, com os dentes à mostra, bem como o pequeno retrato dela acariciando seu dente de tubarão que pairava sobre sua cama como se fosse o retrato da Virgem Maria. Sophie virou-se para estudar seu esboço. Era tudo o que restava do dente de tubarão. A mãe encontrou o dente numa manhã e o jogou fora antes que Sophie tivesse acordado — porque não era decente brincar com os dentes sujos de animais mortos.

Sophie ainda sentia falta de seu pequeno talismã. De certa forma, o pequeno dente representava todas as suas esperanças e seus sonhos — não os que ela

tinha sido educada para ter, mas os sonhos que ela tinha guardado nos confins da sua alma, bem no fundo onde nem um único raio de luz poderia expor suas imperfeições... ou as dela. A verdade era que ela não era perfeita — nunca seria — e ela sabia disso.

Só uma vez, ela queria que alguém a olhasse sob sua fachada e visse todas as suas imperfeições... e gostasse dela de qualquer maneira.

Ela levantou o retrato de sua mesa – o retrato que ela tinha esboçado de Harlan, tocando o queixo com um dedo. Ela o tinha desenhado perfeitamente.

Este retrato, juntamente com o desenho dela que sua mãe tinha pendurado no corredor, eram as duas únicas pinturas que Sophie tinha feito com uma perfeição absoluta. Intitulado simplesmente O Dia do Casamento, o que estava no corredor era como um livro de imagens — do dia de seu casamento como Sophie frequentemente imaginava. Desde a infância, a mãe dela tinha tecido cada detalhe preciso para ela, até que a visão a tinha atingido como uma perfeição quase santificada. O gazebo branco decorado com fitas brancas como a neve. Os dourado raios de sol penetrando vibrante, num dossel verde de árvores... brilhando sobre o casal sem rosto dentro do gazebo. Os raios sobre o casal eram tão brilhantes que lavava cada detalhe dos seus rostos, tornando-os completamente sem identidade.

Ela suspirou. Talvez ela sempre soubesse que esse não era o destino dela.

Olhando primeiro para a carta na mão dela, ela franziu a testa para a foto que ela segurava e colocou-a em cima da cômoda. Ela removeu a moldura da parte de trás e também a colocou na cômoda. Ela dobrou a carta de Harlan ordenadamente e colocou-a contra o retrato e, em seguida, colocou a moldura mais uma vez. Como tudo na vida dela, a imperfeição estava escondida atrás de uma fachada sem mácula.

Ela levaria a foto com ela, para ampará-la quando ela vacilasse.

Mas agora, era hora de fazer as malas! Ela iria pegar apenas os itens mais necessários porque ela estava certa que o espaço a bordo da embarcação Miss Deed seria limitado. Para obter dinheiro, ela venderia o colar que Harlan tinha lhe dado como presente de noivado. Ela podia se sentir um pouco culpada se fosse uma herança preciosa, mas era apenas uma lembrança cara que ele tinha

comprado: era espalhafatoso e feio. Sophie nunca tinha gostado. Agora ela podia admitir isso.

Não era como se ela não tivesse fundos à sua disposição, mas ela se recusava a permitir que o pai pagasse pelos gastos, quando era Harlan que merecia essa responsabilidade. Ele já tinha pegado bastante dinheiro de seu pai — e dela. Embora Sophie não pudesse fazer nada sobre os subsídios ou o dinheiro, ela certamente poderia recuperar alguma coisa dela!

Orgulho.

Mas ela tinha que começar pelo princípio... ela tinha que achar este Jack MacAuley... ele tinha a chave para ela realizar seu plano, e ela não ia deixá-lo sair do porto sem ela — mesmo que isso significasse que ela teria que se esconder na embarcação! Mas ele não iria descartá-la, disso ela estava certa porque Sophie iria fazer-lhe uma oferta que ele não poderia recusar.

Ela retirou de sua gaveta algumas folhas de papel e um lápis e, em seguida, sentou-se na cama. Mas desta vez, em vez de desenhar, ela escreveu uma carta para Harold, explicando para seu fiel empregado o que ela ia fazer. Ela iria colocar a carta em algum lugar onde ele a encontrasse mais tarde, depois que ela tivesse ido. Em seguida, ela escreveu uma carta para os pais, esperando que seu sarcasmo não os preocupasse muito, e ela se sentiu consideravelmente melhor quando acabou.

Era uma carta simples:

Queridos Papai e Mamãe,

Por favor, não se preocupem; parto para Yucatán para matar Harlan. Conto tudo quando eu voltar! Meu amor para vocês dois!

E ela assinou.

Amor e beijos, de sua devotada filha Sophia.

"Descobriu quem estava bisbilhotando na Universidade?"

Jack MacAuley jogou um pacote de lona do cais para o convés do navio, olhando para seu irritado amigo. Kell era seu melhor amigo e um bom marinheiro, mas ele era pior que uma velha fofoqueira.

"Não, e não poderia me importar menos quem ou por que!" Ele levantou outro pacote e atirou-o perto do anterior. "Parei de me preocupar muito tempo atrás sobre essa instituição condenável. Me parecia que você também!"

"Então você não se importa quem está fuçando e fazendo essas perguntas sobre você?"

"Não."

Jack tinha, por teimosa, se formado na Universidade, enquanto Kell tinha sido forçado a retirar-se durante seu segundo ano. Ele não era material para a Universidade, apesar de Jack não ter conhecido muitos homens mais qualificados do que Kell Davenport. Algumas brigas de bar não eram uma causa suficiente para privar um homem de uma boa educação. Kell tinha conseguido entrar na Universidade através de uma bolsa de estudo e tinha trabalhado duro, mas seus antecedentes eram tão comuns, que quando a pressão chegou para jogar o dinheiro da bolsa em outro lugar, o dinheiro foi para outro lugar.

Simples assim.

Apesar desse fato, Kell era um gênio matemático e isto, mais do que sua capacidade de navegar, se tornou indispensável para Jack neste empreendimento

em particular. Funcionava a seu favor Kell ter sido forçado a renunciar aos seus estudos tão cedo e ter pegado empregos de pesca ímpares em escunas velhas para sobreviver, mas era uma pena ele ter reduzido sua capacidade intelectual na fofoca. Jack queria colocar a cabeça do menino no bom caminho novamente.

"Acho que talvez tenha sido um dos lacaios do Penn bisbilhotando outra vez, hein?"

Ignorando a pergunta, Jack jogou outro pacote a bordo do convés do navio. Suor corria em riachos por sua testa e seu rosto, e ele se limpou com a parte de trás do braço. "Você precisará verificar as velas," ele falou para Kell. "Não faço idéia do que procurar e estamos atrasados."

"Muito bem." Relutantemente, Kell desistiu da fofoca, arrastando um dos pacotes dobrados para começar a examinar. Enquanto isso, Jack transportou os pacotes restantes para bordo, esperando que estivessem em ordem. Ele teria que confiar no julgamento de Kell porque ele não sabia nada sobre vela. Ele ser o capitão desta massa de piche e madeira serrada não queria dizer nada. Ele apenas tinha comprado este velho navio; o título veio com a compra.

Miss Deed no passado tinha sido batizada de A Aventureira. Ela tinha sido descomissionada pelo menos há cinquenta anos, e estava apodrecendo nas águas rasas ao largo da costa da Nova Inglaterra até Jack aparecer. Tinha sido preciso alguma persuasão para o proprietário concordar em vendê-la para ele, porque o navio aparentemente tinha algum tipo de valor histórico. Mas o navio podre mal valia o que ele tinha pagado. Ele tinha escapado da Guerra Civil, e Jack poderia, em uma inspeção mais detalhada, ver por que. Ele teve que meter a mão no bolso para fazer os reparos necessários apenas para conseguir que ela navegasse, e estava à beira de se tornar um dinossauro muito caro.

Kell lançou-lhe um olhar sério. Desistindo de desfazer um nó na ligação ao redor das velas, ele pegou no seu bolso uma faca e cortou a corda rapidamente.

Jack recuou e teve que alertá-lo para tomar cuidado com a faca. Não havia dinheiro suficiente para substituir as velas.

Kell colocou a faca de volta no bolso e encontrou o olhar de Jack. "Você percebe... não importa o que você encontre lá em baixo, eles não vão gostar não importa o que seja."

Eles eram os poderosos, aqueles que decidiam quais descobertas antropológicas eram dignos de menção acadêmica e as que eram simplesmente mentiras. Jack já tinha tido uma chance com eles e tinha sido interrogado, rejeitado e dispensado, tudo num piscar de olhos. Suas descobertas não se encaixavam com o esquema que eles tinham criado.

"Não vou até lá com um determinado compromisso," ele assegurou para Kell. "Eu não me importo se o que eu encontro prova ou refuta as minhas descobertas. Eu não seria melhor que o resto deles se eu me importasse, concorda?"

"Talvez."

"Vou lá para fazer o meu trabalho, porque significa algo para mim. Ponto."

Kell começou a contar os pacotes. "Bem, você é um homem melhor do que eu, Jack, porque eu vou lá com uma maldita obrigação." Ele parou e se virou para Jack, as mãos nos quadris. "Pessoalmente eu gostaria de encontrar algo para esfregar nos narizes elitistas deles. Mesmo que eles não tenham o mesmo pensamento que o nosso, eu gostaria de vê-los sofrer um pouquinho. Você não? Admita," ele exigiu sorrindo, incitando Jack.

Se o assunto não fosse tão importante para ele, Jack poderia ter rido.

"Você gostaria, não é?"

Jack se recusou a responder. Ele não podia fazer disto uma vingança pessoal, não por sua própria causa, não por causa de seus estudos.

"Eles deviam pelo menos ter lhe dado algum dinheiro," Kell persistiu.

"Não importa."

Mas a verdade era que Jack não gostava tanto quanto Kell. Ele tinha trabalhado duramente, e acabava com os seus nervos ver que eles iriam dar subsídios tão facilmente para um homem como Harlan H. Penn III, que gostava mais da sua imagem do que fazer seu trabalho — só por causa de quem ele tinha escolhido para se casar.

Na verdade, Jack ficaria surpreso se encontrasse sujeira debaixo das unhas de Penn! Ele não tinha idéia do que o homem estava fazendo na América do Sul durante todo este tempo — provavelmente bebendo uísque e sentado sobre sua bunda!

"Eles deviam ter te dado a concessão," Kell disse duramente e retornou à contagem dos pacotes. Jack se perguntou quão transparentes eram seus pensamentos para Kell tê-los adivinhado tão facilmente? Mas ele deixou o tópico minguar. Não ia levá-lo a lugar nenhum, a não ser deixá-lo de mau humor.

"Acho que está faltando uma vela," anunciou Kell, coçando a cabeça em frustração. "Mas só vamos saber depois que as içarmos."

Jack suspirou. "Vamos aguardar."

"Vai ser um milagre se conseguirmos levantar âncora amanhã. Esse equipamento é um pesadelo — direto da idade média, se você quer saber."

Infelizmente, ele não estava brincando.

Olhando para o equipamento, Jack se questionou quão navegável o navio realmente era. Com a sua sorte, ele conseguiria sair do porto, para morrer direto na praia. Mas os pedintes não podiam escolher. Ele andou até onde ele tinha jogado sua camisa sobre o parapeito do navio e a apanhou colocando-a nos ombros.

"Eu vou ver se deixamos algum pacote no cais."

"Envie Shorty," Kell sugeriu. "Ele sabe aonde ir."

"Não, ele está dizendo adeus para sua garota e todo mundo tem seu próprio trabalho para cuidar. Eu vou."

"Você não tem que ir."

Jack tentou não parecer impaciente, considerando a defesa leal de Kell. "Não deveria — eles vão te deixar louco se você deixar, Kell." Ele não se preocupou em abotoar a camisa. Metade dos homens nas docas trabalhava sem camisa em um dia como o de hoje. O sol estava tão quente que um homem careca podia fritar um ovo na cabeça. Tudo o que estava faltando era Satanás e seu tridente. O inferno não podia ser mais quente.

"Há muitas coisas que não deveria ser, mas apenas são" ele acrescentou. "Você somente faz o que tem que fazer e para o inferno com o que não deve ser feito."

Kell encolheu os ombros. "Talvez. Eu vou inspecionar esses pacotes quando você estiver fora," ele disse. "Mas vou precisar de ajuda para arrumar o equipamento e içar."

"Eu vou voltar" Jack lhe prometeu. "Não vá salvar o mundo sozinho enquanto eu estiver fora."

Kell era esse tipo de homem. Ele carregava o peso do mundo sobre seus ombros — sempre parecendo o coitado. Não havia um homem melhor que Jack poderia ter ao seu lado.

Kell abanou a cabeça. "Sem chance disso." Ele olhou para o sol protegendo os olhos. "Esse maldito calor vai nos matar!"

Jack deu uma última olhada no equipamento, e seu sangue começou a ferver com entusiasmo.

Ele estava quase lá.

Assim que as velas fossem içadas e eles fizessem uma inspeção final no navio e nos suprimentos, eles levantariam âncora e estariam a caminho. Ele não podia esperar para ver as velas ondulando ao vento — a senhora orgulhosa do mar com seus peitos inchados de orgulho. Ele quase podia sentir o vento em seus cabelos e a ondulação do seu doce corpo ágil abaixo dele. Uma vez que as velas estivessem içadas, as pequenas imperfeições e reparos ficariam invisíveis. Velha como ela era, velha como ela estava, ela era toda dele e o orgulho que ele sentiu neste momento quase o asfixiou. Pro inferno com Penn e o seu sogro.

Este enorme sentimento de realização valia a luta. Na verdade, ele quase se sentia invencível, e mostrou isso em seus passos enquanto deixava o navio para recuperar a última vela.



ELES TINHAM MUITO POUCO A DIZER sobre Jack MacAuley na Universidade, mas o que Sophie tinha conseguido recolher das fontes de seu pai era que ele era um caçador de fortunas.

Seu pai era um imigrante irlandês, que tinha pertencido à fraternidade crescente dos novos ricos de Boston. O Sr. MacAuley aparentemente tinha recebido sua herança no ano anterior, após a morte de seu pai e já tinha desperdiçado a maior parte neste empreendimento, e era considerado pelos seus conhecidos como educado e imprudente.

Sophie não dava à mínima se seus conhecidos o respeitavam, ou não. Também não se importava se suas teorias eram tolices, ou se ele era levado a sério por acadêmicos respeitáveis. Nada disso era da sua conta.

Ela só queria viajar no seu navio.

Jack MacAuley era irrelevante para ela — bem como qualquer outro homem. Ela já tinha agüentado bastante de todos eles. Todos eles poderiam ir para o inferno!

Miss Deed, avisaram para ela, estava programada para sair no dia de hoje ou no dia seguinte, e Sophie estava inquieta com medo de perder o navio.

Só para ter certeza de que Jack MacAuley não tivesse nenhuma razão para não querer levá-la, ela veio preparada, com as malas feitas. Ela não queria ir para casa sem ter conseguido o que ela tinha se proposto a fazer. De alguma forma era crucial para o seu senso de auto-estima salvar seu orgulho. Ela também tinha escondido na bolsa uma soma considerável de dinheiro que ela pretendia usar como persuasão e estava preparada para oferecer um pouco mais, se fosse necessário. Na verdade, ela se sentia tão confiante que já tinha aberto uma conta de crédito em nome de Jack MacAuley e já tinha colocado a soma de cinco mil dólares nela. E havia mais de onde este dinheiro tinha vindo se ela precisasse, pois ela tinha aprendido uma coisa ou duas em todos esses anos ao assistir as negociações implacáveis do seu pai. Ela pretendia oferecer o suficiente e não mais. Jack MacAuley precisava do dinheiro, e ela precisava do navio dele. Seria um acordo mutuamente benéfico para ambos.

Ela tinha deixado seus baús na carruagem, sob o olhar atento do cocheiro, enquanto ia a pé ao encontro da Miss Deed, e ficou feliz de ter feito assim uma vez que as docas estavam um caos. Ela mal podia se mover em meio à multidão de trabalhadores, passageiros, pescadores e batedores de carteira.

Um menino muito sujo de cerca de treze anos tentou pegar a bolsa dela, puxando-a com toda sua força. Com o precioso dinheiro em sua posse, Sophie estava muito vigilante para ser vítima de seu roubo. Ela bateu nele com sua bolsa e o rapaz caiu de costas no chão. Ele olhou para ela com surpresa. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele saiu correndo em disparada.

"Você deveria se envergonhar!" ela gritou para as costas dele, e então se

encheu de culpa. Ela tinha tanta coisa e o pobre rapaz tinha tão pouco. Se não tivesse bastante dinheiro envolvido ela poderia ter dado a bolsa para ele. Ele desapareceu no meio da multidão, deixando para trás apenas uma mancha gordurosa sobre a bolsa de seda marfim onde ele tinha colocado sua mão encardida.

"Maldição," ela murmurou para si mesma, tentando limpar sua bolsa. Boas garotas não amaldiçoavam, mas ela tinha esse hábito e de alguma forma se sentia muito bem. Ela se sentiria melhor ainda quando ela depenasse a cabeça do seu querido noivo e o deixasse tão careca como bumbum de bebê!

Durante a luta, ela tinha deixado o cartão com a localização de o navio cair no chão e ela estava doida tentando recuperá-lo. Deram-lhe a localização de um cais que parecia estar errado. Levantando o cartão, ela inspecionou os navios fundeados... The Lady Ann... The Alaskan... The Prodigious... nada de Miss Deed... mas a localização estava perto, ela tinha certeza.

"Perdoe-me, senhor," ela disse para um cavalheiro que passava por ela.

Aparentemente ele estava com muita pressa para ser incomodado, porque ele continuou andando, embora não sem dar uma boa olhada para ela.

Sophie olhou indignada para as suas costas, com aversão.

As aves marinhas enchiam o ar quando ela se virou mais uma vez para inspecionar a multidão. Ela viu uma pessoa que parecia pertencer às docas, Sophie levantou a saia e foi atrás do homem de cabelo queimado pelo sol encostado em um poste, fumando um cigarro.

"Senhor!" ela gritou, acenando para ele. Enquanto ela se aproximava, ele soltou à fumaça e se virou para ir embora, ignorando-a descaradamente.

Sophie engasgou com o ultraje, não estando acostumada a tal grosseria!

"Senhor!" ela gritou um pouco mais alto do que antes e foi atrás dele, acreditando que ele não a tinha ouvido. Ninguém nunca a tinha ignorado! Ainda assim ele não se voltou, simplesmente continuou seu caminho, andando em um ritmo vigoroso, que Sophie não conseguia acompanhar. Ela girou abruptamente, confusa e bateu em algo sólido que não estava lá antes.

Ela bateu com a maçã do seu rosto contra um queixo. "Ouch!" ela gritou. Um braço forte a pegou antes que ela caísse sentada sobre o seu traseiro.

Era um homem.

"Oh Deus!"

Definitivamente era um homem!

Sua camisa estava desabotoada e desarrumada. Foi a primeira coisa que ela notou. Por um instante ela ficou fascinada com a visão de um peito muito bem definido, muito musculoso, liso e bronzeado pelo sol.

O calor do verão a estava deixando tonta, — pelo menos, ela achava que era o calor. "Oh Deus!" ela disse de novo.

Ela ficou lá um instante, aturdida, esfregando a bochecha com a mão enquanto segurava a localização do navio com a outra.

"Perdão," ele disse surpreso.

"Perdoe-m-me," Sophie gaguejou, tentando olhar apenas para o rosto dele. Seu peito nu a tinha paralisado.

Bom Deus, eles não prendiam pessoas assim? Suas bochechas estavam quentes, ela olhou para cima, se aprofundando nos olhos verdes mais ardentes que ela já tinha visto em toda a sua vida... olhos que mostravam que ele estava se divertindo, — às suas custas, sem dúvida.

Sophie não estava a fim. E tinha sido culpa dela. Ela tinha ido ao encontro dele.

Ela sabia que devia estar parecendo confusa, mas ela não podia evitar.

Frustrada, ela olhou para o homem que a segurava firmemente em seus braços, desprezando o seu sexo.

Ele tinha a audácia de sorrir para ela.

"Oh!" ela exclamou, se soltando do seu abraço escandaloso. "Por favor, senhor!"

As mãos dele caíram ao seu lado e ela lhe lançou um olhar de desaprovação.

"De jeito nenhum," ele respondeu totalmente eloquente, e ainda teve a audácia de piscar para ela. "Na verdade, o prazer foi meu," ele acrescentou, seus lábios curvados com o sorriso mais irritante que ela alguma vez tinha visto.

Sophie suspirou suavemente, as bochechas em chamas. A indignação tinha amarrado sua língua. Ela odiava ficar reduzida a uma raiva impotente.

"Senhor, você não é um cavalheiro!" ela exclamou, estreitando os olhos para

ele.

"Senhora," ele respondeu, zombando dela, "Eu nunca disse que era."

Sophie deu um passo para trás, se recompondo. De alguma forma ela não deu a distância que ela precisava.

"Acredito que existe uma palavra para o seu estado de nudez," ela disse tão friamente quanto foi capaz. Chama-se atentado ao pudor! E eu acredito que você poderia ser preso por isso!"

Seu sorriso se alargou. "Oh, realmente?" Suas sobrancelhas se arquearam em divertimento óbvio, irritando-a ainda mais.

Estúpido!

Sophie mexeu a cabeça em reprovação. "Você acha que a situação é bastante divertida?"

"Na verdade," ele respondeu, fazendo uma expressão e um tom sério, "Sim, sim." Mas seus olhos cintilavam com bom humor e ela não queria mais nada naquele instante do que lhe dar um soco no nariz! Se houve alguma vez na vida dela que ela tinha tido antipatia imediata por alguém, era deste homem sem dúvida!

"Você é um caipira arrogante!"

"E você está corando, Miss..."

"Meu nome não é da sua conta! Eu certamente não estou corando!" Sophie retrucou, mas ela estava, na verdade, porque ela podia sentir. A mão dela foi até sua bochecha e ela se levantou na ponta dos pés para enfrentá-lo diretamente. "No entanto senhor, mesmo que eu estivesse, seria muito rude de sua parte dizê-lo!"

Ele pegou seu queixo e levantou uma sobrancelha. "Você sabe que você cospe quando você grita?"

"Oh!" Sophie, exclamou enfurecida. "Certamente que não! eu, cuspir" ela estremeceu com indignação. "Se me desculpar senhor, tenho negócios a tratar!"

Ela não se preocupou em perguntar-lhe sobre o cais que ela procurava. Ela tentou passar por ele pelo lado esquerdo, mas ele aparentemente teve o mesmo instinto. Quando ela se virou para a direita, ele também virou.

Exasperada, Sophie olhou para ele e, sem pensar, levantou a mão para seu

peito nu, empurrando-o para longe dela.

"Por favor, senhor!" Ela implorou e percebeu que ela o tinha tocado. E parecia que a sua mão tinha pegado fogo.

Ele apenas riu em resposta, e Sophie se sentiu irritada de indignação. Ela olhou furiosa para ele e deslizou por ele e não olhou para trás, mesmo com sua risada a seguindo.

Ela ficaria muito feliz em nunca mais ver os olhos daquele homem novamente! Criatura rude, irritante!

Mesmo ele tendo os olhos verdes mais incríveis que ela já tinha tido a infelicidade de perscrutar, ele era a mais infeliz criatura que ela já tinha encontrado!

"Miss!" ele a chamou. O coração de Sophie vibrou ao som de sua voz, mas ela se recusou a se virar. Ela continuou andando, agarrando a sua... bolsa — Ah, Deus, onde estava a bolsa dela!

Ela se virou, seu coração pulando para a sua garganta e encontrou-o em pé sorrindo, balançando sua bolsa, com sua preciosa carga.

"Eu acho que você deixou cair alguma coisa," ele disse num tom repleto de riso reprimido, e com seus olhos verdes brilhando.

Sem dizer uma palavra, Sophie marchou em direção a ele, pegou sua bolsa, então se virou e saiu.

Eram homens assim, ela decidiu, que a fazia ser eternamente grata por ser uma mulher! Ela não sabia por que Harlan era tão obcecado com a descoberta do homem primitivo. Tudo o que ele tinha que fazer era procurar por um homem como este: na estimativa de Sophie, a humanidade não tinha progredido muito!

Miss Deed dificilmente poderia passar por um navio, seria mais como um barco de grandes dimensões.

Sophie a descobriu quase escondida entre dois navios brilhantes, ela era um fóssil dos tempos passados, com suas velas despojadas, o equipamento balançando como videiras sedentas.

Ela franziu a testa ao vê-la.

Vários homens estavam trabalhando a bordo do navio, mas um em especial se destacava ajoelhado sobre uma pilha de material, inspecionando-os... pelo menos era isso o que parecia.

"Desculpe-me," ela interrompeu, "estou tentando localizar Jack MacAuley."

Uma resposta pareceu morrer em seus lábios, quando ele se virou para olhá-la. Por um instante ele apenas a olhou, como se ele de alguma forma tivesse ficado estupefato com a sua presença. Sophie dificilmente pensou que ela fosse o tipo de mulher que deixaria um homem sem palavras, então ela concluiu que devia ser por causa do seu lindo vestido. A julgar pelo seu próprio traje, ela duvidou que ele estivesse acostumado a ver uma senhora chamar um homem tão ousadamente — certamente não aqui nas docas.

Pisando com cuidado no convés sem ter sido convidada, Sophie aproximou-se dele, mas com cautela. Ela tinha ouvido histórias de horror sobre mulheres raptadas, seus corpos descartados no rio, para nunca mais se saber delas. Mas ela tinha que confiar no homem, se é que ela tinha a intenção de viajar neste navio.

Realmente, ela disse a si mesma, não havia nada a temer... exceto este convés podre.

Ela fez uma careta enquanto ficou olhando para o convés, com medo de mergulhar nas entranhas do navio decadente.

Seu estômago se apertou um pouco e ela experimentou um instante de pânico, mas ela respirou profundamente e olhou o homem nos olhos.

Ele ainda tinha que responder.

"Olá?"

Talvez ele não soubesse falar inglês, ela pensou. Muitos dos trabalhadores aqui das docas eram imigrantes que não tinham habilidades linguísticas para trabalhar em outro lugar. Cabelos escuros e olhos escuros, ele poderia facilmente ser de descendência Latina, e certamente fazia sentido o Sr. MacAuley empregar uma tripulação de língua espanhola, considerando o destino da embarcação.

"Eu..." Ela apontou para si mesma. "Estou procurando..." Ela apontou para os seus olhos "pelo Sr. Jack MacAuley," ela repetiu mais lentamente, enunciando suas palavras com mais cuidado.

"Ele não está aqui," o homem respondeu sem qualquer tipo diferente de pronúncia.

"Ah, bom!" Sophie disse. "Você fala inglês muito bem!"

Ele deu-lhe um olhar estupefato.

Sorrindo, tranquilizadora, Sophie se aproximou dele. "Você sabe onde posso encontrá-lo?"

"Jack?"

Sophie apertou a bolsa no seu peito, aproveitando o conforto persuasivo do seu conteúdo. "Sr. MacAuley, sim. Você tem alguma idéia de onde ele possa estar?"

O homem ainda tinha que levantar-se para cumprimentá-la, mas Sophie perdoou seus maus modos...

Alguém deveria lhe ensinar boas maneiras, ela decidiu, e estendeu a mão em direção a ele. "Eu sou a Sophie Vanderwahl, e gostaria de falar com o Sr. MacAuley sobre negócios."

O homem piscou, seus grandes olhos castanhos parecendo desconfiados.

"Vanderwahl?" ele disse.

Sophie manteve seu sorriso no rosto e acenou, embora ele de repente parecesse cauteloso.

"Maldição. Desculpe," ele disse, levantando-se finalmente, parecendo lembrar-se finalmente de ser educado. Depois de limpar a mão na sua calça, ele apertou a mão dela. "Não sei para onde meus modos fugiram. Kell Davenport, Miss Vanderwahl. Prazer em conhecê-la."

Sophie assentiu com a cabeça. "Prazer te conhecer," ela respondeu educadamente.

"Jack não está aqui, mas ele vai voltar logo se você não se importar de esperar." Ele acenou para ela se sentar, talvez, mas não havia nenhum lugar onde Sophie pudesse se sentar. Seu olhar varreu o convés, e ela suprimiu uma careta de nojo. De alguma forma ela se sentia transportada para um passado distante, onde o conforto e as necessidades mais básicas eram praticamente inexistentes. "Sim, obrigada," ela respondeu, mas ficou de pé, segurando a bolsa contra seu peito.

Ele interpretou sua relutância corretamente. "É um navio antigo," ele disse tentando dar uma explicação, embora realmente não parecesse ser um pedido de desculpas. Em vez disso, havia orgulho na voz dele.

Sophie assentiu agradavelmente e tentou não parecer demasiado desdenhosa. "Oh, realmente?"

"Sim." Ele deu um olhar reverente para o navio. "Um velho navio de guerra, reconstruído para servir como um navio de exploração. Achemos que ele fosse capaz de navegar e o restauramos. E o resultado ficou muito bom," ele disse a ela claramente acreditou.

Sophie tinha dúvidas se ele permaneceria à tona. Ela tentou não parecer cética como se sentia.

"Verdade, ele está muito bom," ela concordou, engolindo a mentira. Ela olhou, tentando imaginar o que ele estava vendo. Muito estranho ela pensou e decidiu que o homem estava completamente cego. No entanto, se ele tinha fé no navio, quem era ela para questioná-lo?

Onde ela estava se metendo?

"Só não esperava que fosse assim..." Ela tentou encontrar a palavra certa para expressar sua incerteza sem ferir os sentimentos dele.

"Antigo?" Ele riu, e o som de alguma forma colocou-a a vontade.

Sophie soltou um suspiro. "Sim, é isso!"

"Ela é velha, mas vai conseguir." Ele sorriu para ela, e Sophie decidiu que gostava do Sr. Davenport. Ele podia não ter a melhor educação do mundo, mas sua presença era muito amável. "Ela é uma beleza, se você considerar a idade dela. Ela vai se sentir nostálgica por aí. Mal posso esperar para levantar âncora."

Ele olhou para o topo do mastro, e Sophie aproveitou a oportunidade para inspecionar um pequeno canhão, um dos dois que adornavam ambos os lados da popa do navio. Os dedos passaram sobre o casco enegrecido, e ela não podia fazer nada além de pensar...

"Isso é real?"

"Tão real quanto parece, mas atualmente os dois servem apenas como decoração. Duvido que vamos ter necessidade de usá-los."

Sophie sorriu. "Suponho que não seja de bom tom fazer disparos contra os nativos."

"Estes bebês iriam fazer mais do que tirar um dente, mas não, suponho que eles não apreciariam um buraco em seus sorrisos".

Sophie riu, até que ela ouviu uma voz masculina nova e se engasgou com a visão.

"Você estava certo. Faltava uma vela," disse o recém-chegado, jogando no chão um pacote bem em frente ao Sr. Davenport.

"Isso foi rápido."

"Ele já tinha reservado para nós... e estava pronto para trazê-la ele mesmo."

"Bom homem!" O Sr. Davenport disse em louvor.

"Você!" Sophie disse horrorizada, e seu olhar encontrou o dele.

"Você," ele repetiu, parecendo surpreso.

Kell Davenport estava se divertindo, olhando de um para o outro e então disse, sorrindo, "Aparentemente vocês já se conhecem?"

Sophie endireitou a coluna, levantando o queixo, só um pouco. "O que você está fazendo aqui?" Ela ficou perto do Sr. Davenport, inconscientemente

buscando sua proteção, embora ela realmente não tivesse motivos para esperar que algum mal fosse lhe acontecer. O homem simplesmente lhe perturbava.

Ele não se preocupou em responder a sua pergunta, mas respondeu ao Sr. Davenport em vez disso. "Sim, eu já tive o prazer."

Sophia viu sua piscadela. "Não estou bem certa de que eu chamaria de prazer!" ela falou. "Vejo que você ainda não se preocupou em se vestir!"

"E vejo que você conseguiu segurar sua bolsa, mas não a sua língua," ele respondeu.

Ela estava segurando a bolsa com tanta força que seus dedos estavam brancos.

"Não, graças a você!" Sophie respondeu e então se virou para o Sr. Davenport. "Duvido que o senhor aprecie um batedor de carteiras como seu empregado!" Vestido como ele estava, ele não podia ser mais do que um ajudante, arrogante que ele era. Ela mostrou-lhe a bolsa, como se fosse uma prova do acontecido.

Sr. Davenport riu quando perguntou, não para Sophie, mas para o exibicionista. "Você roubou a bolsa dela?"

"O que você acha?" respondeu o homem.

"Se eu fosse você tomaria cuidado com essas mãos!" Sophie advertiu o Sr. Davenport.

Davenport lançou-lhe um olhar divertido e balançou a cabeça, como se ele achasse toda a situação muito engraçada. "Você definitivamente não é a primeira com essa reclamação, senhorita." E então ele começou a rir, e Sophie não entendia o que era tão miseravelmente engraçado.

Bom Deus, ela não conseguia nem olhar para o homem! Ele tinha conseguido fechar alguns botões inferiores, mas tinha se esquecido de fechar a parte de cima da camisa, e os olhos dela pareciam incapazes de parar de olhar para ele. Seu sorriso chegava a ser irritante de tão perfeito que era. Os olhos dele a olhavam com muita familiaridade.

"Acho melhor eu esperar pelo Sr. MacAuley em outro lugar!" ela informou aos dois, levantando a saia, com a intenção de desembarcar, quando Kell Davenport começou a gargalhar.

Sophie teve a certeza de que estes eram dois dos homens mais rudes na face da terra!

"Maldição!" ela exclamou frustrada e virou o rosto para Kell Davenport, que de alguma forma de repente parecia incapaz de controlar-se. "Não vejo o que é tão divertido e você pode ter certeza de que vou relatar isso ao Sr. MacAuley assim que eu me encontrar com ele!"

O riso de Davenport era tanto que de repente ele estava de joelhos, e Sophie sentiu sua raiva subindo para o seu cérebro como uma nuvem. "Desculpe... desculpe — Cristo!" ele cuspiu algumas palavras apontando para o exibicionista. Ela olhou para ele, tentando compreender o que ele estava dizendo. Ela disse para ele. "Não entendo o que você está falando!"

Ele continuou a rir.

"Sr. Davenport?"

"O que o homem está tentando dizer é que você deve considerar o assunto relatado," disse o exibicionista. "Jack MacAuley, senhorita. O que posso fazer por você?"

Sophie congelou com a sua introdução e em seguida, virou-se lentamente.
"Você é Jack MacAuley?"

A expressão dela estava claramente descrente e Jack sabia que era mais do que sua briga nas docas que a fazia desprezá-lo completamente. Ela era uma pequena menina rica e mimada sem dúvida, bastava ver sua atitude e seu vestido, para saber que ela os usava para abrir seu caminho no mundo, não importando as consequências.

Aparentemente, ele tinha alguma coisa que ela queria.

Ela não ia conseguir.

Mesmo ela tendo os lábios mais beijáveis que ele tinha tido o prazer de trocar insultos.

"Sou eu," ele reconheceu e assistiu as emoções que apareceram em seu rosto; incerteza, horror, e depois cautela, e em seguida quando ela ergueu sua bolsa no peito, presunção, ele pensou. Curiosidade invadiu o corpo dele, mas ele esperou que ela divulgasse em seu próprio tempo.

Ela deu uma respiração profunda e assentiu com a cabeça. "Entendo."

Kell ficou quieto, embora seu sorriso permanecesse para provocar Jack. Eles eram amigos há muito, muito tempo.

"Acho que uma vez que nós não tivemos o melhor começo," ela raciocinou, "devo ser direta."

Uma noção refrescante.

"Meu nome é Sophie Vanderwahl," ela afirmou estendendo a mão, como faria com qualquer cavalheiro. Jack encontrou o olhar de Kell por cima do ombro. A testa do seu amigo levantada, em parte por estar se divertindo, e parcialmente por curiosidade.

O nome por um instante o deixou atordoado.

"Vanderwahl?" ele disse depois de um momento.

Ela segurou sua mão estendida, esperando ele estender a sua. "Sim, meu pai é Maxwell Vanderwahl." Seus olhos âmbar brilharam em desafio.

Ela disse que com tal auto-importância que Jack não queria nada mais do que jogar seu delicioso traseiro para fora do seu navio. Nas docas, quando ele a tinha observado ir embora, aqueles quadris deliciosos tinham balançado com inconfundível fascínio feminino — para não mencionar uma arrogância que superava o egoísmo da maioria dos homens. Ele tinha quase rido quando ela percebeu que tinha abandonado sua bolsa. A expressão no rosto dela quando ela girou para enfrentá-lo tinha valido a pena.

Linda raposinha matreira.

Relutantemente Jack aceitou seu aperto de mão, embora ele não conseguisse tirar o sarcasmo da voz dele completamente. "A que devo esse prazer duvidoso, Miss Vanderwahl?"

Seu corpo se agitou com o calor da mão dela na sua, numa reação indesejável. Foi a mesma reação que ele teve quando se confrontou com ela nas docas, apesar dela ter olhado para ele com total repulsa. Ele particularmente não desfrutava de sua falta de controle. Ele preferia escolher as mulheres por quem ele queria se sentir atraído.

Fedelha arrogante.

"Eu gostaria de comprar uma passagem para uma viagem no seu..." Ela olhou, franziu o nariz dela. "... navio."

Sua óbvia falta de apreço pelo navio de Jack estava clara, e ele pensou em quantas horas ele tinha passado trabalhando para repará-lo. "Você quer comprar uma passagem?"

Ele não precisava da distração de uma mulher a bordo de seu navio. Particularmente quando ela foi a primeira a atraí-lo em muito, muito, muito

tempo.

Ela assentiu com a cabeça, resoluta. "Na verdade, sim! E estou preparada para lhe oferecer uma soma substancial." Ela embalava a bolsa em seus braços.

"Você?" Jack perguntou e depois sem cerimônia, "para quê? Não estamos em um cruzeiro de prazer, Miss Vanderwahl, e também não estamos num iate privado de alguma pobre menina rica para ir para o porto de sua escolha!"

"Sr. MacAuley!" ela protestou. "Não há absolutamente nenhuma necessidade para tal grosseria! Eu dificilmente confundiria este navio com um cruzeiro ou um iate, isso eu posso lhe assegurar!"

"A resposta é não," disse Jack, dispensando a proposta sem discussão. Ele se virou e foi embora, deixando Kell para lidar com ela.

Ele não a queria por perto.

Ponto.

Ele podia ver que ela era um problema. Ela colocaria seu navio de cabeça para baixo mais rapidamente do que uma monção. Ele virou para descer a escada para o deck inferior para encontrar ela ali, mãos nos quadris, a bolsa balançando na mão.

"Você ainda não pode dizer não!" ela informou-lhe bastante indignada. "Não até eu fazer a minha oferta!"

"Posso e disse," ele falou com firmeza e foi para o convés inferior, para não poder vê-la.

Ele ouviu a risada de Kell e sufocou um palavrão quando ele olhou para cima e viu que ela estava olhando para ele. "Três mil dólares!" ela exclamou. "Vou te dar três mil, Sr. MacAuley!"

"Não".

Ele não ia vacilar.

Ela tinha muita coragem, pedindo-lhe ajuda quando o noivo dela era a ruína de sua existência e o pai dela era aliado de Penn.

Jack não queria fazer parte de nada com qualquer um deles.

"Cinco mil!"

Jack inclinou-se para entrar no refeitório, ignorando-a.

O navio tinha sido remodelado para transformar os dois níveis anteriores em

três. O convés inferior alojava a cozinha, o escritório do cozinheiro e seu quarto, o refeitório, o aposento de dois dos oficiais, a área de jantar do Capitão e sua cabine. O nível mais baixo era usado predominantemente para armazenamento e também abrigava quatro cabines menores, que Jack se perguntava como qualquer adulto conseguia dormir ou mesmo mijar. Todas as outras pessoas dormiam no refeitório, em redes penduradas no teto que seriam retiradas todas as manhãs. Era um arranjo primitivo, mas daria tudo certo.

Ainda assim os lugares na parte de baixo eram apertados, e Jack previa uma permanente dor nas costas para os que ficassem no convés inferior. Apenas a cozinha e a cabine e a área de jantar do Capitão tinham algum conforto — conforto significava que um homem podia ficar de pé.

Ele ouviu seus delicados passos seguirem atrás dele. Ele revirou os olhos.

"Vou te dar 5 mil dólares!"

"Ouvi a primeira vez e eu não quero seu dinheiro, Miss Vanderwahl."

Ele ouviu um barulho e presumiu que era a cabeça dela batendo quando ela estava entrando no refeitório. Era um teto baixo.

"Ai!"

"Cuidado com a cabeça," ele avisou tarde demais e continuou andando. Ele não pode suprimir um sorriso quando ela amaldiçoou suavemente — um gesto não muito feminino que soou totalmente vulgar e absolutamente adorável.

"Parece-me que você precisa do meu dinheiro!", ela rebateu, soando bastante determinada.

"Espere, por favor!"

Ela agora parecia quase frenética.

"Por favor, me escute, Sr. MacAuley!"

Por que ele deveria?

Ele subiu até a metade da escada, em seguida, parou. Nem seu pai nem a Comissão jamais ouviram uma palavra que ele falava. Ele não precisa ouvir uma maldita palavra que sua filha tinha a dizer. Ainda assim a curiosidade o obrigou a parar.

"Estou desesperada, Sr. MacAuley! Por favor!"

Ele olhou para baixo, para ela, dando-lhe um olhar curioso. "Desesperada?"

"Sim, por favor!" Ela implorou, e Jack viu que ele gostava da visão dela lá embaixo, sua bochecha rosa e os olhos ardentes para ele, como ouro derretido. Ela tinha uma mão na testa, esfregando-a suavemente, como se reconfortasse o machucado. Ela tinha, de fato, batido a cabeça.

A pergunta é por que ela estava desesperada?

"Você tem um galo na cabeça, Miss Vanderwahl."

Ela cobriu a testa saborosa com a mão. "Gentileza sua salientar isso."

Por que ela queria viajar e por que ela tinha escolhido Jack?

"Eu acredito que você vai ficar com um hematoma," ele disse, pensando que ela devia ser vaidosa por ser tão bonita. Aqueles lábios o faziam ansiar pelo sabor deles. "Um bom e grande hematoma, talvez roxo profundo."

"Realmente, Sr. MacAuley!"

Ela o olhou com desconfiança, mas segurou sua língua, e Jack teve que sorrir porque ele sabia que ela estava lutando para manter a calma. Não conseguia esconder o fogo em seus olhos. Ele poderia jurar que eles estavam brilhando.

Pivete atrevido.

Parecia que ela estava realmente desesperada.

"Por quê?" ele persistiu. "Por que meu navio, Miss Vanderwahl?"

Ela jogou a cabeça para trás um pouco, olhando como se ela estivesse sem palavras.

"Por quê?" Ela repetiu, olhando estupefata.

"Sim, isso é o que eu quero saber... por quê?"

"Bem," ela gaguejou, "por que não?"

Ele começou a subir a escada.

"Espere! Você está indo para Yucatan, não está?" Jack tinha a suspeita de que Penn poderia tê-la enviado para espioná-los. Alguém tinha andado investigando sobre eles, e Penn tinha feito seu nome por roubar as teorias e os subsídios dos outros — de Jack em particular.

Ele parou, olhando para baixo, mais uma vez. "Meu destino não é um segredo, Miss Vanderwahl."

"Sim, sim eu sei... eu sei... mas você não entende." Ela apertou a mão na cabeça, e sua expressão era lamentável. "Simplesmente tenho que ir com você!"

"Você tem?"

"Sim! Não suporto estar longe de Harlan há tanto tempo, e acho que vou morrer se eu não me encontrar com ele em breve!"

Irritação brotou dentro dele.

A última coisa que Jack precisava agora era uma menina rica e mimada que estava sentindo falta do noivo — particularmente quando o noivo roubava subsídios bem debaixo do seu nariz, subsídio que Jack tinha trabalhado duro para ganhar.

Harlan Penn tinha trabalhado com ele por um ano, tinha visto todas as pesquisas de Jack. Jack tinha tido pedido apenas um apoio financeiro, tinha trabalhado duro para conquistar os poderosos e Harlan tinha ido até eles, distorcido a pesquisa de Jack, e tinha roubado bem debaixo do nariz de Jack o dinheiro do subsídio que ele estava esperando sair. Antes da interferência de Penn, as teorias de Jack tinham sido consideradas "ousadas e inovadoras, um livre pensador." Depois disso, Jack passou a ser chamado de charlatão e acusado de querer apenas aparecer na imprensa. Penn soube exatamente o que dizer para os poderosos. Ele tinha arrancado pedaços da teoria de Jack e usado contra ele, sua única contra-evidência sendo teologia convencional e então tinha ido embora com o resto, usando-a como sua própria.

"Vou te dar sete mil dólares!" ela exclamou. "Sete mil dólares e o primeiro mil está aqui!" Ela empurrou a bolsa para ele.

Por isso é que ela tinha olhado tão presunçosa; a maldita bolsa estava cheia de dinheiro de suborno. Todo mundo tinha seu preço, e ela achou que poderia comprá-lo.

"Tomei a liberdade de abrir uma conta de crédito para você no meu banco," ela continuou presunçosamente, "e posso depositar o restante imediatamente!"

Desgraçada, era tentador.

Mas ele não carregaria a pequena tola para seu próprio funeral, muito menos para trocar saliva com o homem que ele mais odiava.

Todo mundo sabia, parecia, exceto sua noiva e o fantoche do seu futuro sogro, que Harlan Penn usava seu apoio como uma conveniência. O homem não levava os estudos a sério muito menos sua noiva. Ele tinha acompanhado Jack

em sua primeira viagem para Yucatán e Penn passou a maior parte do tempo entreterendo as mulheres em sua tenda, em vez de trabalhar. Penn era um homem preguiçoso e exagerado, em sintonia apenas com seus próprios prazeres. Jack sentiu pena da noiva que Penn nunca falava. Tinha ficado óbvio para Jack, que era com a fortuna de Maxwell Vanderwahl que Penn estava determinado a se casar.

Ainda assim, o irritou ela poder atirar dinheiro tão facilmente quando ele tinha pagado do seu próprio bolso, cada reparo neste navio. Ele teve que pegar das suas finanças pessoais para fazer os reparos, mesmo não tendo dinheiro suficiente para fazer toda a extensa lista de reparos. A maioria de sua tripulação era de voluntários comprometidos com sua expedição, e eles não eram marinheiros, eram estudiosos, que não se preocupavam sobre sua jornada e colocavam coisas como conforto e pagamento do salário à parte.

"Deixe-me ver se eu entendi... você quer que eu te leve para Yucatán porque você está com tanta saudade do seu namorado que você não pode viver sem ele?"

Algo como fúria brilhou nos olhos dela, mas a expressão estava tão fugaz que Jack teve que se perguntar se era o que ele realmente tinha visto.

"Sim," ela respondeu com firmeza.

"Não!" Jack explodiu. "Peça a seu pai para te levar para passear!" Ele a dispensou, indo em direção a escada, resmungando sobre o excesso de confiança dos homens — e das mulheres — com dinheiro. Ele gostaria de fazer uma fogueira e queimar até a última nota.

"Você não entende!" ela gritou, e ele podia ouvir a escada rangendo sob seu peso leve. Ele pensou que teria que mandar consertar a escada antes que alguém levasse um tombo feio. "Meu pai não me deixaria ir!"

Jack olhou para ela, dando-lhe seu olhar mais feroz, esperando que ele fosse assustá-la. Ela estava se aproximando de sua cabine, e em seu atual estado de alma, ele diria a ela que sim, e a arrastaria para a cama dele e seduziria a arrogância dela.

Na verdade, ele gostaria de fazer isso apenas para se vingar de seu noivo. Mas ele gostava de pensar que ele era um homem melhor para fazer tal coisa.

Ele gostava de pensar assim, mas raios que o partissem se aqueles lábios fazendo beicinho não estavam implorando para serem beijados. Será que Harlan alguma vez a tinha beijado? Jack, na verdade, não era um cavalheiro. Ele não tinha nascido para ter boas maneiras e palavras cultas. Ele e Kell tinham vindo de um mundo diferente do dela.

"Talvez seu pai não seja tão desmiolado afinal," ele falou.

"Perdão!"

"Pobre menina rica... você deveria ouvir seu pai!"

Ela hesitou um momento e, em seguida, foi para o convés inferior. "Isso não é uma coisa muito agradável para se dizer!" ela o repreendeu.

Jack ficou ali a olhando em descrença e teve que conter-se de pegá-la em seus braços, e beijá-la brutalmente, dando-lhe uma lição sobre seguir homens estranhos indo para seus quartos.

Ela ficou olhando para ele sem recuar, sem medo, e ele pensou que ela era estúpida ou estava verdadeiramente desesperada — o tipo de desespero que faz você agir como um estúpido.

Ela estendeu a mão e tocou seu braço, mas Jack podia sentir seu pedido no seu toque. "Sr. MacAuley. Por favor, você não entende como isso é importante para mim. Por favor, por favor..."

Jack oscilou de repente, vendo sinceridade nos olhos dela.

Penn não merecia tal lealdade. Ele não merecia a paixão dela, tão evidente em sua determinação.

"Vou te dar dez mil dólares," ela ofereceu, e ele sabia que ela tinha alcançado seu limite. Por um momento ele viu medo nos olhos dela enquanto ela esperava por sua resposta. "Isto é possivelmente a coisa mais importante que já fiz na minha vida!" ela recorreu a ele. "Por favor... Eu vou me fazer útil. Eu farei qualquer coisa que você disser... por favor..."

Dane-se tudo, que tudo vá para o inferno!

Se Sophia Vanderwahl queria desperdiçar dinheiro bom para passar duas semanas vomitando as tripas, quem era ele para impedi-la?

Jack podia se basear em princípios, mas claro que ele não era estúpido. Ele poderia usar o dinheiro, e sua tripulação poderia receber algum pagamento.

"Certo, porra!" ele disse e resmungou depois.

Os olhos dela se iluminaram.

Com a luz brilhando sobre eles, os olhos dela pareciam quase como pepitas de ouro, com manchas verdes.

Linda.

"Oh Deus! Você realmente disse sim?" Ela bateu palmas... com alegria.

Jack ia dolorosamente se arrepender, ele tinha quase certeza, e ele ficaria arrasado se ele deixasse seu entusiasmo amortecer sua irritação, então ele disse severamente, "esteja aqui amanhã antes das quatro horas da tarde, com as malas feitas ou partimos sem você!"

Ela gritou tão alto que Jack estremeceu com o som, e então ela atirou-se nele com a força de uma bala de canhão.

A sensação do seu corpo pressionando o seu enviou uma sacudida através dele. Ele deixou-a segurá-lo enquanto ria com alegria, não ousando tocá-la. Ele manteve suas mãos estendidas, seus sentidos se recuperando.

"Já estou com as malas prontas!" Ela pulava para cima e para baixo, abraçando-o alegremente, seus braços sobre seu pescoço, sufocando-o. "Oh, obrigada! Obrigada! Não vai se arrepender! Você não vai! Eu prometo!"

Ele já tinha se arrependido.

Com cada pequeno salto de alegria, ele podia sentir seus mamilos através de seu vestido, excitados com a emoção. A sensação o torturou impiedosamente.

Ele olhou para cima através das redes, tentando se controlar, segurando a respiração, tentando não notar nada... não sentir seu doce perfume tão feminino ou o sabor da sua respiração... especialmente não a súbita explosão de calor na virilha dele... e viu Kell observando-os.

O desgraçado estava sorrindo.

Ia ser uma longa viagem.

Sophie arrastou pela escada toda a bagagem que Jack a permitiu trazer. Ela olhou para cima, através da grade, para o céu azul e para as velas que ondulavam e pensou irritada porque ela não podia ter removido a grade e atirado a bagagem ao invés de arrastá-la e ter que ficar subindo e descendo as escadas.

Ele nem tinha se preocupado em ajudá-la, apenas continuou com seu trabalho, e mesmo que ela estivesse se sentindo um pouquinho agradecida por ele tê-la permitido trazer para bordo mais três baús, ela não estava prestes a abandonar seu aborrecimento.

Ele a colocou em uma cabine pequena perto de sua própria que era grande o suficiente apenas para dormir. Na cabine dela uma pessoa não podia nem ficar de pé nela. Nem podia se lavar dentro dela, ou fazer o que fosse necessário. Absolutamente primitiva!

Sophie pensou que talvez ele estivesse vivendo com selvagens há muito tempo.

O sanitário, por exemplo, era uma vergonha. Era não mais que dois assentos em forma de um donut, como uma rosca, que ficava pendurado na lateral da cabine. Realmente, o que ele esperava que ela fizesse? Levantar suas saias à vista da tripulação e deixar chover sobre os peixinhos no mar? A própria noção desta cena a fazia estremecer. Homens eram absolutamente sem vergonha.

No entanto, ela estava disposta a viver o melhor da situação. Ela começou a

assobiar uma melodia alegre, dizendo para si mesma que ela ia conseguir, porque ela tinha prometido não fazer nada para lamentar sua decisão —, mas principalmente porque eles não estavam muito longe da costa, e ela não duvidava que Jack MacAuley pudesse atirá-la ao mar para que ela voltasse a nado para terra. Ele era tão rude.

Então ela tentou assobiar enquanto tentava fazer sua cabine ficar mais confortável, dando-lhe uma aparência doméstica tanto quanto pudesse. Ela não podia assobiar uma melodia, porque ela realmente não sabia como assobiar. Não era decente para uma senhora assobiar, dizia a mãe dela, e claro, Vanderwahls nunca faziam nada impróprio.

Ela retirou o retrato de Harlan da sua mala, e colocou-o em uma prateleira pequena ao lado da sua cama — não porque ela o amava tanto que ela não podia viver sem a sua imagem, mas porque servia como um lembrete de sua missão... e porque ela tinha escondido sua carta na parte de trás. Ela não queria esse retrato fora de sua vista.

Ela ia conseguir uma satisfação dele nem que fosse a última coisa que ela fizesse. Harlan era um piolho podre, e ela não ia descansar até que ela conseguisse vencer — não até que ela tivesse o prazer de vê-lo infeliz sabendo que ia perder o dinheiro do seu pai.

Ela o tinha julgado muito mal. Ela tinha achado que ele era um homem honrado.

De repente com vontade de desenhar, Sophie pegou lápis e caderno na bagagem dela. Não podia ir a lugar nenhum sem eles. De alguma forma, era essencial para ela como respirar. Ela sentou na cama e começou a desenhar.

Ela esperava que Harlan fosse amá-la — como seu avô havia amado sua avó. Seus pais meramente se toleravam, parceiros certamente, mas confidentes... ou amantes... ela não acreditava. Eles viajaram juntos muitas vezes, mas raramente contavam as mesmas histórias em seu retorno, e Sophie há muito tempo achava que eles só passavam juntos durante as viagens quando estavam no navio.

Ela suspirou ao pensar, mas dificilmente culpava seu pai. A mãe dela tinha sido sempre um pouco arrogante. Como sua única filha, ela esperava que Sophie se comportasse como uma adulta desde o instante em que ela tinha sido capaz de

andar e de falar. A mãe dela não permitiria nada menos.

O pai dela era uma alma querida, mas ele não tinha sido feliz desde que Sophie se lembrava. Ele parecia passar a vida inteira tentando corresponder às expectativas da mãe dela. Sophie queria acreditar que ele a aplaudiria neste momento, queria acreditar que ele iria deleitar-se com a coragem dela. Ela queria acreditar que ele entenderia, ele acima de todos os outros, mas ela sabia que ele não iria permitir isso. Nunca, nem uma vez ele tinha tomado uma posição contra a mãe dela, e Sophie achava um pouco triste que, por amor, ele havia perdido seu próprio espírito. E ainda uma pequena parte dela podia senti-lo... um pedaço um pouco rebelde de sua alma. Na sua mente, ela podia ver seu sorriso secreto e um único aceno de aprovação.

Descansando de desenhar, ela olhou para a imagem de Harlan, permitindo-se ficar triste por um momento. Ela não se importaria muito de ficar sozinha. Não haveria ninguém para lhe dizer o que fazer, mas para dizer a verdade, ela já estava se sentindo solitária. Ela podia negar, mas ela não podia mentir para si mesma. Com um sorriso triste, ela se lembrou dos dias a muito tempo, quando ela era criança e fugia para brincar com os meninos. A mãe dela ficava furiosa, mas aquelas tinham sido as únicas vezes que Sophia tinha sentido um senso de comunhão com outros seres humanos. Ela muitas vezes desejou ter irmãos... talvez apenas para simplesmente ter com quem compartilhar confidências.

Ela sentia muito a falta de um irmão.

No entanto, como podia alguém sentir falta de alguma coisa tão ferozmente quando nunca tinha tido esta coisa?

Lá no fundo, ela estava solitária, vazia e agora mais ainda com a traição de Harlan. Ele tinha lhe dado tanta esperança, e ela tinha se agarrado a ele. Ela tinha construído todos os seus sonhos ao redor dele. E agora todos eles se foram.

Mas ela era mais forte e mais sábia.

Ela voltou a desenhar, trabalhando distraidamente.

Tinha sido tudo que ela podia ter feito para não ficar doente, quando ela alegou que sentia falta de Harlan tão ferozmente. O piolho. Ela não tinha planejado explicar nada para Jack MacAuley, porque ela realmente não achava que era necessário lavar sua roupa suja na frente dos outros. Não era da conta de

ninguém porque ela desejava ver seu noivo — ex-noivo.

Ela parou para lançar um olhar malévolos para o retrato ao lado dela. Não era como se ela tivesse implorado a passagem de qualquer maneira. Ela tinha pagado generosamente o privilégio de viajar a bordo deste navio miserável e duvidava que qualquer homem no lugar dela se sentisse obrigado a divulgar seus assuntos pessoais. Ela simplesmente não sabia o que dizer para convencer Jack MacAuley de deixá-la a bordo e não queria revelar a verdadeira razão dela. Ela sabia que Jack não era o amigo mais próximo de Harlan, mas os homens tendiam a ficar unidos, e ela duvidava que o Sr. MacAuley ficaria do lado de uma mulher que estava tentando se vingar.

Talvez ela devesse ter dito a verdade. Seu orgulho tinha sido ferido ao ver que Harlan podia tê-la usado de uma maneira tão ruim, e isso a fazia se sentir uma megera amarga que queria se vingar.

E talvez ela fosse uma megera amarga, mas tão logo ela recuperasse seu orgulho, ela podia deixar as coisas seguirem, e poderia viver sem se preocupar por esse sentimento terrível... no sentido que ela tinha sido pisoteada — e mais, ela tinha permitido isso.

Isto era tão diferente dela, ficar fervendo de rancor. Quanto mais cedo ela se livrasse dele, melhor.

"Se você tivesse deixado pelo menos um desses baús para trás, talvez você tivesse espaço no quarto para dormir."

Sophie olhou para ver quem tinha chegado inesperadamente.

Ela se virou para encontrar Jack MacAuley na porta, espiando sobre a cabeça dela. Seu coração vibrou um pouco ao vê-lo, mas ela ignorou a sensação, recusando-se a descobrir por que.

Ela olhou para o desenho que ela tinha trabalhado. A cara de Jack olhava para ela, um olhar intenso, olhando para ela e ela apertou o desenho contra o peito em estado de choque. Seu batimento cardíaco acelerou. Ela ainda não compreendia!

"Você se importaria em bater na próxima vez?" ela pediu.

Ele sorriu ironicamente. "Eu bati." Ele bateu novamente a fim de prová-lo. Olhando para a foto de Harlan, ele disse, "Você estava tão apaixonadamente

olhando para essa foto que você não me ouviu."

Apaixonada?

Sophie encolheu-se por ver que ele pensava assim, embora ela não tenha negado. Ela segurava possessivamente, a caricatura de Jack para que ele não a visse. O sangue parecia ter pressa em ir para seu cérebro, e de repente ela ficou com dor de cabeça. "Uma noiva supostamente deve se sentir apaixonada na ausência de seu ente querido," ela disse, tentando parecer indiferente, embora ela não sentisse nada.

"Verdade?"

Sophie pensava assim, mas depois que disse ela viu que nunca realmente tinha sido apaixonada por Harlan. "Sim," ela respondeu, mas continuou a pensar sobre seus sentimentos. Ela tinha ficado noiva de Harlan há três anos e nunca sentiu saudades dele — ansiedade, talvez, para começar uma nova vida com ele, mas sentir falta dele? Nunca.

Talvez porque ela tinha passado tão pouco tempo com ele antes dele partir?

Ela resistiu ao impulso de virar a foto dele. A visão dele parecia só provocar raiva nela.

"Eu não saberia dizer," Jack falou um pouco amargo.

Ela também não saberia, se a verdade fosse descoberta, mas ela não queria admitir.

"De qualquer forma, se você puder parar de suspirar por um tempo... Eu quero te pedir um favor."

O homem não tinha consideração e podia ser sua imaginação, mas o retrato dele que ela tinha desenhado pressionado contra seu peito parecia aquecê-la até mesmo através de seu vestido.

Ela se perguntava, irritada, se ele alguém já havia lhe ensinado bons modos. Certamente não era o que parecia.

"Não estou suspirando!"

"Lamento discordar."

Ele lançou outro olhar para a foto de Harlan e levantou uma sobrancelha quando seu olhar voltou-se para Sophie. "O que mais poderia ser: você aqui sentada, olhando para a fotografia do seu amante com um olhar triste no seu

rosto?"

Sofia sentou-se ereta, irritação se rastejando por sua coluna.

Certamente não suspirar!

"Não é da sua conta," e Sophie o corrigiu, "mas ele é meu noivo, não é meu amante!" Ela lançou-lhe um olhar malévolo.

E se seu olhar tinha sido melancólico certamente tinha pouco a ver com qualquer desejo de ver Harlan Horatio Penn III. Havia apenas uma coisa que Sophie queria de seu noivo, e era uma satisfação.

Jack apenas sorriu para ela.

"Por que você está fazendo isso?"

"O quê?"

"Sorrindo!"

Jack levantou uma sobrancelha. "Estou sorrindo?" Ele deu mais uma olhada para o retrato e concluiu que o homem tinha um queixo fraco para coincidir com seu caráter fraco.

"Sim e, por favor, pare! Me deixa desconfortável!"

Ela parecia um pouco inquieta... então ele franziu a testa para ela. "Melhor?" Ele fez uma cara exagerada, querendo tirar apenas um pequeno sorriso dela. Incerto do porque isso era importante, e querendo saber como ela era quando sorria.

Ela revirou os olhos, mas não conseguiu esconder o sorriso fraco que veio em seus lábios.

"Você é absolutamente desprezível, Sr. MacAuley!"

Ele colocou a cabeça para fora da porta e disse para ninguém, ninguém mesmo, "Eu acho que ela gosta de mim!"

Ele a ouviu rir, embora a expressão dela estivesse sóbria quando ele voltou à cabeça para dentro da cabine.

"Se te faz sentir melhor pensar que sim," ela admitiu, e ele viu seu humor desaparecer quando ela olhou para o retrato de Penn.

Engraçado, tinha o mesmo efeito sobre ele... mas era uma estranha reação de se ter com o homem que ela pretendia se casar.

Ele a observou mais de perto, tentando decifrar seu humor. Ela estava

realmente sentindo falta de Penn? Ou essa expressão desamparada tinha outra razão?

Ele não deveria dar à mínima, mas viu que seu humor azedou com a visão de seu namorado trapalhão e rapidamente pensou em sua afirmação de que eles ainda não eram amantes.

"As mulheres não são tão fáceis," ela o repreendeu, parecendo ler os pensamentos dele.

Ele não conseguia parar de se perguntar se seus lábios eram tão macios como pareciam.

"Elas são se o homem valer à pena," ele disse e se atreveu a dar uma piscadela.

Ela deu um pulo, batendo sua cabeça contra o teto baixo. "Ai!" Um matiz rosado subiu pelo seu rosto enquanto ela esfregava a cabeça, e ela agarrou seu croqui zelosamente contra o peito. Ele notou o desenho pela primeira vez. "Sr. MacAuley!" ela protestou. "Acho que esta conversa não é apropriada!"

"Cuidado com o teto," ele advertiu tardiamente.

Ela olhou para ele e tentou ficar em pé, mas não conseguiu neste aposento em miniatura.

Ele apontou para o seu desenho. "O que é isso?"

Ela cruzou os braços sobre o item em questão. "O que é o quê?"

"Isso, na sua mão".

Ela balançou a cabeça. "Nada."

"Entendo... e o que é que você está fazendo com esse nada?"

Ele não sabia por que, mas de repente ela parecia culpada, e sua curiosidade se tornou maior. "Nada," ela respondeu novamente, seu tom ligeiramente alto.

"Entendo," ele disse e se recusou a implorar. "Falando de apropriado." Ele disse para ela, mudando o tema, "Difícilmente acho que seu namorado vai apreciar o fato de que você esteja sozinha neste barco..." Comigo, ele quase acrescentou. "... na companhia de tantos homens. Já pensou nisso?"

Seu queixo se projetou em direção a ele, apesar de seu olhar ser de desconfiança. "Você está me dizendo que seus homens não são confiáveis?"

"Não somos bárbaros se é o que você está perguntando, Miss Vanderwahl..."

apesar de seu tipo muitas vezes gostar de pensar que sim."

"Meu tipo?" Ela recuou se sentindo ofendida. Jack sabia que estava sendo injusto, mas anos de luta contra o sistema o tinham deixado um pouco irritado e mal-humorado — algo que geralmente ele conseguia superar, mas não quando estava confrontando Sophia Vanderwahl, a noiva de seu inimigo.

"Sobre aquele favor?" ele falou mudando de assunto.

Ela estreitou os olhos para ele. "Você tem muita coragem, me insulta e depois vem pedir favores. A resposta é não, seja o que for! Agora, se você não se importa de me deixar no conforto do meu quarto," ela disse com arrogância e se virou, o dispensando para procurar alguma coisa num baú aberto.

Jack se permitiu apreciar descaradamente por um momento seu pequeno traseiro, então, sabendo que eles tinham chegado a um impasse, ele concordou. "Faça como quiser, princesa".

Ela girou para enfrentá-lo, e mais uma vez esmagou a cabeça no teto. "Não me chame assim!" Desta vez ela não gemeu, só esfregou a cabeça, mas os olhos dela se inflamaram com raiva.

O diabo no seu ombro o picou. "Se a carapuça serviu..."

Ela esfregou a cabeça com força, olhando lindamente indignada. "Sabe, acho que eu não gosto de você, Sr. MacAuley! De maneira nenhuma!"

"Não se preocupe", ele assegurou-lhe, "É mútuo."

Mas ele a queria.

Ele não tinha que gostar de uma mulher para sentir desejo por ela. A prova estava nas calças dele, agora mais firme depois desse encontro.

Ele a deixou, fechando a porta atrás dele e não pode deixar de sorrir para o ataque dela logo após ele ter saído. Ele a ouviu através da porta, embora ela tentasse abafar os gritos. Mais do que ele devia, ele gostava de atíçar a raiva dela. Ela era um alvo muito fácil, e ele concluiu que havia alguma coisa a mais para a viagem de Miss Vanderwahl para Yucatan do que ela estava disposta a dizer.

A pergunta era o que.

Mas o que quer que fosse Jack tinha certeza de uma coisa... Penn estava no coração dela, e não era porque Sophia Vanderwahl sentia falta dele. Ele não a

achava do tipo de perseguir um homem mesmo com um anel no dedo, e ela já tinha admitido que eles não eram amantes.

Não, tinha mais alguma coisa nessa estória, e Jack ia descobrir exatamente o que era.

Ele resolveu ficar de olho em Miss Sophia Vanderwahl, e tentar descobrir se Penn a tinha colocado para espioná-lo, Jack ia fazê-lo arrepender-se de alguma vez tê-lo conhecido.

Bem como sua noiva de olhos dourados.

Entretanto, uma vez que Sophie tinha se recusado a prestar um favor para ele mesmo antes de ouvi-lo, ele ia ter que encontrar alguém para cozinhar para eles, desde que eles pareciam ter acidentalmente deixado Shorty para trás.

Quanto tempo levava um homem para dizer adeus para a sua garota, afinal?

Foi até melhor ela não o ter ouvido... ele tentava, mas não conseguia ver Sophia Vanderwahl com um avental e em pé atrás de um fogão. Ele podia vê-la sentada num trono como uma rainha.

Maldita mulher! Ela era muito perturbadora.

Você tem as mais saborosas mãos, querida!"

Harlan Horatio Penn III se contorcia sob a carícia suave dos dedos da nativa. Ele a tinha ensinado bem, pensou com algum orgulho e só se sentia remotamente culpado por não se lembrar do nome dela.

Ele não podia se lembrar mesmo; seus nomes não eram feitos para um cidadão americano.

Ele se virou para admirar sua pele escura e suas características, e ela pegou sua expressão e sorriu. Quão maravilhosamente intuitiva ela era! Em troca, ele sorriu, e ela renovou seus esforços. Como ela estava ansiosa para agradar!

Como ele estava ficando mimado.

O pensamento de voltar para Sophie, com as suas expressões de menina e seus beijos inexperientes, não o deixava nem um pouco excitado. Ele fez uma careta enquanto pensava na carta que ele tinha recebido de seu pai. Parecia que Maxwell Vanderwahl estava ansioso para ter netos. Ele tinha decidido que Harlan estava perdendo tempo neste lugar esquecido por Deus, e o tinha chamado de volta para Boston. Harlan tinha pouca dúvida que ele exerceria seu poder para conseguir esse fim, se Harlan não atendesse a seu chamado em breve. Ele precisava de Jonathon para ajudá-lo a persuadir Maxwell a lhe dar mais tempo.

Ele suspirou melancolicamente e se virou para deixar que a garota trabalhasse nas suas costas, relaxando confortavelmente e pensando que ele

gostaria de passar toda a sua vida aqui e em nenhum outro lugar.

"Não é que ela seja feia," ele disse para a sorridente garota nativa, sabendo que ela não entendia nem uma palavra ele estava dizendo. "Ela só... não tem nenhuma paixão," ele explicou e se virou para olhar para ela por cima do ombro. "Entendeu?"

O sorriso da garota se alargou, e ela assentiu com entusiasmo.

"Claro que sim," ele disse. "Garota esperta!" Ele não precisava de uma mulher que falasse incessantemente, e fizesse perguntas intermináveis. Ele queria alguém que ficasse de boca fechada e fosse leal às suas necessidades.

Ela falou algo em sua língua nativa e deu uma risadinha, fazendo-o sorrir. O simples fato de que ele não podia entender espanhol fazia que cada palavra que ela dizia parecesse música aos seus ouvidos.

"Eu me pergunto se o Jon marcou sua passagem," ele disse pensativamente. "Acho que ele vai gostar muito de você!" Ele se virou para ela. "Você vai cuidar bem dele, não vai?"

Ela riu e acenou com a cabeça, parecendo entender o que ele perguntava para ela.

"Boa garota. Boa garota."

Ele caiu em um silêncio pensativo e, em seguida, virou-se, levantando uma sobrancelha e sorrindo um pouco lascivamente. "Você vai ter que se decidir, eu acho." Ele balançou sua sobrancelha para ela. "Eu prometi para Jon uma garota requintada, e o coitado provavelmente vai ter uma viagem difícil."

Ele também prometeu que seria uma garota que não tinha ainda sido usada... só que essa promessa em particular ele não estava conseguindo manter.

Ela não entendeu sua expressão.

Novamente ela sorriu, só que desta vez muito mais sedutoramente e começou a mover suas mãos para baixo de suas costas diretas para suas nádegas, ansiosa para agradá-lo.

Ele suspirou de prazer, decidindo que Jon simplesmente teria de se contentar com as sobras.

De qualquer forma, seria uma tarefa muito melhor do que ele gostaria de estar recebendo a bordo dos destroços do MacAuley. Harlan tinha deixado um

presente para toda a tripulação. Todos teriam sorte se eles não morressem de intoxicação alimentar antes da jornada acabar... graças a um personagem sórdido que atendia pelo nome de Shorty.

Ele sentia pena por Jon, mas Harlan não ousou contar nem para seu amigo. Ele não queria correr nenhum risco. A menina teria que acalmar suas feridas quando ele chegasse.

A última coisa que ele queria ver era Jack MacAuley no mesmo local que ele estava trabalhando.

De repente, ela baixou os lábios para o fundo das costas, o surpreendendo quando ela rodou suavemente suas costas.

"Oh Deus!" ele exclamou e riu suavemente.

Ela tinha aprendido rápido!

Ele só desejava que suas habilidades lingüísticas fossem tão boas quanto às dela... para que ele pudesse entender o que diabos ela estava dizendo em seu ouvido nesse doce tom musical.

Com outro suspiro ele relaxou completamente, abandonando-se nas mãos dela.

"Professor Penn!" uma voz se intrometeu.

Assustada, a garota parou seus exercícios com a língua abruptamente, e o humor de Penn azedou imediatamente.

Será que as pessoas não sabem bater? Cristo!

Rolando seus olhos ele suspirou novamente, mas não se importou em se mover. Sua voz foi abafada pela toalha que ele usava como um travesseiro. "Vá embora, Borland, você não vê que eu estou ocupado!" ele reprovou o rapaz.

"Sim, senhor," ele respondeu e gaguejou como um idiota, "mas... bem... você veja...

"Mais tarde," ele disse para o jovem firmemente e deitou a cabeça novamente.

Apressadinhos estes jovens aprendizes — irritantemente ansioso!

"Mas senhor... é só que... o senhor recebeu um telegrama!"

Harlan levantou a cabeça mais uma vez. "Um telegrama?"

O rapaz assentiu com a cabeça e veio para frente dele para entregar.

"Bem, não fique aí! Me entregue!" Harlan exigiu.

O jovem entregou para ele e correu para fora antes que Harlan pudesse enxotá-lo. Esse simples desrespeito o tinha irritado.

Ele abriu o telegrama.

Ele simplesmente dizia: perdi o barco. Seus telegramas estão a bordo. Eles vão ser queimados na primeira vez que eles usarem o fogão. Não quero seu dinheiro de sangue.

Era de Shorty.

Dizendo uma sequência de xingamentos, Harlan se levantou e uma fúria enorme o engoliu. "Pobre idiota!" ele gritou e rasgou o telegrama ao meio.



SOPHIE SABIA que eles estavam trabalhando duro no convés: ela podia ouvi-los trabalhando sem descanso e sem reclamar, enquanto ela estava sentada na cama dela desenhando diligentemente.

A camaradagem entre os homens era fácil e cheia de brincadeiras, e ela se sentia bastante estranha entre eles... e nem um pouco com inveja.

Ela não podia evitar.

Ela não se lembrava de alguma vez ter tido companheirismo tão fácil com qualquer pessoa, não com os seus pais, não com os amigos dela, nem mesmo com Harlan. Ela sempre foi comportada, com medo de mostrar alguma coisa para alguém que não fosse o correto, ou o que era esperado.

E na verdade, ela tinha tido razão para ter medo. Ela era uma anomalia, querendo coisas que não eram convencionais para uma mulher de sua posição.

Embora ela quisesse desesperadamente tornar seus pais orgulhosos, uma pequena parte dela admirava a rebelião de Harlan contra seu pai. Os pais dele queriam que ele fosse advogado, para reabastecer os cofres deles, desde que própria a carreira do pai quase os tinha quebrados. Harlan o desafiou, seguindo os passos profissionais de seu pai, apesar dos protestos, e uma pequena parte de Sophia queria seguir o seu exemplo.

Alguma pequena parte dela ainda queria.

Enquanto Sophie tinha fugido para procurar os dentes do tubarão com os garotos de sua idade, todas as suas amigas estavam ocupadas aprendendo boas maneiras e recitando suas rezas. Como adultas, elas se tornaram muito sombrias — sem rir sobre qualquer coisa, enquanto Sophie sonhava em frequentar a Universidade e estudar Platão ou as origens da natureza e os limites do conhecimento humano.

Mas era um sonho impossível.

Seu pai nunca o permitiria. O mundo deles era implacável, e o dever da mulher era ser um modelo adequado em todos os momentos.

Como ousava Harlan menosprezar o interesse que ela sempre mostrou por seu trabalho!

Como ele ousava minimizar seu intelecto!

Era como se ele não acreditasse que ela fosse capaz de ter um pensamento significativo.

Era como se ele a desvalorizasse inteiramente por causa de seu sexo.

Ela achou que ele a respeitava, mas ela era uma idiota por ter acreditado nisso, porque todos os sinais sempre estiveram lá. Ela só se recusou a vê-los.

Ela não queria ser um modelo infeliz; ela ficaria morta no seu íntimo. Mas ela certamente seria infeliz se ela se casasse com Harlan.

Todas as amigas dela — todas elas — donas de suas próprias casas que pareciam ter se metamorfoseado em suas mães, prontas para educarem suas filhas da mesma maneira que elas tinham sido. Ela olhou para os olhos delas e viu um brilho restante do fogo de curiosidade que toda criança nasce com ele — tanto os meninos quanto as meninas. Por um tempo, ela quase tinha sufocado esse brilho dentro dela mesma. Ela podia ver isso agora.

Somente agora, quando ela deveria estar chorando de tristeza por causa da traição de Harlan, ela se sentiu verdadeiramente viva pela primeira vez em muito tempo.

Ela podia sentir.

E cheirar.

E ver.

E era um pouco melodramático pensar assim, mas ela poderia fazer essas

coisas com muito mais clareza e intensidade do que ela alguma vez tinha experimentado em sua vida.

Ela suspirou melancolicamente, sentindo-se inquieta.

Ela tinha concluído o primeiro esboço de Jack e colocou de lado, determinada a capturar sua essência no papel. De alguma forma, toda vez que ela terminava um desenho, ela se sentia compelida a começar outro. Jack podia ser um demônio, mas ele não tinha uma fachada comum. Não importava quantas vezes ela o tinha desenhado, de alguma forma parecia estar faltando à essência de sua persona. E então ela continuou tentando. E continuou tentando... e continuou tentando... até que ela se viu navegando num verdadeiro mar só com rostos de Jack.

Ela se perguntava o que eles estavam fazendo no deck acima, se perguntava o que era ser um deles — ser autorizado a ter sua própria opinião, contar piadas picantes... usar calças... e, ainda mais escandaloso... não precisar usar camisa.

De repente, uma visão do amplo peito de Jack MacAuley materializou-se diante dela, e seu coração começou a bater mais rápido. Ela começou a desenhar os ombros abaixo do pescoço e parou, forçando o lápis mais uma vez na sobancelha arqueada.

Ela piscou a outra imagem para fora da sua mente e tentou visualizar Harlan, mas seu rosto permanecia um borrão. Certamente o corpo dele não era tão bem feito como o de Jack.

Estranho que ela de repente não conseguisse se lembrar dele claramente. Ela levantou o retrato e o estudou, tentando lembrar porque ela tinha ficado atraída por ele.

Eles se conheciam desde sempre, mas ela achava que primeiro ela tinha admirado a inteligência de Harlan. Ele tinha sido seu primeiro amigo e confidente.

Mas de alguma forma, o coração dela não se partiu com o pensamento de perdê-lo. Ela sentia raiva por sua traição, não sentia desgosto.

Ele era tudo o que os pais dela tinham desejado num filho, e tudo o que Sophia podia desejar ser — ele era espirituoso, inteligente e aventureiro... sem medo de enfrentar o próprio pai.

Secretamente, Sophie ansiava viver a vida de Harlan, visitar os lugares por onde ele tinha viajado, conversar com as pessoas com quem ele tinha falado, aprender e aprender e aprender e experimentar a vida ao máximo!

Era o verdadeiro sonho dela, e sendo uma mulher prática, e não podendo viver a vida que ela desejava, ela havia se determinado a fazer a próxima melhor coisa — ser a melhor mãe e esposa que ela possivelmente poderia ser e viver através da vida de seu marido. Mesmo se ele ficasse a maior parte ausente, ela tinha certeza de que esta ausência faria com que eles ficassem cada vez mais afeiçoado um ao outro.

Bah, que farsa!

Ele aparentemente havia se esquecido dela no instante em que ele partiu de Boston!

Ela colocou o retrato de volta na mesa e começou a reunir seus desenhos, com medo de que alguém pudesse vê-los.

As vozes no deck acima tinham se aquietado enquanto o sol se punha. Alguns murmúrios alcançaram seus ouvidos, fora isso apenas o som do vento nas velas era discernível.

O ar estava abafado na pequena cabine. Por causa do decoro, ela era forçada a manter a porta fechada, e nem uma brisa de ar penetrava no pequeno quarto. Era como estar em um caixão. Na verdade, quanto mais ela permanecia na cabine, mais mórbidos se tornavam seus pensamentos — ela olhou para o retrato de Harlan — e o mais delicioso era o pensamento de sua vingança.

Ele parecia muito sereno no retrato — muito nobre com seu nariz adunco e queixo arredondado. E seus olhos azuis brilhavam com uma luz muito angelical. Seu sorriso era muito amável.

Com um rosnado, ela jogou o lápis para baixo e estendeu a mão para bater na imagem, então ela seria poupada de seu olhar magnânimo.

Como ela podia ter sido tão cega?

Mais cedo seu rosto apareceu borrado diante seus olhos... e foi substituído por outro que Sophie tentou em vão apagar, da tela de sua mente. .

Olhos verdes e cabelos dourados... lábios carnudos. Seus lábios... isso foi o que ela não tinha conseguido capturar... a sensualidade pura de seus lábios.

Sophia estremeceu com as sensações de sua visão. Uma onda de calor passou por seu corpo. Ela resistiu ao desejo de recuperar seu lápis.

Ele era muito mais bonito do que ele merecia ser.

E ele não era nada do que ela tinha achado que ele era.

Porque ele era um estudante de antropologia ela o tinha visualizado mais parecido com Harlan — sobriamente vestido e sisudo, ligeiramente voluntarioso, mas não certamente alguém com quem ela poderia ter confundido como um dos arrogantes das docas!

Ela se perguntava o que ele estaria fazendo lá em cima e então se repreendeu por estar sempre pensando nele.

Por que ela deveria se importar com o que ele fazia?

Ela não achou que ele tivesse voltado para a cabine dele... ela perceberia. Ele teria que passar pelo quarto dela, porque a dele era a outra cabine neste nível — pelo menos deste lado do navio e Sophie de repente ficou curiosa pensando se a sua cabine era tão pequena quanto à dela.

Ela poderia apostar que sua cabine não era tão modesta como a dela.

Bem... havia apenas uma maneira de descobrir.

Ela saiu da cama em silêncio, deixando seus papéis em uma pilha e levantou-se com cuidado para não bater com a cabeça de novo. Rondando como um ladrão, ela rastejou para fora da cabine, direto para a sala de jantar do Capitão.

Nesta sala tinha uma mesa de tamanho médio, com seis cadeiras em torno dela. Em um canto tinha um lavatório. Estantes de livro forravam o comprimento de uma parede.

Acima dela, o sol já tinha se posto e lançava sombras no convés inferior. Ela ouvia vozes, mas elas não estavam tão perto que ela pudesse descobrir a quem pertenciam — não que ela conhecesse todos que estavam no barco. As vozes eram filtradas para baixo de algum lugar do convés acima..., mas ela decidiu que perto da cabine estava tudo tranqüilo.

Sentindo-se um pouco como um ladrão escondido, ela se dirigiu para a cabine do Capitão e abriu a porta.

Sophie gritou assustada com a visão de Jack sentado à sua mesa de trabalho. Suas mãos tremiam de susto, ela as colocou no seu peito, tentando recuperar o fôlego e recuperar a compostura.

"O que você está fazendo aqui?" ela perguntou, seu coração batendo ferozmente.

Sua sobrancelha levantou, e ele lhe deu um olhar de avaliação, mas não se moveu de onde estava sentado. Ele não estava totalmente vestido mais uma vez, estava sem camisa, mas desta vez ela não tinha o direito de reclamar.

Ela estava em sua cabine.

Sem ser convidada.

Ele lhe deu um olhar aguçado. "Eu ia perguntar o mesmo."

Sophie sabia que ela tinha sido apanhada no ato de bisbilhotar, mas não conseguiu pedir desculpas — especialmente depois de ver as diferenças entre seus aposentos. O mínimo que ele podia fazer era sentir-se só um pouco culpado! Bom Deus, seu quarto ocupava metade do convés inferior, com janelas ao longo das paredes para deixar entrar a luz do sol e da lua. Ele estava com as persianas abertas, e uma brisa fresca entrava no aposento, provocando seu cabelo e seu rosto.

Um guarda-roupa alto ocupava a parede atrás dela e tinha um banheiro privado do lado. Atrás da mesa onde ele estava sentado tinha uma estante enorme com inúmeros livros. Sua cama era uma rede que ocupava praticamente

metade do quarto e havia espaço para uma segunda rede acima da mesa onde ele estava. Seis lamparinas, duas em cada parede, estavam acesas jogando luz dourada sobre o piso e sobre a mesa.

"Não ouvi você descer," ela disse, olhando ao redor, sentindo-se um pouco indignada.

Ela tinha pagado o preço exorbitante de dez mil dólares pela passagem a bordo deste navio amaldiçoado! O mínimo que ele podia ter feito era ter oferecido para ela o melhor alojamento!

"Eu vou ter a certeza de avisá-la da próxima vez," ele disse para ela, e o sarcasmo em seu tom não passou despercebido por ela.

O rosto de Sophie estava quente, mas ela ignorou a farpa, e se convidou a entrar. "Inédito. Uma pessoa pode realmente ficar de pé na sua cabine."

Ele pôs os papéis de lado, colocando-os debaixo de uma pasta, como se para escondê-los e Sophie se perguntou o que ele estaria lendo para guardá-los tão zelosamente.

"Seus poderes de observação são incríveis," ele respondeu.

Sophie deu-lhe o seu sorriso mais cativante, atado literalmente com escárnio. "Você me dá muito crédito Sr. MacAuley. Acho que é preciso um olho afiado para notar a diferença."

Ele ignorou a denúncia sutil. "Diga-me," ele pediu, "aconteceu alguma coisa em particular para você aparecer na minha cabine... vendo como você ficou evidentemente surpresa de me encontrar aqui?"

Sophie franziu a testa, observando a maneira que ele tinha começado a recolher os papéis e colocá-los dentro de uma gaveta para removê-los do alcance dela. "Para roubar todas as suas teorias," ela respondeu levianamente.

Ele não riu da brincadeira.

Na verdade, sua carranca se aprofundou e ele olhou para ela um pouco mais intensamente. Aqueles olhos verdes dele pareciam estudá-la. O coração de Sophie começou a bater um pouco mais rápido sob a análise cuidadosa.

Ele era bonito, na verdade sua beleza era deslumbrante. A mandíbula era forte, com uma fenda que parecia convidar o pincel delicado do polegar de uma amante. Sua pele bronzeada, ela percebeu, vinha de longas horas no sol, mas não

trabalhando nas docas, como ela tinha suposto a primeira vez que o viu. Ela bem podia imaginá-lo nas escavações sem camisa, à procura de tesouros enterrados.

Ela o invejava ferozmente.

Tudo o que Sophie sempre quis era ter a chance de aprender — a oportunidade de viajar e descobrir novos mundos. O sonho de ser a mãe dos filhos de Harlan vinha em segundo plano. Só agora que ela estava livre de Harlan ela conseguia ver tudo tão claramente. Era quase como se um peso tivesse sido tirado dos ombros dela. Ela não queria se casar. Por mais chocante que a idéia fosse, ela se enraizou e começou a crescer.

Jack a estudou por algum tempo, tentando determinar se ela estava dizendo a verdade para ele.

Ele tinha brincado com ele mesmo que ela tinha vindo para espioná-lo, mas ouvir de seus lábios tão corajosamente deu-lhe razão para pensar. Poderia ela realmente ter vindo espionar para Penn? Ele não tinha dúvidas quanto a Harlan, mas será que Sophia Vanderwahl se reduziria a esse nível?

"Então você sente falta do seu noivo?" perguntou-lhe, sua voz carregada de sarcasmo, enquanto observava sua expressão mudar.

"Eu sinto?" ela respondeu piscando de olhos. E então com muito mais entusiasmo, ela declarou, "Oh, sim, eu sinto!"

"Na verdade, você sente tanto a falta dele que você está disposta a mijar dez mil dólares só para vê-lo?"

"Sr. MacAuley!"

"Isso é verdade, Miss Vanderwahl?"

Mais uma vez apareceu um flash de raiva, mas depois desapareceu tão rapidamente como tinha se aparecido, e o tom dela era o mesmo quando ela falou. "Sim."

"Você está com tanta saudade dele que você está disposta a viajar com uma comitiva de estranhos em acomodações menos imponentes?"

O fogo nos olhos dela estava de volta. "Sim."

"Sente tanta falta dele, que você está disposta a viajar contra os desejos de seu pai apenas para vê-lo?"

"Não estou viajando contra os desejos do meu pai!"

"Não?"

"Ele não sabe, Sr. MacAuley. Não lhe contei. Ele poderia ficar preocupado."

"Entendo... então você estava com tanta gana para ver o Harlan que você resolveu ir sem mesmo se preocupar em contar aos seus pais aonde você iria?"

Seu queixo levantou um pouco. "Eu deixei uma carta, é claro."

"Noivo de sorte."

Claro que o que ela disse podia ser verdade, mas ele não acreditou nela. Não tinha sido esta a razão para ela procurar por Jack. Ela estava nesse barco por uma razão, e ele ia ficar de olho nela para descobrir o que era. Ele ficaria arrasado se ela entregasse seu trabalho para Penn tão facilmente.

Ele ficou parado, seu olhar fixo nela.

O olhar dela encontrou o dele, e sua expressão mostrava desconfiança... como deveria. "O que você está fazendo?"

Certamente não o que ele gostaria de estar fazendo.

Sem dizer uma palavra, ele passou para o outro lado de sua mesa, formando uma barreira entre ela e sua pesquisa — não que ele achasse que ela ousaria roubá-la na presença dele, mas ele esperava que ela entendesse sua mensagem. Ele sabia que ela estava atrás da pesquisa, e ele queria que ela soubesse que ele sabia. Ele se inclinou casualmente contra a mesa dele.

Cada músculo do seu corpo estava tenso por antecipação.

"O que parece que estou fazendo?"

"Encarando-me rudemente!"

Suas sobrancelhas. "Eu estou?" ele perguntou friamente, deslocando seu peso para aliviar a dor que crescia em suas calças.

"Outra vez!"

Ele não fez nenhum movimento em direção a ela, resistindo sua vontade. Ele queria ir até ela... queria lhe dar uma lição sobre entrar em cabines de homens estranhos sem permissão ou proteção. Ele queria mostrar para ela o que a presença dela fazia com ele. Ele queria que ela visse, sentisse. Ela não tinha idéia como fino era o gelo em que ela estava pisando. Se ele fosse um homem diferente a bravata dela não a manteria segura.

Ela ficou um pouco mais reta. "Você sempre olha as mulheres desse jeito?"

"De que jeito?"

"Desse jeito."

"Esclareça de que jeito Miss Vanderwahl."

"Como se fosse devorar-me como um leão e cuspir meus ossos!"

Ele estava, de fato, com fome — raposinha intuitiva.

"Não," ele respondeu com sinceridade. Já tinha algum tempo desde que uma mulher o tinha distraído tão completamente. Ele gostaria de fechar a porta e prendê-la contra ela, beijar dos seus lábios macios até seus joelhos e apertá-la em seus braços e poder jogar fora toda a miséria que ele estava sentindo.

E ele estava se sentindo muito miserável, no momento, sem nenhuma razão aparente, exceto que ela tinha ousado entrar em seu quarto... na cova do leão.

Ia ser uma longa viagem.

Ele decidiu que era hora de estabelecer algumas regras. Com efeito, ele foi para junto dela. Era do interesse dela aprender antes, e não depois, que perigos se escondiam para uma mulher sozinha no quarto de um homem. Ele deu para ela a cabine mais próxima à dele para sua própria proteção, mas ele estava começando a perceber que não havia ninguém por perto para protegê-la dele. Ele não era Harlan H. Penn III, e ele não estava acostumado a pisar na ponta dos pés para ter seus desejos realizados.

Ela não recuou, apenas olhou para ele e ele lhe disse, "Você é uma mulher corajosa, Miss Vanderwahl."

Ela deu um passo para trás, e ele sabia que ela não tinha idéia de quão perto ela estava de ser beijada.

Seu queixo se levantou mais alto quando ela o viu se aproximar. "O que você quer dizer?"

Ele realmente pretendia mostrá-la.

Ele parou diretamente na frente dela e esperou para ver o que ela ia fazer.

Ela deve ter lido o desejo nos olhos dele, porque ela disse "você não ousaria!"

Mas ele ousaria.

"Ousar o que?" ele escarneceu, sabendo que ela não iria dizer.

Ela não respondeu, e ele sabia que ela de repente estava incerta de suas

intenções. Ela parecia tão adoravelmente confusa que fez Jack querê-la ainda mais.

Ele sorriu. "Me chame de Jack, Sophia".

Ela levantou o queixo dela ainda mais alto, mas não se afastou, e a resposta dela o agradou imensamente. Ela não era covarde, mas ela só podia ser ingênua. Se ela percebesse os pensamentos que estavam passando na cabeça dele no momento, ela correria, sem dúvida.

Sua boca ficou seca de desejo.

Como ela responderia ao seu beijo?

Ela iria dar um tapa nele indignada e ir embora?

Ou ela ia beijá-lo de volta, oferecendo sua língua doce para ele apreciar?

Ela estava perto o suficiente para que ele pudesse facilmente descobrir...

Sophie levantou seu queixo. "E se eu não quiser te chamar de Jack?"

Ela sabia que parecia petulante e infantil, mas não podia evitar. Quando ele olhava para ela deste jeito, ela não conseguia pensar em mais nada. Ele chegou mais perto, e estava tão perto agora que ela podia sentir o calor do seu corpo, e ela segurou sua respiração enquanto ele falava.

"Então, não chame. Eu sou um grande defensor do livre-arbítrio, Sophia." Olhando ainda para ela, ele estendeu a mão, tirou um fio de cabelo do rosto dela, colocando-o suavemente para o lado. O gesto foi tão íntimo que Sophie engoliu qualquer resposta que ela poderia pronunciar. "O homem sempre deve seguir seu impulso maior."

Sophie levantou uma sobrancelha. "Só o homem?" Ela tentou manter seu frescor, embora seu coração batesse como os tambores dos nativos. "E a mulher, Sr. MacAuley?"

"Claro, eu também sou um defensor das mulheres," ele respondeu baixinho, e Sophie estremeceu com o timbre sensual de sua voz. Ele piscou para ela, mas ele ainda não tinha respondido sua pergunta, e ela não estava tão perturbada que não tivesse visto.

Ele estava de pé perto demais dela, mas ela não queria se mover.

O que se passava com ela que ela não ia embora? Aquela era uma posição totalmente inadequada, e ainda...

"Não é precisamente o que eu quis dizer, Sr. MacAuley."

A voz dele era sedosa. "Diga-me o que você quis dizer, Miss Vanderwahl."

Ele se aproximou ainda mais, ela pensou, mas não parecia que ele tinha se movido, e sua proximidade a deixava tonta. O hálito dele era quente contra o rosto dela, provocando-a. O cheiro dele mais perto... raios de sol e mar... e algo mais.

Ela tentou manter sua linha de pensamento. "Você acredita no livre-arbítrio para as mulheres também?"

"É claro."

Ela lançou para ele um olhar inteligente. "É esse o seu pensamento?"

Ele sorriu um pouco, chegando mais perto, seus olhos brilhando com escárnio. "Pessoalmente eu nunca tive um," ele sussurrou, "mas se eu tivesse, certamente."

"Nunca possuiu um?"

Ele sorriu lentamente, e Sophia, percebeu que ele estava brincando com ela. Os olhos dela se estreitaram.

"Que coisa extremista para se dizer!"

Ela se endireitou indignada, mas a resposta apenas fez o rosto dela ficar mais perto do dele.

"Em defesa, eu diria que sua pergunta foi um confronto, Miss Vanderwahl, incluindo até mesmo seu fraseado, e eu apenas estava respondendo."

Seus lábios estavam totalmente perto agora, suas respirações se entrelaçavam intimamente como a de amantes, e sua voz era sedutoramente baixa. Sophie se sentiu estranhamente eufórica por sua proximidade. Harlan nunca tinha feito seu coração bater tão ferozmente. Nem sua carne tinha sentido tanta fome por seu toque. O simples gesto de Jack de remover o cabelo do rosto dela a tinha deixado querendo mais.

Ele tinha a intenção de beijá-la agora?

Ele queria?

Sophie susteve a respiração, olhando para ele.

"Eu não estava procurando um argumento." Sua voz parecia estranha até mesmo para os próprios ouvidos.

"Não?"

Ela baixou os olhos, antes que ele pudesse ler seus pensamentos.

"Não."

"Então o que você estava procurando?"

Sophie piscou. Na verdade, o que ela procurava? E por que ela ainda estava aqui?

Ele estendeu a mão e tocou sua testa com o polegar, uma suave carícia.

"Definitivamente uma contusão, mas não está muito ruim."

Os joelhos dela de repente se sentiram fracos. Ela ergueu a mão dela e passou em sua testa machucada. "Não dói," ela disse suavemente.

Ele sorriu, e o sorriso brilhava nos olhos dele. "Precisa de alguém para beijá-la e fazer com que você se sinta melhor?"

A sugestão tirou seu fôlego.

Ela deu um passo para trás, e ele seguiu. Será que ela estava com os olhos arregalados como ela achava? De repente, ela não conseguiu recuperar o fôlego.

"Por que você reservou passagem neste navio, Sophia?"

"Eu... Eu queria ver o Harlan," ela gaguejou, mas de repente pareceu a resposta mais ridícula que ela poderia ter dado.

Ele se inclinou contra o batente ao lado dela. "Ele mandou você fazer isso?"

Sophie engoliu desconfortável com o olhar dele. Ela balançou a cabeça e deu mais um passo para trás. "Ele não sabe."

"O que ele não sabe?"

"Que eu estou indo... vê-lo. Não lhe contei."

A expressão dele mudou de repente... e algo cintilou no fundo dos seus olhos... preocupação talvez. Por ela? O coração dela se apertou um pouquinho. Todos sabiam sobre os flertes de Harlan menos ela?

Ela não precisava da piedade de Jack MacAuley.

Mas ele estava olhando para ela de repente como se ela fosse uma menina miserável cujo coração tinha sido quebrado pelo seu namorado. Bem, o coração dela não tinha sido quebrado! Harlan não manda no meu coração!

Ela não era uma vítima!

Sophie não sabia exatamente o que aconteceu naquele instante — talvez raiva, mas não era somente raiva.

Por Deus, ela não era motivo de piedade!

Ela atirou-se em Jack, envolvendo seus braços sobre o pescoço dele e beijou-o com ardor. Ele ficou tão assustado com o abraço que ele não teve o bom senso de abraçá-la de volta. Sophie se afastou enquanto compreensão pareceu falar com ele e ele girou sobre os calcanhares com a boca aberta olhando para ela.

Foi só quando ela fugiu da cena que ele percebeu o que tinha feito.

"O que diabos foi isso?"

Jack ainda estava passando a mão por seus lábios e olhando para a porta quando Kell enfiou a cabeça dentro da cabine.

"Eu não sei," ele respondeu, atordoado.

"Ela correu direto para mim na saída. Não acho que ela me notou."

Jack, também, estava tendo problema em manter o foco.

Ele tinha a intenção de beijá-la, dar-lhe uma lição, e o que ela fez? Ela beijou-o primeiro! E não com ternura. Ela o tinha beijado com raiva, e ele não tinha a mínima idéia o que a tinha levado a fazer isso. Por um instante ele tinha conseguido mantê-la enfeitiçada e em seguida ela estava com raiva e nervosa.

Por que o diabo ela o tinha beijado?

Não fazia sentido.

"Uma safadinha, não é?"

Jack tentou sair de seu estupor. "Sim... não consegui entender."

Kell deu-lhe um olhar divertido e ficou rindo como se soubesse algo que Jack não sabia. Isso enfureceu o Jack porque ele pensava que sabia tudo.

"Ela está tramando algo," Jack falou. "Eu quero saber o que."

Kell sorriu e virou-se para ele. Só então Jack percebeu os papéis na mão dele.

"Eu tenho algo para te mostrar que pode trazer alguma luz."

A curiosidade compensou o aborrecimento de Jack.

"Talvez não."

Jack acenou com a cabeça. "O que tem nesses papéis?"

Kell jogou-os na mesa de Jack e disse, "veja por você mesmo."

Sophie tinha beijado um completo estranho — pior, ela tinha se jogado nos braços dele!

O que em nome de Deus tinha acontecido com ela?

Não havia desculpa para isso, exceto que ela tinha ficado cega por seu orgulho. Inevitavelmente, Jack descobriria o motivo da sua viagem, e quando ele fizesse, ela não agüentaria se ele tivesse pena dela. Ela não queria que ele a visse como uma vítima, não queria que ele a achasse uma idiota.

Mesmo que ela fosse.

Harlan a tinha usado desde sempre. Nunca a tinha amado, isso era evidente, mas ela queria desesperadamente acreditar que ele em algum momento a tinha amado.

No mar o ar da noite era frio, e os sons das ondas a confortavam. Ela estava na proa do navio, olhando para o horizonte azul e para a cidade de Boston que diminuía no horizonte. Tudo o que restava agora era um brilho quase imperceptível que era uma pobre competição para o brilho da lua.

Naquele instante, ela entendeu exatamente porque Kell estava ansioso por esta experiência. Era, de fato, nostálgico de uma forma que nada jamais tinha sido. Este não era um luxuoso iate particular, nem era um transatlântico elegante, carregado com equipamentos ultramodernos, mas o navio detinha um feitiço simples em todos os seus aposentos.

Os tripulantes que permaneceram no convés tinham concluído suas tarefas

do dia e agora estavam perto do leme, trocando gracejos com o timoneiro. Sophie ouviu algumas de suas obscenidades e se viu sorrindo, apesar de seu humor.

"Caramba, estou com fome!" um homem falou.

Sophie viu que ela também estava com fome.

Ela franziu a testa, se perguntando por que ninguém tinha se preocupado em chamá-la para jantar. Certamente, Jack não queria deixá-la morrer de fome?

"O que diabos aconteceu com o Shorty?" ela ouviu alguém perguntar.

"Quem sabe," ela ouviu a resposta. "Provavelmente se sufocou entre as mamas de sua namorada. Você viu aquelas gemas?"

As sobrancelhas de Sophie se levantaram, e ela colocou uma mão sobre a boca, abafando uma risadinha horrorizada. Ela se perguntava se eles percebiam que ela estava ouvindo.

"Quem poderia não ver!" ela ouviu um homem exclamar. "Embora fosse melhor ele estar morto como uma porta, mais eu vou matar aquele bastardo por nos deixar excitados!"

Sofia sentou-se para não ser vista, sentindo-se terrivelmente culpada de espioná-los. As bochechas dela queimavam ferozmente, e ela se perguntou sobre a sabedoria em viajar sozinha em um navio cheio de homens — e isso não tinha lhe passado por seus pensamentos antes. Ela só não esperava que fosse uma viagem tão íntima. Na verdade, era como se eles estivessem todos sob o mesmo teto, muito pouco de privacidade para se ter — exceto Jack, é claro.

"Pequeno bastardo!" alguém resmungou.

Os outros concordaram.

"Caramba! Vai ser uma longa viagem, se tivermos de comer pão e queijo o tempo todo!"

Shorty devia ser o cozinheiro, Sophie pensou, e da conversa deles ela supôs que ele tivesse sido deixado para trás... ou será que ele tinha sido abandonado? De qualquer forma, parecia que eles tinham sido deixados à própria sorte no que dizia respeito à comida. Talvez ela pudesse oferecer sua ajuda de alguma forma?

Claro, Sophie não tinha o menor conhecimento sobre culinária, mas não podia ser difícil de aprender. Poderia? Tudo o que ela precisaria era de um pouco

de direção. Ela tinha certeza de que ela poderia fazê-lo. E de qualquer forma, se ela estava presa no navio pelas próximas semanas, ela estava determinada a fazer o melhor possível.

Pela manhã, ela decidiu que iria surpreender a todos com café da manhã, mas neste instante, ela pensou que seria apropriada uma ida até a cozinha porque ela nunca tinha usado um fogão. Seria do seu interesse se familiarizar com as ferramentas que ela teria que lidar. Certamente Jack iria apreciar seu esforço, e ela esperava que este gesto fosse ser como um ramo de oliveira, entre eles. Eles tinham tido um começo terrível, e Sophie precisava de aliados, não de inimigos.

Além disso, Jack não sabia ainda, mas alguém ia ter que trazê-la para casa, e ela não tinha a intenção de esperar que Harlan o fizesse. E se Jack não pudesse fazê-lo... bem, então...

Ela sorriu para si mesma. Ela simplesmente teria que passar o tempo na área de escavação, certo? Não seria o destino mais terrível. Na verdade, ela esperava que Jack fosse deixá-la permanecer em sua companhia, porque não havia tempo melhor para começar a aprendizagem do que o presente. No que dizia respeito a sua reputação, o que importava? Se ela não desejava se casar, então ela não poderia se importar com o que pensariam sobre ela? A vida era demasiado curta, e ela queria vivê-la ao máximo. Toda a sua vida, ela quis fazer isso e agora a oportunidade estava lá e ela pretendia aproveitá-la.

Mas agora era hora de tornar-se indispensável. Ela não queria que Jack tivesse motivos para se arrepender de sua presença.



O PRIMEIRO TELEGRAMA SIMPLEMENTE DIZIA: Descubra o que ele pretende fazer. E o segundo orientava: Certifique-se de que ele não chegue antes do conselho se reunir novamente.

Nenhum tinha um nome, ou mesmo uma direção — somente simples instruções que seriam aparentes apenas para o destinatário. Ambos tinham sido entregues em um endereço que podia ser qualquer coisa — uma casa, um armazém ou o escritório de um advogado. Não havia nenhuma maneira de

verificar até que eles voltassem. O que ficou claro foi que alguém estava querendo boicotá-lo.

"Você os encontrou onde?"

Kell disse. "Na cozinha."

"Todos eles?"

Kell assentiu com a cabeça. "Enfiados no forno, prontos para serem queimados... mas quem os colocou lá não teve a chance de se livrar das evidências ainda."

"Não posso acreditar que tenha sido o F.D.P.," Jack explodiu, batendo com o punho na mesa dele.

"Você acha que eles são de Penn?" Kell virou um dos telegramas para que ele pudesse relê-lo.

"Quem mais iria se beneficiar com a nossa ausência em Yucatan?"

"E ainda assim você não é realmente uma ameaça para ele, Jack. Ele tem financiadores. Você não. Por que deveria Penn ligar se você aparecer por conta própria ou não?"

"Porque ele é um preguiçoso, traidor mentiroso, por isso! Eu estaria disposto a apostar que ele não tem a mínima idéia do que ele está fazendo por lá. Penn vai precisar de algo para mostrar para os investidores. Se eles acharem que ele está lá sentado brincando com os macacos e transando com as nativas, ele não vai ver nem mais um tostão."

"Eles estão reavaliando a expedição?"

Jack esfregou o queixo pensativamente. "Não tenho certeza. Para dizer a verdade, eu achava que ele tinha rédea solta para fazer o que ele quisesse, tendo seu sogro na parada."

"Eles ainda não são casados, Jack," Kell lembrou-lhe, e Jack teve a impressão que tinha sido mais uma sugestão do que uma mera contestação.

Ele olhou para o amigo com aborrecimento. "Bem que eles poderiam estar casados."

"Então você acha que Penn a colocou aqui para espionar?"

Jack olhou para os papéis, batendo os dedos, considerando-os cuidadosamente. "Quem mais? Por que ela não espiaria para ele? Ela o ama,

certo? Ela é a noiva dele."

As sobancelhas de Kell se levantaram sugestivamente. "Ela não me parece uma moça que está sentindo falta do seu amante. E se ela estivesse tão preocupada com os assuntos do Penn, acho que ela iria simplesmente perguntar ao pai."

Jack olhou para ele. "Eles não são amantes," ele corrigiu não estando perturbado por esta perspectiva — e mais perturbado por não dar à mínima.

Que diabos faria diferença para ele se eles fossem amantes? Eles estavam prestes a se casar. Isso era o suficiente. Por que ele deveria dar a mínima se Penn já a tinha levado para a cama ou não?

Aquele sorriso meio irritante de Kell voltou. "Estamos defendendo ela, não estamos?"

"Inferno não!"

O sorriso de Kell na verdade se ampliou com a sua resposta veemente, e Jack quase virou a mesa ao se levantar. "Você é um idiota, você sabe não é Kell?"

Mas ele realmente não queria dizer isso e Kell sabia. Como prova, Kell apenas riu da calúnia. "Continue assim, amigo, e eu vou deixar você navegar nesta banheira pré-histórica sozinho."

"Faça isso," Jack o avisou, retornando com o sorriso em seu rosto "e eu vou te enviar de volta para Boston em uma balsa!"

Kell balançou a cabeça e riu novamente. "Não você não vai! Com quem diabos você discutiria? Você morreria de puro tédio, MacAuley!"

Jack sorriu, sabendo que provavelmente era a verdade, mas falou para Kell de qualquer maneira. "Eu teria uma discussão melhor com um saco de ossos!"

Apesar da amizade dele e de Kell existir desde sempre, eles nunca tinham falado uma palavra gentil um para o outro — com certeza pelas costas eles falavam. Kell era provavelmente o melhor amigo que um homem poderia esperar ter e Jack o respeitava como nenhum outro.

"Só vejo agora, sacana teimoso... vagando sem rumo sobre os mares, balbuciando como um idiota para si mesmo, porque nenhum corpo maldito vai aturar você, Jack MacAuley, e você sabe disso muito bem."

Jack foi forçado a rir da imagem que Kell pintou dele. "Você é um canalha

sem coração," Jack disse sem realmente achar.

"Claro, claro," Kell concordou. "O que posso dizer?"

Na verdade Kell era um bastardo, mas ele sabia que Jack não queria dizer isso, e ele realmente não parecia ter qualquer problema sobre esse fato de qualquer maneira.

Jack se levantou e deu um soco leve na coxa dele. "Nada a dizer. Só não vá mudar agora. Pelo menos eu sei o que esperar de você."

Ao contrário de alguém que ele conhecia.

Ele tinha suspeitado dela estar espionando para Harlan quando ela veio até ele à primeira vez. Bem, ele deveria ter seguido seu instinto — os bilhetes espalhados na frente dele lhe asseguravam isto. De agora em diante ele certamente seria. Ele não tinha conseguido tudo o que ele tinha, ignorando o seu instinto.

"Como você pretende lidar com isso?"

Dando um suspiro cansado, Jack considerou os telegramas. Não mencionava nomes... não havia nenhuma prova real — não realmente, porque eles nem sequer diziam claramente o que eles estavam tentando fazer. Tudo isso era puramente circunstancial.

"Nada por agora," ele disse após deliberar por um momento. "Pessoalmente, acho que devíamos sentar e deixá-la se enforcar. Afinal ela não vai a lugar nenhum."

Kell assentiu com a cabeça de acordo.

"Mas eu não vou deixá-la sair da minha vista," Jack adicionou. "Eu não confio nela."

O sorriso do Kell voltou. "Quer dizer que você não confia em nós!"

Jack sorriu. "Isso também."

"Ela é um doce, com certeza!"

Ele sabia muito bem que Kell não estava me referindo à sua disposição.

"Não se preocupe, Jack, ela tem o seu nome tatuado na testa desde o instante que você a viu. Ninguém que se atreverá a tocá-la, você sabe disso." Ele saltou da mesa antes de Jack poder reagir e continuou, "de qualquer forma, tenho certeza que observá-la não será difícil para você. Não é como se você soubesse

algo sobre este dinossauro. Pense que você tem que se manter ocupado, de alguma forma, uma vez que você é inútil para mim." Ele piscou para Jack. "Divirta-se, amigo!"

"Você nunca desiste, não é?"

Kell balançou a cabeça em resposta. "Alguém tem que te manter na linha," ele rebateu e saiu com uma risada. "Eu vou contar algumas ovelhas antes do meu turno. Vou deixar Miss Vanderwahl em suas mãos."

Os pensamentos de Jack já tinham se voltado para a sua visita inesperada. "Tudo bem," disse distraidamente.

Quando Kell saiu, ele reuniu as provas, em seguida, colocou-as dentro de sua mesa... e foi em busca de sua bela espiã.

Sophie localizou a cozinha com bastante facilidade.

Como a professora de um colégio em uma sala de aula, o fogão ficava no centro da sala, de frente para uma infinidade de mesas, para que o cozinheiro fosse forçado a enfrentar os homens que ele ia alimentar.

Ela fez uma careta, imaginando o navio cheio de homens, todos eles morrendo de fome esperando por sua ceia, batendo impacientemente nas mesas com enormes colheres de pau. A pressão para entregar a comida seria alta, e Sophie resolveu vir cedo de manhã para começar a fazer a comida.

Depois de olhar para a geringonça velha cheia de fuligem, ela ficou feliz de ter vindo inspecioná-la. Mas mesmo após a inspeção minuciosa, ela não conseguia entender completamente como devia funcionar.

Abrindo a porta do forno, ela olhou para as entranhas do forno, tentando decidir se era na verdade um forno... ou se era para queimar madeira dentro dele e poder cozinhar na parte de cima. Não havia qualquer madeira a vista, ou carvão, também... mas abaixo podia haver outro compartimento. Ela enfiou a cabeça na câmara escura, tentando ver alguma coisa. Meu Deus! Era espaçoso o suficiente para se assar um homem lá dentro! Ela conseguiu entrar no forno até seus antebraços, tentando perscrutar o compartimento inferior.

Lá, na verdade, ela viu madeira, embora ela não entendesse como o diabo alguém conseguiria arranjar madeira nova para colocar lá dentro, ela realmente não tinha idéia.

Cuidadosamente, para não ficar mais suja do que já estava, ela começou a empurrar os lados do forno, testando, procurando um painel removível. Nada se moveu, e ocorreu-lhe de repente que ela provavelmente poderia remover a grelha sobre a qual ela estava inclinada.

Ela já tinha verificado os mantimentos, e havia pão para ser aquecido e fatias de carne para se fazer um sanduíche. Talvez fosse melhor fazer algo simples na sua primeira tentativa, e deixar as tarefas mais difíceis para depois. Ainda assim, ela precisaria do forno para aquecer o pão.

"Bem," veio uma voz familiar.

Sophie gritou um pouco assustada e instintivamente tentou olhar para ver quem tinha entrado, batendo com a cabeça no teto do forno e uivando de dor, quando ela caiu e a fuligem cobriu seu rosto.

Para seu desespero, ela descobriu o caminho para a câmara inferior e despencou direto para as cinzas e para a madeira carbonizada.

"Ouch!" ela gritou e tentou levantar-se antes que ela pudesse causar mais danos. Um tronco rolou sob a palma da mão e ela perdeu o equilíbrio inteiramente, indo direto para as cinzas. Uma nuvem de fuligem explodiu em seu rosto, e ela tossiu.

Sua voz estava sarcástica, como sempre. "Imagine encontrá-la aqui."

Ela ouviu seus passos quando ele veio atrás dela e ao mesmo tempo ficou mortificada com a visão, que ela devia estar apresentando com seu traseiro cutucando indecentemente fora do forno e os pés dela acenando para ele.

"O que está fazendo aqui, Miss Vanderwahl?"

Por Deus! Ela estava começando a detestar a maneira que ele dizia o nome dela, como se fosse uma blasfêmia! "O que parece que estou fazendo?" ela surtou e tossiu enquanto outra nuvem de cinzas aparecia.

Homem miserável!

"Procurando por algo talvez?"

Sim! Sophie pensou. Sua dignidade — algo que parecia estar teimosamente escapando dela desses dias!

"Vá embora!" Ela implorou, mas sabia que ele era demasiado estúpido para atender aos desejos dela.

"E perder o show?", ele escarneceu. "Acho que não."

Homem mau, perverso!

Pelo tom da voz dele, Sophie pensou que ele devia estar gostando imensamente. Ela esperava que ele estivesse! O piolho podre! Este era o agradecimento que ela tinha por tentar ajudar? Alguns dias era melhor não sair da cama.

Havia apenas uma maneira para ela salvar seu orgulho... com senso de humor e a sagacidade da sua avó. Sua avó paterna podia coalhar leite com apenas algumas palavras, mas ela raramente tinha dito uma única palavra cruel. Era somente sua maneira de demonstrar afeição.

"Nossa, eu pensei em limpar um pouco do pó," ela disse para Jack docemente, sua voz ecoando dentro do forno cavernoso. "A ajuda que você contratou tem sido negligente, eu acho."

Seu sarcasmo dobrou. "É verdade?"

"Sim," ela informou-lhe muito friamente, tentando se desvencilhar com tanta desenvoltura quanto era capaz, "Eu não estava particularmente ansiosa para umedecer o meu pão da manhã. Ah, Deus! Você devia vê-lo," ela disse. "Eu acho que ficaria bastante chocado!"

Com os pés de volta no chão, ela desistiu do forno, estremecendo com uma picada na mão esquerda dela quando colocou pressão sobre ela para se levantar. Apoiando uma mão na porta do forno, ela usou para se arrastar e deu um gritinho quando a porta do forno caiu, em seguida, ela começou a sentir dor no seu calcanhar.

"Ouch!" ela exclamou. Algumas lágrimas tentaram aparecer nos olhos dela, mas ela recusou-se a chorar. Com algum aborrecimento, ela empurrou a porta do forno para o lado, e se recusou a ficar intimidada com sua língua ácida.

Suas sobranceiras estavam arqueadas, e Sophie poderia dizer que ele estava se esforçando para não rir.

Que homem horrível!

Ele colocou uma mão no seu queixo como se quisesse avaliá-la — como se ela fosse uma obra de arte a ser estudada. Deixe que ele se divirta às minhas custas!

"Presumo que você pessoalmente quer limpar a graxa?" ele lhe perguntou.

Sophie ignorou o insulto. Ela sabia que ela era uma visão horrível, suja como ela estava, embora certamente não fosse muito gentil da parte dele dizer isso. "Seria educado de a sua parte ajudar," ela o criticou e chutou a porta do forno novamente, desejando que fosse sua canela em vez disso.

Jack olhou para ela com divertimento. Na verdade, podia ser educado da parte dele ajudar, mas ele não estava com vontade de ajudar a sabotadora de Penn.

Ele mordeu o lábio, tentando não explodir em gargalhadas, pelo jeito que ela estava e sua raiva agora a flor da pele. Ele ficaria arrasado se ela não estivesse tão reta e alta como um totem sangrento. Uma pivete orgulhosa.

Ele não se conteve: ela era uma presa fácil. Ele ergueu um dedo e arrastou-o suavemente por toda a sua face, pelas manchas de graxa e, em seguida inspecionou o dedo dela. "Parece que você perdeu um ponto," ele disse e então na verdade rindo pela expressão dela.

Ela na verdade parecia estar soltando fumaça pelo nariz. Ela balançou a cabeça, indignada, cinzas subindo de seu cabelo como fumaça.

"Você é um homem insuportável!" ela exclamou, suas bochechas corando onde não havia sujeira.

Nunca em sua vida ele tinha visto uma vista mais adorável e hilária.

Da cintura para cima, ela tinha marcas de graxa no seu vestido e na pele, onde ela tinha ficado pressionada contra a grelha — incluindo seu rosto! As mãos dela estavam negras com a fuligem, e quando ela tentava tirar o sujo do seu vestido deixava uma impressão tão escura como a noite. A ponta do nariz dela estava tão negra quanto o nariz de um cão, e o cabelo dela estava coberto com um manto de cinza.

Sabotadora, ela podia ser, mas ela não parecia nem um pouco ameaçadora e sim um pouco cômica.

"Eu realmente não vejo o que é tão engraçado, Sr. MacAuley!"

O riso que Jack estava trabalhando tão duramente para conter surgiu de repente. "Ah, mas se você tivesse um espelho!"

Ela bateu o pé e cinzas caíram do cabelo dela novamente e seu riso estourou,

apesar da indignação dela — ou talvez por causa disso. Ele não podia dizer.

Ele tentou se acalmar. "Ah, mas você está linda, Miss Vanderwahl," ele brincou.

Ela tinha a coragem de parecer magoada. Piranha. Ele tinha pegado ela praticamente em flagrante olhando para os telegramas e ela tinha a ousadia de olhar magoada! Ele queria pegá-la e cavalgar seu traseiro delicioso — e ele tinha certeza de que seria delicioso. Ele não conseguiria uma olhada melhor se ele tivesse pedido. Descarado como ele era, ele ansiava fazê-la se balançar no seu forno.

"Pare de me chamar Miss Vanderwahl!" ela protestou. "Você consegue falar como se fosse uma obscenidade!"

Seu riso diminuiu um pouco, e ele deu-lhe um olhar aguçado. "Foi você quem recusou meu pedido para nos tratarmos pelo primeiro nome."

"Bem, eu mudei de idéia!"

Enfurecida, ela passou a mão dela por seu nariz e o conseguiu pintar de preto. Jack começou a rir novamente.

Os sentimentos de Sophie estavam feridos.

Ela gostaria de dizer que a risada dele não a afetava, mas afetava. Lágrimas começaram a querer aparecer nos olhos dela. Ela tinha tentado fazer algo de bom, e ele teve a audácia e a má educação para se divertir com o seu infortúnio!

Ela duvidava que houvesse um pingo de seu orgulho para ser salvo, mas mesmo assim tentou. "Se você me desculpar, Sr. MacAuley," ela disse. "Eu acho que vou me lavar!"

"Faça isso," ele permitiu e caiu em outro ataque de riso.

Com o máximo de dignidade que ela pode reunir, Sophie passou por ele em direção a porta, lançando-lhe um olhar indignado. E por Deus, ela teria chutado ele como chutou a porta do forno se ela não tivesse tido uma excelente criação.

Ela olhou para ele. "Você é..." Ela queria chamar-lhe de nomes ruins, mas nenhum deles veio à sua mente. "... um valentão miserável!"

Ele gargalhou novamente, e Sophie levantou o nariz no ar e saiu, deixando-o com sua indesejável alegria. Sua risada seguiu-a pelo refeitório e claro até a sua cabine.

Ela olhou para suas mãos quando atingiu o salão de jantar do Capitão e viu que elas estavam negras como o carvão. Com a mão esquerda ela se abaixou para abrir a porta da sua cabine e gritou de dor.

"Ouch!" ela gritou e tirou a mão da maçaneta sem abrir a porta. Sentiu como se uma dúzia de agulhas minúsculas a picassem, mas ela não podia ver nada, a não ser tudo preto quando ela inspecionou a mão novamente. E como a luz estava fraca ela mal conseguia ver. Ela queria chorar.

Porque ela tinha achado que poderia reparar o dano entre eles? Porque ela se importava tanto com o que o homem pensava dela? Quem na terra era Jack MacAuley para fazê-la sentir-se menos humana?

Ele a tinha seguido e teve o descaramento de parecer preocupado. "O que está errado, Sophia?"

Sophie engoliu as lágrimas. "Por que você se importa?" Os nervos estavam perto do ponto de ruptura. Tinha sido um dia terrível — uma semana terrível — desde que ela descobriu sobre Harlan! Ela tinha perdido três anos da sua vida e queria um pouco de justiça por ele a ter feito de tola! Como poderia este horrível estúpido desperdiçar o dinheiro do seu pai em Yucatán, sem fazer nada a não ser passar tempo com outras mulheres?

"Espero que apodreça e caia!" ela declarou e girou ficando de frente para Jack MacAuley.

"Desculpe-me?"

"Nada está errado!" ela mentiu, soando como se ela estivesse tentando não chorar. "Nada!" Ela repetiu um pouco histericamente e em seguida, adicionou, só para ter certeza, que ele tinha entendido. "Não gosto de você, Sr. MacAuley!"

Ele foi na direção dela, mas Sophie ficou firme.

"Não gosto de você também, Miss Vanderwahl" os olhos verdes se tornaram cinzas por causa da raiva. Agora sem rir, sua mandíbula estava fechada, e suas palavras eram pesadas e com significado. "Você é uma moleca mimada, habituada a ter tudo o que quer em suas mãos, mas pelo menos parece que não preciso listar seus defeitos, sempre que eu a vejo!"

Sua acusação a deixou surpresa.

Ela realmente era assim?

"Olha," ele continuou, tendo vencido o silêncio dela, "Eu sei que eu não me encaixo no seu mundo!"

Sophia piscou os olhos ao ouvir o som ferido de sua voz.

"Seu tipo nunca deixa um homem esquecer-se de onde ele veio," ele disse para ela. "Ele pode trabalhar que nem um louco para ganhar seu diploma e provar que ele vale à pena, mas sem chance! Bem, tenho uma notícia para você, Miss Vanderwahl, porque você não é muito melhor que eu!" Seus olhos verdes estavam escuros de ira. "Quando chega à hora de mijar, todos nós fazemos do mesmo jeito."

Sophie estremeceu do seu rancor, da raiva aparente de suas palavras. Ela não sabia como reagir, particularmente porque ela não achava que era anatomicamente possível para homens e mulheres se aliviarem exatamente da mesma maneira.

"Não há nenhuma necessidade de usar palavras de baixo calão," ela protestou fracamente. "Eu sou perfeitamente capaz de compreender suas frustrações sem elas." O olhar dela caiu em sua mão ferida, e ela a observou, enervada pelo calor nos olhos dele.

Se ele tinha a intenção de fazê-la sentir-se responsável por todos os seus males, ele certamente havia conseguido. Sophie sentiu-se devidamente castigada. Havia verdade no que ele disse. Tudo ofensivo que ela tinha ouvido sobre ele na Universidade tinha sido com relação a sua educação — nem uma única objeção foi levantada sobre o seu intelecto.

Na verdade, Harlan tinha conseguido receber até as coisas mais básicas na Universidade... mas este homem parado na frente dela provavelmente teve que lutar para ganhar todas as honras que ele tinha conseguido. Um novo sentido de respeito brotou dentro dela, mas não importava, porque ele realmente não gostava dela, e ele não sentia a menor hesitação em dizer-lhe.

O silêncio entre eles era ensurdecador.

Sophie perscrutou-o através de cílios úmidos para julgar sua expressão. Sua fúria tinha arrefecido um pouco quando ele olhou para a mão dela, e quando ele encontrou seu olhar, se mostrando preocupado.

"Deixe-me dar uma olhada," ele exigiu rispidamente.

Sophie assentiu com a cabeça e estendeu a mão, a palma virada para cima.

Ele a segurou delicadamente, mas Sophie estremeceu em dor. Ele tentou soprar as cinzas sem sucesso e então olhou para ela com uma expressão de simpatia.

"Está cheia de lascas de madeira," ele disse para ela e então fixou seu olhar nela até que ela foi forçada a desviar seu olhar mais uma vez. De alguma forma, ela não conseguia segurar seu olhar sem deixar suas bochechas quentes. "Você confia em mim para tirar essas lascas?"

Alguém tinha que fazê-lo, e ela não tinha a menor idéia de como proceder. A última vez que ela teve uma única farpa no dedo, a mãe dela tinha colocado um lenço em sua boca para ela não gritar e então tinha apertado até que Sophie pensou que seu coração fosse parar, ao mesmo tempo contando para ela sobre como homens perderam as mãos por causa de infecções após terem pequenas lascas de madeira em suas mãos. Ela tinha sido admoestada para se comportar corretamente — como uma lady — e para nunca escorregar no corrimão como um garotinho pernicioso.

A expressão de Jack implorava a confiança dela, e ela deu uma respiração profunda e assentiu com a cabeça.

Pegando-a pela mão, Jack levou Sophie para sua cabine, chutando a porta atrás deles.

Sophie por um momento hesitou quando ouviu o clique da fechadura da porta. O coração dela bateu um pouco mais rápido ao ouvir o som. Mas ele a arrastou para a pia e começou a lavar sua mão com água limpa. Quando acabou, ele se virou e pegou a outra mão. Sophie se adiantou, e ele a posicionou na frente dele, diante da pia. Ele ficou atrás dela e colocou seus braços ao redor dela, abraçando-a.

Sophie engoliu nervosa com a sensação que sentiu por ele estar em pé atrás dela, seu corpo rígido e muito masculino. Ele pegou suas mãos e começou a lavá-las cuidadosamente, um gesto tão íntimo que Sophie de repente achou difícil respirar. Ele estendeu a mão, a liberando apenas o tempo suficiente para pegar uma barra de sabão, e então ele voltou a lavar as mãos dela. O sabão escorregou por entre os dedos com a facilidade de uma seda, e suas mãos grandes moviam-se com uma incrível sutileza. Um tremor atravessou seu corpo com a sensação. Ele lavou ambas as mãos... mas tomou cuidado com a palma da mão lesada, certificando-se de limpar a área completamente, mas sempre gentilmente, pacientemente, sem falar nem uma palavra com ela enquanto ele trabalhava.

Sophie estava hipnotizada pela visão de suas mãos entrelaçadas.

Seus braços estavam ao redor dela. Eles estavam sozinhos e a porta estava

fechada. Essa constatação a fez estremecer.

O momento parecia continuar interminavelmente e o ar ficou de repente espesso de antecipação.

Mas nada aconteceu... ele guardou o sabão e pegou uma toalha, em seguida, levou-a em direção da sua mesa. Ainda sem uma palavra, ele a ajudou como se ela não fosse mais do que uma criança e a colocou em cima de sua mesa.

Mas Sophie não era uma criança.

Ela era uma mulher.

E ela estava ciente de suas mãos sobre suas costelas, sob os seios dela quando ele a levantou. Um abraço fugaz, mas deixou-a sem fôlego e excitada de uma maneira que ela nunca tinha sentido antes. Ela o viu acender uma lamparina e aumentar a chama, então ele arrastou uma cadeira para perto dela e sentou-se. O coração de Sophie batia descontroladamente. A respiração acelerou.

A lamparina dava um tom dourado em seu rosto, fazendo seu cabelo parecer de uma cor bronze profundo. Ele era um homem estonteante, e ela não podia deixar de olhar para ele. Ela sabia que era demasiado ousado da parte dela, mas neste instante ele não estava olhando para ela, então ela se permitiu esta liberdade...

"Isso vai doer um pouco," ele avisou, perscrutando com simpatia os olhos dela.

Seus olhos verdes pareciam resplandecer com a chama, hipnotizando-a. Ela tentou encontrar sua voz para falar, mas não conseguiu. Novamente ela assentiu com a cabeça, consciente do homem sentado diante dela... suas mãos embaladas nas dele.

Ele tentou ser gentil, mas lágrimas saltaram dos olhos de Sophie quando ele começou a retirar as farpas. Ela fechou os olhos, respirou fundo e tentou não gritar.

Ele sabia que ela estava tentando ser corajosa.

Jack tentou não sorrir da expressão dela.

Mas ela ficou tão parecida com uma menina, com seus olhos fechados e seus lábios firmemente pressionados, como se estivesse se preparando para receber uma punição.

Apesar da verdade das suas acusações anteriores — ela era uma menina mimada — ele admirava sua coragem. Lágrimas brotaram nos olhos dela, mas ela não as derramou.

Cristo, quando ele olhava para aqueles olhos enormes e amplos, ele queria pegá-la em seus braços e dizer-lhe que tudo ia ficar bem.

Suas emoções guerreavam agora enquanto ele assistia ao jogo de emoções no rosto dela.

Por um lado ele queria desprezá-la pelo que ela estava fazendo — espionar para Penn. Por outro lado, ele queria cuidar dela, mantê-la longe do perigo, acalmá-la. E o cerne de tudo era uma intensa atração entre eles que o colocava de quatro toda vez que ele estava na presença dela.

Ele não confiava nela, muito menos nele.

Ele não conseguia pensar direito quando ele estava perto dela. Seu corpo assumia o comando e seu cérebro não conseguia pensar direito.

Maldito Penn.

"Ai!"

Ele não queria machucá-la. "Sinto muito. Eu sei que dói, Sophia."

Ela assentiu com a cabeça, seus olhos com lágrimas. "Eu sei," ela absolveu-o, "eu sei que você não quer me machucar."

Ele voltou a trabalhar na palma da mão dela, tirando as farpas tão suavemente quanto ele era capaz, enervado com ele próprio por causa da expressão de aflição no rosto dela.

"Você realmente se machucou," ele disse.

Ela riu suavemente, nervosamente talvez.

Ele gostaria de dizer para ela bem feito, mas ele não conseguiu desejar nenhum mal para ela. A perna dela estava encostada em seu joelho e seu corpo estava agitado.

Droga.

O que estava errado com ele?

Ele estava ficando excitado... só tirando lascas de sua mão. O doce e suave perfume feminino dela mexia com ele. A suavidade de suas mãos o preocupava, insultando-o com imagens de suas carícias suaves. Se não conseguisse parar de

imaginar sua pele pálida embaixo de seu corpete... a ascensão e queda dos seios... lembrar o sabor da sua boca.

Seu beijo tinha sido demasiado breve, e ele encontrou-se desejando o sabor dela na língua dele. Ela tinha lhe dado apenas um aperitivo, dando idéia de como seria o gosto total dela.

Ele a queria.

Ele não podia negar.

Ele engoliu nervosamente e pegou a faca na sua bota, tentando ignorar o calor que fervia nas calças dele.

Quando ela viu a lâmina da faca, ela gritou e empurrou sua mão de volta. "Você não vai usar isso em mim!"

"Na verdade, eu vou," ele disse e lhe deu um sorriso.

Suas duas mãos voaram ao ouvir sua declaração, e sua expressão se transformou de repente. "Não, você não vai!"

Seu temperamento era uma coisa boa, ele decidiu. Ele se sentia muito mais à vontade perto dela quando ela era explosiva. Timidez não combinava com ela.

Ele segurou seu punhal. Tinha sido um presente de seu pai para ele e do avô dele para o seu pai. Com seu punho forte e a lâmina curvada, ele estava bem ciente que parecia uma ferramenta perigosa demais para ser usada em sua carne tenra, mas era tudo o que ele tinha. E ele era muito hábil com ela.

"Cabe a você, Sophia. Viver com as lascas, ou deixar-me tirá-las." Ele a deixou resolver, não fazendo nenhum movimento para retornar à tarefa até que ela consentisse.

Depois de um momento, ela abaixou as mãos, mas as manteve fora de seu alcance.

"Só vou usar a ponta," ele prometeu, sentindo que ela queria confiar nele.

Seus olhos enormes olhavam para ele, tentando decifrar sua cor estranha — no momento eles estavam quase esverdeado-ouro, mas um verde muito escuro, quase preto... e manchas de vermelho dançavam como uma chama de lampião.

"Você não vai muito fundo?"

Jack piscou com a sua pergunta.

A alusão estava completamente perdida para ela, mas não para ele. Seu corpo

se endureceu com a imagem — seu corpo equilibrado ao longo do dela, persuadindo-lhe se abrir para ele. Porra, ele queria ir muito fundo. Ele olhou para sua faca e, em seguida, de volta para os seus olhos arregalados.

Ela não podia saber o que ele estava pensando.

A necessidade se agarrou a ele, e ele resistiu porque ela estava olhando para ele muito atentamente. Seu corpo contra as calças dele, e ele se mexeu desconfortavelmente.

"Eu vou... hum... só colocar a ponta no," ele jurou para ela, e até para si próprio.

Se ela olhasse para baixo... será que ela ia entender o que estava vendo?

Ela era tão inocente como ela aparentava?

Ele queria saber. Ele a deixou olhar, querendo ver sua reação à necessidade em seus olhos e ver sua completa ereção.

"Se doer," ele acrescentou, limpando a garganta dele, "Eu vou... puxar para fora de uma vez." Ele estudou a expressão dela. Ela queria confiar nele, ele podia ver isso.

Era uma pena que ele não pudesse retornar essa confiança.

"Você promete?"

"Prometo," ele jurou e piscou para ela. "Eu vou ser gentil."

Suas sobrancelhas relaxaram. E então ela deu uma respiração profunda. "Bem... tudo bem," ela cedeu e ofereceu a palma da mão, mais uma vez. "Mas não abuse!"

Seu corpo endureceu completamente e inequivocamente.

"Você... hum... tem a minha palavra."

Droga, ele tinha que parar de pensar sobre isso ou ele seria responsável por cortar a mão dela. Ele engoliu seco, tentando limpar as teias de aranha do seu cérebro de repente mofado.

"Me perdoe," ela disse, preocupação colorindo a voz dela. "Eu sei que estou sendo uma tola, mas isso parece tão... grande!"

Jack se engasgou com a escolha da palavra.

Ela não saberia o que estava fazendo com ele com não mais do que uma simples conversa. Suas mãos tremiam.

Ou talvez ela soubesse?

Seus olhos foram atraídos para o corpete dela, à procura de algumas provas de que ela compartilhava seus pensamentos indecentes, mas a espessura do vestido escondia completamente seus mamilos.

Se ele estendesse a mão para tocar seus seios adoráveis, os mamilos dela apareceriam através das camadas de seu vestido?

Os dedos de um homem instintivamente sabiam o que havia lá embaixo.

O polegar dele acariciando seu mamilo com o toque de um amante, e pegá-lo para se deleitar com ele em sua boca.

Ele enfiou o cabo da faca na boca enquanto ajustava a mão dela. Era um pobre substituto.

Ele limpou a garganta e tentou mudar a direção de seus pensamentos, lembrando-se que ele tinha apanhado ela... preparando-se para queimar a prova de sua espionagem. As lascas serviram como pagamento.

Ele olhou para ela e a encontrou olhando para ele, e pensando profundamente.

O que ela estava pensando? Será que ela estava se perguntando onde estavam os telegramas?

"Sophia?"

"Sim?"

Ele voltou a trabalhar nas lascas. "O que você fazia na cozinha?" ele perguntou.

Ele deve ter ido um pouco mais fundo. "Ai!" ela exclamou, mas não puxou sua mão.

"Desculpa," ele murmurou olhando para ela e quase quis dizer isso.

"Bem..." Ela franziu a testa. "Eu... hum... bem, você vê... eu estava..."

Ela estava procurando uma desculpa.

Ele tentou parecer casual, embora não tenha conseguido. "Procurando por algo?"

"Suponho que você poderia dizer isso," ela respondeu, soando um pouco inquieta. Ele olhou para ela para avaliar sua expressão e encontrou seus olhos olhando diretamente para ele.

Ele a observava atentamente.

"O que exatamente você estava procurando?"

Suas bochechas ficaram rosa novamente. "Na verdade", ela disse para ele, desviando seu olhar, "Estava tentando descobrir como usar o forno." Ela olhou para ele com uma sobrancelha levantada, como se ela esperasse uma reação dele.

"Você estava tentando descobrir como usar o forno?"

Ela assentiu com a cabeça uma vez. "Sim."

"Por quê?"

"Bem... quando eu estava no convés... Não pude deixar de ouvir o que diziam sobre o cozinheiro — Shorty certo?"

Jack levantou uma sobrancelha. "O que sobre ele?" Pequena inteligente e mentirosa.

Ela sorriu timidamente, e Jack apertou sua mandíbula. "Bem, quando soube que ele tinha sido deixado para trás... eu pensei que eu pudesse surpreender a todos e fazer o café da manhã."

Ele nem tentou manter o sarcasmo fora do seu tom. "Oh, realmente?"

"Sim." Seu sorriso se iluminou, e ela parecia alheia ao seu ceticismo. "Você vê... é verdade quando eu disse que queria fazer algo de útil." Ela bateu seus cílios, parecendo bastante satisfeita com ela mesma.

Ela estava esperando ele dar um tapinha em suas costas, ele percebeu, mas Jack não ia fazê-lo.

Ele não acreditava nela.

"Que bom" ele respondeu e deixou cair à mão dela. "Eu acho que tirei todas as lascas," ele disse e ela olhou em descrença.

Ou ela era muito boa atriz, ou ela estava dizendo a verdade.

Ele só não podia dizer qual era a verdade.

As provas, no entanto, pareciam inegáveis.

Por um instante, ele considerou retirar da gaveta os telegramas e finalmente confrontá-la com eles, mas ele não estava pronto para desistir do seu trunfo. Haveria tempo suficiente para descobrir a melhor forma de lidar com isso. Ela não ia a lugar nenhum.

Entretanto, ele decidiu, Miss Sophia Vanderwahl era um jogo justo — Harlan

que se danasse. No que tocava a Jack, com o beijo que ela tinha lhe dado, ela tinha se declarado disponível para ele. Se ela estivesse mentindo, bem então... ele com certeza não queria se sentir culpado e acabaria levando o que ela oferecia voluntariamente.

E se ela estava dizendo a verdade... ele ainda sentia lealdade por Penn. Ele não tinha respeito pelo homem, então por que ele deveria honrar o noivado do homem?

De qualquer forma, ele sabia apenas uma coisa com certeza... Sophia Vanderwahl tinha a boca mais bonita e condenável que ele tinha já provado.

Jack acordou com o cheiro de pão assado. O perfume tentador ia diretamente para a sua cabine, tirando-o da cama. Como um zumbi, ele foi em direção ao refeitório, e encontrou Sophie na cozinha e toda a sua tripulação salivando por ela — e não necessariamente por causa da perspectiva de comida.

Ele sorriu ao vê-la, adoravelmente despenteada, as saias bagunçadas e o cabelo fugindo dos grampos enquanto ela trabalhava diligentemente apesar da distração de trinta e cinco homens perseguindo seus calcanhares. Ele teria entrado para defendê-la, mas ela lidava com eles facilmente, colocando-os para trabalhar — Randall distribuindo os talheres e Kell entregando os pratos, Pete estava encarregado de formar uma linha para aqueles que já tinham recebido seus pratos. Por seus esforços ela deu um sorriso que encantou a todos.

Mas apesar do sorriso de Sophia Vanderwahl, todos eles deviam ter ficado na cama.

O pão acabou ficando negro como carvão e a carne tão cinza quanto papel carbonizado.

Descascando as camadas carbonizadas de seu café da manhã, Jack olhou ao redor da sala. Era como olhar para um espelho com trinta rostos — todos com a mesma expressão. Ninguém queria ferir os sentimentos de Sophie, mas a expressão era a mesma em cada olhar.

Como alguém podia estragar algo tão simples?

Sophie estava de pé perto deles, olhando incerta como uma noiva recém-

casada nervosa com a lua de mel. Quando ninguém falou, ela finalmente pegou seu próprio prato e sentou-se num assento vazio do refeitório... bem em frente de Jack, ao lado de Kell.

"Eu acho que está um pouco queimado," ela disse para Kell enquanto se sentava.

Kell sorriu desconfortavelmente e assentiu com a cabeça, empurrando um pedaço de pão na sua boca. "Está bem," disse ela, suas palavras abafadas pelos descrentes.

Enquanto olhava Jack colocar a comida na boca, ela pensou que talvez estivesse doendo a sua boca quando ele mastigava, porque ele estremecia a cada mordida.

Sofia olhou para ele, para aqueles olhos que a deixavam atordoada toda vez que eles olhavam para ela.

"O fogo estava um pouco alto", ela explicou e deu de ombros nervosamente. "Não percebi... até que eles já estavam bastante... cozidos."

Jack tossiu.

Queimado, ela queria dizer.

Ele levantou um pedaço do presunto incinerado e colocou-o em sua boca. Tinha gosto de cinzas, e ele resistiu à vontade de cuspir tudo de volta para o prato. Ela estava de olho nele muito atentamente, e o olhar nos olhos dela disse-lhe que ela realmente tinha tentado, e que parecia ser importante ele gostar.

Inseguro, porque era importante para ele não ferir os sentimentos dela, ele engoliu, estremecendo quando um pedaço de presunto tentou fazer o seu caminho pela garganta ressecada. Ele tentou um sorriso para ela e fechou a boca quando ele olhou para os dentes de Kell cinza-enegrecido.

"Está muito... bom," Kell falou educadamente, balançando a cabeça com muito pouco entusiasmo.

Jack sufocou uma risada.

Kell era um mentiroso, ele decidiu, mas era um homem melhor que Jack, porque Jack não conseguia reunir palavras para dar-lhe as garantias que ela parecia precisar.

As sobrancelhas de Sophie levantaram quando ela viu os dentes do Kell... e o

preto dentro de seus lábios... e graças a Deus ela quebrou o gelo com um guincho horrorizado.

"Oh Deus" ela exclamou, deixando cair o seu próprio pão e colocando uma mão sobre sua boca. "Diga-me que você não está perdendo dentes por minha causa!"

Porque era isso que parecia, e era assim que soava.

Por um instante Kell parecia estar em pânico, seus olhos esbugalhados enquanto enfiava um dedo em sua boca para sentir se tinha algum dente faltando ou quebrado. Não tinha, e seu alívio de encontrá-los intactos ficou evidente no seu suspiro de alívio.

"Maldição!" ele disse, lançando um olhar inquieto sobre Jack. "Fiquei assustado por um segundo."

Sophie virou-se para Jack, franziu os lábios e tentou não rir.

Jack sorriu para ela, sabendo que seu sorriso estaria tão lisonjeiro quanto o de Kell e foi recompensado com seu sorriso cintilante. O som dele enviou um arrepio de desejo através de seu corpo.

Cristo, ela não era simplesmente adorável quando ria, ela era deslumbrante. Seu sorriso brilhava até nos olhos dela. Ele não estava preparado para a maneira que isso o afetava e ele encontrou-se completamente desarmado.

Até mesmo Kell parecia prender a respiração até que o feitiço do riso dela diminuísse e então se virou para encontrar o olhar de Jack e Jack gemeu interiormente, reconhecendo a paixão instantânea nos olhos do seu amigo.

Caramba, ela ia ser um problema... em mais de uma maneira.

E Jack estava com problemas também, caso ela pudesse conquistar sua tripulação heterogênea com esse péssimo e infernal café da manhã!

A julgar pelas expressões em todos os rostos, ela de alguma forma tinha feito exatamente isso.

Deus abençoe essa moça irritante.



SOPHIE NÃO ESTAVA TENTANDO ENGANAR a si mesma. Ela sabia que sua primeira

tentativa de cozinhar tinha sido um completo desastre, mas obviamente não tinha sido desvalorizada. A tripulação também se sentiu pesarosa por ela, por isso eles tomaram uma posição de gratidão... e uma mãozinha de amizade.

Em ambos os casos, eles pareciam a ter adotado como uma das suas próprias — Kell em particular.

Sophie gostava dele.

O gigante alto de cabelo escuro. Seus cabelos compridos amarrados na nuca, como alguns dos piratas dos velhos tempos e vestido como tal, era uma reminiscência de outros tempos. Sua alegria nunca desaparecia de seus olhos azuis brilhantes, e sua paciência era notável. Por isso Sophie estava em dívida com ele.

Sem ter sido perguntado, ele tinha arrumado tempo para mostrar-lhe como o fogão trabalhava para que ela pudesse fazer melhor no seu próximo esforço para cozinhar. E então ele a convidou para uma excursão pelo navio. Ela só teve que perguntar sobre os canhões, e ele decidiu mostrar a ela como eles funcionavam.

"Tem certeza que não tem problema?" ela perguntou, com medo de ser tornar uma pessoa inconveniente. Ele passou praticamente toda a tarde a divertindo, e ela estava começando a se sentir culpada por monopolizar a atenção dele. Ela sabia que ele tinha trabalho a fazer.

"Sem problema," ele garantiu e piscou, então a colocou de lado para assistir a uma distância segura, enquanto ele carregava o canhão.

Sophie apertou suas mãos juntas enquanto o assistia trabalhar. A perspectiva de ver realmente a arma disparar dava a ela um estranho senso de antecipação — como uma criança que espera uma exibição de fogos de artifício.

"Você disse que era uma embarcação utilizada para exploração?"

"Sim," ele disse. "Principalmente por topógrafos."

As sobrancelhas de Sophie se uniram. "Por que um topógrafo precisaria de canhões, eu me pergunto."

Ele parou o que estava fazendo para responder a sua pergunta. "É um navio antigo, Miss Vanderwahl. Os canhões eram o único meio de proteção em mares altamente ingovernáveis."

"Por favor, chame-me de Sophie!"

Ele assentiu. "Tudo bem, Sophie," ele respondeu calorosamente.

A tripulação no convés começou a se reunir em torno deles, com a curiosidade arrebatando a atenção deles.

"Eles são tão pequenos!" ela declarou, falando dos canhões. "Por que tão pequenos?"

"Ela era para ser um navio de guerra," Kell falou. "Não há razão para artilharia pesada."

Suas sobranceiras se uniram ainda mais enquanto ela assistia Kell fazer os preparativos. "Um processo tedioso!"

"Às vezes era," ele concordou. E então ele finalmente terminou e acendeu o pavio. "Pronta?"

Sophie assentiu animadamente.

Ele se afastou do canhão e levou-a pelos ombros, para colocá-la longe do perigo.

O barulho da explosão do canhão quase os deixou surdos.

"Oh, Deus!" Sophie, exclamou.

A bala de canhão pousou no oceano com um respingo coxo, não mais de 50 metros de onde eles estavam.

Sophie riu. "Que pena!"

Kell assentiu com a cabeça. "Sim e, neste ponto, os navios estão colidindo," ele disse para ela, fingindo colocar um boné, com o final da estória. "A tripulação está correndo para pegar suas armas de verdade..."

Sophie sorriu com um gesto infantil. Ele apontou o dedo para ela como se fosse uma pistola.

"Nenhuma espada?" ela perguntou.

"Não, nenhuma espada," ele disse. "Armas..." Ele parou e piscou para ela. "Ou talvez algumas setas envenenadas... vamos para um país selvagem," ele lembrou para ela. "Quer tentar o canhão?" ele perguntou abruptamente.

Sophie piscou com surpresa. "Eu?"

"Sim, você. Venha cá, eu vou te ensinar como fazer."

Sofia seguiu-o. Afinal, era apenas um canhão bebê, mas muito maior do que um rifle. Que mal poderia possivelmente vir dele?

Kell acompanhou-a durante todo o processo, e ela se sentiu quase como um pirata em pé ao lado dele, colocando nele o pó de suas reminiscências juvenis. "Tudo bem, aí vêm eles!" ele encorajou. E, "Depressa... eles estão quase em cima de nós!"

Não importa que este não fosse um navio pirata, ela se sentia perigosamente excitante em brincar nele.

A tripulação se juntou a Kell em suas brincadeiras, e Sophie nunca tinha se sentido como uma camarada de armas. Ela deu uma risadinha enquanto ela apressava a preparação, tentando armar o navio antes que ele pudesse ser ultrapassado por seus inimigos imaginários.

Alguém acendeu um fósforo e veio correndo para acender o rastilho para ela, e Sophie recuou, colocando as mãos sobre as orelhas dela enquanto esperava o canhão explodir.

"O que diabos está acontecendo aqui?"

A voz trovejou sobre o convés e Sophie ouviu apesar dela ter abafado os ouvidos.

Ela girou para enfrentá-lo, seu coração pulando com a perspectiva de vê-lo novamente. Ele tinha ficado trancado trabalhando em sua cabine durante toda a tarde tendo dado ordens para não ser perturbado. Quando ela se virou, os pés dela se enroscaram em um rolo de corda e ela acabou caindo. Ela simplesmente caiu no convés, sentada sobre o seu traseiro, mas o impacto de seu peso moveu um pouco o canhão para cima, de tão pequeno que ele era.

Sophie, só teve tempo para perceber o que tinha acontecido quando o canhão explodiu.

"Inferno!" alguém exclamou.

Devia ter sido Kell.

Sophie estava ali, impotente quando a bola voou para cima. Cada olhar seguiu-a.

Um completo silêncio caiu enquanto a bola voava em direção as velas... e então pareceu fazer uma pausa em pleno ar por um momento interminável. Caos tomou conta do navio enquanto ela descia, mergulhando em direção a haste. Rasgou as velas, e Sophie ofegou alarmada.

Ela encontrou o olhar assassino de Jack MacAuley por um breve instante, antes que ele corresse com sua tripulação para o buraco que ela tinha acabado de fazer em seu navio.

Sophie estava com medo de se mover.

Ela viu a tripulação se reunir em torno dos estragos que ela tinha feito, e ela sentiu uma urgência esmagadora de pular no mar.

Ela ia conseguir afundar o barco?

O silêncio de Jack era aterrorizante.

Na verdade, todo mundo parecia ter ficado mudo de repente. Todos estavam reunidos como carpideiras sobre um caixão, todos curiosos e tristes. Jack tinha desaparecido no meio de sua tripulação e Sophie podia dizer pelo silêncio estóico dos presentes que ela deveria ter feito algo realmente, realmente terrível.

O coração dela batia freneticamente, e embora não fosse de sua índole fugir dos problemas, ela poderia ter fugido... se ela tivesse um lugar para ir, mas não havia nenhum lugar, e nada mais a fazer a não ser enfrentar Jack.

Após decidir que ela não podia evitá-lo, ela foi ver os danos que tinha causado.

Instintivamente ela se escondeu atrás de Kell, ficando entre ele e Randall.

"Alguém vá lá embaixo," Jack gritou para eles. Ele fez um gesto com a mão, e vários homens obedeceram ao mesmo tempo. Ele ficou de joelhos olhando para o buraco do tamanho de uma bola de canhão. Foi um momento longo e desconfortável, antes dele falar.

"Eu fui amaldiçoado," ele jurou, e Sophie susteve a respiração, esperando ouvir o relatório dos danos.

"Você consegue ver?" ela ouviu Jack perguntar depois de um momento. Aparentemente os homens tinham alcançado o local do dano.

Sophie não conseguia ouvir suas respostas abafadas, mas ouviu o barulho de vozes abaixo do convés. Kell de repente pareceu notar sua posição ao lado dele e colocou a mão no ombro dela, como se para confortá-la, mas ele não disse uma palavra. Ela viu que a situação era grave. Se a bala do canhão tivesse conseguido atravessar o fundo do navio, haveria alguma coisa que eles pudessem fazer para evitar que o navio afundasse?

Seu coração batia descontroladamente.

"Tem certeza?" Jack gritou através do buraco.

Mais conversas abaixo.

"O que fez parar?" ele perguntou.

Mil suspiros explodiram ao redor dela, e Sophie pensou que poderia ser uma coisa boa.

Ela mordiscou o lábio ansiosamente.

"Você tem que ver isso!" ela ouviu alguém gritar para ele.

"Estou indo!" Jack disse-lhes. Como se ele tivesse percebido a presença dela, seu olhar pareceu encontrá-la, o que fez seu pulso acelerar.

Ele veio em direção a ela, rudemente, e Sophie congelou. "Você!" ele disse. "Venha comigo!" E ele a segurou pelo braço.

"Ei, Jack, não foi culpa dela," Kell disse tentando defendê-la.

Ninguém mais se atreveu a falar.

Silêncio os seguiu.

O coração de Sophie tinha parado com medo, quando ele a arrastou atrás dele. Ele veio até a escada e a soltou, praticamente pulando para baixo, não se incomodando com os degraus, e então ele fez um gesto para ela vir atrás dele. Sophie não ousou resistir.

Ele puxou-a através do refeitório e, em seguida, desceu outra escada até a sala de jantar do capitão.

Sophie ainda não tinha visto qualquer sinal de dano do canhão.

E então ela viu.

Vários membros da tripulação estavam reunidos em torno de sua cabine,

olhando para dentro. Eles se separaram, e Jack deu-lhe tempo suficiente para entrar e ver em primeira mão os danos.

"Sorte que ela seja uma mulher, hein?" ela ouviu um homem sussurrar.

"Lá se foi seu guarda-roupa de verão," outro riu.

Sofia gemeu interiormente e adiantou-se para ver por si mesmo.

Na verdade seu guarda-roupa tinha ido embora.

A bala de canhão tinha vindo através do teto de sua cabine e tinha caído bem em cima das suas malas... que obviamente estavam empilhadas em cima de sua cama. Ela as tinha arrastado para fora da cama para encontrar um vestido apropriado e em seguida tinha guardado sobre outra menor em cima, porque não tinha espaço para mais nada. Ela tinha deixado lá, com a intenção de colocá-las à parte mais tarde, quando ela fosse para a cama.

O baú menor tinha sido posto de lado. Ele tinha sido esmagado, na verdade. Sophie estremeceu ao vê-lo... seus espelhos e produtos de higiene pessoal. O cheiro do perfume enchia a cabine. O segundo, também, tinha sido destruído junto com seu conteúdo, mas o terceiro permanecia no lugar, a bola de canhão aconchegada profundamente dentro das dobras dos seus vestidos caros.

Sophie encolheu-se ao som imaginário da voz de mãe no ouvido dela, gritando com indignação.

Enquanto ela assistia, eles arrastavam as mala para o lado e, em seguida suas roupas de cama e encontraram a bala de canhão que tinha parado antes de destruir a estrutura de madeira que uma vez foi a cama dela. Estava rachada e amassada por causa do impacto, mas estava intacta.

Ela piscou ao ver a cena.

De fato tinha sido uma sorte para todos dela ter levado muitas malas cheias de roupas. Depois que a bala tinha rasgado as velas e passado pelo convés e pelas três malas, os vestidos dela tinham fornecido uma interrupção adequada para a bala do canhão.

Seu olhar foi atraído para a foto de Harlan que ela tinha colocado de manhã na cama com a face para cima. Um centímetro para a direita e seu rosto teria ficado colado à bala de canhão... mas a foto tinha sido poupada... infelizmente.

"Isso não é sorte," Sophie conseguiu dizer, seu estômago embrulhado.

Agora, o que ela ia usar?

Jack olhou para ela, seus olhos verdes ardentes, com ira. "Pela primeira vez eu posso dizer, honestamente, que estou grato por uma mulher nunca viajar com pouca bagagem!"

Sophie não sabia se devia estar aliviada ou ofendida por sua observação. Uma vez que ela não podia se defender, ela poderia ao menos defender todas as mulheres naquele instante, exceto que ela estava com medo de sequer abrir a boca.

"Se existe um Deus lá fora," ele disse para ela, "nós vimos à prova Dele hoje!"

Ela pensou que o que ele queria dizer era porque todos eles tinham sido poupados. O navio estava intacto e eles não iam despencar para o fundo do mar para serem comidos pelos peixinhos.

"Esta bala poderia ter aterrissado em qualquer lugar deste navio," ele continuou irritado. "Este é o único lugar onde a justiça foi feita!"

Sophie indignada abriu a boca para se defender, mas não saiu nada de sua boca.

Era verdade — mesmo que ele não precisasse soar tão alegre sobre sua perda!

Ela olhou para o buraco no teto e viu uma dúzia de olhos olhando para eles e virou o rosto para Jack novamente, estremecendo com seu olhar furioso.

Ela endireitou os ombros. "Você realmente não precisa gritar," ela disse com a maior dignidade que podia.

Ela tinha tentado tanto compensar a primeira reunião deles. E por isso todos os esforços que ela fez pela manhã. Parecia que ela e Jack estavam destinados a permanecer para sempre em desacordo.



JACK MACAULEY ERA um bruto insensível!

Sophie chegou a essa conclusão quando estava deitada em sua cama, olhando para as estrelas através do buraco no telhado.

Ela se perguntava como um homem podia ser tão difícil, mas ela realmente não queria investigar a resposta para essa pergunta por que ela não queria sentir pena dele. Se ele tivesse tido uma vida difícil por causa de sua educação, bem, não era culpa de Sophie. Nem era culpa dela que sua vida tinha sido facilitada pelas suas próprias circunstâncias de nascimento.

E também não era inteiramente culpa dela o acidente da tarde!

Ele não tinha que vir no meio deles, gritando com raiva. Ele dava medo nela e ela tinha tropeçado, e ela tinha todo o direito de ficar com raiva. Ela poderia ter se machucado, mas ele não tinha parado para pensar nisso!

O olhar nos olhos dele tinha sido terrível — quase tão assustador como os olhares da mãe dela quando ela era apenas uma criança.

O pai dela sempre falava baixo e manso, curvando-se para todos os desejos da mãe dela e ninguém na sua casa ousava ir contra os decretos de Olivia Vanderwahl. Somente a avó de Sophie tinha ousado ralhar com a mãe dela, e somente com conotações sutis que Sophie não entendeu por muitos anos.

Na verdade, ela não tinha percebido que o pai dela tinha coragem até que ela o tinha visto no seu trabalho, em seu próprio ambiente, e então não ficou nenhuma dúvida em sua mente quem verdadeiramente era responsável por agregar a família. Apesar do abismo emocional entre seus pais, seu pai fazia piada da mãe com a maioria das coisas. Sophie supôs que um homem não tinha que exercer sempre seu domínio... não se ele não tivesse nada a provar, e o pai dela não tinha nada a provar.

Jack MacAuley era uma espécie de um animal diferente, ela decidiu.

Ele na verdade não exercia seu domínio sobre ninguém... mas aqueles que ficavam em sua presença pareciam se curvar a ele de qualquer maneira — até mesmo Kell, de alguma maneira. Era óbvio que os dois eram amigos, mas Kell não o tinha enfrentado para defendê-la, além da sua simples declaração de que não era culpa dela.

Além disso, todos a jogaram na boca do lobo!

Uma mortalha tinha sido atirada sobre o humor de todos para o resto do dia, enquanto o dano era avaliado e reparado. A tarefa da tripulação tinha sido feita em uma espécie de silêncio contemplativo — e Sophie duvidou que eles

modificassem suas vidas pelo simples fato de que ela quase os tinha matado hoje. Não, o humor de todos não era um reflexo do humor de Jack — incluindo o seu humor.

Ele não se preocupou em arrumar o teto, e Sophie achou que ele queria vê-la sofrer um pouco.

O que ela tinha feito para merecer sua animosidade

Ela franziu a testa enquanto pensava sobre isso.

Porque ela tinha gritado com ele na doca por ele estar quase desnudo... por tê-lo acusado de roubo... por ter quebrado o seu fogão... por ter queimado seu café da manhã... por ter quase afundado seu navio?

Ela suspirou.

Seus deméritos realmente estavam se encaixando.

Ela ouvia vozes acima e tentava ignorá-las, totalmente grata por eles terem escolhido fazer o mesmo. Por consideração, eles pareciam estar evitando o buraco feito no deck.

O que era mais do que ela podia dizer sobre Jack.

A atenção dela se dirigiu para a conversa no deck acima, ela se esticou para ouvi-lo. Sua voz era inconfundível. Ele estava falando com Kell, ela supôs — principalmente porque Kell parecia o único disposto a conversar com Sua Santidade, pois ele claramente acreditava que ele nunca tinha feito nada de errado em toda a sua vida! Não, Jack MacAuley era intocável, sem nenhuma culpa, um homem perfeito! Ela cerrou os dentes enquanto os escutava.

"Talvez nós devêssemos colocar uma lona por cima," Kell sugeriu, e Sophie sabia que eles estavam discutindo a obra-prima do buraco no teto.

"Inferno não!" ele respondeu. "Deixe-a dormir sob o buraco hoje à noite."

Um momento de silêncio.

Ela ouviu passos, e Sophie se perguntou se ele tinha pretendido que ela ouvisse esta conversa. Para ela ele não parecia o tipo de homem de deixar nada ao acaso.

"Jack," Kell protestou. "Parece que vai chover esta noite."

"Bom," Jack retrucou, sem a menor pausa.

Sophie se arrepiou.

Ela tinha pagado um bom dinheiro — dez mil dólares para ser mais precisa — para o privilégio de embarcar neste navio maldito! Por que ela deveria ser forçada a dormir sob as estrelas? Não era como se ela já não tivesse sofrido. Ela não tinha nenhuma roupa para vestir!

"Se ela quer uma lona por cima, ela pode muito bem colocar ela mesma," Jack continuou com seu tom determinado. "Ela tem duas pernas e duas mãos, Kell, e isto não é um cruzeiro de férias para seu bel prazer. Eu lhe disse que nós não estaríamos aqui para servi-la!"

"Eu realmente não me importo," rebateu Kell.

"Eu me importo." O tom de Jack gelado sem permitir nenhum argumento.

Silêncio de novo.

Então Jack, exclamou: "Meu Deus, cara, você se esqueceu com o que estamos lidando aqui?"

A resposta do Kell foi dita bem baixinha, quase com relutância. "Não me esqueci."

"Bom, porque eles estão em conluio e a última coisa que pretendo fazer é tornar o trabalho dela mais fácil!"

A sobranceira de Sophie se levantou.

A conversa já não fazia sentido.

O que eles estavam falando? Quem estava em conluio? Que trabalho? Ele estava falando sobre ela?

A mente dela começou a divagar, à procura de possibilidades, mas nada parecia fazer sentido.

Naquele momento, ela ouviu um trovão, um barulho distante, mas um som repleto de ameaça.

"Jack," Kell disse, e soou muito parecido com um apelo em favor dela. Sophie queria abraçá-lo por sua preocupação.

Jack, por outro lado, estava impassível. "Se ela quiser sair da chuva, ela vai descobrir como fazê-lo por si mesma."

Ela ouviu seus passos indo embora, deixando Sophie indefesa, rangendo os dentes em frustração sobre seu comportamento não caridoso.

Só que ela não estava indefesa! Ele incitou a mulher errada! Ela certamente

não ia ser insultada por Jack MacAuley bem como não seria por Harlan Penn! Os dois que fossem para o inferno!

Outro estrondo do trovão soou, e Sophie sentou-se em sua cama e olhou para a pequena cabine com nojo. Ela se sentia incômoda em um quarto abarrotado, que ela dificilmente poderia compartilhar com sua bagagem! Não que ela tivesse que se preocupar com esse inconveniente particular por mais tempo!

Então ele queria que ela descobrisse o que fazer, certo? Bem, ela tinha a intenção de fazer isso! E se ele queria fazê-la sofrer, então os dois poderiam certamente jogar este jogo.

Se ele queria uma batalha travada entre eles, ele conseguiria uma batalha! E a sua revanche não seria nada comparada com o que ela tinha em mente. Ela tinha aprendido algo com sua mãe.

Esta seria uma guerra total.

Jack tentou dar sentido a raiva que ele estava sentindo.

Ele sabia que o acidente da tarde não tinha sido totalmente culpa dela. Tinha sido dele próprio — e de Kell, por querer se mostrar. Eles tinham comprado a pólvora para o canhão por pura curiosidade — um brinquedo para eles explorarem juntos. E ele estava irritado porque seu amigo tinha passado o dia inteiro se exibindo para sua mulher.

Mas ela não era sua mulher.

A defesa que Kell fez dela só tinha o provocado ainda mais. O homem nunca tinha defendido alguém contra ele — mesmo quando sua raiva era irracional! Uma vez Jack tinha se indisposto com a faculdade inteira, tomando posição contra os acadêmicos capitalistas, colocando sua carreira em risco por algo que tinha uma importância minúscula no grande esquema dos seus estudos. Sua fúria tinha sido tangível. Kell o tinha apoiado durante todo o período, só o interpelando quando era apropriado... para impedi-lo de fazer besteiras.

O fato é que Kell tinha todo o direito de passar o dia com Sophie. Ela não era a mulher de Jack!

Mesmo assim, ele não gostou.

A porta estava aberta, ele notou, quando ele passou pela cabine de Sophie a caminho da sua, mas ela não estava lá dentro. Onde diabos ela poderia estar? Ela não estava no convés, disso ele tinha certeza. Não era um navio grande o suficiente para que ele pudesse perdê-la. De qualquer forma, ela teria que

escolher o seu caminho através do refeitório onde pelo menos metade de sua tripulação estava dormindo em suas redes, e ele duvidava que ela tivesse coragem de fazer esse caminho. Se seus roncos não fossem suficientes para mantê-la na sua cabine, seus torsos seminus a mandaria correndo de volta para o quarto.

Não demorou muito tempo para ele descobrir onde ela tinha ido. Ele ouviu um barulho em sua própria cabine. O que diabos ela estava fazendo? Bisbilhotando novamente? Desta vez ele ia pegá-la em flagrante!

Ele abriu a porta, esperando encontrá-la com os seus papéis e congelou em choque ao ver o que ela estava fazendo.

Ela estava dividindo a cabine com lençóis, criando uma casa na sua metade do quarto. Ela já tinha amarrado um lençol a uma rede no segundo conjunto de ganchos e estava de pé olhando seu trabalho como uma linda raposa em sua camisola branca. A bainha do vestido estava rasgada e manchada, mas o material transparente flutuava no seu corpo quando ela girou para enfrentá-lo. Banhada na luz da lanterna, ela parecia um pouco com uma feiticeira — etérea em sua beleza e feroz... sedutora... como a brisa em uma noite quente e abafada.

"O que o diabo você acha que está fazendo?"

Jack nunca tinha visto tal determinação ardente nos olhos de uma mulher. Olhos lindos, apesar de sua raiva.

"O que lhe parece que estou fazendo?"

Ele ficou na porta com as mãos na maçaneta. "Além de fazer uma bagunça na minha cabine?"

"Eu não estou fazendo uma bagunça!" ela disse. "Eu só estou tentando ficar mais confortável!"

"Eu estou vendo," rebateu Jack, levantando uma sobrancelha. "O que quero saber é por quê? Quem diabos te deu permissão de vir para cá?"

Ela deixou seu lençol cair e avançou para ele, enfiando o dedo no peito dele. "Eu dei!" ela declarou.

Jack piscou para ela.

Seus olhos brilharam, piscando com ira. "Paguei um bom dinheiro pela passagem a bordo deste navio e eu não vou ficar amontoada em uma cabine

miserável sofrendo com um chuveiro perpétuo!"

Seu dedo repousou entre as costelas de Jack, espetando-o levemente, e sua determinação era evidente na sua postura. Ele quase a admirou pelo o que ela estava fazendo... exceto que iria destruir completamente a vida dele.

"Que tal eu apenas lhe dar seu dinheiro de volta e te mandar de volta para casa em uma balsa," ele ofereceu, sem qualquer intenção real.

Por apenas um instante, ela ficou surpreendida por sua sugestão, parecendo que o levava a sério. Jack quase sorriu para o olhar de choque no seu rosto. Mas ela só ficou mais firme em sua ameaça.

"Me colocar para fora numa jangada, Sr. MacAuley, e eu vou... eu vou..." ela franziu a testa, incapaz de achar uma resposta adequada.

Ele arqueou uma sobrancelha. "Contar para o seu papai?"

"Não!" ela explodiu e espremeu seu dedo um pouco mais. Jack estremeceu. "Eu veria você sofrer a maior indignidade!"

Meu Deus, ela era linda.

"A maior indignidade, hein?"

As bochechas dela estavam coradas e seus olhos brilhavam com indignação. Eles lhe lembravam agora de um bom uísque, a claridade âmbar do líquido contra o cristal. Seu cabelo era um ruivo rico, sedoso, que se tornava uma chama sob a luz macia e quente das lanternas, e ele resistiu ao impulso de tirar alguns cachos do seu rosto... de tocá-la.

Ele queria prová-la agora, silenciá-la com um beijo brutal de um amante apaixonado. Seu corpo se apertou com a constatação de que ela estaria sozinha no seu camarote.

Um jogo justo.

Mas ela devia vir para ele.

Ele entrou pela porta, forçando-a para trás quando avançou na direção dela. Ela se afastou quando ele chutou a porta e a fechou atrás dele. E ainda assim ela se manteve firme, com os braços cruzados, encarando-o tão ferozmente como um cavalo selvagem, recusando-se a ser freada.

Por Deus, ele queria cavalgá-la: este pensamento o estimulava dolorosamente.

Ela iria embrulhar as pernas na cintura dele e se grudar nele tão desesperadamente enquanto o desafiava, instando-o a ir mais profundamente com gritos de desejo?

Ou ela faria amor com ele com tanta paixão como ela lutava, cravando suas mãos em suas nádegas e arranhando-o e atraindo-o com paixão.

"Não posso suportar o pensamento de sofrer grandes indignidades," ele disse com sua voz firme, embora não com fúria, mas com desejo mal contido. "Fique, então."

Ela não parecia sentir a diferença. Ela sorriu em vitória e Jack quase sorriu para ela, mas não o fez.

Deixou-a pensar que ela tinha ganhado.

Ele levou-a pelos ombros para movê-la suavemente para o lado, e seu corpo sofreu um choque instantâneo com o toque. Isso o assustou. Ela sentiu isso também; ele viu nos olhos dela, e ouviu seu suspiro de surpresa.

A respiração de Sophie acelerou.

Por um breve instante, ela ficou estupefata, olhando para aqueles olhos que pareciam ver profundamente a sua alma. O coração dela acelerou-se dolorosamente, e ela engoliu em seco.

O choque de seu toque a tinha deixado atordoada.

Ele sentiu, também; e ela podia ver nos olhos dele.

Ela nunca se sentira tão afetada por um simples toque.

Sem mais uma palavra, ele a colocou para o lado. Como uma tola ela apenas ficou ali, olhando a porta um pouco estupidamente. Seu toque a tinha assustado muito mais do que sua capitulação.

Ela esperava uma batalha com ele e tinha se preparado para isso. Agora que ela teve o que queria — e pior, a porta estava fechada — e estava sozinha com ele parecia estar acontecendo uma batalha furiosa e muito diferente dentro dela.

Ele se sentou em sua mesa e ela voltou a pendurar os lençóis. Determinada para se dar um pouco de privacidade, pelo menos, ela tentou ignorá-lo da melhor forma que podia.

Ela tinha amarrado os cobertores em cordas formando uma cortina. Todas as manhãs, eles poderiam empurrá-los, assim a sala seria acessível a ambos. À

noite, eles simplesmente a fechariam. Sophie ficou com o lado da cabine que tinha o lavatório e nenhuma porta. Ela deu-lhe a porta, caso alguém precisasse dele no meio da noite para alguma emergência, como se o barco decidisse de repente desmoronar e todos eles pudessem morrer e precisassem de Jack para ficar gritando para todos morrerem com dignidade.

"Eu realmente espero que você não ronque," ela disse petulante, sentindo-se queixosa, embora ele não tivesse dito uma palavra desde seu protesto inicial.

Ele não se deu ao trabalho de parar seu trabalho para respondê-la. "Espero que você também não."

Sophie tinha começado esta briga particular; ainda assim ela se sentiu ofendida. "Claro que não! É o que todos dizem"

"Hmmp!" ela fechou a cortina para não ter que vê-lo.

Isso é o que todos dizem? Todas as suas mulheres? Sua resposta a importunou.

Por que ela deveria se importar se ele tivesse mil mulheres? Claro, ela não deveria, ela disse a si mesma. Ela mal o conhecia, e não queria conhecê-lo melhor! O homem era completamente insuportável.

Ela abriu a cortina e o encontrou mexendo em seus papéis. Talvez ele não sentisse a mesma coisa que ela? Como ele poderia continuar a trabalhar quando ela estava se sentindo assim... irritável?

"Eu realmente nunca ronquei um dia na minha vida!" ela insistiu.

Ele começou a ler, ignorando-a, e Sophie falou com arrogância. "Tenho certeza que você não ronca," ele disse muito agradavelmente.

Ele estava tirando sarro dela, ela pensou, mas não tinha certeza.

Ele tirou os olhos de seus papéis de repente e sorriu maliciosamente. "Mas o tempo dirá, não é?"

Eu não ronco, ela disse a ela mesma — não! — e se ela roncasse, ela não se importava, raios que o partam!

Na verdade, ela esperava que sim, porque ela esperava poder mantê-lo acordado durante a noite toda! Ela podia até mesmo roncar um pouquinho só para irritá-lo.

"O que você está fazendo?" ela perguntou curiosa.

Quando ele não respondeu, ela largou os lençóis na sua bancada de trabalho, fingindo estar limpando o retrato de Harlan que ela tinha colocado na sua mesa. Era para ela se lembrar, e ela estava muito orgulhosa de si mesma por ser tão forte.

Na verdade, ela não se lembrava de uma vez na vida dela que ela tivesse se sentido mais viva, mais vigorosa, mais satisfeita... mais contente com ela mesma.

Quase amorosamente, ela espanou a foto com a manga da camisola, em seguida, soprou o retrato e o colocou na mesa.

Ele pareceu notar a cena pela primeira vez então olhou para o retrato, e se virou para olhar para ela.

"O que é isso?"

Sophia não entendeu a pergunta. "Você já viu isso antes," ela lhe disse com naturalidade. "Você sabe o que é!"

"Sim," ele argumentou, "Eu sei o que é, mas o que quero saber é... o que está fazendo na minha mesa?"

"Talvez você devesse ter perguntado isso," Sophia repreendeu-o com um aceno e um sorriso e então, respondeu à sua pergunta, "Tenho que colocá-lo em algum lugar."

Ela pensou que talvez ele se ressentisse em compartilhar sua mesa com ela.

Seus olhos brilhavam com animosidade. "Tente o lixo."

Ela lançou-lhe um olhar curioso.

Ele estava olhando a foto com repulsa, como se fosse alguma atrocidade que ela tinha acabado de colocar sobre sua mesa. A julgar pela sua expressão, ela pensou que ele não gostava de Harlan — e pensou que talvez não fosse só dela que ele tivesse objeção.

Harlan nunca tinha feito nada a Jack que ela soubesse, na verdade nunca o tinha mencionado.

Mas... se Harlan tivesse feito alguma coisa para estimular a animosidade de Jack, não era provável que Harlan tivesse vindo a público para informar.

De qualquer maneira, por que teria Harlan sugerido para Jonathon comprar passagem no navio de Jack se os dois não tinham amor um pelo outro?

Interessante, ela pensou e o estudou mais de perto.

Ele a dispensou novamente e voltou para sua leitura. Ela colocou o retrato e andou corajosamente em torno da mesa para olhar por cima dos ombros dele.

Harlan raramente discutia seus assuntos com ela, muito menos trabalhava em sua presença, apesar de Sophie ter praticamente implorado a ele. A mente dela tinha sede de conhecimento. Ela tinha tantas perguntas, e quase nenhuma resposta. Não era justo que as mulheres não fossem encorajadas a ter uma educação adequada. Ela invejava Jack e Harlan com todo seu coração.

"Miss Vanderwahl," ele protestou, sentindo-lhe às suas costas. O tom dele demonstrava total falta de paciência, e Sophie olhou fixamente para ele. O que aconteceu para ele não chamá-la simplesmente de Sophie?

Miss Vanderwahl, ela o imitou se sentindo estranhamente satisfeita com suas travessuras. Nunca quando criança ela tinha ousado falar fora de hora. Mesmo ela já estando mais velha, era perversamente bom fazê-lo em privado.

Ele quase a apanhou imitando-o.

Ele virou os papéis dele e olhou para ela, e ela estava com uma expressão agradável, sorrindo.

"Posso fazer algo para você?"

Sophie abanou a cabeça, sorrindo docemente, e ele virou-se uma vez mais para ler. Ela franziu a testa, fazendo beicinho, embora ela não tivesse noção do porque estava agindo assim. Porque ela deveria se importar se o relacionamento deles tinha ido além de qualquer forma de reparação?

Não, ela não deveria.

E mesmo assim um sentimento, algo como um peso de chumbo, afundava em sua barriga.

"Eu estava apenas curiosa," Sophie disse-lhe e se perguntou por que ela de repente se sentiu tão desanimada. Ela veio um pouco mais perto, tentando ver o que era que prendia a sua atenção.

Ele suspirou, um som muito parecido com aqueles que o pai dela fazia quando a mãe dela o levava quase a perder sua paciência.

"Você se importa?" ele perguntou e colocou os papéis em sua mesa. Na verdade, ele fez questão de virá-los novamente... como se ele não confiasse nela

e não quisesse que ela xeretasse por cima dos seus ombros.

Por que ele não confiava nela?

Sophie não seria descartada tão facilmente. Por Deus, se ele não confiava nela, ele podia dizer! Ela queria ouvir da sua própria boca! E ela queria saber por quê! Ficaram se olhando, um ao outro, num impasse.

Sophie ficou firme.

A mulher não sabia como ela estava perto de se encontrar em uma posição muito precária.

Jack estava tentando, ele realmente estava, mas ela não estava ajudando.

Ele a tinha deixado ficar principalmente porque no primeiro estrondo de trovão, sua consciência pesou e ele não gostou da idéia dela deitada em uma cama completamente encharcada.

Mas ele estava começando a se arrepender.

Seu corpo estava tenso e ele estava começando a se sentir um pouco como um leão faminto, enjaulado — exceto que o objeto de sua fome estava preso com ele, e ele estava quase no seu ponto de restrição.

Ele olhou para ela, tentando limpar a neblina condenável do seu cérebro. Era difícil o suficiente se concentrar em sua pesquisa com ela no mesmo quarto, e mais ainda com ela em pé perto das suas costas. O perfume dela o estava deixando tonto. Sua boca estava seca de desejo e seu coração batia como um canhão explodindo em seu peito.

"Estou trabalhando," ele disse de um modo quase malcriado e não tentou não reparar na silhueta do seu corpo sob a camisola branca transparente. Seu batimento cardíaco estava acelerado. "Vejo que você conseguiu salvar pelo menos alguma coisa de seu guarda-roupa?"

Ela sorriu e inclinou um quadril contra a mesa dele. Ela estava muito perto, muito perto.

"Na verdade, algumas coisas."

O olhar de Jack foi direto para o decote de sua camisola, e depois para baixo onde o pano estava dobrado ordenadamente entre as pernas, dando-lhe um tentador vislumbre da forma de suas coxas.

Cristo.

Sua boca ficou molhada.

"Eu estou... hum... feliz," ele disse e fechou os olhos, protegendo-se da visão dela.

O que ele não daria agora para que ela se sentasse à mesa dele, levantasse seu vestido e o banquetearse com o néctar de seu corpo. Suas mãos tremiam quando ele empurrou seus documentos para o lado.

Droga, ele não conseguia ler de qualquer maneira, seus olhos estavam cheios de desejo. Quanto tempo já tinha passado desde que ele tinha desejado tanto uma mulher?

Ele não se lembrava.

Lembrando-se que ela pertencia à outra pessoa — não importava que o homem fosse indigno — Jack se virou para enfrentá-la, com a intenção de levantar-se da cadeira, para afastar a tentação.

Provas físicas o mantinham firmemente plantado em seu lugar.

Seus olhos foram atraídos para as escuras auréolas visíveis embaixo da camisola fina que ela estava usando, e ele engoliu em seco. Ele tentou ignorar o calor enchendo seu corpo. Ele se mexeu um pouco em seu lugar.

"Jack?" ela o chamou, o nome dele veio timidamente nos seus lábios.

O som o surpreendeu e lhe deu prazer, causou um choque diferente através dele.

Foi a primeira vez que ela tinha usado seu primeiro nome... mas ele queria mais. Ele gostaria de ouvi-la murmurar em seu ouvido enquanto seu corpo ondulava em cima dela.

Ele olhou para ela e a viu se abraçando docemente, quase como uma menina.

"Eu estava pensando... você sempre soube o que você queria ser?"

Sua voz era suave e doce e seu humor tinha mudado cento e oitenta graus.

Ela já não era mais a raposa pronta para a batalha. Ela de repente estava

olhando para ele como uma criança, pronta para ouvir sua história antes de dormir.

A imagem devia ter arrefecido seu ardor, mas só conseguiu confundi-lo.

Aqui estava ela diante dele, sozinha em seu quarto, usando sua camisola, os olhos cheio de curiosidade... mas por algo muito mais inocente do que o que ele gostaria de mostrar para ela.

Ela era uma incrível contradição — ousada bastante para compartilhar sua cabine sem pedir permissão e pura o suficiente para enfrentá-lo na sua camisola, olhando para ele com uma expressão que parecia muito perigosa... e cheia de admiração.

Ela estava verdadeiramente interessada?

Ou ela estava tentando amaciá-lo?

Em qualquer caso, ele pensou por um momento na pergunta dela, porque ele demorou muito tempo para registrá-la. "Acho que sim," ele respondeu, limpando a garganta.

Seus olhos cor de mel brilhavam com inteligência.

Ele podia ver tanta coisa neles... paixão, emoção, alegria. Apesar dos seus assuntos pessoais, ela parecia intoxicada com a vida da maneira que ele geralmente ficava quando estava à beira de uma nova descoberta.

Ela era sempre tão exuberante?

Ou ela simplesmente estava ansiosa para ver seu amante como tinha alegado? Esse pensamento azedou o humor dele.

Maldito Penn.

Por que este bastardo sempre acabava ficando com as coisas que Jack mais queria? No momento, ele estava se sentindo amargo de uma forma que ele nunca tinha se permitido ficar — nem mesmo ao receber a notícia de que outra concessão tinha sido concedida a Penn. Sua concessão. Ele tinha certeza de que Penn não sabia por que ele estava lá... além dos argumentos que ele tinha roubado do Jack. Ele estava provavelmente vagueando em torpor, tropeçando nas evidências que Jack tinha fome para descobrir.

Que o levou a pensar... o que Sophia sabia sobre os assuntos do noivo dela? Se ela estava espionando para ele, isso queria dizer que ela sabia de algo. E se

ela sabia... bem então talvez ele pudesse descobrir...

"Você gosta de antropologia, Sophia?"

Por um instante, Sophie pensou na sua pergunta.

Ela não se lembrava de alguma vez Harlan ter lhe feito essa pergunta, apesar dela sempre ter estado com ganas para ter esta conversa.

"Na verdade..." Ela piscou afastando sua surpresa e assentiu com entusiasmo. "Sim."

"Suponho que pelo menos você tenha que fingir interesse?" ele sugeriu.

Sophie pensou que ele deveria estar se referindo a Harlan e irritou-se com a lembrança da carta de Harlan — sobre a sua curiosidade. "Nunca fingi interesse em nada," ela lhe assegurou e hesitou insegura se seria de repente inapropriado tratá-lo tão informalmente. "... Sr. MacAuley."

Talvez fosse simplesmente porque ela estava de pé diante dele vestida apenas com sua camisola. Honestamente, ela devia estar mais envergonhada com este fato, mas ela se considerava uma mulher prática, e a maneira que ela estava vestida simplesmente não podia ser evitada no momento. Ela tinha sorte, na verdade, de estar usando o que era dela e ter decidido não reclamar da falta de opção. Que bem faria a ela de qualquer maneira? Ela não podia reclamar exatamente quando era culpa dela ter alguns vestidos a menos.

"Não quis dizer que você estava fingindo," ele respondeu. "Só sei que você não é estranha neste campo." Ele sentou na cadeira dele e olhou para ela. "Eu imagino que seu noivo fale muitas vezes do seu... segundo amor."

O coração dela se apertou com a sua pergunta.

"O seu segundo amor?" Por um instante, a alusão passou por ela parecendo algo diferente. Acima de tudo na sua mente ela só pensava nos flertes de Harlan. E então ela percebeu que ele estava querendo dizer. "Oh, sim! Bem, não, na verdade," ela confessou. "Harlan raramente fala de suas atividades para mim."

Ela suspirou, percebendo quão pouco tempo eles realmente passaram juntos desde que tinham se tornados adultos. "De fato," ela confessou um pouco triste, "eu o vi muito pouco depois do nosso noivado."

Suas sobranceiras se levantaram e ele olhou para ela, examinando-a muito de perto. "Sério?"

Sophie se sentiu desconfortável com a consideração dele. Ela não queria que ele soubesse de nada.

Não lhe dizia respeito.

"Verdade," ela respondeu e mudou de assunto rapidamente. "No entanto," ela lhe disse com um sorriso, "quando éramos crianças, muitas vezes ele compartilhou suas aspirações comigo."

"Ele compartilhou?"

Ele estava verdadeiramente interessado ou estava apenas gozando ela?

Não importava. Sophie estava com fome para ter a oportunidade de falar sobre este assunto. Ela chegou perto da mesa, ansiosa para conversar. "Na verdade, quando eu era pequena," ela começou, melancolicamente, "nós fomos a uma expedição na selva. Foi a coisa mais divertida que eu já fiz!"

Ele levantou suas sobrancelhas. "Expedição?"

Sophie riu, envergonhada, embora ela não tivesse uma razão de ficar embaraçada. Tinha acontecido há muito tempo atrás, e ela era apenas uma criança. "Em nossa casa de verão... minha mãe costumava fazer piqueniques onde ela convidava seus amigos mais próximos. Porque nenhum deles tinha garotas da minha idade, geralmente eu brincava sozinha. Mas um dia os meninos me pediram para eu me juntar com eles numa expedição, e eu fiquei totalmente fora de mim de tanta alegria com a minha primeira descoberta! Um dente de tubarão!"

Ela riu suavemente com a lembrança; "Na verdade, eu não sei se era um dente de tubarão, mas certamente parecia um. Uma parte de mim não podia acreditar que um peixe tão feroz tinha uma vez nadado no meu quintal. Mas os rapazes juraram que era um dente de tubarão e lá no fundo eu quis acreditar nisso."

Jack a imaginou criança atravessando e brincando no gramado da sua casa. "Às vezes você tem que esquecer tudo o que sabe e ver o mundo com olhos novos."

"Sim! Também acho." Sophie concordou. "Às vezes tudo o que sabemos está simplesmente errado." Ela estava falando sobre Harlan agora, sua vida em geral, mas ele não precisava saber isso. "Às vezes todos a sua volta estão te dizendo

algo de uma maneira, e você tenta tanto acreditar nisso e simplesmente não é o certo." Ela mordida o lábio inferior, contemplando essa verdade. "Você sabe o que quero dizer?"

Seus olhos cintilaram um pouco. "Sim."

"Às vezes," Sophie continuou incentivada por sua atenção, "nada está certo até que você esqueça tudo o que sabe... e siga o seu coração."

Ele balançou a cabeça. "Seu coração vai fazer você ficar em apuros," Jack disse. "Siga o seu instinto em vez disso. Você não vai errar nunca."

"Acho que é verdade." O instinto dela dizia que ela estava fazendo a coisa certa.

"Então o que você fez com o seu dente de tubarão?" ele perguntou e sorriu. "Você o guardou?"

Sophie mordeu o lábio e disse-lhe um pouco timidamente, "na verdade, minha mãe o encontrou e ficou bastante horrorizada com ele. Ela o jogou fora no jardim e me disse para não sujar as minhas mãos novamente. Mas voltei mais tarde e o encontrei, levei-o para dentro e escondi no meu travesseiro." Ela absteve-se de acrescentar que ela o tirava cada noite e dormia com ele enfiado na palma da mão dela, certa que ele pensaria que era bobagem.

"Eu costumava imaginar que era meu amuleto da sorte, para espantar os monstros".

Ele riu, com um som rico e quente.

Sophie se sentiu completamente à vontade.

"Acho que foi a minha primeira descoberta antropológica... o infame dente do tubarão."

Sophie sorriu para ele. "Qual foi a sua primeira descoberta?" Ela levantou os joelhos dela e os abraçou, colocando sua bochecha em cima deles, sentindo-se perfeitamente à vontade quando somente minutos antes ela se sentia estranha.

"Uma tibia canina".

Sophie franziu seu nariz. "A perna de um cão?" Ela riu. "Eca!"

Ele sorriu. "Sim. Disse aos meus amigos que era uma antiga raça de cavalo que pertencia a pigmeus que migraram da África."

Sophie deu uma risadinha. "Você lhes disse isso?"

Ele assentiu, olhando bastante satisfeito consigo mesmo, e Sophie de repente o imaginou criança, seu cabelo dourado do sol e sua pele bronzeada, seu sorriso travesso que era inerentemente a todos os meninos. "Da onde veio uma teoria como essa?"

"Imaginação, principalmente," ele admitiu. "Mas meu pai era um antropólogo," ele disse para ela, "e eu o imitava."

As sobrancelhas de Sophie se levantaram em surpresa. Ele era um antropólogo?"

"Um dos melhores," Jack disse, e Sophie pode ver o orgulho em seu rosto. Seus olhos cheios de admiração e seu sorriso eram genuínos.

"Ele deve estar tão orgulhoso!" Sophie, exclamou.

Ele piscou os olhos e desviou o olhar, então olhou de volta para ela. "Ele está morto, Sophie".

Na verdade, ela sabia.

"Oh." Sophie hesitou com sua própria negligência. Como ela poderia ter esquecido? Ela se sentou, seu coração doendo um pouquinho. "Peço desculpa," ela disse e queria abraçá-lo de repente.

"Não precisa" ele disse e sorriu. "Ele viveu uma vida plena."

Ela queria perguntar mais, mas não se atreveu.

Seus olhares se encontraram.

Seu coração começou a bater mais rápido, e ela engoliu um nó que subia em sua garganta.

"Eu acho que deveria ir para a cama agora," ela disse depois de um momento, deu uma respiração profunda e colocou os pés no chão.

De repente ela estava se sentindo estranha, querendo coisas que ela não deveria nem ousar pensar.

Ele não disse nada, apenas continuou olhando, e o estômago de Sophie vibrava sem uma causa aparente.

"Bem... boa noite," ela sussurrou e levantou-se, deixando-o com seu trabalho.

"Boa noite, Sophia," ele sussurrou de volta.

Seu corpo estremeceu ao som de seu nome em seus lábios e ela rapidamente

fechou a cortina entre eles. Sem mais uma palavra, ela apagou a lamparina do seu lado do quarto. Ela não tinha idéia do que tinha acabado de acontecer entre eles, mas sua cabeça estava girando quando ela subiu na rede dela.

Enquanto estava deitada, ela tentou não pensar nele sentado do outro lado da cortina, mas estava ciente de cada barulho de seus documentos... de cada som que vinha da outra metade da cabine.

O coração dela não parou de bater depressa até muito tempo depois de sua lamparina ter sido apagada e o quarto estar completamente escuro e tranquilo.

A tempestade que tinha ameaçado antes não se materializou e o som das ondas batendo do lado de fora da cabine a embalou até ela adormecer.

Era fim de tarde quando Sophie terminou suas tarefas.

Ela estava cansada e voltou para sua cabine para descansar se sentindo repleta de satisfação pelas realizações do dia.

Nos últimos dias, ela tinha conseguido de alguma forma ficar longe de problemas e tinha feito progressos com relação a fazer as pazes com Jack. Ele parecia diferente com ela — não que ele tivesse falado muito com ela, mas parecia para Sophie que toda vez que ela por acaso olhava para cima, ele estava lá, olhando para ela.

Ela não podia dizer se era porque ele não confiava nela, ou se ele ainda esperava que ela criasse novos problemas... ou se era algo mais... algo sobre a maneira como ele a olhava que deixava seu coração batendo mais forte.

Talvez ele estivesse sentido o que ela sentiu naquela primeira noite em sua cabine? Ela tentava não pensar nisso, deixando este pensamento de lado.

Sua vida já estava bastante complicada, e ela estava determinada agora a descomplicá-la a todo o custo. Jack MacAuley era uma distração que ela não precisava. Ela não precisava de um homem na vida dela.

De qualquer forma, havia outras coisas para preocupar-se neste momento. Graças a Kell, o fogão não era mais um enigma completo e ela tinha conseguido fazer algumas refeições comíveis. Ela achava que talvez estivesse melhorando, embora isso ainda não fosse evidente nas expressões faciais da tripulação. Ela continuaria a trabalhar nos temperos dela, e talvez em pouco tempo ela os visse

sorrir felizes com a perspectiva de comer o fruto do seu trabalho.

Ela encontrou a cabine do Capitão vazia e entrou, fechando a porta atrás dela. Ainda restava um vestido e ela o contemplou, e ele estava sujo como o que ela estava usando, mas ela não se atreveu a mudar de roupa. Pela primeira vez na vida dela, ela não podia comprar outro. E ela não sabia como lavá-los sem estragar o material. Não, ela tinha que ficar feliz com o que tinha.

Tirando seu avental improvisado, ela o jogou por cima da corda que separava seus quartos e se atreveu a ir sentar-se à mesa de Jack. Ela realmente deveria lavar suas mãos, ela pensou, mas ela estava demasiado cansada para fazê-lo. Ela se afundou na cadeira e apoiou seus pés como ela o tinha visto fazer enquanto lia seus artigos e sorriu para si mesma com a imagem.

Ela imaginou o olhar que ele teria se entrasse agora na cabine e mordeu o lábio para não rir.

Tudo o que ela precisava era de um charuto e um conhaque e um par de calças, e ela seria apenas um dos tripulantes. O que a fez pensar. O que seria ser Jack? Simplesmente ser capaz de entrar e sair quando quisesse? Ser apaixonado por seu trabalho? Viver a vida pelas suas próprias regras?

O olhar dela foi capturado pelo retrato de Harlan. Ela tirou seus pés da mesa e inclinou-se para pegá-lo em suas mãos.

Como pôde ela pensar em amar um homem como ele? De alguma forma, ele sumia se fosse comparado a Jack. Tudo sobre Jack MacAuley personalizava sua vitalidade. Ele era todo paixão e Sophie não conseguia vê-lo fazendo nada pela metade.

Ela percebeu que o admirava.

Ela colocou o retrato de Harlan na mesa e franziu seu nariz em desgosto para ele. Sua aparência era enganadora. Ele parecia muito angelical, quando ele deveria estar usando chifres e cavanhaque como o diabo.

Por um capricho, ela pegou a pena de Jack e molhou-a no seu tinteiro, então desenhou pequenos chifres na cabeça de Harlan. Ela sorriu satisfeita com sua arte. Em seguida ela desenhou um pequeno cavanhaque, pontudo na extremidade — quase como outro chifre — e passou a rabiscar um bigode também. Engraçado, ela nunca tinha reparado como Harlan tinha um queixo fraco até

agora. O cavanhaque acentuou a fraqueza. Ela deu uma risadinha enquanto desenhava, imaginando a expressão no rosto dele se ele a visse desfigurando a foto dele. Em seguida, ela fez pequenos símbolos de dinheiro em seus olhos... símbolos tão pequenos que quase se podia confundi-los por um simples brilho nos seus olhos, e então ela sorriu para o produto acabado, e seu humor melhorou umas cem vezes.

Na verdade era estranho... ela não estava menos determinada a enfrentar Harlan e recuperar sua honra, mas de alguma forma... ela tinha amolecido sua raiva. Ela já não sentia uma fúria amarga quando pensava em Harlan com outras mulheres. Já não doía tanto que ele não desejasse vê-la.

Na verdade, já nem sequer parecia ter importância que ele estivesse tão disposto a deixá-la em uma prateleira, até que ele estivesse pronto para aturar o fardo do matrimônio.

A única coisa que a incomodava era que ele tinha usado ela e seu pai... e ele continuava a usá-la sem escrúpulo.

Ela mexeu no retrato colocando-o de uma maneira que ele ficasse de frente para o seu lado do quarto, pensando que agora nada a impedia de ir a Paris para estudar arte.

Ou talvez ela fosse para a Itália...

Ou talvez ela fosse limpar a poeira de alguma tumba de algum faraó no Egito e tentar dar a Harlan um exemplo melhor a ser seguido. Ela se inclinou e bateu o dedo na fotografia sorrindo para ele. Era muito ruim se sentir tão vingativa, mas ela não conseguia parar de querer se vingar. Ela realmente esperava que isso não a fizesse se tornar uma pessoa terrível.

Os pensamentos dela se voltaram para o Egito. Não seria divertido explorar novas culturas e juntar as peças do quebra-cabeça da existência deles através de seus objetos e artefatos? Ela invejava Jack ferozmente. Ela queria saber o que ele sabia.

Ela olhou para baixo para a pequena chave prata que se projetava da fechadura da gaveta. Era muito tentador. Sua curiosidade acenou-lhe para abrir a gaveta da escrivaninha.

Ela não pôde resistir.

Seus papéis estavam ordenadamente empilhados dentro da gaveta e ela pegou algumas folhas.

Todos os documentos estavam com títulos, com inúmeras notas rabiscadas nas margens. Alguns chamaram a atenção dela mais do que outros...

"A Conexão Fenícia"... "Hieróglifos numa Inspeção mais Profunda"... "O Código Maia." Pesquisando o material, ela observou que o último pareceu ser uma interpretação profunda do sistema Maia de manutenção de registros. Ela folheou mais alguns documentos e fez uma pausa em um que trazia desenhos interessantes nas margens. Era intitulada "A Associação Sobrenatural."

Um desenho parecia ser o corpo de uma criança com as manchas de um jaguar e um rosto bastante grotesco. A figura estava deitada de costas e parecia estar tendo um ataque de raiva. Sob aquele desenho específico estava rabiscado "Bebê Jaguar, Clássico Tikal e Caracol." Ao lado dele estava um barbudo Deus Jaguar do submundo, e Sophie supôs que os dois eram a mesma pessoa — talvez uma versão Maia do diabo?

O próximo parágrafo falava de um Deus que se sentava em seu trono de julgamento e destruía toda uma geração através de uma enchente... Que estranhas coincidências.

Ou talvez nem tanto...

Ela passou mais algumas páginas e encontrou outro desenho intitulado "O Corpo e seus Equipamentos." Era uma foto horrível de restos do esqueleto de um homem Maia, com equipamentos etiquetados fora do limite do desenho e as marcas mostrando a posição em que foram encontrados.

Fascinante.

Depois disso, tinha várias páginas de mapas cruamente desenhados, retratando o que Sophie assumiu serem túmulos. Ele tinha desenhado estes mapas ele mesmo? Será que ele na verdade tinha visto com seus próprios olhos os corpos? Como ele devia se sentir ao desenterrar algo que não tinha sido visto por olhos humanos, desde o dia de seu enterro?

Ela continuou a ler, devorando a informação como um mendigo com fome, perdendo a noção do tempo. Foi só quando o sol começou a se pôr e ela foi forçada a acender a luz da lamparina em cima da mesa que ela percebeu o quão

tarde era. Ainda assim, ela não largou os manuscritos. Eles a tinham deixado encantada. Aqui nestes papéis tinha o trabalho da vida de um homem, a evidência do tempo e do amor que ele tinha investido em sua profissão.

Sophie leu até que seus olhos ficaram cansados, até que ela teve que começar a apertar os olhos para ver as letras. Ávida de conhecimento, ela virou a lamparina para ler melhor. Como ela se aproximou da chama, o calor acariciou seus lábios e bochechas, seduzindo-a em um doce langor...

Ela sentiu o calor como uma carícia e fechou os olhos...

Como uma fênix, a imagem dele subiu diante dela, e Sophie ousou imaginar o que sentiria se ele viesse até ela e pegasse seu rosto em suas mãos... se ele a beijaria...

Para sua surpresa, sua boca lembrou-se do gosto dele, da sensação dele... e ela passou um dedo em seus lábios... acariciando-os suavemente.

Ela nunca deixou de surpreendê-lo.

Jack tinha esperado que Sophie sentisse bem mais a perda de seus vestidos, mas não foi isso que aconteceu. Uma simples careta foi sua única lamentação.

Ela simplesmente continuou com o que ela tinha.

Ele também esperava que ela se queixasse da cabine dela; ela não se queixou.

Em vez disso ela se mudou para a cabine dele.

Ele riu de si mesmo por isso ter acontecido.

Depois que ela lhe pagou dez mil dólares pela passagem, ele não imaginava que ela iria enrolar suas mangas e trabalhar, mas assim ela o fez, sem ninguém ter pedido.

Sua refeição esta noite tinha sido realmente comível, e era evidente que ela estava tentando.

Ou ela era uma mulher notável ou uma espiã inteligente que estava prestes a virar sua tripulação inteira contra ele. Ele não tinha feito nada com ela, mas um homem cego não podia perder os olhares que ela estava recebendo de sua tripulação. Ela os foi conquistando com muito pouco esforço, e Jack poderia muito bem ver por que.

Somente o sorriso dela, quando ela lhes favorecia com um, era o suficiente

para fazer a barriga de um homem revirar. E Jack realmente não achava que ela conhecesse seu poder. Ela parecia alheia ao fato.

Tinha sido um dia longo e ele estava cansado, mas ele estava realmente ansioso pelo resto da noite sozinho com ela.

Ele assobiou uma melodia alegre enquanto ele se aproximava de sua cabine, esperando que fosse como um aviso, no caso de ela estar no meio de sua higiene pessoal. Não havia nenhuma campainha atrás da porta, então ele bateu levemente e abriu-a em seguida.

O bom humor dele dissipou-se imediatamente.

Raiva o preencheu com a visão dela.

Ela era uma espiã do inferno!

Ela obviamente tinha adormecido enquanto bisbilhotava os papéis dele.

"O que diabos você está fazendo?" Jack gritou a plenos pulmões, enquanto ele entrava na cabine, batendo a porta atrás dele.

Ele a assustou, e ela acordou com um salto, suas mãos voando, espalhando os papéis.

O olhar dela encontrou o dele por um breve instante; primeiro mostrou sua confusão, depois medo.

Tudo aconteceu rápido demais.

Ela derrubou a lamparina. Sua chama se derramou sobre sua pesquisa, engolindo os papéis ao mesmo tempo. Ela gritou em alarme quando percebeu e tentou apagar as chamas, soprando.

O fogo apenas se espalhou mais rápido.

Seu trabalho estava literalmente subindo com a fumaça!

Jack se moveu rapidamente; ele tirou a camisa e começou a bater nas chamas, gritando para Kell conseguir água — algo — alguma coisa!

Por Deus! Ela ia matar todos eles!

Ela correu para fora de repente, gritando, abandonando-o com o fogo — mulher maldita

"Certo, salve-se!" ele rosnou para ela.

Ele estava grato do navio ser pequeno. Alguém gritou para ele e Jack

ordenou-lhe trazer água para apagar o fogo — ao mesmo tempo, continuou batendo nas chamas, amaldiçoando Sophia Vanderwahl.

Ele realmente tinha começado a amolecer em sua direção?

Perspectiva perigosa.

Ele ia ter que se lembrar disso na próxima vez que ele tivesse um bom pensamento sobre ela.

"Kell!" ele gritou. "Droga, alguém entra aqui!"

Ele ouviu passos e girou para ver quem tinha chegado. Água correu por ele, e sobre a mesa, mas não sem encharcá-lo primeiro.

Antes que ele pudesse responder, ela fugiu novamente com o balde na mão.

Atordoado, ele se virou novamente para continuar a bater nas chamas.

Kell estava logo atrás dela com outro balde e outra pessoa com outro balde. Quando Sophia retornou, as chamas estavam extintas, e ela ficou na porta, olhando um pouco atordoada e muito arrependida.

Jack não estava com disposição para perdoar.

"O que você fazia na minha mesa?" ele gritou para ela. "Olhando meus papéis?"

Ela ficou parada segurando seu balde, e teve a coragem de olhar para ele magoada por sua ira.

"Eu deveria saber que não se pode confiar em você!" ele disse para ela, jogando sua camisa no chão a seus pés. Ela estremeceu e deu um passo para trás. Kell veio por trás dela, mas Jack foi implacável.

Por Deus, ele tinha tido o suficiente!

"Penn mandou você fazer isso?"

Ele queria saber agora. Para o inferno com esperar para ver. Se ela era espiã de Penn, por qualquer motivo, ele queria saber.

"Jack," Kell se opôs.

"Eu... Eu não sei do que você está falando," ela respondeu.

Jack ignorou Kell, determinado a descobrir a verdade de uma vez por todas. "Claro que não."

"Não!" ela protestou seus olhos cheios de lágrimas. "Caí no sono e então você me assustou e então —"

"Eu sei o que aconteceu em seguida," ele respondeu. "O que eu quero saber é por que você estava olhando meus papéis!"

Sophie ficou parada, tentando dar sentido a suas perguntas.

Ela não deveria ter bisbilhotado, isso era verdade, mas ela não entendia por que ele estava tão furioso com ela. Ela tinha quase queimado a cabine dele, isso também era verdade, mas ela certamente não pretendia fazer isso e era tanto sua culpa quanto dela, pois ele tinha dado um susto nela. Ainda assim... parecia que ela não estava entendendo alguma coisa...

"Seu namorado mandou você fazer isso?" ele perguntou novamente, e Sophie piscou com a pergunta.

Ela apertou o balde na mão. "Me mandou fazer o que? Eu não entendo."

O que Harlan tinha a ver com isso?

"Diabos que você não sabe!" ele surtou, e seus olhos brilharam com raiva.

Ela sentiu a mão de Kell no seu ombro e ela ficou grata por isto.

"Seu namorado é um ladrão, Miss Vanderwahl — e você não é melhor do que ele se você acha que pode entrar aqui e roubar a minha pesquisa!"

Os olhos de Sophie aumentaram em surpresa compreendendo o que ele estava pensando. "Você acha que eu estou aqui para roubar sua pesquisa?"

Sua sobrancelha se levantou. "Sim!" Seu olhar totalmente furioso.

Sophie não podia acreditar no que ele estava pensando. Ela não podia sequer imaginar que alguém pensaria que ela fosse uma ladra! E Harlan era muitas coisas, mas ela dificilmente poderia pensar que ele poderia roubar o trabalho de outro homem. E mais, que iria pedir a Sophie para fazer seu trabalho sujo, isso era simplesmente impensável!

Se ela tinha se sentido culpada por ter iniciado o fogo, não estava mais.

Na verdade, ela estava ficando muito zangada.

Quanto mais ela pensava, mais ela se sentia com vontade de gritar. Exceto que ela não tinha sido criada para brigar ou gritar com qualquer homem!

Ela apertou ainda mais o balde em suas mãos.

"Deixe-me ver se entendi," ela disse tão calmamente quanto foi capaz.

Seus olhos brilharam ferozmente, mas ele não disse nada, apenas olhou para ela.

"Você acha que Harlan ficou noivo de mim para eu espionar para ele?"

"Maldição, sim, eu acho," ele admitiu, e seu brilho a desafiou negá-lo. O miserável!

"E você acha que é por isso que eu comprei passagem a bordo do seu navio? Para espionar para Harlan?"

Ele deu um sorriso impiedoso. "Que garota brilhante que temos aqui!"

Sophie se arrepiou pronta a batalhar por sua honra, mas não havia nada que ela pudesse dizer para se defender, se ele escolheu acreditar nisso. Não havia provas que ela pudesse lhe dar para fazê-lo ver a verdade.

Ela apertou os dentes, fúria se infiltrando em cada nervo do seu corpo. Ela não pensou, apenas reagiu. Ela soltou o balde em cima dele, jogando água fria em seu rosto.

Era o mínimo que ele merecia, e ela não se preocupou em se arrepender. Ele realmente merecia.

Ele deu um grito de surpresa, e ela girou sobre seus calcanhares e deixou-o limpando a água salgada de seus olhos.

Ela tinha ido embora quando Jack abriu os olhos.

Só Kell tinha permanecido na cabine. Alguns outros que tinham vindo em seu socorro tinham se afastado quando ele começou a gritar.

"Você não vai gostar do que eu vou dizer," Kell falou. "Mas você merecia isso, Jack."

E, em seguida, partiu também, deixando Jack sozinho para juntar os restos carbonizados de sua pesquisa e pensando que sua tripulação tinha desertado para o acampamento do inimigo.

Eles tinham ficado cegos pelo maldito sorriso dela e ele pensou que talvez ele também estivesse sucumbindo ao maldito sorriso.

O problema era... ele estava com medo que já tivesse sucumbido.



O Céu ESTAVA QUASE sem estrelas parecendo um interminável manto de mármore azul. A própria lua estava invisível, mas parecia uma lasca atrás de nuvens

escuras e sinistras. Era quase impossível distinguir entre mar e céu.

A brisa que corria, resfriou seu humor, bem como seu corpo. Sophie não era perita em meteorologia, mas instintivamente ela sentiu que uma tempestade estava chegando. Eles tinham sido poupados nos últimos dias e tinham sido brindados com apenas uma garoa fina no final de cada tarde.

Esta noite seria diferente, e a sensação elétrica no ar a deixava agitada.

Jack MacAuley era um homem impossível!

Ela não podia acreditar que ele achava que ela era uma espiã e uma ladra! Nem ela podia acreditar que ele pensasse isso de Harlan e ela se sentiu na obrigação de defender aquele rato. E ela estava se sentindo péssima por ter destruído seu trabalho, não intencionalmente, embora tivesse destruído.

"Ele realmente não é um cara tão mau," Kell disse vindo por trás dela.

Sophie virou-se para enfrentá-lo, cruzando os braços para manter o frio afastado. Estava frio e ficando cada vez mais frio uma vez que o vento estava aumentando.

Ela acreditava em Kell e tinha visto relances de um homem diferente, mas não estava se sentindo nem um pouco caridosa agora. "Não acredito," ela disse irascível.

Kell riu suavemente.

Sophie se virou novamente para olhar para o oceano, voltando seu rosto para a brisa. Estava tranquilo aqui, quase como se nada existisse no universo a não ser eles.

"Você gosta dele de qualquer forma, não é?"

Ele veio ficar ao lado dela, e Sophie olhou direto para ele. "Ele não gosta de mim," ela rebateu. "Isso é evidente."

Ele olhou para ela, e ela evitou o seu olhar.

"Você não acredita que vim espionar, não é?"

"Não, eu não, mas se você perdoar minha franqueza, Sophie, eu não acho que você está nos dizendo à verdade, também."

Sophie recusou-se a olhar para ele. Não era da conta deles por que ela queria visitar o noivo dela. E ela não tinha mentido sobre isso — ela ia ver Harlan. A razão para ela querer fazer isso era problema dela.

"Jack não é estúpido, e ele está sentindo alguma coisa," ele persistiu. "Ele é um bom homem, um homem justo."

"Eu não menti," ela assegurou a Kell. "Mas eu não sou uma espiã!" Ela se virou para encontrar seu olhar. "Por que ele pensaria isso?"

Ele hesitou um momento. Sophie poderia dizer que ele estava pesando suas palavras.

"Honestamente, não sei se me compete dizê-lo, mas ele tem uma boa razão para não confiar em seu noivo, isso eu posso te dizer."

Sophie inclinou seu olhar interrogando-o, "Por quê?" ela queria saber. "O que Harlan fez com ele? Eu pensei que eles eram amigos!"

Kell parecia completamente chocado pela sua declaração. "Porque você pensaria uma coisa dessas?"

Sophie voltou-se para olhar para o oceano. "Por que... Harlan o mencionou em uma carta a um amigo nosso... Eu pensei que talvez..."

"Você pensou errado!" Kell falou sem reserva, e seu tom áspero chamou sua atenção. Ela olhou para ele para medir sua expressão. "Posso te afirmar que não existe nenhuma amizade entre Jack e seu noivo."

"Oh," disse Sophie, percebendo que Kell não tinha nenhuma razão para mentir para ela. O olhar em seu rosto era desdenhoso, mas era óbvio que ele tentava protegê-la. A curiosidade a fez perguntar, "Por favor, me diga, o que Harlan fez?" Não era como se Sophie achasse que sua integridade era impecável. Ele já não merecia a sua confiança.

"Isso," Kell respondeu, "você vai ter que perguntar para Jack. Não me compete dizer, Sophie. Me desculpe."

"Eu entendo," respondeu Sophie, mas ela não entendia. A lealdade de Kell era inabalável e louvável, mas ela não ia perguntar nada para Jack MacAuley.

"Você disse que achou o nome de Jack em uma carta?" Kell perguntou, e ela poderia dizer pelo seu tom que ele estava curioso.

Sophie decidiu que ela não tinha nada a esconder dele. Ela confiava nele. De alguma forma ela compreendeu que tudo o que fosse dito entre eles ficaria entre eles. E ela precisava de alguém para fazer confidências. Ela decidiu que não faria mau algum dizer a verdade para Kell.

"Vou ver Harlan," ela disse, "mas não pela razão que eu falei para vocês. Eu não sinto falta dele," ela confessou.

"Isso é óbvio, Sophie."

Sophie olhou para ele.

Era?

Ela queria perguntar por que, mas não estava realmente certa de que desejava saber a razão pela qual ele tinha chegado a essa conclusão. Ela temia que a verdade estivesse nos olhos dela. Ela lhe contou sobre a carta, terminando a história com lágrimas nos olhos.

"Você merece um homem muito melhor," Kell lhe assegurou e ele a abraçou para consolá-la de uma forma fraternal.

Sophie ficou grata por seu apoio. O coração dela apertou-se apenas um pouco quando ela se lembrou do brilho funesto de Jack. "Por favor, não conte ao Jack?" ela implorou. Ela estava com raiva que ele tivesse escolhido acreditar o pior dela, mas ela não poderia suportá-lo, se ele ficasse com pena dela.

"Não vou fazer isso," ele assegurou para ela.

Sophie assentiu grata pela sua resposta. A última coisa que ela queria era que Jack sentisse pena dela.

De qualquer forma, seria mais seguro se ele continuasse a detestá-la. A julgar pelo peso que ela sentia em seu coração sobre o óbvio nojo dele por ela.

Por que ela devia se importar se ele não confiava nela, ou não gostava dela? Após estas duas semanas no mar ele seria irrelevante para ela em tudo. Ela não queria incomodar perguntando sobre a passagem de volta. Seria melhor para ela se retirar deste navio miserável e nunca colocar os olhos nele novamente.

Uma dor de cabeça na vida era mais do que suficiente.

O impacto a fez entrar em choque.

Sofia acordou cercada pela escuridão, seu corpo tremia de terror. Ela tinha sonhado, e o sonho parecia tão real que ela ainda podia ouvir o choro de fantasmas em seus ouvidos. Ela choramingou baixinho.

"Foi apenas um sonho," uma voz a acalmou.

Sophie piscou, tentando se orientar.

"Um pesadelo," a voz sussurrou.

"Jack?"

Um trovão rugiu, sacudindo seus ossos e sacudindo o navio. Um raio distante iluminou o quarto por um breve instante — tempo suficiente para ela ver Jack a olhando com preocupação.

"Estou aqui," ele respondeu suavemente.

"Eu estava trancada em um túmulo!" ela gritou, seu corpo continuava a tremer e seu coração batia tão fraco que ela tinha dificuldade em recuperar o fôlego.

"Você caiu da rede," ele explicou com uma voz suave e reconfortante. "Você está bem?"

"Eu caí?"

"Sim, você caiu."

Ela ainda não tinha percebido que estava no chão.

"Você está bem?" ele repetiu.

"Sim... Eu... Eu acho que sim," ela respondeu um pouco confusa e continuou a tremer com o vento uivando em seus ouvidos.

Ela sentiu, mais do que viu, que ele estendeu a mão e puxou o cobertor da rede dela. Ele colocou-o em cima dela, e espalhou-o em torno dela, colocando-a aninhada como um pai faria com uma criança amada.

Outro raio de luz vibrou no quarto.

Ele estava sem camisa.

O navio rolou um pouco, espalhando medo em seu corpo. "Desculpa," ele falou e saiu de perto dela.

Sophie engoliu. "Está tudo bem," ela disse colocando seus braços debaixo dos cobertores. "Obrigada pelo cobertor." Ela não sabia por que de repente ela sentia tanto frio. Os dentes dela começaram a bater de frio, e ele deslizou um braço à volta dela. Sophie não podia se importar sobre decoro no momento; ela estava grata pelo abraço reconfortante.

"Está frio," ela se queixou.

"É a tempestade," ele disse, "eu poderia colocá-la de volta na rede, mas acho que seria um esforço perdido."

Sophie estava inclinada a concordar.

"Eu sonhei que eu estava trancada em um túmulo com fantasmas e esqueletos por todos os lados!" O coração dela ainda estava batendo rápido, seu corpo formigava e estava dormente.

Ele riu suavemente. "Não há esqueletos aqui," ele jurou. "Mas você bateu tão forte no chão que me acordou de um sono profundo. Você tem certeza que está bem?"

Sophie se sentiu culpada por acordá-lo.

O navio balançou forte mais uma vez, e ela deslizou um pouco na direção oposta. Se não fosse Jack apanhá-la, ela certamente teria sido jogada para fora da cabine. "Acho que agora prefiro o chão," ela confessou com o estômago dela se agitando em protesto à sua afirmação. "De repente não me sinto tão bem."

Jack riu. "Você se sentiria melhor se eu te dissesse que eu também não estou me sentindo bem?"

Sophie não queria acreditar. Ela balançou a cabeça e tentou firmar a barriga

dela, respirando fundo.

"Parece ser pior do que realmente é" ele disse.

Que reconfortante, embora no momento, seu estômago não tivesse ficado apaziguado por suas garantias. Ela gemeu grata porque o quarto estava escuro, porque do contrário ele estaria girando.

"Kell tem o controle de tudo," ele disse. "Ele diz que a tempestade vai passar antes do amanhecer."

"Tanto tempo?"

"Acredito que sim." Ele se deslocou para o lado dela e Sophie pensou que ele queria se levantar.

Ela entrou em pânico. "Não! Fica comigo!" ela implorou.

Ela sabia que estava sendo boba, mas ela não podia evitar. Ela nunca gostara de tempestades de qualquer maneira, mas o que ela estava passando no momento era muito pior, ser pega em uma tempestade no mar e esperar por um vendaval em sua pequena e aconchegante cabine.

Ele apertou o braço dela. "Eu não vou a qualquer lugar," ele prometeu. "Só estou pegando outro cobertor."

"Você pode compartilhar o meu!" ela ofereceu e ao mesmo tempo ela levantou o cobertor para que ele entrasse.

Ele hesitou. "Uhhh... talvez não seja uma boa idéia, Sophia."

"Não seja bobo," ela o repreendeu. "É o que devemos fazer!" Seu peito doía como se alguém estivesse sentado sobre ela, e ela estava sem fôlego. O pesadelo ainda a fazia tremer, e o navio balançava muito piorando sua ansiedade. "Por favor, não vá!"

Ele não parecia nem um pouco tranquilo. "Bem... tudo bem," ele cedeu e escorregou para debaixo das cobertas.

Sophie ficou rígida com a sensação do seu peito desnudo contra seu braço, e ele falou. "Eu te avisei," ele disse para ela, com uma voz baixa.

Sophie engoliu convulsivamente.

"Está tudo bem," ela garantiu e esperava não dizer algo tão terrível para que ele quisesse deixá-la.

"Será que eu devo pegar o meu próprio cobertor?" Ele levantou as cobertas

para sair.

"Não..." Sua objeção soou fraca mesmo para seus próprios ouvidos, e ele levantou o cobertor mais alto. "Não!" ela disse um pouco mais resolutamente, e ele levantou o cobertor e se colocou ao seu lado.

Sua ansiedade abrandou no instante em que ele colocou os braços em volta dela. Lá fora, a tempestade uivava, mas dentro da cabine de repente ela não parecia tão assustadora.

Por um longo tempo, houve silêncio entre eles. Sophie estava ainda em seus braços, ouvindo o barulho do trovão e das ondas batendo na madeira. Não demorou muito para o estômago dela se sentir melhor. Ele era uma barreira sólida e a mantinha firme.

"Quando eu era criança," ele começou e parecia entender que sua voz iria acalmá-la, "Eu costumava escapar do meu quarto pela janela e enfrentava a tempestade na árvore fora do meu quarto."

Os batimentos cardíacos de Sophie começaram a se abrandar.

Ela imaginou que ele sentado no ramo, enquanto a árvore balançava sob o ataque do vento... como um cavalo sacudindo. e se divertiu com a imagem.

"Mas não era um lugar seguro!" ela o repreendeu, mas havia um sorriso em seu tom. "Mas estou certa de que sua mãe lhe disse isso."

Ele a segurou um pouco mais apertado e deitou sua cabeça ao lado dela. Sophie podia sentir o calor da sua respiração contra seu rosto. Ela enviou um arrepio através do seu corpo.

"Minha mãe morreu quando eu tinha quatro anos," ele revelou. "Éramos somente eu e meu pai."

"Oh não!" Sophie, exclamou. "Me desculpe!"

"Não precisa se desculpar," ele lhe assegurou, e Sophie ouviu seu tom sem auto-piedade. "Eu nem a conheci direito, e meu pai foi o melhor pai que uma criança poderia querer."

Sophie sorriu. "Especialmente porque ele deixava você cavalgar tempestades em uma árvore?"

Ele riu baixinho no ouvido dela. "Não, ainda melhor. Porque às vezes ele ficava na árvore comigo."

"Oh meu Deus!" ela exclamou e não podia imaginar o seu próprio pai ou mãe, sentados no galho de uma árvore no meio de uma tempestade. Ela riu e tentou imaginar Harlan no galho de uma árvore, até mesmo quando criança, e não podia imaginá-lo. Não era apropriado.

Ao falar sobre isso, ela tentou imaginá-lo em algum campo, desenterrando fósseis... e arruinando suas mãos. Ela não podia imaginar isso também e franziu a testa.

Ao contrário de Harlan, ela podia facilmente imaginar Jack em campo, e ela se perguntou o que será que Harlan estava fazendo em Yucatán... além de levantar as saias das mulheres.

Ela não conseguia compreender.

Ela ainda estava tentando descobrir quando Jack sussurrou contra seu ouvido. "Eu realmente amo o cheiro do seu cabelo, Sophia".

Ela pensou que não tinha ouvido direito. "O que?" ela perguntou, tentando vê-lo através da escuridão.

"Adoro o cheiro do seu cabelo," ele murmurou e o acariciava suavemente.

Um tremor passou através de seu corpo, e seu coração começou a bater mais rápido. Ela não podia falar, e ele confundiu o silêncio dela.

"Perdoa-me," ele implorou, mas Sophie não estava ofendida por seu elogio... ou por suas ações.

Ela tentou falar após o nó que se formou em sua garganta, para tranquilizá-lo que ele não a tinha ofendido, mas ela não conseguia formar uma frase coerente.

Nenhum homem jamais a tinha excitado assim com meras palavras.

Nenhum homem tinha conseguido fazê-la ansiar por coisas que ela não devia nem pensar.

Nunca com Harlan ela tinha tido pensamentos sobre amor físico... nunca seu corpo tinha respondido tão brutalmente a sua proximidade.

Sua boca vibrou lembrando-se do beijo roubado, e ela ansiava para saborear mais da sua boca macia, sua boca por inteiro. Só que desta vez ela não ia dar o primeiro passo.

Ela queria tanto que ele a quisesse tê-la em seus braços.

Ela queria que ele olhasse para ela, não com repulsa ou decepção, mas como

ele tinha olhado naquele primeiro dia nas docas... antes de todas as coisas desagradáveis que tinham acontecido entre eles.

"Sophia," ele sussurrou.

A voz dele parecia repleta de confusão assim como Sophie estava se sentindo... confusão sobre tudo o que estava acontecendo...

Ela fechou os olhos, sentindo um fluxo de calor através dela... e ela não mais tremia. .

"Sim?" ela respondeu, totalmente sem fôlego.

Silêncio foi a resposta.

O cheiro dele estava mais perto, e sua respiração tornou-se mais difícil quando ela começou a acariciá-lo na escuridão, inclinando a cabeça para trás para receber seu beijo, se ele fosse beijá-la.

Ela queria que ele a beijasse.

Jack queria beijá-la.

O cheiro da pele dela o estava deixando intoxicado.

O ar em torno deles tornou-se carregado com muito mais do que apenas a eletricidade da tempestade, e Jack segurou-a mais para perto. Ele estava vestindo apenas calças e elas já estavam ficando apertadas.

Ela estava sentindo também? A corrente elétrica no ar? Ela enviava fogo através de sua pele.

Ele estava atraído por ela de uma forma que ele jamais se sentiu atraído por outra mulher. A pele dele queimava, almejando o toque dela. Os bicos de seus mamilos estavam em chamas aguardando o toque suave de sua língua úmida.

O que ele sentiria quando estivesse dentro dela? Ter as pernas dela em torno de sua cintura e sua língua dançando em seus mamilos?

Ela não tinha idéia do quão perto ele estava para se esquecer de que ela era uma dama... e se lembrando de que ele não era nenhum cavalheiro. Ele era um homem... e as pessoas da sua espécie nunca deixavam ele se esquecer.

Nunca em sua vida ele tinha se sentido tão inseguro em torno de uma mulher... ou tão atraído... ou tão cauteloso... ou tão confuso.

E ele nunca tinha considerado a palavra não antes de agora... não dessa forma... nunca tinha precisado. Ele sempre estava disposto a aceitar o resultado,

qualquer que ele fosse. Pela primeira vez, ele tinha medo de saber a resposta.

Sophie era de um mundo que ele nunca poderia verdadeiramente fazer parte — não que ele não tivesse tentado. Ele tentou e falhou. Ele tinha o dinheiro e o cérebro. Ele só não tinha o sobrenome. E foi por isso que ele teve que comprar este navio e financiar a sua própria exploração.

Ele recuou, olhando para ela, dizendo-se que ele seria um tolo de se envolver em algo que estava contra ele desde o início.

Ela estava fora dos limites, e não era necessário um gênio acadêmico para perceber isso.

Exceto que ele nunca antes tinha deixado adversidades ficarem em seu caminho.

Sophie esperou ansiosamente ele falar de novo, mas ele não falou.

Ela não queria nada mais do que esquecer tudo o que tinha passado entre eles. Ela queria começar de novo. Atrever-se a se pressionar para ainda mais perto dele, ela fechou os olhos, esperando que ele falasse.

Seu corpo vibrou quando ele se encontrou com sua pele, e ela queria alcançá-la e explorá-la... passar os dedos sobre os músculos de seu peito nu.

"Sophia," ele começou com uma voz rouca e baixa. "Posso te... dar um beijo?"

O coração dela bateu mais forte com a pergunta.

Ela engoliu e sussurrou de volta, soando mais hesitante do que ela desejava, "Eu gostaria muito."

Ela sentiu-o inclinar-se para ficar mais perto dela, embora ele não tenha fechado o espaço entre eles. Ela ansiava por sentir sua boca na dela.

"Tem certeza?" ele perguntou novamente, dando a última chance para ela negar.

Sophie estava completamente certa.

Será que ele não podia ver o quanto ela queria beijá-lo pelo som do seu coração? Ele estava tão alto em seus ouvidos que seu corpo tremia ao seu ritmo. Ela assentiu com a cabeça e como resposta levantou as mãos debaixo dos cobertores, e encontrou seu rosto na escuridão. Ela tocava timidamente e ouviu seu suspiro suave.

A mão dele segurou a dela apenas um instante antes de seus lábios se encontrarem.

O choque do beijo fez Sophie se sentir tonta... ou talvez fosse o barco balançando mais uma vez. Ela não podia realmente dizer. Ele a mantinha perto dele, beijando-a apaixonadamente, mas com moderação... e Sophie sabia instintivamente que ele estava se segurando.

Ela não queria que ele se segurasse.

Ele beijou-a como um cavalheiro, não porque ele era um... mas porque ele escolheu ser um cavalheiro com ela, e saber disso deixou-a sem fôlego e animada de uma forma que ela nunca tinha experimentado antes.

Seu beijo não era nada como os beijinhos castos que Harlan tinha lhe dado.

Ele embalava seu rosto em suas mãos, suplicando-lhe. "Abra para mim, Sophia".

Por um instante, Sophie não entendeu o que ele estava lhe pedindo. Ela estava delirando. Ela fechou os olhos e viu pequenos pontos de luz explodindo nas suas pálpebras.

Segurando as mãos dela mais uma vez, ele as colocou atrás da cabeça e se deslocou para ficar em cima dela, fixando-lhe sob seu peso.

Não havia escapatória.

E este pensamento fez seu corpo sentir que existiam dores e prazeres em lugares que ela nunca tinha conhecido.

"Dê-me sua língua," ele sussurrou contra seu ouvido. "Eu quero te provar, Sophia.

Sophie estremeceu de antecipação com a sua solicitação. Ela separou os lábios dela como ele desejava, e a primeira incursão da língua dele fez seu coração bater fora do seu peito. Ela se agarrou a ele. Em resposta, ele aprofundou o beijo. Ele segurou suas mãos atrás da cabeça e moveu-se em cima dela com uma lentidão deliciosa que seu corpo instintivamente começou a segui-lo. Ela arqueou seu corpo, tentando soltar as mãos para abraçá-lo, mas ele segurou-as rapidamente, recusando-se a libertá-la.

"Como eu me lembrava" ele murmurou, e Sophie não tinha noção do que ele estava falando, só que a excitava ouvi-lo dizer isso.

"Me beije de volta," ela ouviu-o implorar para ela, e Sophie tentou obedecer. Ela nunca tinha beijado um homem com a boca aberta, em total abandono. Timidamente, ela ofereceu-lhe a língua e quase desmaiou quando ele a pegou para chupar suavemente dentro de sua boca.

Ela choramingou baixinho, se contorcendo de prazer, pedindo-lhe para ir ainda mais fundo em sua boca.

Ela queria mais... queria que ele lhe mostrasse mais...

Jack gemeu com satisfação com o gosto dela. Breve como tinha sido seu primeiro beijo, que ele se lembrava perfeitamente. O sabor dela o tinha excitado desde então e como um homem faminto, ele ansiava por ela.

Suas mãos precisavam percorrer o corpo dela, tocá-la... fazer amor com ela, mas ele se conteve sabendo que ela não tinha lhe dado licença para explorá-lo.

Mas ele queria — Deus, como ele queria!

Ele segurou as mãos dela atrás da cabeça, porque se ela o tocasse... se ela lhe pedisse para... mesmo sem querer... ele lhe daria com prazer.

Ele libertou-se do beijo, antes que ele pudesse ser tentado a algo mais... antes dele escorregar suas mãos sobre o seu corpo lindo para levantar seu vestido. Se ele fizesse isso... se ele se atrevesse... ela precisaria de uma armadura muito melhor do que a que ela estava usando.

Ele olhou para ela, consciente de sua excitação. Seu corpo doía. Ela tinha alguma idéia do que ele queria dela?

Mais do que tudo, ele queria estar dentro dela.

Ela era tão bonita.

Embora ele não pudesse vê-la, ele a imaginava deitada debaixo dele, seu rico cabelo acobreado espalhado sobre seu rosto perfeito. E aqueles olhos... dourados como mel e polvilhados com pó de esmeralda. Ele amaldiçoou a escuridão naquele instante porque ele não podia vê-los... porque ele não podia ver a expressão dela.

Será que ela já tinha se arrependido?

Ele certamente não.

Não podia.

Não queria.

Ela estava quieta, em silêncio, e Jack disse a ela: "você sabe há quanto tempo eu queria fazer isso, Sophia?"

Ela parecia estar sem fôlego, igual a ele. "Quanto?" ela perguntou-lhe, e ele tinha de sorrir para a sua pergunta.

Para ser sincero, ele não se lembrava do momento que ele não quis beijá-la, e ele honestamente não podia dar-lhe o instante exato que ele tinha percebido.

"Desde a primeira vez que você me beijou," ele disse a ela e sabia que era mentira.

Ele a quis antes disso.

"Oh!" ela respondeu. Ele desejou que ele pudesse ver a cor nas bochechas dela. E ela acrescentou, soando como se estivesse segurando um sorriso envergonhado, "não acho que eu devo pedir desculpas?"

Jack sorriu para ela. "Não nesta vida," ele assegurou-lhe e riu.

Houve um silêncio entre eles, e depois de um momento ela disse, "Eu sinto muito sobre os seus papéis, Jack."

Jack não queria pensar nisso agora, não queria se lembrar de quem ela era. "Está tudo bem. Consegui salvar a maioria de qualquer maneira."

"Ainda assim... Desculpa. Eu não queria destruí-los."

Ele queria acreditar que ela não tinha nada a ver com Penn, além do óbvio. Ele queria acreditar nela, quando ela tinha dito que ela sentia falta do noivo e só queria vê-lo... e ainda assim uma parte dele odiava esta possibilidade... porque ela a queria para ele.

"Você não acredita que eu roubaria de você, não é?" Ela parecia magoada pela perspectiva.

A realidade bateu-lhe na cara.

Ela estava noiva de outro homem... prestes a se casar com alguém que não era ele.

Além disso, ele não estava totalmente certo de que ele podia confiar nela. A resposta dele foi honesta quando ele disse. "Não."

Ele não podia acreditar que ela iria beijá-lo como ela o tinha beijado, e pudesse facilmente dar meia volta e apunhalá-lo pelas costas. E ainda assim... ela não estava sendo completamente sincera com ele... porque nenhuma mulher

apaixonada por outra pessoa poderia beijar outro homem da maneira que ela o tinha beijado.

Pelo menos ele esperava que esta fosse a verdade.

"Ela não é o que você pensa," Kell disse em pé atrás dele.

Jack olhou por cima de seu trabalho, irritado, porque a única coisa que Kell parecia querer falar com ele era sobre Sophie. "Não?" ele perguntou, embora estivesse começando a senti-lo ele próprio.

"Não," Kell respondeu e veio se sentar perto da mesa. O retrato de Harlan Penn chamou sua atenção e ele levantou-se, arqueando uma sobrancelha como se ele estivesse sendo inspecionado.

Jack tentou arduamente não observar o retrato, porque o irritava. Na verdade, ele gostaria de jogá-lo voando pela sala e alegremente deixaria sua mesa queimar apenas para se livrar dele. Mas como era de Sophie ele simplesmente o ignorava.

"Você sabe algo que eu não sei?" ele perguntou para Kell, sentindo que ele sabia de algo. Kell nunca mantinha segredo dele, mas de alguma forma desta vez Jack achava que ele estava mantendo.

A resposta do Kell só o provocou mais. "Talvez."

Jack estudou seu amigo. "Você gosta dela, não é?"

Kell sorriu para ele. "Todos gostam dela, Jack."

Jack sabia que era verdade.

"Exceto você, pobre desgraçado!"

"Eu gosto dela," Jack rebateu. Ele gostava muito dela... ele gostava muito dela, mesmo.

"Você gosta?" Kell perguntou.

Jack sentou na sua cadeira, estudando a expressão presunçosa de Kell.

"O que é que você está tentando me dizer, Kell?"

Kell ficou outra vez de pé, deu outro olhar para a foto e disse: "se você é cego demais para ver a verdade, então você não merece saber." E então ele colocou o retrato de frente para a mesa enfrentando Jack e foi embora.

Jack o viu ir com os olhos apertados, pensando que eles se conheciam há muito tempo. Ele suspirou profundamente e seu olhar voltou-se para o retrato de Penn.

Suas sobrancelhas se uniram ao olhar o retrato, e ele estendeu a mão para agarrá-lo.

Penn ostentava dois chifres na cabeça e um terceiro em seu queixo, e seus olhos estavam cheios de símbolos de dólar. O olhar que lhe convinha. Jack balançou a cabeça e riu. Ele olhou para a porta e pensou em chamar Kell de volta para conseguir qualquer informação que ele tivesse conseguido dela, mas ele conhecia Kell o suficiente para saber que ele não a daria — não se ele tivesse dado sua palavra que não diria, e parecia que ele tinha dado.

"Eu vou ser condenado," ele disse e colocou o retrato de frente para ele, para que ele pudesse aproveitá-lo enquanto trabalhava. O humor dele, quando ele voltou a se sentar, estava muito melhor.

De repente, ele ouviu os gritos, e ele quase derrubou a mesa com a pressa em descobrir a causa da comoção.

"Estou bem," Sophie assegurou a Randall que estava gritando para ela descer, tentando acalmá-lo antes que ele conseguisse chamar a atenção de Jack. Não era como se estivesse ventando muito e o mar turbulento. Tanto o oceano quanto o céu estavam em paz depois da tempestade da noite passada, e Sophie não viu razão por que ela não podia gerenciar um simples reparo. Se um homem podia fazer, ela poderia fazê-lo também. Ela estava certa disso.

"Miss Vanderwahl," Randall gritou para ela "por favor, desça daí!"

Sophie o ignorou, subindo mais alto na escada improvisada. Aparentemente, durante a noite, os ventos tinham feito buracos nas velas — que eram visíveis a partir do convés abaixo e ela não queria que rasgasse, agravando o problema. Ela certamente iria tomar precauções, mas ela não seria dissuadida.

Ela queria fazer algo legal para Jack.

Eles tinham acordado naquela manhã no chão, de braços dados. Ele a tinha segurado durante a noite, enquanto a tempestade estava enfurecida e ela tinha fingido dormir até que ele a deixou quando o sol brilhante da manhã apareceu. Ele tinha tirado o cabelo do rosto dela... com tanta ternura, que fez o coração dela bater mais rápido.

"Miss Vanderwahl," Randall protestou e então se juntou a Kell, que felizmente permanecia quieto enquanto olhava para ela apesar de achar que ela estava maluca.

E talvez ela fosse, porque tudo o que ela conseguia pensar era em Jack. Jack, Jack, Jack. O que estava errado com ela?

Uma multidão começou a reunir-se no convés, mas Sophie ignorou, determinada a ser de alguma utilidade. Ela havia encontrado agulha e linha, e pelo tamanho ela achou que eram destinados a uma costura como esta. Ela podia não saber como reparar a lona precisamente, mas ela estava certa que ia descobrir como.

Se não fizesse nada, quando ela chegasse ao seu destino, o tamanho do rasgão seria muito maior. Olhando do convés, ele parecia pequeno, mas de perto, ela começou a se perguntar se ela conseguiria arrumá-lo. Mesmo assim, não custava nada tentar. Ela tirou a corda onde tinha enrolado seu braço e amarrou primeiro o topo do mastro e em seguida amarrou a corda na cintura dela, fixando sua posição, para que ela não escorregar e cair. Com isso feito, ela se preparou para trabalhar e tirou a agulha do vestido dela. Já estava com a linha enfiada; ela tinha feito isso antes de subir. E se ela precisasse de mais linha, ela tinha a postos.

Tudo estava bem até que Jack gritou para ela.

"Maldição, Sophia! Desce aqui!"

Ela deixou cair a agulha.

Sophie olhou para baixo, e viu Jack encarando-a. "Olha o que você me fez fazer!" ela protestou.

"Desça aqui, Sophia!"

Seu tom de voz caiu pesado sobre seus nervos. "Não vou!" Sophie, rebateu.

"Como você ousa usar esse tom comigo!" Se ele estivesse preocupado com ela, havia maneiras muito melhores para mostrar! De qualquer forma, ela estava bem, exceto que agora ela não tinha nenhuma agulha para costurar as velas. Irritação brotou dentro dela.

"Tem alguma idéia do que diabos você está fazendo?" ele lhe perguntou dando ênfase a palavra diabos. Ele colocou as mãos nos quadris dele enquanto olhava para cima, para ela. "Ou o seu dever é correr ao redor do mundo procurando encrenca? Em toda a minha maldita vida, Sophia Vanderwahl eu nunca conheci uma mulher mais indisciplinada!"

Ela era indisciplinada?

Raiva subiu através dela. Se ela fosse um homem, Sophie duvidava que os esforços fossem vistos da mesma maneira. Um homem teria sido considerado consciente e construtivo.

Indisciplinada, bah!

"Eu estou consertando as velas!" ela informou-o de forma inteligente e tentou parecer tão digna quanto ela poderia. Todo mundo estava assistindo. "Não que alguém como você fosse se dar ao trabalho de apreciar o que eu estou fazendo," ela protestou. "Homem ingrato," ela murmurou sob sua respiração.

"Eu entendo" disse ele. "É isso o que você está fazendo aí em cima."

"Sim."

"E você planejava apenas costurar com agulha e linha?"

"É claro," respondeu Sophie. "Não é como se costura pano rasgado?"

Ele ficou em silêncio um momento em face de sua lógica, apesar de sua fúria ser evidente na sua postura. E então ele disse, "eu não sei como diabos você vai consertar esse pano, mas qualquer idiota sabe que não se deve repará-lo enquanto o vento estiver batendo forte!"

"Não é vento!" argumentou Sophie. "Apenas uma suave brisa. Nada que possa prejudicar seu reparo. Você está sendo ridículo, Jack."

"Sophia," ele continuou, agora soando hostil. "Se você não descer daí, eu vou subir!"

Sophie se irritou com a ameaça. Ela se sentia como uma criança rebelde, e nem mesmo sua mãe lhe tinha falado com tal abuso. Ela nunca tinha feito uma

única coisa a qual ela pudesse ser repreendida, de tanto medo da mãe que tinha.

Ela se recusava a ser intimidada. Ela não tinha cinco anos usando um vestido cheio de lama para ser castigada. Ela era uma adulta e tinha livre arbítrio para fazer o que ela quisesse!

Ela sorriu para ele, com um desafio em seu tom. "Faz isso, Jack MacAuley — e por que não me traz a agulha que você me fez derrubar?" Todos de uma vez, toda a tripulação começou a procurar a agulha.

"Sophia!" Jack gritou.

"Acho que está lá... perto do Randall," ela instruiu-o, ignorando sua ordem. Se ele quisesse que ela descesse, ele podia muito bem pedir, educadamente. Ela agora não tinha nenhum motivo para ficar sem a agulha, mas ela não ia se curvar ao seu comando.

Randall caiu de joelhos, à procura. Sophie duvidava que ele fosse encontrar a agulha, e na verdade, ela não fazia idéia onde tinha caído. Jack a tinha assustado.

Malcriado rabugento!

"É isso!" Jack disse, jogando suas mãos em evidente desgosto e praticamente se arremetendo para o topo do mastro subindo com muita agilidade. Sophie mordeu o lábio, franzindo a testa. Ele não podia arrastá-la para baixo contra a vontade dela. Não seria seguro puxá-la. Instintivamente ela apertou o nó na cintura dela, só para ter certeza ela amarrou outro nó e puxou com toda sua força. Ela não queria ser vítima de sua ira.

"Eu só estava tentando ajudar!" ela assegurou-lhe quando ele estava na metade do caminho. Ela testou a corda uma vez mais, ficando mais ansiosa quanto mais perto ele chegava.

"Por favor, não ajude!"

"Não entendo porque você está tão nervoso!"

Nem Jack.

Ele não conseguia explicar o medo que ele tinha sentido ao vê-la no topo do mastro.

A mulher era louca!

Ele não estava mais preocupado que ela fosse afundar o barco. Se ela continuasse no topo do mastro, ela ia acabar a sete palmos de terra. Jack estava

indo atrás dela para prendê-la e mantê-la segura, fora do perigo!

Ele subiu rapidamente, pensando apenas em chegar onde ela estava não questionando a histeria inexplicável que ele sentiu dentro dele com o pensamento dela lá em cima.

Ele quase tinha chegado perto dela, ela já estava ao alcance do seu braço, quando ele colocou o pé um pouco pesadamente sobre o degrau da escada.

"Jack!"

Ele estendeu a mão para o topo do mastro, abraçando-o enquanto ele ia deslizando para baixo. No mesmo instante, ele sentiu um puxão em seu couro cabeludo, apenas por um instante. Ele caiu pesadamente sobre o próximo degrau e o ouviu estalar. Ele continuou deslizando para baixo, gemendo de dor. Não havia nenhuma maneira de protegê-lo enquanto ele deslizava para baixo, e a dor aumentava. O próximo degrau chegou rápido, e ele ficou lá, abraçando o mastro, ciente da sua mão queimada.

Quando a razão voltou a sua mente, ele olhou a expressão horrorizada de Sophie.

Ela mantinha sua mão estendida e nela segurava uma mecha de seu cabelo. As sobrancelhas de Jack uniram-se em estado de choque ao vê-la. Seu primeiro instinto foi voltar e encontrar onde estava faltando o cabelo, mas seus braços estavam embrulhados firmemente no mastro, e ele estava acabado se ele se soltasse.

Ela olhou para baixo, e então outra vez para ele, suas sobrancelhas se levantaram em súplica. "Sinto muito, Jack. Eu... Eu tentei impedi-lo."

Palavras não importavam agora.

Em sua mente, ele imaginava amarrá-la em sua rede, envolvendo-a em quilômetros após quilômetros de corda amarrada ao redor dela, colocando-a longe do mundo. Em sua fantasia, ela suplicava para ser solta, mas ele a ignorava, silenciando-a com um beijo brutal antes de virar e ir embora, trancando a porta com firmeza.

Ele deveria ter seguido seu instinto e nunca deixá-la ter vindo a bordo deste navio sangrento.

“Você tem sorte, de não ter acontecido pior,” Sophia o repreendeu.
Jack apenas olhou para ela.

"Eu só estava tentando ajudar," ela se defendeu.

"Bom Deus, por favor! Sem mais ajuda!"

"Mas eu quero ajudar!" ela protestou.

Mulher teimosa.

Ele admirava sua coragem, mas a dor em suas mãos o obrigava a ser resoluto. Era sua vez de ficar sentado fazendo careta enquanto ela tirava lascas de suas mãos — grandes e feias lascas.

"Não mais, Sophia, entendeu? Não tente mais ajudar!"

Ela se sentou à mesa na frente dele, retirando as lascas, estremeando enquanto trabalhava. "Peço desculpas," ela disse e suspirou. "Isso é tudo minha culpa."

Jack não queria discordar, mas não disse nem uma palavra. Estava claro pela expressão dela que já estava se sentindo culpada.

"Suponho que minha educação foi um pouco falha no que diz respeito ao mundo em geral."

Ele sorriu para ela, amaciando o seu insulto com um piscar de olhos. "Você age muito bem para uma menina rica e mimada."

Sophie riu suavemente, mas o tom autodepreciativo dele tinha machucado seu coração.

"Você sabe..." Ele encontrou o olhar dela e disse, um pouco mais sobriamente. "O simples fato de você arregaçar as mangas para ajudar é muito mais do que eu esperava de você."

Sophie encolheu os ombros. "Como você mesmo disse... Não posso chamar de ajuda."

"Não seja tão dura consigo mesma, Sophia."

Sophie não podia evitar.

Parecia que tudo o que ela tentava, falhava. Ela se achava uma boa administradora porque ela sempre conseguiu cuidar da casa dos pais dela muitíssimo bem. Na verdade, ela estava quase com medo de fazer alguma coisa, de tentar continuar a ajudar. Só a sua teimosia a fazia continuar tentando. Ela se recusava a ser derrotada por tarefas domésticas. Ela estava determinada a ser de alguma utilidade para Jack, a ser um membro integrante de sua tripulação... para compensar os danos que ela tinha causado. Muito de sua pesquisa tinha ficado arruinada. De alguma forma, ela tinha que reparar isso. Talvez ela pudesse tentar redesenhar as fotos que foram queimadas?

Ela era boa nisso.

Ela caminhou até o lavatório, pegou um sabonete e uma toalha de rosto, jogou-os na bacia, e trouxe a bacia de volta para a mesa, ainda pensando sobre a pesquisa de Jack. Muitas das páginas tinham sobrevivido, embora tenham ficado danificadas. Ela poderia refazê-las para ele.

Ela ensaboou o pano e depois passou nas mãos dele, limpando suavemente.

"Dói?" ela perguntou, seu tom cheio de preocupação.

"Sim!" ele gritou.

"Peço desculpa," ela disse e amaciou seu toque.

Seus próprios desenhos tinham sido bons o suficiente para lhe dar uma visão dos objetos que ele havia tentado capturar. Ela iria começar logo que possível.

De qualquer forma, isso era culpa de Jack: nunca antes ela tinha se envolvido em tantas catástrofes. Ele era uma terrível distração. Ela vivia uma vida muito reservada, nunca fazendo algo que não fosse inteiramente adequado. Ela não sabia nada sobre culinária ou limpeza, ou qualquer outra tarefa doméstica, porque os pais dela sempre contratavam empregados para fazer esses trabalhos.

Ela nunca teve que levantar um dedo para apagar sua própria luz. Os empregados sempre tinham tomado conta de tudo. Se ela caísse no sono com as luzes acesas, lendo, eles estavam sempre por perto para apagar as lamparinas.

E agora que ela finalmente tinha oportunidade de fazer alguma coisa por si mesma para provar que ela não precisava de ninguém, ela estava levando outras pessoas ao perigo com seus esforços insignificantes.

Isso a fazia se sentir um fracasso.

Ela não podia culpar Jack por proibir-lhe de ajudar. Ela realmente não o culparia se ele a fechasse em sua cabine e tirasse de perto dela tudo o que poderia causar danos. Ela nem sabia ler sem colocar todos em risco. O que a fez pensar que ela poderia fazer algo para participar e ajudar a carreira de Jack?

Ela só queria poder provar a si mesma de alguma forma.

Ela piscou, de repente, olhando para Jack, só percebendo o que ela tinha pensado.

O que a fazia pensar que ela poderia fazer algo para participar e ajudar a carreira de Jack?

Ela engoliu inquieta, certa de que ela deveria estar louca de pensar nesta hipótese.

E ainda assim ela tinha pensado.

Ela passou o pano úmido sobre suas mãos, mas os olhos dele pareciam procurar algo. Ele olhou para ela, como se tentasse ler seus pensamentos, e Sophie se inquietou sob sua análise.

Será que ele sabia o que ela estava pensando?

Será que ele a achava uma boba?

A intensidade do seu olhar fez seu coração bater mais rápido.

"Agora eu sei algo," ele disse a ela, e Sophie segurou a respiração, com medo de que seus segredos tivessem sido revelados na profundidade de seus olhos.

O que ele sabia?

Foi-lhe dito que os olhos eram os espelhos da alma, e se isso fosse verdade, então o coração de Sophie era um livro aberto. O pai dela sempre tinha lhe dito que ele poderia dizer o que ela estava pensando simplesmente pelo seu olhar.

Se isso era verdade ou não, o pai dela certamente parecia ler tudo.

Ela estava quase com medo de perguntar e mentalmente preparando-se para qualquer revelação que Jack pudesse fazer. "O quê"?

Ele sorriu para ela, e seus olhos verdes brilhavam como as esmeraldas mais claras, cheio de bom humor. "Você não ronca," ele disse com certeza.

Por um instante, a confirmação inesperada foi uma surpresa pra ela.

Sophie nunca tinha se preocupado com isso. Mas ela percebeu que ele estava tentando fazê-la sorrir e que ela tinha conseguido acalmá-lo.

O bobo.

"Você é absolutamente insuportável!" ela disse, tentando não rir.

"Você não é a primeira mulher a me dizer isso," ele assegurou-lhe. "E não é a primeira vez que me acusam disso."

"Bem, garanto-lhe, que é sempre verdade!"

"Sério?" Seus olhos cintilavam com bastante alegria, estragando o efeito da sua queixa. "Bem, você também não é nada suportável, Miss Vanderwahl!"

Sophie olhou de relance para ele. "Se eu não te conhecesse, Sr. MacAuley, eu diria que você está tentando começar uma briga comigo."

Como uma criança que tivesse sido pego em flagrante delito, ele sorriu para ela, parecendo nesse instante bastante juvenil e cativante. "Talvez você não me conheça tanto assim?" ele sugeriu, incitando ela. Suas sobrancelhas arqueadas.

Sophie teve que rir de sua expressão de confronto. "Eu acho que você deve ter sido um menino detestável!" ela disse-lhe e desejava que ela o tivesse conhecido então.

"O essencial" ele admitiu.

"Não tenho dúvidas!" Sophie concordou entusiasticamente. Ela se perguntava como as provocações de Jack a faziam encontrar força em si mesma e reforçar seu espírito.

Eles compartilharam um momento de tranqüilidade, e então ele olhou para sua mão. "Calma com o que você vai fazer, certo?"

"Oh!" Sophie começou e soltou a mão dele.

"Eu vou fazer um acordo com você..." ele negociou com ela.

Ela deixou cair o pano na bacia e esperou para ouvir sua sugestão.

"Você se certifica de se manter fora de perigo o resto da viagem, e eu

prometo que você pode fazer o nosso primeiro café da manhã quando sairmos desse barco."

Sophie sorriu em resposta, feliz porque ele estava disposto a dar-lhe outra chance. E depois sua respiração parou. Ele era realmente muito bonito... especialmente quando não estava olhando com desconfiança para ela. Ela poderia olhar nos seus olhos para sempre.

"Você está de acordo?"

"Estou de acordo," ela concordou.

"Você tem apenas mais uma semana no navio. Você acha que você pode se controlar?"

Ele estava brincando com ela, ela percebeu. "Claro!" ela exclamou, fingindo estar ofendida.

"A partir de agora," ele informou.

Ela jogou os braços em volta do pescoço dele em gratidão e para fazê-lo parar. "Cale-se," ela exigiu dele e olhou para seu rosto sorridente. Ela beijou-o rapidamente na boca quando ele tentou falar novamente e sussurrou, "Obrigada!"

Ele se acalmou, seu sorriso desapareceu, e de repente ela percebeu o que tinha feito.

Seu batimento cardíaco acelerou.

Ela tentou se soltar... mas o braço dele foi sobre a cintura dela, impedindo-a.

"Não," ele sussurrou, suplicando-lhe, e Sophie de repente pode sentir seu coração batendo contra seu peito, quando ele puxou-a contra ele... ou talvez fosse apenas o seu próprio coração batendo. Ela não podia dizer.

A respiração a deixou quando ele inclinou a cabeça para beijá-la mais uma vez.

"Sophia," ele sussurrou com a voz rouca, como se ela fosse detê-lo.

Ela não queria detê-lo.

Seus olhos estavam fechados, e seu coração saltou quando seus lábios se encaixaram perfeitamente.

Sua boca era maravilhosa e Sophie não queria nada mais do que isso...

Ela abriu sua boca para ele, antecipando sua língua. Com a língua ele pincelou seus lábios, macios, quentes e doces, e ela ofereceu sua própria língua

sem protestar, sem hesitação... com total abandono.

Jack nunca havia provado nada mais doce.

Nenhum lábio já tinha tremido tão lindamente.

Nenhuma língua, nunca o tinha feito se sentir como se estivesse no céu.

Nenhum abraço nunca tinha sido tão bem-vindo.

Ele queria algo que ele sabia que nunca poderia ter, mas ele estava disposto a ter tudo o que ela queria lhe dar. Ela poderia não ser apaixonada por Penn, mas ela era noiva de outro homem. Qualquer pedaço dela que ela desse para ele, logo iria embora. Ele não se sentia culpado por pegar a parte dele. Jack não era um homem tão honrado que pudesse se afastar da única mulher que já tinha feito o seu coração bater tão forte que doía para respirar... que poderia fazê-lo sorrir, fazê-lo se sentir como ele nunca tinha se sentido antes.

Ele a afastou para olhar seus olhos. As bochechas dela estavam mais rosas, seus olhos dourado escuro, atordoados com paixão. Ele podia levar tudo o que queria neste momento e ela daria sem protestar, e ele sabia disso.

E ele queria desesperadamente prová-la.

Ele poderia dar prazer a ela e se satisfazer... e ela permaneceria praticamente intocada...

Ou ele poderia ir embora e pensar como teria sido para o resto de sua vida.

A escolha era dele, ele sabia.

Ele escolheu ficar.

"Sophia," ele sussurrou e beijou seu pescoço. Ele jogou sua cabeça para o lado, e o cheiro dela o tentou além da razão, despertando-o. Seu corpo apertou, endureceu. Ele abriu a boca sobre o pescoço dela e o mordeu suavemente, e ela gemeu baixinho com um prazer delirante. Ele estava cheio de satisfação com o lindo som de sua paixão. "Eu quero você," ele disse para ela e ele a queria ferozmente.

Uma combustão lenta se infiltrou através dele nos seus pensamentos mais básicos, e encontrou o olhar dela, querendo ver cada movimento que ele fazia... enquanto ele estava fazendo. Se ela quisesse que ele parasse, ela só precisaria dizer uma palavra, e ele pararia.

Ele beijou o pescoço dela mais uma vez, mordendo-o suavemente e depois

beijou o peito dela sobre suas roupas. Quando ela não o impediu, ele fechou uma palma sobre um dos seios e moldou sua mão com suavidade, desejando sentir sua pele nua em seus lábios.

Ela gritou, um macio lamento.

Sophie fechou os olhos e deixou a cabeça cair para trás, indefesa, para deixá-lo fazer o que ele quisesse.

O corpo dela já não mais pertencia a ela.

Ele sabia onde ela vibrava, e sabia como tocá-la, e ela não podia tê-lo impedido mesmo que ela quisesse.

Mas ela não queria.

Ela sempre quis fazer isso durante toda a sua vida só que não imaginava o tamanho de prazer que iria sentir...

Ele estava beijando-a tão desenfreadamente... mordendo-a tão gostoso... como se ela fosse seu banquete...

Ele se ajoelhou diante dela, de repente, apertando-a contra ele, e ela engasgou em choque quando seus lábios tocaram os seios dela... e depois as mãos dele, e ela ficou sem respiração quando ele deu um beijo entre o vale de seus seios, deixando sua língua deslizar onde nenhum homem nunca tinha beijado antes.

Sophie estava deliciosamente escandalizada.

A pele dela se arrepiou de prazer e ela colocou a mão na cabeça dele, pedindo-lhe para dar-lhe mais. Ela sabia instintivamente que ele poderia lhe dar mais... e ele poderia, e ela queria com cada fibra do seu ser.

Seus lábios procuravam seus seios, beijando-os e beliscando-os suavemente, e o coração de Sophie capotou contra suas costelas. Ela estava vagamente ciente que ele tinha levantado seu vestido, seus dedos levemente acariciando sua panturrilha. Ele continuou a levantá-lo... e ele beijou a barriga dela... mudou-separa sua coxa... a língua dele acariciava a coxa dela, e Sophie engoliu a objeção que veio em seus lábios.

O coração dela martelava ferozmente.

Seus dedos passeavam na junção de suas coxas e ela engasgou em total estado de choque que estava misturado com felicidade, e ela não conseguiu

protestar. Instintivamente, apegando-se a um pingo de recato que ainda lhe restava neste momento, ela apertou suas pernas juntas, embora não fosse para detê-lo. Ele só conseguiu intensificar o sentimento... e prender a mão entre as pernas dela.

Ele balançou o dedo, passando nos seus pontos mais delicados.

"Oh meu Deus!" ela exclamou e sentiu um prazer tão intenso que quase chegava a doer. Ela se inclinou sobre a mesa, apoiando-se com os braços tremendo, quase desmaiando de prazer. A luz do quarto ficou fraca, e ela estava ciente somente do homem que estava tão intimamente aninhado entre as coxas dela.

Ele olhou para ela, seus olhos verdes, queimando como se estivesse com... fome.

"Abre as pernas para mim, Sophia."

O coração de Sophie sacudiu com o seu pedido. Mas ela estava impotente para negá-lo. Seu olhar exigia que ela lhe desse tudo o que ele queria... qualquer coisa que ele quisesse. Ela engoliu qualquer protesto que ela poderia ter pronunciado.

Suas pernas tremiam quando ela obedeceu e ele a recompensou com o sorriso mais perverso de prazer que Sophie jamais tinha visto. Fez sua barriga vibrar com a antecipação.

"Isso, minha flor," ele encorajou. "Se abra para mim."

Ele brincava com ela... lá... e a respiração de Sophie vibrava na intensidade da sensação que explodia em todos os lugares que ele tocava.

"Jack!" ela gritou e procurou o olhar dele.

Os olhos dele brilhavam como jóias. Ele não parou. Ele continuou sem piedade, os dedos dançavam magicamente, provocando as mais deliciosas sensações que ela nunca tinha sentido em toda a sua vida.

"Oh meu Deus!" ela disse de novo e pensou que fosse morrer. "Jack!" ela sussurrou e podia ter sido um protesto, mas seu corpo estava arqueado em direção a ele, pedindo mais. As pernas dela estavam espalhadas por sua própria vontade, abrindo-se para ele como uma flor ao sol.

Sua cabeça caiu para trás, e a respiração vacilou quando ele levantou ainda

mais as suas saias.

E então ela sentiu algo tão deliciosamente pecaminoso que ela queria gritar em êxtase. A boca dele foi substituída pelos seus dedos... sua língua movendo-se sobre ela com tal precisão que Sophie pensou que seu coração fosse parar completamente. Sua língua dançava onde os dedos tinham passeado, provocando-a. E então ele colocou sua boca no seu seio para sugá-lo, e Sophie não poderia suportar por mais tempo. Incapaz de falar, ela clamou por misericórdia.

Ela caiu para trás quando um dedo escorregou dentro de seu corpo, suavemente, acariciando-a até ela se sentir quase inconsciente. E então algo de repente explodiu dentro dela, e ela gritou com uma alegria tão intensa que ela mal pode se conter.

Ela sentiu o ardor com que ele continuou a devorá-la.

O próprio grito de libertação dele foi como um eco no ouvido dela. Enquanto ela estava deitada na mesa dele, Sophie ficou ciente de duas coisas... não, três...

Um, ela nunca tinha se sentido tão querida em toda a sua vida. Sabendo que era uma ilusão, um resplendor da intensidade de seu prazer.

Dois, ela parecia ter-lhe dado algo que ele desesperadamente queria, porque ele a estava beijando docemente ainda e não parecia querer parar.

E três... ela parecia ter sua pena incorporada a sua espinha... mas ela não se importava se a pena a espetava.

Neste momento, ela estava flutuando nas nuvens.

Jack se sentou em sua mesa, tentando que as palavras desordenadas diante dele fizessem sentido.

Ele estava lendo os relatórios que tinham sido feitos por seus colegas... relatos que tinham inconseqüente ou erroneamente sido reprovados e jogados fora, simplesmente porque eles não estavam em conformidade com a teoria aceita da evolução humana.

Ele estava a tentando ler, mas ele mal podia se concentrar por causa dos sons que vinham da outra metade da cabine.

Sophia estava se preparando para dormir.

Mas ele não se sentia nem um pouco cansado.

Na verdade, ele mal podia sentar em sua mesa; ele estava muito tenso. Não parava de se lembrar do sabor dela... a sensação do seu doce estremecer quando ele tinha feito o corpo dela chegar ao clímax.

Seu próprio corpo estava com necessidade de alívio... alívio que só ela poderia lhe dar.

Sua visão estava turva e sua concentração estava reduzida a zero.

Ela estava se lavando.

Ele podia ouvi-la muito claramente; botões sendo abertos, o farfalhar do vestido caindo, salpicos de água...

Caso contrário, ela ficaria dolorosamente quieta.

Ele tentou se concentrar em seu trabalho, forçando sua atenção sobre os

documentos diante dele.

Sua alegação era que a civilização Maia, podia ter evoluído para seu estado final de avanço tecnológico, e que ela deve ter tido tempo suficiente para esta evolução...

Água espirrou por trás da cortina.

Onde ela estava lavando?

Imagens o provocavam — suaves cachos escuros — e ele ansiava pelo sabor dela de novo. Engolindo, ele fechou os olhos por um momento, e, quando ele reabriu tentou se focar nos documentos...

Era difícil de acreditar que, como a presente teoria apresentava, uma civilização mesoamericana poderia ter se desenvolvido a tal ponto como a civilização Maia tinha, se o homem tivesse migrado para o continente dez mil anos atrás.

Doce... ela era doce.

Ele piscou os olhos, mas a imagem poderosa dela deitada na mesa dele... tendo ignorado as evidências de sua excitação.

A presença de Sophie estava deixando ele louco.

O que ela estava fazendo? Seu silêncio era enlouquecedor.

Ele deveria falar com ela? Dizer boa noite? Por que raio estava ele de repente se comportando como se ele fosse algum garoto tendo a sua primeira paixão? Ela era uma Vanderwahl, com certeza, mas aquelas belas pernas tinham ficado enroladas no pescoço dele e não fazia muito tempo, enquanto seus suaves gritos apaixonados tinham preenchido seus ouvidos.

Irritado com ele mesmo, ele mudou o foco dos seus pensamentos, batendo seus dedos impacientemente na mesa.

As realizações Maias deixavam Jack incrédulo. Eles tinham desenvolvido conhecimentos nunca obtidos por civilizações comparáveis. Seu sistema de matemática poderia expressar somas em milhões, e eles tinham entendido o conceito de quantidade do número zero mil anos antes de qualquer povo. Entre suas muitas outras realizações, eles desenvolveram um calendário preciso para 400 milhões de anos, e a medida do ano era apenas uma pequena fração do atual. Uma sociedade infantil, por assim dizer, não teria tido o tempo necessário para

avançar até esse ponto — pelo menos não sem influência externa.

Essas eram as sementes que Penn tinha roubado... literalmente.

Tendo trabalhado estreitamente com Jack, Penn tinha apresentado à diretoria o pensamento e o trabalho de Jack, exceto que ele não tinha realmente entendido a essência da teoria de Jack. A análise de Penn era que a civilização Maia não parecia ter ido além da idade da pedra — nunca tendo empregado a roda para qualquer finalidade sensata, ou nunca tendo desenvolvido um alfabeto fonético — os Maias deviam ter entregado seus conhecimentos para fontes fora de sua própria cultura.

Tendo tido acesso aos relatórios de Jack, Penn tinha rebatido a teoria de Jack ponto por ponto, perante a junta da diretoria, torcendo seus próprios argumentos contra ele em nome da religião, a tal ponto que Jack, achou um insulto à sua inteligência e um duro golpe para o progresso. Da maneira que aconteceu, não teria sido fácil convencê-los da validade de suas teorias, depois que Harlan tinha acabado com elas, eles não ficaram inclinados a ouvi-lo.

Mesmo que Jack tivesse provas para oferecer.

Os relatórios que ele tinha na frente dele feito por colegas confiáveis tinham as provas fortemente implícitas que o homem moderno tinha habitado o continente numa data muito anterior que se conhecia. Isso levava Jack a acreditar que era mais provável que os Maias tivessem efetivamente se desenvolvido por conta própria. Mas com essa teoria, ele tinha cometido um pecado profissional: ele se atreveu a questionar a norma padrão da universidade.

Parecia incrível para Jack que uma prova como esta, dada por pesquisadores respeitados, pudesse ter sido dispensada em favor de alguém como Penn. Apesar das evidências de Penn serem mínimas, e dependerem principalmente de paralelismos religiosos, foi Penn quem recebeu os subsídios para a pesquisa, e Jack tinha sido deixado de lado.

Jack acreditava que era porque a pesquisa de Penn não apenas apoiava a teoria da evolução, mas favorecia a doutrina religiosa. E isso o irritava, não porque as teorias de Penn tinham recebido crédito — mas todas as provas não terem sido consideradas — mas sim as teorias de Penn e aquelas como as dele que eram as únicas a receberem qualquer crédito.

Jack com certeza não se importava de estar errado.

Na verdade, ele tinha provado inúmeras teorias que não obtiveram crédito. Mas ele não gostava que dissessem que ele estava errado antes que ele pudesse expor o trabalho dele — para homens que se consideravam a elite governante.

A cortina se abriu abruptamente.

Sophie ficou ali, vestida com sua camisola esfarrapada e ainda assim parecia uma imagem imperial.

Apesar de seu humor, a visão dela trouxe um sorriso em seus lábios.

Sophie sorriu para ele.

Ele se apoiou cansadamente em sua mesa, queixo na mão, olhando para seus papéis com aquele olhar provocativo que ele geralmente reservava para ela.

"O que é que você está estudando?" ela perguntou para ele, resistindo à vontade de espreitar por cima do seu ombro. Ele não parecia apreciar seu interesse em seu trabalho, mas sua curiosidade a deixava confusa. Ela só não podia evitar.

"Trabalho," ele disse simplesmente. Ele continuou a sorrir para ela, e o rosto de Sophie começou a pegar fogo.

Ele tinha ficado muito mais receptivo a ela desde o encontro deles naquela tarde — uma mudança positiva — mas Sophie não estava gostando. Ela não gostava desta súbita timidez que ela mostrava em sua presença. Ela nem conseguia olhar para ele sem corar e quanto mais ele tentava colocá-la à vontade, mais ela ficava envergonhada.

Jack MacAuley tinha visto muito mais do que qualquer homem tinha o direito de ver, e o comportamento dela tinha sido abominável. Seus pensamentos estavam atrapalhados. Algo tão belo não poderia possivelmente ser errado... e ela tecnicamente ainda estava noiva de Harlan... pelo menos até que ela o enfrentasse. Ela não tinha o direito de ter um comportamento impróprio com ninguém.

E ainda assim, embora seu rosto estivesse queimando, ela não conseguiu se arrepender pelo o que tinha feito.

A simples visão de Jack fazia seu coração se contrair.

Ele pôs seus papéis na mesa, dando-lhe toda a sua atenção.

Sophie sorriu timidamente para ele e se aproximou da mesa sob o pretexto de olhar para a foto de Harlan. Levantando-a, ela sorriu satisfeita com a sua própria obra, em seguida, colocou o retrato na mesa, batendo-o cuidadosamente antes de olhar para Jack.

Ele a observava atentamente, e secretamente se divertindo com algo. Sobre o quê, Sophie não fazia idéia.

Ele levantou suas sobrancelhas. "Presumo que você não pode esperar para vê-lo?"

"Não, eu realmente não posso," ela admitiu, e era a verdade. Ela não podia esperar para ler para ele suas próprias palavras traiçoeiras e então arremessar o anel na cara dele. Deixe-o dar para uma de suas preciosas garotas nativa!

"É o que parece," ele disse olhando para ela. De repente ela se sentiu desconfortável sob seu exame. Sophie fez um esforço para parecer serena. Ela não estava preparada ainda para dar explicações.

De alguma forma, tudo isso a fazia se sentir um fracasso.

A mãe dela tinha lhe ensinado que algumas vezes ela não deveria mostrar sua verdadeira natureza, porque ela tinha certeza de que Sophie nunca conseguiria manter um homem. Seu temperamento era muito difícil, seus interesses muito masculinos e o cabelo dela nunca permanecia no lugar certo. Ela estendeu a mão e puxou a fita do cabelo, deixando seus cachos cair livres. Ela tinha gasto uma quantidade excessiva de tempo tentando se tornar apresentável, mas porque tentar conter seus cachos?

Não era culpa dela se Harlan era um mulherengo tolo!

"Então..." Ela brincava com a fita marfim em volta do polegar da mão dela. "No que você está trabalhando?" ela insistiu, esperando que sua pergunta fosse tirar a atenção para longe dela.

Jack estava olhando para ela muito conscientemente, e ela ficou nervosa.

"Você realmente quer saber?"

"Claro," ela disse. "Não quero outra coisa."

"Eu estava lendo alguns relatórios feitos pelos meus colegas."

"Que tipo de relatórios?"

"Provas descobertas ao longo do continente norte-americano, que mostra um

povo indígena muito mais velho do que normalmente se aceita."

Sophie desenrolou a fita de seu dedo. "Em outras palavras... os nativos estiveram aqui a muito mais tempo do que pensamos?"

"Precisamente."

"Entendo." Ela estava realmente interessada, mas apesar de seu noivo ser um perito no campo da antropologia, ela não tinha idéia de como seus estudos eram realizados. Harlan nunca conversava com ela sobre qualquer coisa. "E como você sabe?"

Ele empurrou um papel para ela. "Veja este artigo, por exemplo..."

Sophie virou o papel. Estava intitulado "Uma Relíquia da Era Bygone."

"Esse artigo apareceu na revista Scientific American, em 5 de junho de 1852."

Sophie leu o rabisco no topo da página, escrito no que ela achava ser a caligrafia de Jack, com um desenho de um vaso metálico do período pré-cambriano.

"Uma nave em forma de sino foi lançada da rocha na explosão destacada neste artigo."

Sophie escaneou a carta e perguntou com surpresa, "Em Massachusetts?"

Jack assentiu. "Sim, certamente. O corpo do navio se assemelhava a zinco na cor e do lado tinha um design embutido com prata pura. Em torno do fundo corria uma videira, também incrustada com prata. O relevo, o entalhe e a marchetaria foram feitos por um artesão hábil. Ele era feito de pedra sólida, estava a quinze pés abaixo da superfície da terra. Aquela pedra remonta à idade do período pré-cambriano, o que faz a peça ter mais de 600 milhões de anos de idade."

As sobrancelhas de Sophie se aproximaram. "Isso é notável!"

"Sim é" Jack concordou. "A versão padrão é de que coletores e caçadores asiáticos cruzaram o estreito de Bering há cerca de doze mil anos.

"Isso é uma grande discrepância," observou Sophie.

"Uma incrível discrepância. Mas este relatório não é o único. Existem dezenas de relatórios semelhantes."

"Incrível," Sophie disse com admiração.

Com fome de mais conhecimento, ela olhou ansiosamente para a pilha de relatórios que Jack tinha guardado tão ferozmente.

"Gostaria de lê-los?"

Sophie piscou com a sua pergunta e tentou medir a expressão dele. Ele estava falando sério? Ou simplesmente querendo provocá-la? "Sério?"

Ele assentiu, e ela engasgou em surpresa.

"Você realmente não se importa?"

Ele apenas sorriu para sua pergunta e empurrou na direção dela a pilha de relatórios. "Só se você prometer levá-los direto para a sua cama e lê-los lá e em nenhum outro lugar."

Sophie lhe deu um sorriso largo.

"E sem lamparinas por perto," ele exigiu.

Sophie riu, embora ela não quisesse ofendê-lo. Ela não podia. Se ela fosse Jack, ela duvidava que a deixasse em qualquer lugar perto deles.

"E sem água e sem tinta perto deles! E quando tiver acabado você vai colocá-los de volta na minha gaveta de forma organizada."

"Meu Deus!" Sophie queria rir em voz alta. "Eu não sou normalmente tão propensa a desastres," ela assegurou-lhe.

Suas sobrancelhas levantaram e seu sorriso aumentou. Ele se sentou na cadeira dele, olhando para ela e disse muito decisivamente, "não acredito."

Sophie pegou os papéis dele antes que ele pudesse mudar de idéia, levando a pilha pesada para perto de seu peito, e abraçando-os. Não havia nada que ela pudesse dizer em sua própria defesa, mas ela certamente poderia provar quando os colocasse ordenadamente de volta em sua mesa antes do amanhecer.

"Obrigada, Jack," e ela lhe mandou um sorriso agradecido.

Ele assentiu, olhando para ela e seu sorriso parecia de repente melancólico, "Boa Noite, minha flor," ele disse.

O coração de Sophie saltitou com sua ternura.

Ela encontrou seu olhar. Era a segunda vez que ele lhe dizia isso... e fez o coração dela bater ferozmente. Embora eles estivessem não muito perto um do outro, a simples memória da primeira vez fez que seu corpo ficasse quente instantaneamente, e o olhar de Jack a fez perder a respiração.

Ela se sentiu tonta de repente.

"Boa noite, Jack," ela disse com pressa e praticamente correu para sua cama, fechando as cortinas atrás dela.

Jack ficou sentado olhando as cortinas depois que ela as fechou.

Ridículo, mas ele estava com inveja da pilha de papéis que ela tinha abraçado tão protetora.

Ele podia ver sua silhueta contra as cortinas improvisadas, um presente das lamparinas que ela tinha colocado do outro lado da cabine. Ela estava enrolada na rede com seus papéis apoiados em seu colo, lendo.

Ele não podia deixar de vê-la enquanto ele ia para sua própria rede para se preparar para dormir... e pensou. Será que Penn sabia que Sophie era uma gema preciosa?

Ele tinha certeza de que ela não estava bisbilhotando para Penn, e se ela estivesse ele duvidava que ela achasse algo nesses relatórios que Penn não fosse zombar. A mente do homem era completamente fechada. Ele não ia perder nada em deixá-la ler os relatórios, e suas opiniões não eram nenhum segredo, também. Mas ele não queria acreditar que ela estivesse de conluio com Penn.

Ela era teimosa, definitivamente, e sem dúvida a mulher mais problemática que ele alguma vez tinha conhecido. Na verdade, problema podia ser seu nome do meio. Além disso, o seu temperamento era um pouco especial. Certa ou errada, ela tomava uma posição no instante em que ela era ameaçada, e ele se perguntava se ela sempre tinha sido assim, ou se era somente com ele. Em qualquer caso, ele admirava isso nela. Ela não era uma daquelas meninas que desmaiavam e perdiam a consciência ou alegavam estar doentes no instante em

que um homem levantava a voz. E ela não o chamou de mentiroso, ou de golpista. Suas emoções estavam muito evidentes em seu lindo rosto.

Ele tentou de todas as maneiras se esquecer de que havia apenas um mísero lençol separando-os.

Ele apagou as luzes e subiu para sua rede, lamentando o fato de que ele não era cavalheiro o suficiente para virar para o outro lado para que ele não pudesse vê-la. O fato era que ele não era qualquer tipo de cavalheiro, nunca afirmou ser, e então ele se deitou e ficou observando-a sem o menor traço de culpa...

Bem, talvez só um pouco de culpa.

Ele tinha a certeza de que não era a coisa mais moral para fazer... ficar ali a observando, mas foi ela que pediu para compartilhar a cabine dele, e não o contrário. Se ela não gostasse, ela poderia ir embora...

Embora ele achasse que antes dela considerar em voltar para a sua cabine danificada, ela tinha que ficar consciente do fato de que ele podia ver cada coisa que ela estava fazendo, cada movimento por trás da cortina... toda vez que ela escovasse o cabelo... toda vez que ela virasse uma página... toda vez que ela respirasse.

Seu peito se levantou, e ele a ouviu suspirar.

Claro... ele não podia contar a ela porque ele sabia que iria envergonhá-la... então talvez ele estivesse sendo um cavalheiro, afinal...

Ele decidiu que neste caso o que ela não sabia não podia realmente machucá-la.

Mas com certeza deixava Jack sofrendo.

Seu corpo endureceu enquanto ele a observava, e seu sangue começou a ferver.

Sim, isso definitivamente o magoava mais do que a estava machucando.

E era sem dúvida a coisa mais desonrosa que ele já tinha feito... talvez...

Houve a garota mexicana, que o seduziu na sua primeira viagem para Yucatan... aquela cujo pai tinha sido seu guia. O homem lhe ofereceu uma cama em sua casa na noite anterior que eles partiram para a selva. O pai dela tinha dormido no mesmo quarto, alheio aos esforços da filha. Maria era o nome dela. Jack nunca a esqueceu.

Essa também tinha sido a primeira vez que ele já tinha feito sexo numa rede — negócio complicado, mas agora ele sabia que podia ser feito, e ele daria tudo para estar em outra rede neste momento... com Sophie.

Ele piscou, olhando para a silhueta enrolada na rede, os joelhos dobrados para apoiar os papéis que ela estava lendo. Ela estava ficando com sono? Tentando ficar confortável? Eram seus pensamentos sobre os relatórios que ela estava lendo... ou ela estava com seus pensamentos em outra coisa?

Ele não parava de pensar nela.

Ele não conseguia parar de querê-la.

Ele não conseguia parar de se lembrar do sabor dela.

Ele se arrumou na rede, não podia evitar pensar nela. Ele precisava. Seu corpo estava com muita dor, e as calças fazendo pressão. Por causa dela, ele dormia, pelo menos parcialmente vestido e fazia questão de acordar antes dela e se vestir antes que ela pudesse vê-lo sem camisa. Mas neste instante, ele precisava estar nu... ela também tinha que estar nua... ele precisava sentir sua pele contra a sua, macia e quente. Ele precisava sentir o cheiro da sua pele, precisava tocá-la.

Cristo, ele estava ficando louco de tesão!

Ele próprio se satisfez para diminuir a pressão.

Era um pobre substituto para o que ele realmente queria.

Sua pele estava queimando. Suor enchendo sua testa. Sua boca estava seca como a areia do deserto.

A cabeça da silhueta caiu para trás, derramando o cabelo sobre a rede. Uma mão caiu para o lado. Ele a ouviu suspirar novamente, e desejou colocar suas mãos nas suas costas, o que o tornaria ainda mais quente. E então, enquanto ele olhava, ela colocou os papéis para o lado e ficou deitada na rede olhando para o teto por muito tempo, seus seios subindo e descendo em cada respiração.

Seus movimentos pela cortina pareciam exagerados, os seios dela cheios e salientes com orgulho para que seus lábios pudessem chupar.

Deus, ele queria aquela carne macia, queria saber como era sentir os mamilos dela endurecerem contra a sua língua, queria sugá-los suavemente e provocá-los com os dentes.

Nunca antes em sua vida ele quis tanto uma mulher.

Nunca ele tinha lutado tanto para conter-se.

E então ela fez algo indescritivelmente erótico, e ele quase caiu da sua rede em estado de choque.

Ela ergueu uma mão até seu peito... no início, apenas um toque... e depois com a mão aberta como se ela estivesse ouvindo a batida do seu coração por entre os dedos.

Seu coração começou a martelar, ele deitado em sua rede, seu corpo tenso e rígido, assistindo a cena com uma deliciosa antecipação.

Parecia que a mão dela ficou deitada sobre seu peito uma eternidade... tempo suficiente para Jack sentir uma pontada de culpa por querer que ela deslizasse a mão para baixo e a fechasse sobre o doce monte de carne.

Ele desejava desesperadamente ele mesmo tocá-lo.

Ele desejou que a mão dela se movesse.

E então quando ele pensou que ela estava dormindo, ela se mexeu... fechando sua mão suavemente em seu peito. O coração de Jack quase saiu para fora de seu peito. Sua respiração acelerou, e nesse instante, ele percebeu que sua mão ainda estava sobre seu peito. Pulsava entre seus dedos e ele apertou seu punho em reflexo, puxando ligeiramente seus quadris para trás, incapaz de negar a si mesmo o instante de prazer.

Enquanto observava, a mão levantou novamente e começou a acariciar a ponta do peito dela, movendo-se suavemente para frente e para trás.

Ele segurou a respiração, assistindo.

Que Deus o ajudasse, ele estava quase a ponto de perder a razão.

Uma parte dele pediu-lhe para falar, para dizer-lhe que ele estava acordado, que ele estava vendo muito mais do que devia, mas as palavras ficaram presas na garganta dele e nada saiu de seus lábios de repente ressecados.

Sua cabeça virou para um lado, e então a mão dela mudou-se para o outro seio, acariciando-o também e Jack pensou que ele ia explodir de desejo. Santa mãe de Cristo, ele não podia ter falado para ela parar mesmo que ele tivesse tentado.

Ele estava louco de prazer na presença dela, mas ele foi além do

pensamento...

Um oceano gentil balançava a rede de Sophia, implorando-lhe para dormir. Do lado de fora, ondas cantavam uma doce canção de ninar. Jack tinha deixado as persianas abertas durante a noite, e o ar estava abafado e quente, extremamente sedutor. Uma brisa doce soprava para dentro da cabine, beijando sua pele e fazendo carinho em seu cabelo.

Boa noite, flor, ela o ouviu sussurrar uma vez mais, enquanto estava deitada em sua cama.

Sophie fechou os olhos e tentou esquecer, mas seu corpo doía com a memória de seu toque. A pele dela estava em chamas, febril, quase, e ela instintivamente sabia por quê. Naquela manhã, Jack tinha lhe mostrado o prazer que seu corpo era capaz de sentir, e nenhuma enorme quantidade de negação poderia manter a lembrança fora da sua mente.

O perfume dele impregnava a cabine, falando com o corpo dela como o sussurro de um amante.

É isso, flor... abra para mim...

Ela estremeceu com o som da sua voz no ouvido dela. As mãos dele tinham lhe tocado tão conscientemente, como se ele entendesse o corpo dela e soubesse do que ele precisava. Suas palavras a tinham seduzido e ela não sentia nenhuma vergonha, enquanto seu toque tinha lhe dado um prazer tão intenso que ela tinha achado que ia morrer.

Ela não podia imaginar Harlan a tocando assim... ela nem queria pensar

nisso. Ela nunca tinha sonhado que qualquer homem faria para ela as coisas que ela tinha permitido Jack fazer e ela não queria dividir esta experiência com ninguém — nunca. Era Jack que ela queria... Ela estava apaixonada por Jack.

Admitir isso apertou o coração dela um pouco.

Ela estava apaixonada por Jack MacAuley.

Ela não parecia querer se ajudar, não conseguia parar de imaginar uma vida a seu lado.

Ela não se sentia assim por Harlan. Harlan nunca tinha roubado sua respiração com apenas um olhar, ou nunca tinha feito com que seu corpo tremesse ao som de sua voz. Ele nunca tinha feito seu coração ansiar por sua presença.

Com Jack era diferente.

Tudo era diferente com Jack.

Seu corpo doía com vontade de senti-lo novamente... sua mente vagava por pensamentos indescritíveis... pensamentos que ela nunca tinha sonhado ter e que rastejavam pelo seu cérebro.

Ela fechou os olhos, e um desejo enorme estremeceu seu corpo. Ela queria beijar-lhe da mesma maneira que ele a tinha beijado lá embaixo... ela queria lhe dar prazer como ele tinha dado prazer a ela...

Ela queria prová-lo, também.

Ele ficaria chocado ao encontrar os lábios dela lá embaixo? Alarmado? Isso lhe daria o mesmo prazer que ela tinha tido? Ele permitiria isso? Por falar nisso, como é que seria o membro sexual de um homem? Sua mente não conseguia parar de pensar. Ela nunca tinha visto um homem sem roupa antes, e nunca tinha deixado seu cérebro vagar nessa direção chocante.

Mas ele a provou lá embaixo... e parecia ter gostado de beijá-la lá embaixo... e deixou-a com uma curiosidade ardente...

A respiração dela se acelerou com o próprio pensamento.

O coração dela bateu furiosamente quando ela se atreveu a colocar suavemente sua mão em seu peito. Mas ela precisava dele para segurá-la... tocá-la... acariciá-la...

Ela se atreveria?

Será que ela poderia?

Ninguém saberia. Já era tarde, e Jack estava na cama há algum tempo. Ela não tinha ouvido nenhum som do seu lado da cabine. Ela fez cócegas no peito com a palma da mão, contemplando seus pensamentos ultrajantes. O corpo dela doía por algo que ela sabia que só Jack poderia dar para ela.

Não havia nada para pará-la... nada... exceto sua consciência.

Descendo a mão, ela agarrou a bainha da sua camisola, levantando-a até as suas coxas. Ela deslizou a mão entre as pernas e congelou incapaz de tocar a si mesma onde ela mais precisava ser tocada.

Silêncio gritava para ela.

Seu coração batia tão rápido e tão duro que reverberou durante toda a cabine. Ela sabia que iria acordá-lo, porque ele batia tão alto em seus ouvidos que ela mal podia ouvir alguma coisa. Ela segurou a respiração, esforçando-se para ouvi-lo.

"Jack," ela disse suavemente e não sabia se era um pedido de ajuda, ou se ela queria apenas saber se ele estava acordado... assistindo...

De repente ocorreu-lhe que ele podia... com a cortina entre eles, ela teve quase certeza de que ele estava dormindo.

Ainda assim, a pele dela vibrou e queimou com o pensamento.

Foi um longo instante, e Jack não sabia se devia responder. Seu corpo doía por libertação, e sua respiração vinha com dificuldade.

Ele devia fingir estar dormindo?

Ele devia responder?

Ele abriu a boca e tentou responder, mas não saiu nem uma palavra.

"Jack?" ela sussurrou mais urgentemente desta vez.

Ele deixou seu batimento cardíaco ficar mais lento, limpou a garganta suavemente, para que ela não pudesse ouvir. Mas ele não podia falar para salvar sua alma.

"Jack?" ela insistiu. "Você está dormindo?"

Ele pensou sobre a questão um instante, um pouco divertido e sem o desejo de responder levemente. Se ela pensasse que ele estava acordado o tempo todo, ele sabia que ela sentiria vergonha — se ela soubesse que ele podia vê-la.

E, obviamente, se ele estava dormindo, ele não poderia responder.

Aparentemente ela decidiu que ele estava dormindo, e Jack sentiu uma pontada de culpa por enganá-la.

Suspirando baixinho, ela se aninhou de volta na rede, apertando as mãos juntas como se para forçá-las a se comportar.

Ele fez o mesmo, se examinando mentalmente.

Sem muito sucesso, ele tentou afastar as imagens que o tinham atormentado... a mão dela no peito... se acariciando... e ele foi forçado a se examinar mais uma vez.

Ele estava muito, muito excitado.

Maldição.

Ela estava tão perto e ainda assim tão longe. Ela estava ali, do outro lado da cabine, mas ela não era dele. Ele não tinha direito de seduzi-la — ou até mesmo tentar.

Mas ele queria.

Na verdade, ele precisava.

Suas próprias mãos poderiam trazer alívio, mas não satisfação, e ele rejeitou o pensamento que apenas momentos antes ele tinha considerado. Ele queria Sophie... e não meros momentos de prazer.

Ele queria enterrar-se dentro de seu corpo lindo... queria saber o que ele sentiria em ficar dentro dela, pulsando... dando, tomando.

Um arrepio passou por ele quando a silhueta se mexeu uma vez mais...

Um suspiro escapou dela e seu corpo se arqueou, e todo o corpo de Jack ficou rígido com a antecipação. Ele reconheceu aquele som, sabia o que ela precisava e sabia que ela iria procurá-lo.

E ele queria dar a ela.

Mas ele não se atrevia a se mexer.

Ele se manteve calado porque ela pertencia à outra pessoa e ele não queria confundi-la. Mas ele não suportava a idéia de Penn tocando-a — ou qualquer outro homem.

A mão dela mais uma vez foi para seu peito, acariciando-o, mas não mais suavemente. Seus dedos o abraçaram, e ela gemeu baixinho. Seu próprio corpo

pulsava em resposta. Ele assistiu com a respiração presa quando ela levantou o vestido, e a mão dela mais uma vez deslizou entre aquelas coxas lindas, que ele se lembrava tão bem... tão macias...

O perfume dela era contagiante... era como o sabor de ambrosia...

Mais uma vez, ela gemeu e ele invejava aqueles dedos longos, delicados que executavam agora a dança.

Ele sentou-se na rede, apesar de sua determinação para ficar calado. Na sombra, ela levantou seu corpo, seus seios arqueados mais alto. A imagem o paralisou. Ela começou a choramingar baixinho, e ele segurou cada grama de vontade para não ir para o lado dela.

Ele fechou os olhos e disse que era só um sonho... um sonho lindo, inebriante, mas quando ele os abriu novamente, seu coração deu uma sacudida poderosa.

Deus todo-poderoso, ele não podia agüentar mais. Ele não agüentava mais.

Ele a queria.

A cortina estava tão perto... a silhueta era maior que a vida... ela se contorcendo era tão sensual...

Nunca em sua vida ele tinha admirado uma vista mais bonita.

Nunca ele tinha experimentado algo tão incrivelmente erótico.

Ele estendeu a mão para tocar nada além do ar, sua mão buscando a plenitude dos seus seios. Seu corpo batia com um desejo tão intenso que era quase doloroso. Ela tentou ficar quieta, mas seus suspiros suaves enchiam seus ouvidos e endureciam seu corpo até o ponto em que ele pensou que fosse quebrar.

Finalmente ela encontrou alívio, chorando baixinho, seu corpo estremecendo visivelmente, e Jack podia apenas ficar sentado lá, observando e escutando... então ela deu um suspiro saciada e voltou a cair na rede.

Muito tempo depois de ela ter nivelado sua respiração e seu corpo, ele sentou-se incapaz de se mover, mal conseguindo respirar.

O corpo dele estava com dor, mas ele se recusava a aliviar-se... não depois de ver a paixão de que ela era capaz.

Ele a queria, e ninguém mais.

Ele ficaria arrasado se ele se contentasse com menos.

Mas ele não poderia tê-la e ele sabia disso, e ele se deitou em sua rede, ressentido e amargurado e querendo mais uma vez asfixiar Penn. Ele tentou se concentrar nisso... suas mãos no pescoço de Penn , na esperança de ganhar alguma medida de satisfação com este pensamento ignóbil... e em vez disso, imaginou a pele macia por baixo do vestido da Sophie.

Roncando de frustração, ele correu a mão por seu cabelo, puxando-o até que ele sentisse dor e orou por misericórdia.

"Meu Deus," ele sussurrou fervorosamente. "Mate-me agora."

Sophie passou todo o dia seguinte, reunindo a pesquisa de Jack. Ela trabalhava enquanto ele estava fora, querendo surpreendê-lo. No dia seguinte, ela começou a copiar meticulosamente seu manuscrito, como era, ou como ela se lembrava. Seu olho para os detalhes muitas vezes tinha sido elogiado, e ela nunca tinha sido mais agradecida por esta habilidade dada por Deus quando ela tentou recriar o trabalho de Jack.

Assim que acabou, ela voltou e começou a preencher os detalhes de cada desenho, usando sua imaginação para processar cada esboço com a melhor imagem vívida possível.

O produto final não era seu melhor trabalho. Não podia ser pelo tempo que ela teve, mas ela, no entanto, estava orgulhosa de seus esboços, e esperava que Jack ficasse satisfeito com eles também.

Ela deixou os desenhos concluídos na mesa dele e foi para a bacia para lavar as mãos, sentindo uma sensação de realização como uma recompensa para o seu trabalho.

Mas depois de ter terminado, ela teve um desejo irresistível de ver as peças originais. Ela adoraria desenhar imagens da vida real, ao invés de ter que fazer reproduções de outra pessoa.

Talvez Jack lhe permitisse ficar com ele para desenhar suas descobertas? Ele não precisaria pagá-la. Ela teria grande alegria de fazer esta tarefa e consideraria pagar-lhe pelo privilégio.

Ela teria que falar com ele.

Mas ela tinha que começar pelo princípio.

Depois de mais de uma semana, Sophie mal podia se aguentar. Ela nem não conseguia imaginar por que Jack mantinha distância. Dada a escolha, ela também o faria. Puro desespero levou-a para a cabine de Shorty.

Tinha que haver alguma coisa entre os pertences do desertor baixinho que seria de alguma utilidade para ela. O pobre homem tinha sido deixado para trás, mas todos os seus pertences permaneceram a bordo, ordenadamente escondidos e aguardando o seu regresso. Na verdade, Sophie ousou esperar encontrar entre os pertences algo infame de sua namorada — aquela das pedras preciosas, como ela tinha ouvido Randall falar. Ela esperava, mas tudo em vão. Tudo o que ela encontrou foram alguns pares de calças de Shorty e algumas camisas. Sentindo-se um pouco desmotivada, ela se sentou na cama com as calças na mão.

Depois de mais de uma semana usando os mesmos dois vestidos, ela se sentia terrivelmente... suja. Não havia nenhuma outra maneira de colocar essa questão. Ela não suportava sua própria companhia. Ela tinha lavado os vestidos da melhor maneira que ela pôde, mas as roupas dela estavam encardidas de suas tentativas malogradas de cozinhar e ela tinha apenas os dois vestidos para escolher, graças à ela mesma.

Ela inspecionou as calças de Shorty e encontrou-as limpas — muito mais limpo do que o que ela estava usando no momento. O odor pungente de batatas azedas ofendia suas narinas, e ela decidiu. Melhor parecer ofensiva do que ter um cheiro ofensivo. Não havia nenhuma dúvida quanto a isso.

Tão rapidamente quanto pode, ela tirou sua roupa suja, de olho na porta. E então ela apressadamente colocou as calças de Shorty e descobriu porque ele tinha ganhado o nome de Shorty (Baixinho). Sophie não era particularmente alta, mas as calças do homem só vinham até seus tornozelos, na melhor das hipóteses. Fora que ele também deveria ser muito magro, porque ela teve que fazer um esforço considerável para abotoar as calças. O único lugar que a calça ficou solta foi na cintura dela... mas isso era uma coisa boa, ela decidiu, porque assim ela podia enfiar as camisas dele para dentro das calças.

Sophie puxou uma camisa xadrez do baú e ficou absolutamente certa de que

o mesmo homem não poderia ter usado os dois itens. Os ombros eram muito grandes e o comprimento caía até as suas coxas. Mas ela colocou a camisa de qualquer maneira, abotoou e começou a colocá-la para dentro da calça dela. Uma vez terminado, ela estava certa de apenas uma coisa... duas...

Um: Shorty precisava de um bom alfaiate e dois: ela não era realmente tão esbelta como ela gostava de pensar.

Suas curvas modestas eram mais do que aparentes na roupa de um homem — particularmente este homem — e a única coisa que a impediu de se despir novamente e voltar a colocar sua própria roupa fedorenta foi o simples fato de que os seios não estavam esticando os botões da camisa dele, da mesma forma que seus quadris estavam com as calças. Ela não precisava de um espelho para vê-los. Os botões aderiram precariamente às suas casas. Se ela se atrevesse a se dobrar, ela tinha certeza de que eles estourariam.

Ela não ia poder evitar.

Ela ficou ali, olhando para ela mesma, fazendo careta ao pensar em como devia estar o visual dela e então de repente ela decidiu que a camisa ficaria melhor fora da calça. Ela puxou-a para fora e deixou cair sobre as calças. Novamente ela franziu a testa. A aparência era tão pouco lisonjeira como as fotos dos imigrantes usando batas disformes, que ela viu muitas vezes. Sem esperança, ela olhou para a porta.

A vaidade não a deixaria sair da sala com essa aparência... desalinhada.

Como ela estava Jack iria ignorá-la... embora quando ele falava com ela, ele não estava nem um pouco cruel. Ele simplesmente parecia muito ocupado ultimamente e não tinha muito tempo para ela. Na verdade, ela se sentia invisível ao redor dele e quase desejava que ele voltasse a brigar com ela. Ela poderia lidar com seu sarcasmo muito melhor do que com o silêncio dele.

Ela suspirou com a confissão.

Sua falta de atenção a desanimava, deixando-a se sentindo estranhamente vazia — vazia de uma forma que ela nunca havia se sentido antes, nem mesmo com as ausências prolongadas de Harlan e sua negligência. Na verdade — suas sobrancelhas se fecharam com o descontentamento de si mesma — ela não tinha percebido que estava sendo negligenciada por Harlan. Ela simplesmente tinha

atribuído à ausência continua de Harlan a sua eterna devoção ao seu trabalho. E ela simplesmente tinha continuado com sua vida e pensando muito pouco nele, exceto quando perguntavam sobre ele.

“Harlan está muito bem!” ela imitou a si mesma no pequeno espelho sobre a pia. Ela não conseguia ter uma expressão serena. "Na verdade, ele está trabalhando duro!"

Trabalhando na escultura dos entalhes da sua cama!

O infeliz ignóbil.

Sophie agora compreendia porque tantas vezes recebia sorrisos afetados como respostas às perguntas sobre o noivo rebelde. Ela se perguntava, na verdade, se todo mundo sabia sobre Harlan, menos ela. Com quantas mulheres ele tinha flertado após eles terem ficado noivos? Ela lembrou-se de um sorriso particularmente afetado, e deixou-lhe um gosto amargo na boca.

A mãe dele realmente deveria tê-lo chamado de Harlot (meretriz) em vez de Harlan (soldado), ela pensou indignada. Melhor lhe convinha. Mas ela não mais se importava com Harlan.

Para sua surpresa, a razão pela qual ela era capaz de ainda ter raiva era por causa do pai dela, e porque Harlan a tinha feito parecer uma boba tola. Seu orgulho estava um pouco ferido e precisando de retaliação. Fora isso ela não sentia nada quando pensava nele com outra mulher. Na verdade, ela não podia sequer imaginar Harlan fazendo para alguém o que Jack tinha feito por ela.

Seu coração se sentia infeliz só de pensar nele.

Em Jack, não em Harlan.

Fazia apenas dois dias que ele estava totalmente envolvido com o seu trabalho, e Sophie tinha muitas saudades dele. Parecia impossível que alguém podia sentir falta de alguém quando estava dormindo no mesmo quarto que ele, mas ela estava. Horrivelmente. Não fazia sentido para ela, mas entanto era verdade.

Era geralmente tarde quando Jack voltava para a cabine, e cedo quando ele se levantava, e parecia a Sophie que, apesar do tamanho do navio, ela tinha sorte se conseguia um vislumbre dele de vez em quando.

Ela precisava de um cinto para esta camisa... uma corda... algo para colocar

na cintura. Vaidosa como ela era precisava de uma cintura. Ela não queria parecer uma velha sem graça. Suspirando, ela voltou para o baú e o vasculhou. Ela viu camisas, meias — puxou um par de meias para usar quando ela tentasse usar os sapatos dele e continuou olhando através de seus pertences. Ela levantou um par de calças azuis e um objeto prata brilhante saiu rolando. Ela teve apenas um breve vislumbre quando ele rolou para baixo da pia, mas algo provocou uma sensação de familiaridade nela, e colocou a calça de volta no baú e foi em busca do objeto.

Levantando a cortina em torno da pia, ela viu um flash de prata perto da parede e o alcançou debaixo da mesa, tateando. Os dedos dela encontraram e se fecharam sobre o objeto cilíndrico liso e ela o arrastou para fora.

Um choque percorreu seu corpo quando ela olhou para a incomum peça de jóia.

Era diferente de qualquer outro anel que ela já tinha visto — um desenho raro. Um olho hieroglífico, com um rubi multifacetado no meio do olho. Os lados estavam gravados, mas não de uma forma elegante, que parecia inadequado para um homem usar. A filigrana era reminiscência da antiguidade, e o anel, de fato, era velho.

A raiva subiu por sua coluna.

Não era a primeira vez que Sophie via este anel.

Sophie tinha encontrado ele em uma loja de antiguidades. Ela tinha saído para fazer compras com a mãe dela quando elas viram à jóia. Ela tinha comprado para Harlan antes de sua primeira viagem para Yucatan, pensando que ele gostaria de se lembrar dela.

Para ter certeza de que era o mesmo anel, ela procurou pela inscrição e viu que alguém tinha lixado até que uma prata mais brilhante apareceu no lugar. Não tinha mais inscrição. Tinha sido tirada. Tudo o que estava escrito lá tinha se perdido com lixadas vigorosas, mas Sophie sabia quais palavras tinham sido gravadas: para Harlan com amor.

Ela levantou o rosto, queimando com raiva e rapidamente empurrou a blusa para dentro da calça.

Não era como se ela estivesse com raiva por conta do que Harlan pudesse

estar sofrendo, porque ele merecia tudo o que acontecia para ele, mas ela certamente não tinha amor por ladrões!

Ela não se importou com sua aparência e não se importava se ele a estava evitando. Alguém tinha que responder por isto! Ela não fazia idéia como Shorty tinha conseguido o anel, mas Sophie tinha certeza de que não tinha sido por meios honrados. E não havia nenhuma chance de ser meramente uma boa semelhança. Pronta para a batalha para obter respostas, ela foi atrás de Jack.

Ele não estava de bom humor.

Na verdade, ele estava com um humor completamente podre, e estava piorando.

Seus ombros estavam duros e tensos, e ele não conseguia parar de pensar em Sophie. Toda vez que ele fechava os olhos, sua silhueta se materializava diante dele, linda e sensual, movendo-se como as ondas do oceano sob uma lua sensual. Ele tentou bloquear a visão, mas seus gritos macios enchiam seus ouvidos, atormentando-o.

O eco em seus ouvidos o atormentava incessantemente.

Ele não tinha sido capaz de enfrentá-la desde aquela noite, porque se ele o fizesse, ele teria que levá-la para os braços dele — para o inferno com Penn — e beijar todas as partes de seu corpo.

Ele já não podia negar: ele queria fazer amor com ela mais do que ele queria qualquer outra coisa em sua vida. Ele daria tudo por apenas uma noite em seus braços... o que ele não daria para ouvi-la gritar seu nome no auge do prazer. Ela era curiosa e apaixonada — cheia de vida — o sonho fervoroso de todo homem.

O sabor dela agora morava em seus lábios, tentando-o... levando-o à distração.

Se ela permitisse, ele poderia mostrar-lhe tudo — compartilhar tudo o que ele tinha — tudo o que ele era.

Ele queria Sophie ao lado dele enquanto ele trabalhava com suas mãos na lama e na terra. Ele queria que ela estivesse ao lado dele quando ele fizesse suas maiores descobertas, queria pular de alegria com ela em seus braços. Ele queria levá-la e levá-la para sua cama em comemoração. Ele queria que ela ficasse com ele para sempre.

E pela primeira vez em sua vida, ele pensou em crianças. Ele poderia ser um bom pai com a vida e a carreira que ele tinha escolhido?

Ele queria tentar.

Ele imaginou uma garota... como Sophie... com cachos rebeldes e um narizinho arrebitado... com as mãos sujas e um vestido branco novo... fitas cor de rosa caindo do cabelo dela e um sorriso alegre no rosto.

Ele resmungou sob sua respiração, atirou longe sua prancheta com a lista de abastecimento, o humor ficando cada vez pior. Ele não ia conseguir revisar o inventário com estes pensamentos bailando na sua cabeça — ricocheteando como balas de borracha na sua cabeça.

Os pensamentos o estavam deixando louco. A fome o deixava fraco. Pensar em Sophie o deixava com mais fome. E o sorriso implacável do Kell estava começando a irritá-lo.

"Você entendeu mal," Kell disse-lhe e riu.

Jack atirou-lhe um olhar de relance, mas não disse nada.

O que havia para dizer? Que ele queria algo que ele não podia ter.

"Diga para ela," sugeriu Kell.

Jack passou a mão pelo cabelo e deu de ombros. Ele olhou para Kell de relance. "Por que me incomodar?"

Sophie estava prestes a se casar com o único homem que Jack já tinha detestado. Harlan era mais o tipo dela. Ele era do seu mundo. Jack não tinha as mesmas coisas para oferecer: se ela queria pertencer à alta sociedade e queria prestígio, ele não tinha nenhuma chance de satisfazer essas necessidades. Se ela precisava de uma casa convencional, ele não sabia nem o que era. Ele e seu pai tinham se safado muito bem depois da morte da sua mãe.

A única coisa que Jack tinha como um exemplo era que seu pai o tinha amado incondicionalmente, e Jack não tinha nem um pouco vergonha de dizer que ele o amava da mesma maneira. Seu pai lhe tinha dado tudo — até mesmo a coragem de arregaçar as mangas e lutar pelo que valorizava na vida. Tinha sido seu pai que tinha encorajado sua educação e tinha sido seu pai que o tinha matriculado na mais prestigiada Universidade de Boston. Ele tinha ensinado Jack a lutar pelas coisas que ele queria, e defender sua integridade, e este era o

cerne do problema.

Até o último osso e fibra do seu corpo ele queria lutar pela mulher que ele amava — droga, sim, ele era apaixonado por ela! Mas tudo o que sabia sobre integridade dizia que ele deveria ir embora antes que fosse tarde demais — antes que ele a magoasse. Ela não era dele, ela não podia amá-lo. Ela estava prometida a outro homem, e não importava que ele não gostasse do bastardo. Não importava que para Jack ele fosse um miserável filho da mãe traíçoeiro. O que importava era que Sophie já tinha feito a escolha dela, e Jack seria o pior tipo de rato para incentivá-la a se apaixonar por ele.

E ele pensou que podia: ele podia ver nos olhos dela. Ele podia ouvir em seus suspiros melancólicos quando ela olhava para ele... ou talvez os suspiros fossem dele próprio.

Droga, ele não podia dizer.

"Você não pode evitá-la para sempre," Kell falou. No momento, ele não gostou muito dos conselhos do amigo dele.

"Para o inferno que eu não posso!"

"Olha," argumentou Kell, "você está preso com ela de agora até o momento em que você entregá-la para Penn."

"Sim, bem..." O humor de Jack não estava muito bom para ouvir esse comentário. "Obrigado por apontar isto para mim."

"Você fez um acordo com ela," Kell continuou, ignorando seu sarcasmo, "e mesmo que você não tivesse feito você não pode apenas tirá-la do navio no México e apontar na direção certa e dizer para ela vá. Eu conheço você Jack, e você não é o tipo de homem que deixaria uma mulher se virar sozinha. Mesmo que não estivesse indo para o mesmo lugar maldito que ela, você a entregaria no lugar certo — você gostando de seu namorado ou não. "

Era verdade, droga.

Mesmo se Jack não se importasse com ela — e ele se importava — ele não seria capaz de viver consigo mesmo se ele não soubesse que ela tinha chegado ao seu destino em segurança. Ele se sentia responsável por ela agora. Ele tinha aceitado o dinheiro dela e ele a tinha permitido deixar a segurança de sua casa, e ele era responsável por ela — pelo menos até que ele a entregasse a alguém que

pudesse cuidar muito bem dela.

E este pensamento deixou outro gosto amargo na boca.

Penn era um preguiçoso, um vagabundo. Se ele se importasse com Sophie tanto quanto ele gostava de seu trabalho, ela teria sorte de não sufocar em sua tenda, se acontecesse de cair sobre ela, porque Penn não levantaria um dedo para ajudá-la. Ele jurou que mataria o filho da puta se ele deixasse que alguma coisa acontecesse com Sophie.

"De qualquer maneira que você olhar, Jack, você tem mais ou menos uma semana para gastar com ela, então é melhor você encontrar uma maneira de lidar com o que quer que seja que você está lidando."

Uma semana não era tempo suficiente.

Seu intestino se embaralhou com a lembrança.

Não mais do que cinco dias e ela iria sumir de sua vida completamente. O máximo que ele poderia esperar seria vislumbrá-la com Penn de vez em quando — enquanto ela ficasse nos locais de escavação. Depois disso... assim que ela voltasse para Boston, como ela iria voltar inevitavelmente... o que ele faria?

O pensamento que ele nunca mais poderia vê-la novamente o fazia ficar literalmente e fisicamente doente.

"Digo para você falar a verdade para ela."

Jack não tinha dito para Kell nem uma maldita palavra sobre o que ele estava sentindo, mas ele não se preocupava em negar. Tanto quanto ele odiava admitir, às vezes Kell o conhecia melhor do que o próprio Jack se conhecia. Às vezes chegava a irritar.

Como agora.

Kell parecia estudá-lo. "Você ainda não acredita que ela está espionando para Penn, não é?"

Certamente facilitaria as coisas se ela estivesse. Porque então ele poderia dizer-lhe para ir embora sem peso na consciência. Ele não respondeu, não queria.

"Estamos cheios de trabalho hoje," ele disse para Kell e começou a substituir a lona sobre os suprimentos. Eles precisavam adquirir alguns itens assim que chegassem ao porto e contratar um guia, mas de resto estava tudo praticamente em ordem. "Pegue a outra ponta disto e amarre para baixo, está bem."

Kell abanou a cabeça. "Filho da puta teimoso. Você vai perdê-la."

Para começar, ele nunca a teve.

Jack deu-lhe uma olhada. "Alguém colocou os telegramas no fogão para que eles fossem queimados," ele lembrou a Kell. "Eles não apareceram lá. Se você tem uma explicação melhor sobre como eles chegaram lá gostaria de ouvir."

Kell encolheu os ombros e, em seguida, sacudiu a cabeça, sem ter uma boa explicação. Sem mais uma palavra, ele começou a descer a lona. Jack segurou uma das pontas e, em seguida, levantou sua prancheta da plataforma onde ele a tinha jogado, esperando Kell terminar.

"Acho que José vai nos levar para o local da escavação novamente?"

Jose Salvatore era o pai da Maria, seu guia em viagens anteriores. Jack claro que esperava que ele concordasse em levá-los, mas ele não sabia o que Maria poderia ou não ter dito a ele. Na verdade Jack sabia que poderia ser morto pelo que fez, mas o homem era um guia muito bom, então Jack estava preparado para o pior.

Quando Kell terminou, Jack jogou a prancheta para ele. "Quando chegamos ao porto, você pode conseguir os itens que não foram marcados, e eu vou enfrentar Salvatore."

Kell deu um sorriso. "Inferno!" ele exclamou, "quase esqueci o que aconteceu com a Maria!" E seu sorriso se alargou.

Jack falou. "Não comece, Kell!"

"Eu não estou começando nada! Você vai enfrentá-lo," ele disse e começou a rir, como se a escolha das palavras por Jack o tivesse atingido como uma piada. "Você e suas mulheres!"

Sophie não era como as outras.

Jack revirou os olhos e se virou para deixar Kell com sua alegria.

Ele não estava de bom humor.

Sophie era diferente.

Ele a amava.

Ela já tinha sido jovem e estúpido, mas nunca realmente nenhuma mulher tinha importado. Agora, finalmente, ele tinha conhecido a mulher que ele realmente queria, e ela estava fora de seu alcance.

"Onde ele está!" ele ouviu o objeto de sua distração gritar do extremo oposto do navio. "Onde está o Jack!"

Ela saiu de refeitório e estava chateada com alguma coisa. Não era difícil de ver o seu humor, especialmente quando a voz dela estava vários tons acima do habitual.

Bom, ele precisava achar uma saída.

"Ele está trabalhando com Kell, Miss Vanderwahl. Ali. Mas... Mas se eu fosse você eu não o incomodaria."

"Mas você não é!" ela respondeu levianamente. Jack não podia suprimir um sorriso com sua resposta atrevida.

"Miss Vanderwahl!" Randall parecia determinado a protegê-la do humor presente de Jack. "Eu não —"

"Deixe-a ir," Jack ouviu alguém dizer baixinho.

Jack lançou um olhar por cima do ombro para Kell, avisando-o sem palavras para manter a boca fechada.

As sobrancelhas de Kell se levantaram, e ele deu de ombros. "Eu não disse nada," ele protestou, mas não precisou. A expressão dele já era o suficiente. Ele estava dividido entre seu próprio sentido sórdido de diversão e sua necessidade de proteger Sophie.

Ela fazia isso com um homem: de alguma forma ele queria cuidar dela, mas ela parecia perfeitamente capaz de cuidar de si mesma.

"Fique fora disso," Jack o avisou.

"Jack!" ela gritou, chegando mais perto.

Ela estava pronta para pegá-lo por algo que ele não tinha idéia o que era. Jack podia ouvir o pisar dos pés dela enquanto ela marchava pelo convés.

Se alguém ia protegê-la do seu estado de ânimo, teria que ser Jack, mas Sophie Vanderwahl não precisava de proteção. Nenhum Vanderwahl que ele já tinha encontrado tinha recuado diante de qualquer pessoa — nem mesmo diante da verdade. Sophie era tão teimosa quanto seu pai, com um temperamento muito forte.

E Jack estava pronto para ela.

Algo parecido como asas de aves decolava na barriga dele, enquanto ele se

preparava para vê-la.

Mas ele não estava pronto: nada poderia tê-lo preparado para vê-la.

Ele estava sem palavras.

Cristo, ele não sabia se ria ou se atirava ao mar para acabar com o seu sofrimento.

Ela veio bufando pelas escadas, usando a calça mais apertada que ele já tinha visto em toda sua vida toda. Seu lindo bumbum balançava deliciosamente enquanto ela descia os degraus, e ele engoliu o sarcasmo que tinha guardado para ela.

Com as mãos nos quadris, ela girou para enfrentá-lo, as bochechas ficando ainda mais rosadas, seus olhos âmbar piscando com raiva. Ela segurava alguma coisa na palma da sua mão. "Eu encontrei isso na cabine do cozinheiro!"

Jack não conseguia tirar os olhos de seus seios... sua blusa... não estava completamente abotoada, deixando-lhe uma visão tentadora do seu peito... e não só para ele...

Ele se virou e atirou para Kell outro olhar raivoso.

Kell sacudiu-se fora de seu estupor e pareceu entender de uma vez. Ele assentiu, segurando o riso. "Estou indo!" ele disse, mas não sem lançar um último olhar para Sophie. Ele balançou a cabeça quando passou.

Reduzido a um estado quase primitivo, Jack na verdade rosnou para Kell e soube naquele instante que na verdade o homem não tinha progredido tanto quanto ele gostava de acreditar

Na verdade, apenas um fio fino de razão o impediu de atacar Sophie e

devorá-la no deck na frente de sua tripulação.

O que em nome de Deus a tinha feito se vestir assim!

Ele não viu o que ela tinha nas mãos até que ela empurrou na frente do seu rosto. Algo brilhante vermelho brilhou diante de seus olhos, mas seu cérebro não conseguiu ver totalmente o objeto... não enquanto os seios dela estavam salientes, se sobressaindo sob a camisa puída. Se ele estava com um aspecto severo — e ele estava, e ele não podia fazer nada — tudo o que ele podia ver eram os mamilos endurecidos empurrando o tecido.

O cérebro dele ficou tonto, e a boca imediatamente seca.

"Eu encontrei isso na cabine do Shorty!" ela disse de novo, os olhos dela brilhando de raiva.

Junto com as roupas que ela usava, ele presumiu.

Jack tentou limpar a névoa de luxúria do seu cérebro. "O que é isso?" ele perguntou estupidamente.

"É um anel, claro!"

É claro.

Jack olhou para ele, piscando.

O sol brilhou na jóia. Ela brilhava ferozmente diante de seus olhos, quase o cegando. Seu olhar voltou para a camisa dela. Ela acenou o anel para ele novamente, retomando a atenção dele, e ele teve que arrancar os olhos dele do objeto de seu desejo. Ele estendeu a mão para tirá-lo dela, tentando sair de seu estupor. Ele balançou a cabeça e limpou a garganta. "O que o Shorty estaria fazendo com isso?"

Ela empurrou o anel antes que ele pudesse segurá-lo. "Isso é o que eu gostaria de saber!" ela explodiu mais uma vez, segurando-o como se fosse prova de algo, mas Jack não tinha a menor noção do que.

Seu cérebro não estava funcionando. Todo o sangue tinha sido levado para algum outro lugar abaixo do convés.

"Não precisa gritar," ele disse para ela. "Não sou surdo." Ou cego, ou... mas ele ia ficar se ela não parasse de piscar essa jóia na cara dele!

"Eu não estou gritando!" ela gritou. "Mas se eu estivesse gritando eu teria todo o direito!" ela informou corajosamente. "Este anel pertence ao Harlan!"

Isto definitivamente chamou sua atenção.

Ele piscou para ela, tentando entender o que ela estava tentando dizer-lhe. "Harlan?"

"Sim! Harlan!"

Jack tentou compreender o que ela estava dizendo para ele. "Tem certeza?" Ela achou o anel do Harlan na cabine do Shorty? Ele estendeu a mão, querendo ver melhor agora.

"Claro que estou certa!" ela rebateu, acenando-lhe a monstruosidade. "Este é o anel do Harlan! Eu comprei para ele!"

Suas sobrancelhas colidiram quando ele encarou os enormes olhos de rubi. Ele nunca tinha visto um rubi tão grande em toda a sua vida.

"Você comprou para Harlan?"

Seus olhos brilharam quase tanto quanto a jóia. "Sim. Como um presente de despedida!" O rosto dela ficou mais vermelho, mas ela afastou seu olhar momentaneamente e depois olhou de volta para ele — como se ela estivesse envergonhada pela prova de afeição por Harlan.

E ela deveria estar. O dinheiro que ela tinha pagado naquele pedaço de jóia podia alimentar toda a península de Yucatán.

"E você achou na cabine do Shorty?"

"Sim!" ela exclamou, acenando-o novamente. "Talvez você me pudesse dizer como foi parar lá!"

Como diabo Jack poderia saber isso?

Ele balançou a cabeça e tentou alcançar o anel mais uma vez. Desta vez ela deixou. Vendo a expressão dela, ele testou o peso em sua mão. Era de prata maciça, pesada. Ele virou o anel para verificar uma inscrição e achou que tinha sido polido para limpá-lo.

Ele a olhou especulativamente. "E você tem certeza que este é o anel do Harlan?"

Ela olhou para ele em desafio. "Quantos anéis como esse você acha que existem?"

Ela tinha razão. Era feio como o diabo... e supondo que o rubi fosse real, não era muito provável que houvesse outro igual.

Ela achou o anel na cabine de Shorty. Esse fato soava como o aviso de uma cascavel. Os telegramas tinham sido escondidos no fogão. Ele não precisava ser um gênio para deduzir o óbvio: Shorty estava de alguma forma, em conluio com Penn, e por algum golpe de sorte, eles conseguiram deixar o estúpido para trás. Ao fazê-lo, eles tinham sido poupados do que Penn havia planejado.

E Sophie resolveu o problema sem nenhuma malícia.

Ele piscou para ela, se sentindo mais leve do que ele se sentia em semanas.

Ela estava esperando por algum tipo de explicação dele e Jack de repente quis beijá-la. Ele sorriu para ela, e seu humor tinha melhorado bastante. Ele entregou o anel de volta para ela.

“Não vejo o que é tão engraçado!” ela bradou para ele, seus dedos delicados tirando o anel de sua mão.

O sorriso de Jack se alargou.

Ele não se importava se tinha uma audiência — não importava quem estava assistindo. Ele não se importava se eles pensassem que ele estava maluco... ou apaixonado... Porque ele estava.

Ele estendeu a mão, agarrando-lhe pela cintura e a atraiu para os seus braços. As mãos dela voaram ao mesmo tempo para seus ombros e ela ofegou em surpresa, mas não protestou.

Ela deu-lhe uma expressão amuada. "O que você acha que está fazendo?"

"Beijando você," Jack respondeu com determinação e não lhe deu nem um instante para protestar. Ele pegou sua boca e deu um beijo feroz, enfiando a língua entre os lábios para silenciá-la.

Todos os obstáculos acabaram com o primeiro toque dos seus lábios.

O protesto dela soou ilegível.

Ele apertou ainda mais sua cintura incitando-a a beijá-lo de volta, e ela de repente silenciou, movendo-se para o seu pescoço, agarrando-o para ter apoio

E então... tudo se desvaneceu de seus sentidos, mas não a mulher que ele segurava em seus braços: as vaias de seus homens, o sol batendo em sua cabeça, o vento em seu rosto.

O coração de Sophie subiu para a garganta dela quando seus lábios pressionaram os dela.

A língua mergulhou dentro de sua boca sem convite, degustando-a... com a mesma urgência e abandono que ele tinha mostrado antes.

Ele segurou-a firmemente, pressionando-a avidamente contra seu corpo, e ela estava grata pelo apoio porque ela de repente pensou que não podia ficar de pé por conta própria. Ela estava perfeitamente ciente dos seus seios empurrados contra o peito dele e os joelhos dela estavam fracos. A barriga dela vibrava com antecipação.

"O que você está fazendo?" ela sussurrou contra sua boca. "Jack..."

"Cala a boca e me beija!" ele exigiu, sem perder o contato com os lábios dela. Ele aumentou o seu ardor. "Beije-me, Sophia," ele suplicou a ela.

"Mas... o anel," ela tentou protestar e estava vagamente ciente dos gritos e apoio que vinha da tripulação.

"Que anel?" Jack murmurou em sua boca.

Sophie de repente não se lembrava do que ela estava falando. Os pensamentos dela estavam vagando.

"Já era tempo!" ela ouviu alguém gritar para eles, mas ela estava consciente apenas de Jack.

Tudo sobre eles desapareceu a não ser o homem, em cujos braços ela estava.

Ela aspirou ar para respirar, mas se apegava a ele avidamente. Deus a ajudasse, ela não se importava com qualquer anel. Ele caiu no convés, embora ela não tenha ouvido o barulho.

Seus sentidos estavam cheios apenas de Jack... seu cheiro, seu calor, sua respiração, seu gosto...

Ela sentiu seu beijo em lugares que não faziam o menor sentido: as pontas dos seios queimavam e o corpo dela doía por algo que ela não conseguia compreender completamente. Ela apertou-lhe ansiosamente, beijando-o sem vergonha, com completo abandono.

Parecia que ela tinha querido isso à vida toda... como se cada segundo que ela viveu, ela tivesse vivido apenas para este momento.

Enquanto ele a beijava, segurando-a contra ele, seu joelho deslizou entre as coxas dela, livres por que ela não estava usando vestido. Seus dedos se fecharam sobre a cintura de suas calças, levantando-as ligeiramente, e Sophie ofegou em

deleite com a sensação que deflagrou entre suas coxas. Ela respondeu com algum senso de instinto que cegou seu decoro, separando as pernas dela e envolvendo-as em torno de seus quadris.

Ele gemeu em sua boca e começou a andar, segurando-a. Sophie não tinha a menor noção para onde, porque ele continuava a beijá-la. E enquanto ele continuasse a beijá-la, ela não se importava para onde eles iriam.

Jack, de alguma forma conseguiu levá-la até o convés inferior.

Eles praticamente desceram as escadas para o refeitório tropeçando. Sophie agarrou-se a ele o tempo todo, beijando-o apaixonadamente, aquecendo o sangue nas veias dele muito além do autocontrole. Ele estava grato por que seus homens, de alguma forma, tinham desaparecido.

Quando finalmente chegou à sua cabine, ele deu um chute na porta para abri-la... beijando-a sem lhe dar chance de respirar — porque ele tinha medo do que ela poderia dizer se ele parasse — porque ele estava aterrorizado dela recuperar seu juízo.

Ele a beijava como se sua vida dependesse disso, porque de alguma forma ele pensava que dependia. Se ele não fizesse amor com ela neste exato momento — neste instante — ele ia explodir em mil miseráveis pedaços.

Ele a queria.

Ele a amava.

"Sophia!" Ele sussurrou.

Ela respondeu com um murmúrio que enviou tremor pela sua coluna.

Ele não queria parar de beijá-la, degustá-la, senti-la...

Suas mãos em concha no traseiro dela, pressionando-o totalmente em sua excitação, querendo que ela soubesse o que ele desejava lhe dar.

"Jack," ela sussurrou em sua boca.

Ele parou de beijar sua boca o tempo suficiente para beijar seu queixo, seu

nariz... para sussurrar contra sua bochecha, "Sim, flor?"

Suas mãos acariciavam sua bunda... firme e redonda e atrevida... ele queria ela nua embaixo dele. Ele queria as pernas dela ao redor dele.

O batimento cardíaco de Sophie quase estourava seus ouvidos.

Seu corpo ansiava por algo ferozmente.

Ela queria algo mais... uma coisa que ela sabia instintivamente que a única pessoa que poderia lhe dar era Jack. "Eu —"

Ela não sabia o que pedir exceto implorar para ele para nunca parar... mas ela não conseguia falar. A garganta dela se contraiu com emoção e seu corpo estremeceu quando ele beijou sua garganta, e delicadamente a beliscou. A sensação de dentes pressionando suavemente sua carne lhe deu uma sacudida de prazer. Sua cabeça caiu para trás em arrebatamento.

"Jack," ela choramingou.

"Diga-me o que você quer, flor..."

A mão dele movia-se pelo seu corpo, acariciando seus seios sobre a blusa, e Sophie gemeu em resposta. "Lindos," ele sussurrou.

Ela não podia protestar — não queria.

As pernas dela deslizaram abaixo dele, tocaram o chão, e ela ficou um pouco instável. Suas mãos se apoderaram dos seus ombros e, em seguida, mudou para frente da camisa dela. Seu olhar se fixou no dela quando ele começou a desabotoar sua blusa, e esse gesto acelerou a respiração de Sophie. Ela engoliu convulsivamente quando ele abriu o primeiro botão... em seguida, mudou-se para o próximo.

O coração dela batia contra as costelas.

Seu olhar nunca a deixou enquanto ele abria sua camisa, liberando até o último botão, até a camisa ficar aberta sobre o peito dela. Seus olhos verdes estavam intensos, cheios de fome, espumando ferozmente.

O rosto de Sophie estava corado com calor.

Ela se sentiu de repente tímida, com medo de mostrar-lhe mais. E se ele não gostasse dela? E se ele achasse que algo faltava? Ela evitou seu olhar, mas ele não o permitiu. Estendeu a mão, levantando o queixo dela com um dedo.

"Você sabe o que eu quero?" ele perguntou para ela, sua voz baixa e

sedutoramente macia.

Ela tentou falar após o nó que se formou em sua garganta. "Sim," ela disse com um suspiro, e o coração dela bateu acelerado com a resposta.

Ele levantou a cabeça, sorrindo lentamente, parecendo perversamente satisfeito com a resposta dela, e Sophie não podia fazer nada a não ser ficar de frente para ele enquanto ele a despia.

Ele parou um momento de abrir a blusa dela, e Sophie ficou com medo... com medo dele continuar... com medo dele parar.

Dando um suspiro, ela se decidiu e tirou a blusa, deixando-a cair em seus braços.

"Deus!" ele exclamou e fechou os olhos por um breve instante. Suas narinas se alargaram ligeiramente, sua expressão intensa. Ele abriu os olhos então, e seu olhar caiu totalmente no peito dela.

Sophie susteve a respiração quando ele olhou para ela.

"Você... é... tão linda," ele disse e ele estendeu a mão para tocá-la. As palmas de suas mãos em concha, os dedos acariciando-a... o polegar suavemente apertando seu mamilo, e foi a vez de Sophie se perder na satisfação de seu toque.

Seus olhos fecharam.

Ela não queria que ele parasse.

As mãos dela cobriram as dele pressionando-as suavemente contra o coração dela. Ela queria isso desesperadamente. Já não havia ninguém para salvá-la dela mesma. Harlan não mais fazia parte da vida dela. Ela provavelmente nunca casaria agora, e ela seria uma tola se ela não se deitasse com o único homem que já a tinha feito se sentir... tudo, muito, tanto.

Ela nunca quis tanto alguém.

Se este momento era tudo o que ela teria com Jack, ainda assim valeria à pena. Ela iria saborear a doce memória em seus momentos mais íntimos.

Com um gemido de prazer, Jack caiu de joelhos diante de Sophie, abraçando-a. Os dedos dele apertaram o traseiro dela, puxando-a contra ele.

Para o inferno com a rede!

Eles não precisavam de uma cama.

Suas mãos a acariciavam. Com um gemido de fome, ele apertou sua boca

contra a dela, mordendo através do material de suas calças. Suas narinas se alargaram e a língua dele acariciou o material áspero. Ela ofegou suavemente.

Ele não queria parar de tocá-la.

"Eu preciso de você, Sophia," ele disse com uma voz crua.

Silêncio soou em seus ouvidos.

Ela estava com medo, e ele não queria que ela ficasse.

"Deixe-me," ele implorou para ela. "Deixe-me fazer amor contigo, Sophia..."

Como resposta, os dedos dela se enroscaram no seu cabelo, acariciaram seu couro cabeludo, e a sensação o deixou tonto de desejo. Seu coração se acelerou, e ele imediatamente começou a desabotoar as calças dela. Ela choramingou baixinho, e ele falou com ela, calmante.

"Linda," ele lhe assegurou. "Você é tão linda!"

Ele tirou suas calças deixando-a nua. Suas unhas delicadamente pressionaram seu couro cabeludo, e seu corpo endureceu.

Sophie gemeu suavemente.

Ela olhou para ele, e o coração dela vibrou dentro de seu peito ao vê-lo... ter a sensação dele... ter seu rosto pressionado corajosamente contra ela, enterrado em seus cachos escuros. E então sua língua suavemente a investigando, forçando seu caminho entre as pernas dela... quente e molhada. Com a deliciosa sensação, Sophie perdeu toda e qualquer inibição.

Engolindo sua respiração, ela separou as pernas para ele, lhe implorando com seu corpo para ele tomar o que ele desejasse. Ela queria isso desesperadamente... mas queria agradá-lo também...

Ele puxou-a para o assoalho, e Sophie não resistiu. Ele começou a plantar beijos ao longo de suas coxas... nas suas pernas. Ela engoliu convulsivamente quando ele começou a beijar suas partes íntimas... e então voltou para seus lábios.

Por um mero instante, ele olhou nos seus olhos, seus olhos verdes latente, e então ele a beijou. O coração de Sophie sacudiu violentamente. Ela beijou-o de volta, provando o que ele tinha provado. O coração dela acelerou quando ele aprofundou o beijo, e os dedos dela procuraram os botões das calças dele.

Ela queria vê-lo, também.

Ele gemeu e seus próprios dedos, movendo-se para ajudá-la.

Quando as calças saíram, Sophie abraçou-o, puxando-o para que ele ficasse em cima dela. Ela queria senti-lo, experimentá-lo, amá-lo.

De alguma maneira Jack conseguiu tirar suas calças sem parar de beijá-la. Ele queria mais do que tudo estar dentro dela agora, mas ele queria agradá-la um pouco mais. E ele queria que ela quisesse isso, como ele queria. Ele não queria nenhum arrependimento depois. Suas mãos procuraram e encontraram sua umidade, e uma sensação que fez seu pulso acelerar.

"Adoro o gosto de você," ele murmurou e a sentiu tremer sob seus pés. Ele pressionou um dedo dentro do seu corpo. "Este é o lugar onde quero estar, Sophia."

Ela engasgou suavemente, seu corpo estremecendo quando ele empurrou o dedo mais fundo.

"Você pode sentir isso?" ele perguntou, mas sabia que ela podia. Seu corpo arqueava para aceitá-lo. Seus olhos se fecharam de prazer, e ela engasgou suavemente.

"Sim," ela choramingou, seus olhos febris com desejo. O conhecimento deu prazer a ele. Ela estava apaixonada e ela era linda.

Ele empurrou mais alto, mais firmemente. "Eu quero estar dentro de você," ele disse um pouco desesperadamente, sem deixar nenhuma dúvida quanto à sua intenção. "Aqui."

Ela assentiu com a cabeça, mas parecia incapaz de falar, e ele empurrou mais profundo, parando na barreira profunda dentro de seu corpo. Seu coração saltou pela sensação, e suas emoções guerreavam.

Ela tinha lhe contado a verdade: Penn não era seu amante.

Sua respiração se acelerou e sua fome dolorosamente se intensificou. Seu corpo doía. Ele queria ser o primeiro e o último a derramar sua semente dentro dela.

Ele queria que ela carregasse seus bebês, ela a queria... para sempre.

Ele enterrou o rosto contra a garganta dela, beijando-a quando ele sussurrou, "última chance para fugir, flor... não podemos voltar atrás depois disso... diga-me se você tem certeza..."

Ele sentiu seu consentimento, mas não era o suficiente.

Seus dedos acariciaram sua virgindade, esperando para rompê-la. "Diga-me sim," ele pediu para ela.

Ela engasgou com as mãos dele em seu pescoço. Ele queria que ela dissesse a palavra.

"Diga, Sophia," ele exigiu dela.

Sophie estremeceu embaixo dele. Seu corpo apertado sobre o dedo, com fome para o que ele lhe daria. Ele acariciou seu corpo, dando prazer a ela até que ela gritou.

"Sim!" ela exclamou e se inclinou para recebê-lo mais profundo.

Os dedos dele pressionaram com mais força, mais fundo, e ela choramingou baixinho.

Úmido, quente e maravilhosamente cheio dela.

Uma benção.

E então de repente ele estava em cima dela, seu corpo pressionando-se para dentro dela.

Sophie abriu os olhos e olhou para ele, sua respiração vindo com dificuldade.

"Primeiro e último," ele sussurrou enigmaticamente e fechou os olhos, forçando-se dentro dela.

Sophie se arqueou para recebê-lo totalmente, gritando de alegria pela sensação sedosa dele quando ele entrou nela. Ele encheu-a deliciosamente.

Ela queria que ele fosse mais profundo e agarrou suas nádegas, puxando-o para dentro dela... para dentro do seu coração.

Para sempre.

Eu te amo, Jack, ela tentou dizer. Mas o nome dele era a única palavra que ela conseguia dizer.

E então ela se perdeu nas sensações que ela sentia a cada movimento que ele fazia dentro do seu corpo. Ela ofegou suavemente com cada golpe e clamou em êxtase enquanto o corpo dela procurava expandir cada vez mais seu prazer. Ele se desenrolava dentro dela, beijando e beijando até que de repente seu corpo encontrou a conclusão.

O mundo explodiu por trás de suas pálpebras.

Jack sentiu o lançamento no seu corpo trêmulo. Seus tremores e seu choro de paixão o impulsionou ainda mais. Ele gritou com sua própria libertação e apertou-a contra ele, sentindo naquele momento uma intensa satisfação que ele nunca tinha experimentado antes.

Se ele vivesse mil vidas, este instante ficaria gravado no seu cérebro... se ele morresse amanhã ele morreria feliz.

Ele tinha vivido até agora por este momento.

Neste instante ele descobriu o que tinha procurado toda a sua vida — agora ele sabia, porque pela primeira vez, junto com a mulher que estava em seus braços, ele se sentia completo.

Ele tinha procurado a vida inteira e através de seus estudos de épocas passadas e povos que tinham habitado este planeta... dedicar sua vida inteira para descobrir o propósito de sua existência e o propósito da humanidade... e, de repente, a resposta estava dentro dos braços de Sophie Vanderwahl.

Ele ficaria arrasado se ele a perdesse agora.

O tempo estava perfeito na manhã seguinte quando eles entraram no porto: o céu estava azul, a água estava ainda mais azul e o sol brilhava com força.

O humor de Sophie estava flutuante e cheio de alegria antecipada.

Ela não se arrependia sobre as decisões que tinha tomado. Não tinha idéia de quanto tempo ela teria até finalmente enfrentar Harlan, mas ela já não sentia medo ou tristeza, na verdade estava louca para ter este encontro. Harlan era um fardo que ela estava ansiosa para tirar de seus ombros.

Se ela estava triste com alguma coisa, era o simples fato da viagem estar quase no fim, e no final da jornada, ela seria forçada a tomar novas decisões... decisões que poderia levá-la para longe de Jack.

Ela não queria deixá-lo e esse pensamento doía em seu coração.

Mas talvez ela não precisasse.

Ela olhou os papéis que tinha colocado na sua mesa. Ele ainda tinha de vê-los; ele tinha estado tão preocupado.

Sophie não era tola em acreditar que, simplesmente por causa do que eles tinham compartilhado, ela poderia ter uma vida como esposa, mas ela esperava que talvez ele lhe permitisse ficar e ajudá-lo no seu trabalho. Ela não queria voltar para Boston, voltar para os compromissos sociais que a entediavam e a deixava fora de seu juízo, voltar para a casa da mãe dela, onde ela era esperada para ser perfeita em todos os momentos, para seus vestidos restritivos que sugavam sua respiração, sua vida e a alegria dela.

O pensamento de ter que responder à primeira pergunta sobre Harlan a fez ficar fisicamente doente. Não importava o que ele tinha feito para ela, ela jamais contaria a verdade, exceto claro, para sua mãe e seu pai, pois eles provavelmente iriam tentar convencê-la a mudar sua decisão. Ela podia ouvir a mãe dela agora como se ela estivesse de frente para ela, com sua expressão sisuda.

Sophie, minha querida, todos os homens se perdem em algum momento ou outro. Isso não atrapalha a capacidade deles de se tornarem um marido adequado. Harlan é uma combinação favorável. O que as pessoas vão dizer se você simplesmente descartá-lo para viver sua vida como uma solteirona!

Bem, maldição, Sophie não queria saber o que as pessoas diriam!

Ninguém iria entender é claro, mas ela não precisa deles para nada. Ela estava começando a gostar de usar calças e camisas masculinas e estava ansiosa para ficar com sujeira debaixo das unhas. Essa simples idéia a excitava tanto quanto a presença de Jack — Sophie nunca tinha se sentido tão sem fôlego. Ela se sentia excitada além de seus sonhos mais loucos. Em toda a sua vida ela nunca tinha se sentido tão viva e vigorosa e cheia de energia e expectativa. Ela mal podia esperar para começar sua jornada!

Cada dia seria uma aventura!

Ela não podia esperar para fazer o café da manhã para Jack e sua tripulação.

Talvez fosse bobagem, mas ela queria provar que podia fazer. Ela se recusava a ceder. A prática a aperfeiçoaria. Ela sabia por causa de seus desenhos.

"Sophia!" ela ouviu Jack chamar, e apressadamente terminou embalando os poucos itens que pretendia levar. Ela tinha descartado seus vestidos completamente — não havia razão para levá-los. Eles estavam sujos e eram muito pesados. Em vez disso, ela tinha pegado emprestadas outras calças e camisas de Shorty, colocando quantos ela podia na mochila que Jack tinha emprestado. Ela usava bota e meias de Shorty, embora a bota fosse muito grande para os pés dela. Jack tinha aconselhado que elas seriam muito mais adequada para o restante da viagem do que as suas sapatilhas. Então ela tinha enchido os dedos dos pés com meias e dificilmente poderia se dizer que o tamanho era muito grande para ela.

"Estou indo, Jack!" ela gritou para ele e empurrou alguns itens de higiene

pessoal na mochila.

Ele veio até a porta então, inclinando-se contra o portal enquanto ele a observava com aquele olhar em seus olhos. Ele parecia gostar de olhar para ela desde que ela tinha começado a usar as calças de Shorty, e ela gostava do jeito que ele olhava para ela.

Seu coração pulou um pouco com a visão dele. "Jack," ela disse sem fôlego.

Ele sempre conseguia fazer isso... roubar o seu fôlego. A simples visão dele deixava-a tonta. Um único olhar dele fazia seu coração dançar.

"Quando estiver pronto, princesa."

Ele não estava chateado com ela, Sophie sabia pelo sorriso no rosto dele, mas ela fez uma careta com ternura. "Harlan me chama assim!" ela lembrou mais uma vez e esperava que ele entendesse como isso irritava seus nervos. "Por favor, não."

Ele se afastou do portal, colocando-se ereto.

"De qualquer forma, estou pronta!" Sophie garantiu-lhe. "Exceto..." Ela hesitou, olhando para os papéis em sua mesa, querendo muito que ele os visse.

Ela voltou para a mesa, persistente, tirando o retrato de Harlan. Ela não podia esquecer a foto quando ela tinha a carta de Harlan presa atrás da moldura.

Jack deu um olhar desgostoso quando ela o colocou, também, em sua mochila e deu-lhe um olhar que ela não conseguia decifrar completamente. "Será que você não pode esquecer isso," ele disse causticamente, se virou e deixou-a para que ela o seguisse.

"Jack espere!"

Ela queria desesperadamente que ele visse os desenhos dela.

Desapontamento subiu através dela quando ele saiu de sua vista. Ela demorou um instante para perceber o que o tinha deixado irritado, mas quando ela viu, ela deu um sorriso secreto.

Ele estava com ciúmes, e esse fato dava prazer a ela.

Rapidamente ela pegou a pilha de desenhos da mesa dele e colocou em sua mochila, depois colocou a mochila no ombro.

Ele descobriria o propósito de sua jornada em breve. Entretanto, não lhe faria nenhum mal pensar um pouco. De alguma forma, contar para ele sobre sua

decisão de deixar Harlan não parecia tão gratificante como mostrá-lo.

A praça do mercado estava pungente com o aroma de peixe e de carne, adoçado apenas com o cheiro mais evasivo de frutas e legumes.

Jack se lembrou do caminho através do emaranhado de barracas, embora tivesse passado quase três anos desde sua última visita. Ele tinha trazido Randall e Pete com ele, no caso de Jose não o perdoar. Ele teria preferido não trazer Sophie, mas ela tinha falado animadamente durante o café da manhã, que tinha a intenção de fazê-lo e precisava comprar alguns itens, e ele suspeitava que ele tivesse que amarrá-la para que ela não o acompanhasse, assim que ela descobrisse seu destino.

De qualquer forma, Kell tinha ido atrás de suprimentos, e o resto de sua tripulação estava ocupada em montar acampamento. E não era como se ele não confiava neles com Sophie, mas ele realmente não confiava em Sophie com eles.

Além disso, ele tinha prometido a ela que ela poderia cozinhar para eles. Ela queria ajudar e ele não conseguia lhe negar nada. Nem poderia ele deixar de se divertir do olhar de admiração no rosto dela, quando ela o seguisse através do mercado. Em vez de frutos maduros e carne velha que compunham as mercadorias do mercado, poderia se pensar que ela estava cercada por pepitas de ouro e de diamantes.

Para o crédito dela, ela parecia ansiosa para se redimir com os seus homens e se recusava a aceitar a derrota. Infelizmente, seus homens estavam orando secretamente para Jack bani-la de mais tentativas. Ele nunca tinha conhecido uma mulher em sua vida que sentia tanta alegria em seus esforços e fracassava miseravelmente todas às vezes.

Na verdade Jack achava uma qualidade encantadora.

Não foi difícil encontrar a barraca de Jose, e ele reconheceu Maria na mesma hora. E ele ficou grato porque a atenção de Sophie tinha sido momentaneamente distraída por uma barraca cheia de pimentas coloridas. Ela demorou-se para inspecioná-los, levantando várias em sua mão, como se fossem pedras preciosas.

Jack sorriu um pouco ao vê-la, então retornou para a desagradável tarefa, esperando que as pimentas mantivessem a atenção de Sophie.

Maria não tinha mudado quase nada, e seu rosto bonito se iluminou quando

ela o reconheceu. Ele sentiu culpa.

"Jack!" ela exclamou e saltou para cima dele.

"Olá, Maria." Ele sorriu um pouco incerto pra ela e lançou um olhar apressado na direção de Sophie.

A atenção de Sophie continuava fixa nas pimentas. Enquanto observava, ela começou a selecionar somente os melhores para a obra prima de café da manhã que tinha a intenção de preparar.

Jack teve um súbito desejo de estar lá ao lado dela... para examinar as pimentas com ela... cheirar o cabelo dela... tocar seus ombros.

Ela era linda, e estava matando-o vê-la arrastar essa maldita foto de Penn com ela para todo lado.

Dava nojo de pensar nos dois juntos.

Os braços de Maria foram ao redor do seu pescoço, no instante em que ele se virou novamente. Ela quase engasgou. "Oh, Jack!" ela gritou.

Jack acariciou suas costas, fazendo careta enquanto ele lançava outro olhar para Sophie, por cima do ombro.

Considerando o retrato condenável, que ela estava carregando, ele não sabia por que ele deveria ficar incomodado que Sophie pudesse ficar magoada pela atenção que Maria estava lhe dando, ele deveria estar mais preocupado com os sentimentos de Maria...

Ou com o seu próprio couro.

Jose chegou à barraca, seus olhos estreitando em desprazer quando ele viu Jack com Maria. Jack não tinha mais dúvidas de que o pai dela sabia o que tinha acontecido. O estômago dele se enrolou mais uma vez, e ele fez uma careta para a expressão do homem mais velho.

"Fique longe da minha filha!" seu pai exigiu ao mesmo tempo e veio para tirar as mãos de Maria do pescoço de Jack.

Jack tentou ajudá-lo da melhor maneira possível, esperando que sua ajuda pudesse adoçar o humor de Jose, mas Maria provou ser mais forte do que qualquer um deles imaginava.

Ela o segurou rápido, pulando para cima e para baixo animadamente, estrangulando Jack com seu entusiasmo. "Oh Jack!" ela exclamou e o abraçou

apertado, resistindo a seu pai enquanto ele bradava para ela em espanhol para libertar Jack.

Jack tinha uma pequena suspeita de que seu entusiasmo tinha menos a ver com ele e mais a ver em desafiar seu pai, por causa do seu abraço apertado que o deixava furioso.

"Não!" ela o desafiou, seu tom petulante. E ela abraçou Jack ainda mais apertado em um show de rebeldia. Ele ficou agradecido que ela era bastante alta, caso contrário, ele seria um corcunda agora. Ela continuou em espanhol. "No me puedes ordenar!"

"Maria!," o pai dela trovejou, desistindo de tentar lutar com ela sobre Jack. Havia pouco afeto no estrangulamento.

"Dejar lo, Papa!"

Na tentativa de seguir a conversa deles, Jack estava incerto sobre se ela estava tentando protegê-lo ou simplesmente desafiando seu pai. Talvez as duas coisas. E evidentemente estava determinada a protegê-lo até a morte.

Jose parecia pronto para espancá-lo — não que Jack estivesse particularmente com medo do homem, mas não ajudava ver Jose cheio de raiva. Jack não estava certo de que ele poderia atingir o homem de volta se Jose decidisse dar-lhe um soco.

O espanhol dele era bom, mas não o suficiente para seguir o bate boca que se seguiu. Finalmente ela disse algo que acalmou o pai dela, porque ele deu um passo para trás, e Maria acalmou o atrito entre os dois.

Jack ficou ali de pé, desconfortável, esfregando a parte de trás do seu pescoço enquanto Jose olhava para ele. Seu mal-estar intensificou-se quando Sophie veio com sua cesta cheia de pimentas, sua atenção obviamente tinha ficado presa a cena que ela assistiu dos três. Ela lançou-lhe um olhar curioso e em seguida, virou-se para avaliar a Maria.

Maria ficou desafiadoramente ao lado dele, recusando-se a desistir de seu lugar ao lado dele e deu a Sophie o mesmo olhar que estava recebendo dela.

Jack gemeu e sentiu seu estômago se apertar. Cristo ia ser um dia longo.

Da melhor maneira possível, explicou a Jose o que tinha acontecido, em espanhol para que Sophie não entendesse, assumindo total responsabilidade por

suas ações. Ele não queria que Maria sentisse o peso da ira de seu pai, então ele resolveu tomar toda a culpa, mas Maria, aparentemente, não ia permitir.

Ela interrompeu a explicação, deixando claro que ela estava em uma idade onde ela tinha o direito de fazer o que ela escolhesse... o que levou a uma longa discussão entre pai e filha sobre os direitos de uma filha.

"O que está acontecendo?" Sophie sussurrou-lhe. Ela obviamente não entendia uma única palavra, e porque Jack estava agradecido.

Jack deu de ombros. Agora não era precisamente o momento certo para explicações.

Sophie deu-lhe um olhar severo.

Deixe-a estar irritado com ele... não era ele que carregava fotos de amantes do passado.

E realmente não importava que ela na verdade não tivesse sido amante de Penn. Ela aparentemente ainda tinha a intenção de se tornar. Ele cerrou os dentes com o pensamento.

"Jose..." Ele interrompeu pai e filha. "Perdon. La culpa es mia"

"No!" Jose explodiu. "La culpa es de mi puta hija que não puede cerrar las pernas por nadie!"

Jack recuou: aparentemente ele não tinha sido a única conquista de Maria.

Maria ficou vermelha com a observação degradante do pai dela e evitou olhar para ele. Jack não tinha certeza se era por raiva ou por vergonha, mas ela se acalmou imediatamente. Ele explicou o motivo da sua vinda — não era para causar problemas, mas para pedir ajuda de Jose.

Jose permaneceu quieto, escutando, suas sobrancelhas grossas unidas em uma carranca. Ele era muito menor do que Jack, mas seus ombros deviam ser duas vezes mais amplos que os de Jack, e agora eles estavam tensos enquanto ouvia, dando a Jack um sentimento de mal-estar.

Jose começou a balançar a cabeça quando Jack passou a explicar exatamente o que ele precisava dele, falando sem rodeios. Ele não culpava o homem. Ele não sabia a quem mais perguntar.

Sophie e Maria voltaram a inspecionar uma a outra.

Entretanto, um homem veio até a barraca e pediu cebolas para Maria. As

bochechas de Maria ficaram rosa, e ela acenou com a cabeça vigorosamente para dizer que eles não tinham nenhuma. Ela acenou para ele ir embora, com cautela olhando na direção do pai dela e então se virou novamente para o cliente sorrindo. Os dois compartilharam uma breve olhada e ela inclinou-se com um olhar de súplica. Ele assentiu com a cabeça e saiu apressadamente.

Jack levantou suas sobrancelhas, imaginando o que o homem queria além de cebolas.

"O que disse aquele homem?" Sophie perguntou a Jack enquanto Jose fazia uma fervorosa explanação do porque ele não poderia guiá-los. Jack tentou acompanhá-lo e ouvir Sophie ao mesmo tempo.

Ela puxou a manga. "O que disse aquele homem?"

Ele franziu a testa para ela. "Que homem?" ele respondeu com impaciência.

Sophie levantou-se na ponta dos pés para sussurrar em seu ouvido, enquanto Jose continuou explicando que não era só sua raiva por sua filha que o impedia de guiar Jack pelas ruínas da selva, mas seu senso de responsabilidade para sua família. Ele já não podia se embrenhar pela selva e deixar sua família para se defender sozinha. Era culpa dele, ele acrescentou, que sua filha estivesse solta no mundo, porque ele não estava por perto para mantê-la segura. Ele pretendia mudar tudo isso... a partir de hoje.

"Aquele que esteve aqui," explicou Sophie, e apontou o homem em questão, que agora estava em outra barraca tentando comprar cebolas em outro lugar, com o olhar de glamour para a mulher atrás do balcão. "O que ele disse?"

Jack piscou para ela. "Ele queria saber se eles tinham cebolas para vender."

As sobrancelhas de Sophie se fecharam enquanto ela considerava a resposta, e Jack voltou sua atenção para Jose.

Sophie tentou se lembrar exatamente como ele tinha falado: No tienes sayboyas? Foi precisamente isso. No tienes sayboyas? "No tienes sayboyas?" Ela repetiu para si mesma, tentando memorizar a frase.

Ela chamou Jack. Ele virou para olhar para ela, sua expressão um pouco irritada. Ela não se preocupou em lembrá-lo como era rude deixá-la tão completamente fora da sua conversa. Ele não tinha nem se preocupado em apresentá-la. Ela deveria cruzar seus braços, até que ele decidisse incluí-la na

conversa? "Eu realmente odeio interromper," ela disse "mas como se diz cebolas em espanhol?"

Ele piscou para ela. "Cebollas," ele respondeu.

Sophie assentiu com a cabeça.

Tudo bem então... se sayboyas eram cebolas... então tienes deve ser "você tem." Ela tentou se lembrar disso enquanto se esforçava para ignorar a mulher que estava olhando para ela tão rudemente e tão desconfiada.

Maria, Jack tinha chamado ela.

Ela não tentou reconhecer a atração que obviamente Maria tinha por Jack e tentou não notar a maneira que ela olhava com desejo para Jack quando ela conseguia tirar os olhos de Jack e olhar para Sophie.

Mas ela não podia parar de pensar quem era essa mulher.

E ela não conseguia evitar ter um pouco de ciúmes... mesmo que ela dissesse a si mesma que ela não estava com ciúmes... não totalmente.

Apesar de não saber quem ela era Sophie sabia que era alguém que Jack estava obviamente muito familiarizado... a julgar pelo abraço que ela deu nele. O estômago de Sophie se embrulhou com o pensamento de Jack e Maria juntos.

Mas então... ela realmente não queria pensar nisso, então ela pensou no café da manhã. Ela estava ansiosa para se testar e para começar. Mas primeiro precisava de ovos. Ela devia fazê-los mexidos ou ela devia fazê-los estrelados, com o amarelo brilhante das gemas e o branco das claras aparecendo perfeitamente?

Ela acariciou sua cesta em aprovação. Ela tinha muitas pimentas coloridas e pretendia jogá-las na panela junto com o presunto. E ela tinha muito presunto defumado na despensa do navio, mas ela precisava de pão também.

Impaciente para voltar para que pudesse começar a cozinhar, ela bateu no ombro de Jack novamente e sussurrou, não tentando distrair o homem com quem ele estava falando, "como se diz ovos?"

Ele lhe deu um olhar curioso.

"Como eu digo ovos em espanhol?" ela perguntou novamente.

Ele respondeu. "Huevos."

Sophie, mentalmente, acrescentou que o que ela já sabia e praticou algumas

vezes para si mesma. No tienes huevos? No tienes huevos? No tienes huevos?

Ela repetiu a frase para si mesma, obediente, ignorando a mulher. Ela tentou ser paciente com a conversa interminável entre Jack e o homem, que ela agora assumia pela conversa que tinha ouvido se chamava Jose. Ou ele era o marido da mulher ou o pai dela... e a julgar por suas idades, ela assumiu que era o pai.

No tienes huevos, ela repetiu mentalmente enquanto esperava sua chance de falar.

Primeiro ela devia perguntar para Jose, antes de procurar em outro lugar. Não faria muito sentido ir a outras barracas procurando por ovo se Jose os vendesse, mas a conversa estava se tornando entediante. Ela não conseguia entender uma única palavra do que eles estavam dizendo e ela foi ficando impaciente... para não mencionar lutando contra um grave caso de ciúme que foi crescendo a proporções monstruosas.

Nunca na vida dela ela acharia que fosse ser capaz de tal ciúme terrível, mas ela estava com muito ciúme. Ela queria desesperadamente colocar a mão possessivamente no braço de Jack, mas não podia fazer isso, então ela encontrou-se de pé perto dele para que pudesse sentir o cheiro maravilhoso de sua pele.

O corpo dela se lembrava do cheiro e por isso ela se sentiu aquecida. Ela chegou mais perto, apesar de sua determinação para não parecer competitiva com aquela mulher!

Ela se recusou a abaixar-se a um nível inadequado de comportamento. Se Jack tinha escolhido estar com ela, assim fosse. Ele não era dela para ser mandado — e ela não era dele!

Ainda assim... ela tinha todo o direito de ficar tão perto dele o quanto ela quisesse. Afinal, era ela quem ia fazer café da manhã para ele!

Ela lançou para a mulher um olhar funesto, embora ela realmente não quisesse e então ficou irritada com ela mesma quando a mulher olhou para ela da mesma maneira.

O que na terra a fazia lançar olhares funestos para uma mulher por causa de um homem que nem mesmo era dela?

Era ridículo e Sophie estava pronta para ir, mas Jack parecia estar suplicando

a Jose por algo, determinado a ganhar o seu respeito.

Jose abanou a cabeça, teimosamente, dizendo não ao que Jack estava solicitando dele.

A mão da filha em casamento?

O estômago de Sophie torceu com este pensamento ridículo. Seus pensamentos estavam voando. Jack não era o tipo de homem para fazer amor com ela um dia e casar com outra mulher no dia seguinte.

Ainda assim, ela decidiu que eles não estavam conseguindo chegar a nenhum lugar e ela não ia ficar por aí e vendo-os brigar o dia inteiro como dois touros teimosos. Ela decidiu ir procurar os ovos agora. Pelo menos ela ficaria afastada algum tempo enquanto eles brigavam.

O homem continuou a balançar a cabeça, sem falar, apenas olhando para Jack, e Sophie não se sentiu nem um pouco culpada por interromper desta vez. Ela tinha que fazer compras. Não era agradável para ela ficar aqui e ouvir os dois discutirem em uma língua que ela não entendia, enquanto aquela mulher olhava para ela com um olhar que ela não compreendia!

Sophie também não gostava dela ou de seu pai, e deve ter aparecido em seu tom. "No tienes huevos?" ela deixou escapar para o homem e estava muito satisfeita com a maneira que ela perguntou no idioma dele.

A cabeça de Jack virou, assim como a do homem.

A mulher engasgou e colocou uma mão sobre sua boca.

O homem olhou para ela, e seu rosto começou a ficar vermelho.

Sophie olhou para Jack. "O que está errado?" ela perguntou, sentindo que algo estava terrivelmente errado.

A expressão de Jack estava cheia de horror.

Algo estava muito errado.

Os olhos de Sophie se ampliaram. A barriga dela vibrou nervosamente. "O quê! O que eu disse?"

Jack teve apenas tempo de abrir a boca, quando o homem deu um soco no rosto de Jack., acertando o queixo de Jack com um baque doentio.

Sophie gritou quando Jack foi caindo para trás com o impacto inesperado. Ela conseguiu de alguma forma pegá-lo.

Maria gritou, e então o caos começou.

Eu exijo saber o que eu disse para causar tanto problema!"

Sophie segurava um fedorento pedaço de carne na mandíbula de Jack. Seu maxilar latejava e o odor da carne era nauseabundo.

Randall e o Pete ostentavam suas próprias marcas, mas nenhuma tão ruim quanto à de Jack.

"Vamos mudar de assunto, Sophia," Jack persistiu. "Jose desculpou-se depois que eu expliquei o que você realmente quis dizer. Vamos esquecer isso, certo?"

Ele realmente não queria dizer-lhe que ela tinha acusado o homem de não ter culhões.

E ela disse no pior momento. Jack estava no meio da explicação para Jose que a maioria dos seus outros guias o haviam abandonado muito tempo antes de eles terem alcançado as ruínas — que eles não tinham chegado as ruínas, por causa da superstição. A pergunta de Sophie tinha vindo como uma indesejável pontuação do assunto. Ele estava desesperado e tinha perguntado a Jose se ele tinha perdido a coragem — e depois que Jose ouviu Jack dizer para Sophie como falar huevos... um estranho homônimo para ovos e culhão. Jack pode definitivamente ver a conexão, mas ele nunca entenderia como os dois eram usados de forma intercambiável. Sophie não tinha como saber.

"Foi minha culpa, Jack, e eu tenho todo o direito de saber o que eu disse para causar tal alvoroço! Eu só perguntei se ele tinha ovos! Ele não tinha direito de bater em você desse jeito!"

Jack gemeu e apertou a carne mais firmemente ao rosto dolorido. "Sophia," ele implorou para ela. "Por favor..."

"Bem, se você não vai me contar, eu vou ter que perguntar a alguém," ela disse teimosamente e virou-se para Kell.

As sobrançelas de Kell se levantaram e ele olhou suplicante para Jack. Randall e Pete continuaram a desviar o olhar. Eles tinham explicado tudo para Kell bem longe do alcance do ouvido de Sophie, e pela primeira vez Kell estava mantendo seu bom humor para si mesmo.

"O odor de carne é quase tão horrível como o inchaço e o hematoma em seu rosto!" ela declarou.

Jack estava grato pela alteração momentânea da conversa — mesmo que o desvio fosse por pouco tempo.

Ele assentiu concordando. "Não posso culpá-lo por não oferecer uma peça de carne melhor, tendo em conta o que aconteceu."

"Eu paguei por ela!" Queixou-se Sophie. "Não lhe dizia respeito se eu pretendia comê-la ou jogá-la fora!"

Ela era definitivamente uma mulher explosiva. .

Uma linda mulher explosiva.

Jack tentou sorrir para ela, mas não conseguiu.

"Jack nunca te deu seu huevos, Sophie?" Kell perguntou de repente, tentando soar casual.

Jack olhou para Kell, travando a língua, embora não facilmente.

"Sim," respondeu Sophie, franzindo a testa para Jack. "Eu tenho os ovos." Ela deu-lhe uma bela pose.

Jack sorriu para si mesmo.

"Acho que eu vou começar o café da manhã!" ela disse obviamente descontente com ele. Ela girou sobre seus calcanhares e suspirou quando ela os deixou, e o sorriso de Jack ficou torto quando ele olhou para Kell.

Ela tinha seus ovos, juntamente com uma tonelada de pimentas. Ele esperava que Kell tivesse fumaça saindo da sua bunda quando ela acabasse. Para si mesmo, ele só ia querer pão. Ele jogou fora a carne com uma careta.

"Dê para o cachorro!" ele exigiu irado e olhou para Randall. O cheiro o

estava deixando doente.

"Para o cachorro?" Randall perguntou.

"Encontre um," Jack respondeu de um modo quase malcriado.

Os olhos de Randall se ampliaram quando ele entendeu. Ele levou a carne com ele para alívio de Jack.

O sorriso de Kell era irritante. "Então você conseguiu Jose para ser nosso guia, afinal?"

"Sim," disse Jack, enquanto observava Sophie trabalhar à distância.

Pete a tinha seguido e foi ajudá-la a montar uma pequena fogueira no acampamento. Ele estava explicando para ela como cozinhar sobre o fogo aberto com a frigideira que ela insistira em trazer.

Ela nem parecia perceber como Jack estava em sintonia com ela. Ele não se cansava dela. Não conseguia se concentrar nem mesmo no seu trabalho.

"Como você conseguiu isso?"

"Graças ao dinheiro de Sophie. É verdade, todo mundo tem seu preço."

"Claro que tem," Kell concordou. "Inclusive você," ele acrescentou com um aceno de cabeça.

O olhar de Jack se fixou em Kell. Suas sobrancelhas colidiram. "O que diabos você quer dizer?"

Kell abanou a cabeça. "Você vai descobrir Jack. Ela está te pagando para você entregá-la para Penn, não é? E é isso que você vai fazer. Por quê? Porque ela te pagou?"

"Não, eu não me importo sobre o dinheiro." Os ombros de Jack caíram. "Eu estou fazendo isso porque é o que ela quer."

"Sim? E como você sabe o que ela quer Jack? Você perguntou para ela ultimamente?"

Jack não respondeu.

Ele não tinha que perguntar a ela.

Quando uma mulher não podia sair sem arrastar com ela uma foto amaldiçoada do noivo, não era muito difícil deduzir que ela lhe tinha dito a verdade... que ela sentia falta do desgraçado. Seu humor, até o incidente do ovo, tinha melhorado bastante desde que eles tinham descido do navio. Era óbvio

para Jack que ela mal podia esperar para se encontrar com Harlan.

Isso o irritava.

Com quem ele estava brincando?

Ele se sentia doido.

Estava quase grato pela dor em seu rosto porque refletia a dor que estava crescendo em seu peito... esse sentimento dolorido de perda mesmo antes de ela ir embora.

Será que o que tinha acontecido entre eles não tinha significado algo para ela?

Como poderia ela ficar sentada cantarolando alegremente enquanto cozinhava na maldita frigideira?

Ela o tinha pagado — e muito bem — para fazer um trabalho e ele estava quase pronto. Então ele poderia continuar com seu trabalho mais confortavelmente depois que ela tivesse ido embora.

Então por que ele estava sentindo como se ele tivesse perdido o seu melhor amigo? Por que ele de repente sentiu que estivesse entregando tudo para Penn e vomitando em suas mãos e voltando para casa?

"Qual é o seu preço, Jack?" Kell perguntou enigmaticamente e, em seguida, foi embora.

Jack virou com raiva para ele, e se perguntou se sua vida valeria à pena se ele não conseguisse acordar para encarar o dia... se ele tinha que ir dormir à noite, imaginando o que poderia ter sido...

Sophie continuou a cantar, conversando animadamente com vários de seus tripulantes, enquanto eles montavam acampamento. Jose era esperado em breve e a energia estava alta. A tripulação parecia compartilhar o entusiasmo de Sophie. Cada um de seus homens tinha participação no que encontrassem. Eles se aplicaram à aprendizagem de suas tarefas a bordo do navio unicamente pelo privilégio de colocar as mãos no solo rico de Yucatan. Só o humor de Jack estava sisudo.

Qual é o preço que ele estava disposto a pagar por seu orgulho?

Qual é o preço da honra?

Ele pensou por um instante e se perguntou... será que alguém tinha sequer se

preocupado em pagar os ovos?

Ele achava que não, mas com os diabos... O dinheiro de suborno de Sophie seria mais do que compensador.

E todo mundo estava prestes a pagar por isso mais tarde.

Ele manteve a boca fechada, determinado a permitir que Sophie tivesse seu momento de glória. Significava muito para ela, e significava muito para ele ver o seu sucesso. Mas ele não estava prestes a comer a comida dela. De agora em diante, era cada um por si.

Não adiantou: Sophie era um desastre como cozinheira.

Ela não queria fazer beicinho, mas não pode evitar. Certamente não era fácil cozinhar quase sessenta ovos em uma única frigideira sobre uma fogueira. Ela tomou tanto cuidado com os primeiros, mas no final todos eles acabaram virando ovos mexidos. Eles estavam demasiado picantes para se comer de qualquer jeito. Ela comeu seu pão enquanto olhava para seu prato.

A única coisa que a impediu de sair correndo de humilhação total e reclamar na privacidade da floresta foi o simples fato de que este seria o caminho mais fácil. Para abandonar a comida dela agora e deixar todo mundo falando mal da sua comida, seria muito cruel.

Por outro lado... ela poderia fazer-lhes a gentileza de deixá-los, porque então eles poderiam despejar seus pratos no chão e enterrar as provas, ao invés de sentarem-se com suas expressões estóicas enquanto lutavam para comer o grude.

Sophie sentiu pena deles. Eles estavam com fome e aguardando uma refeição saudável para começar a viagem.

"Está... muito bom," Peter disse, enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto manchado. Seus olhos azuis brilhavam com a maior sinceridade que ele podia ter, considerando que sua boca estava provavelmente pegando fogo e o calor queimando através de suas narinas. Ele lutou para engolir enquanto Sophie assistia.

Ela levantou o garfo e esfaqueou um pedaço enegrecido do ovo mexido... ou talvez tenha sido uma pimenta... ou presunto. Ela realmente não podia dizer.

Ela engoliu e levantou o garfo até os lábios, dizendo uma pequena oração para que ela fosse poupada da pimenta. Sua água tinha praticamente

desaparecido... e a de todos os outros também. Estavam todos em desespero. Ela podia vê-los olhando avidamente para os outros cantis, suas expressões avarentas. Sophie teria com prazer oferecido o dela... exceto que o cantil dela também estava quase vazio, e ela literalmente morreria se ela permanecesse sentada com a boca cheia de pimentas e sem água.

Enquanto isso, Jack estava se banquetando com algum prato exótico feito por Maria, uma refeição privada só para os dois.

A mulher tinha chegado com seu pai e outros dois homens — seus irmãos talvez, porque a semelhança era forte — e os cinco deles estavam sentados separados do resto, discutindo algo sobre a expedição.

O ciúme voltou, e Sophie não pode deixar de notar como Maria era bonita, com seus olhos pretos grandes e confiantes. Ela queria desenhá-la, capturar o espírito dela, mesmo que a quase esquecida carta de Harlan viesse a sua mente. Suas palavras a assombravam:

... a pele aveludada e os olhos de um preto profundo, que
um homem é capaz de ver seu próprio reflexo em suas profundezas.
E o cabelo... Cristo, eu nunca tive a alegria de tocar
em cabelos tão macios que fluem através das minhas
mãos como a crina de um bom cavalo de raça.

As bochechas de Sophie queimavam.

Jack estava apaixonado por ela?

Ela era certamente linda o suficiente. Sophie não poderia competir. Seu próprio cabelo era monótono em comparação e sua pele muito pálida, o nariz ligeiramente sardento e os olhos dela... bem, os olhos dela eram sua melhor característica, ela pensou. Pelo menos eram diferentes, e Harlan tinha muitas vezes comentado sobre sua estranha cor dourada.

Maria era a personificação de algo selvagemmente lindo.

Sophie suspirou melancolicamente.

Já não lhe incomodava o mínimo que Harlan ficasse tão abalado com as mulheres daqui.

Mas Jack...

Os olhos dela não podiam deixar de segui-lo aonde quer que ele fosse... tudo o que ele fazia. Ela se viu se esforçando para ouvir a conversa deles e se sentiu culpada por bisbilhotar.

O absurdo da situação é que ela queria ir se sentar no seu colo!

Ela deveria fazê-lo, ela pensou petulante. E ela iria... exceto... exceto que ela não tinha esse direito. Nem ela era tão ousada para interromper a conversa e sentar-se tão rudemente no colo dele. Em vez disso ela ficou sentada fazendo beicinho, tentando engolir a comida, se esforçando para ser tão corajosa quanto o resto da tripulação e certa de que Maria nunca, nunca queimaria sua comida.

Kell sentou-se ao lado dela. "Não importa de eu me juntar a você, certo?"

Sophie abanou a cabeça, lançando um olhar melancólico para Jack.

"Não se preocupe, Sophie," ele consolou. "Não está tão ruim".

O que em particular? Sua inveja de Maria, ou o café da manhã miserável? Sophie encolheu os ombros.

Kell sorriu. "Não está. Eu juro." Ela olhou para ele com esperança. "Talvez um pouco apimentado," ele cedeu, "mas saboroso, no entanto,"

Sophie olhou para ele, com esperança. "Verdade?"

Ele assentiu sem a menor hesitação. "Verdade."

Ela olhou para o prato um pouco duvidosa. "Está um pouco apimentado," ela admitiu e olhou de relance para Randall, que se sentava em frente a eles. "Pobre Randall parece que ele poderia enterrar a cabeça numa poça de água."

Kell riu. "Alguns gostam de mais apimentado do que os outros, eu suponho." Ele piscou para ela. "Mas o Randy é um banana."

Sophie levantou suas sobancelhas para ele.

"Tudo bem," ele confessou. "Eu sou um covarde, também, mas estou avisando... há homens que gostam de sua comida tão quente que os faça suar. Elas não são felizes até que eles começam a soltar fumaça pelas narinas."

Sophie não acreditou nele, mas riu de qualquer maneira e apreciou o seu esforço.

O olhar dela voltou-se para Jack.

Ele estava sorrindo para Maria, levantando seu prato como se para agradecê-

la.

Maria sorriu alegremente em resposta, seu sorriso radiante somente para Jack, e o coração de Sophie se torceu com inveja.

Por um instante... apenas um minúsculo instante... ela esperava que ele engasgasse com tudo o que ele estava comendo.

Maria tinha trazido baratas cobertas de chocolate.

Jack não sabia se deveria ficar grato ou ofendido.

Jose trouxe seus filhos junto com Maria, e Jack estava incerto se era porque simplesmente ele queria fazer o melhor trabalho por causa do dinheiro de Sophie, ou se era um aviso adicional para Jack tirar as mãos de sua filha. Em ambos os casos, seu pai e irmãos não pareciam descontentes com a atenção imediata de Maria.

Ele continuou estudando os quatro, tentando determinar se uma tigela cheia de insetos cobertos de chocolate era uma coisa normal para eles, ou se era alguma brincadeira doente às suas custas.

Não parecia ser a última hipótese.

Parecia que eles não deram um segundo pensamento para a tigela de iguarias. Só Maria parecia estar ansiosa pelo seu veredito.

Maldição... ele se encolheu com a visão dos insetos — todas aquelas pernas pouco carbonizadas. Ele sabia muito bem que iria magoá-la se ele não comesse pelo menos um... mas ele não conseguia se imaginar colocando insetos em sua boca. Ele olhou para seus homens... como eles engasgaram e gaguejaram com a comida de Sophie... olhos molhados e narinas queimadas... e queria estar comendo ao lado deles.

Alguns de seus homens correram para a água, os outros estavam determinados a sofrerem calados. Jack se maravilhou em ver como eles se

esforçaram por causa de Sophie fingindo que eles tinham amado o café da manhã. Ela tinha todos — inclusive ele — sob seu feitiço.

Ele olhou para sua tigela de comida e espiou uma perna coberta de chocolate e quase vomitou as tripas. Primeiro a carne podre, agora isto...

De alguma forma, ele conseguiu sorrir para Maria.

Nunca mais ele iria difamar as habilidades culinárias de Sophie. Deus poderia matá-lo no instante em que ele considerasse fazer isso!

Merda! Ele não suportava a visão do seu jantar. Se ele pudesse já teria colocado a tigela no chão e ido embora, mas Maria continuava a olhar para ele com expectativa.

Ele engoliu, tentando se convencer a engolir seu orgulho juntamente com o inseto. Não foi tão ruim, ele assegurou a ele mesmo... só uma... grande... mordida crocante... e tudo acabaria.

Bile levantou-se na sua garganta.

"Te gusta?" Maria perguntou-lhe, acenando com esperança.

Ele levantou suas sobrancelhas quando olhou para ela, desejando que ela se virasse e lhe desse apenas dois segundos para enfiar uma folha em sua boca, então ele poderia fingir que estava mastigando.

"Sim?" ela insistiu.

Jack orou a Deus — qualquer Deus — que a tigela de repente explodisse em chamas. Ele forçou a acenar e sorrir em apreciação.

Ele olhou de relance para Sophie e a viu com Kell, suas cabeças juntas conversando e desejou estar ao lado dela.

O que eles estavam falando? O que dizia Kell?

Será que seu amigo apreciava o cheiro do cabelo dela da mesma maneira que Jack gostava? A sobrancelha de Jack levantou. Caramba parecia que sim, Kell estava tão perto quase encostado nela e as entranhas de Jack rapidamente se agitaram, mas não tinha nada a ver com o prato na mão.

Maldição... o que ele não daria para estar sentado ao lado dela... comendo seu enegrecido ovos com presunto.

Ele segurou seu riso e isso fez seu coração saltar. O sorriso dela fazia sua barriga vibrar. O cheiro dela o fazia querer beijá-la... e os olhos dela... ele

poderia olhar para eles a vida toda e nunca seria muito tempo, nunca seria o suficiente.

De repente ela ficou com o olhar triste e o coração de Jack doeu por ela.

Ela estava desmotivada pelos esforços de cozinhar? Alguém tinha lhe dito algo para magoá-la? Jack tiraria a pele do desgraçado, quem quer que ele fosse!

Ela foi para a floresta, e ele esperou um pouco para ver se ela voltaria.

Ela não o fez, e ele pousou a taça ao mesmo tempo, pedindo desculpas a Maria e foi atrás de Sophie.

O bosque era exuberante e frio.

Sophie não suportava ficar vendo Jack com Maria por mais tempo. Ela tentou tratar o caso como uma adulta, mas a visão dos dois juntos era muito, muito dolorosa. Não importava que Kell tivesse sido gentil o suficiente para fazer companhia para ela, ela não aguentava, e ela teve que se esconder como uma covarde no santuário da floresta.

Ela não pretendia ir longe, mas de alguma forma, ela se perdeu em seus pensamentos e andou o suficiente para perder a direção.

Em todos os lugares, parecia que ela encontrava as mesmas videiras grossas e o mesmo arbusto. Ainda assim, não era preciso entrar em pânico, ela disse a si mesma. O acampamento devia estar em um lugar muito próximo. Ela ainda podia sentir o cheiro de comida queimada.

Ou talvez fosse sua imaginação. Meu Deus, isso era tudo o que ela precisava... se perder na floresta. Não seria uma adição perfeita a sua longa lista de catástrofes?

Ela apenas podia seguir as samambaias, na esperança de voltar para o acampamento.

O caminho terminou abruptamente à beira de um abismo profundo.

Ela engasgou com admiração o milagre da natureza que ela acabara de conhecer.

Hipnotizada, andou com cuidado à borda para olhar para baixo e encontrou o abismo preenchido com água cristalina. Era incrível, quase surreal. Mágico mesmo. Dez pés abaixo peixes prateados disparavam entre as raízes de árvores grossas e escuras. Feixes de luz perfuravam o dossel verde acima e esfaqueavam

profundamente dentro da piscina como pingentes. Eles formavam um prisma abaixo da superfície da água. A cor irradiava a partir deles, enquanto peixes passavam através do arco-íris aguado.

Fascinada pela visão, Sophie ajoelhou-se à beira do abismo. Seixos rolavam debaixo dela dentro da piscina abaixo.

Ela nunca tinha visto algo tão bonito. Os dedos dela coçavam para desenhá-la. Ela deu um suspiro, e ajoelhou-se ali à beira e olhou fascinada, imaginando como ela seria capaz de capturá-lo.

"Bonito, não é?"

Ouvindo a voz, Sophie virou-se para encontrar Jack observando-a. O coração dela saltou ao vê-lo. "Sim," ela disse em uma expiração. "Nunca vi nada como isto!"

A vista a deixava sem fôlego.

Deixava Jack também.

Ela olhou para baixo outra vez e ele veio ficar ao seu lado, encantado com sua descoberta.

"Chama-se um dzonot," ele disse. Ele colocou uma mão no ombro dela. Sophie sentiu e sua respiração quase parou. "Os dzonots foram criados quando os tetos das cavernas desabaram."

Sophie olhou para ele.

"Os Maias acreditavam que estas eram as portas do submundo aquático que foram habitados por deuses da chuva e pelos deuses espíritos do jaguar. Há muitos destes tipos de piscinas por aqui. A terra é cheia delas, mas esta é particularmente bonita."

"Isto é..." Ela olhou para baixo mais uma vez para dentro da piscina. Era tão claro que ela podia ver cada pedrinha na sua parte inferior. "Não existem palavras para descrever."

Ele apertou o ombro dela. "Ia trazer você aqui mais tarde para te mostrar, mas parece que você o encontrou por conta própria."

Ela virou-se para sorrir para ele. "Você ia me trazer aqui?"

O pensamento de que ele pretendia compartilhar algo tão incrível com ela a aqueceu além das palavras. Quando foi a última vez que alguém tinha gastado

tempo para trazê-la para seu mundo? Para compartilhar com ela as coisas que lhe agradava? Que o fascinava? Ela não se lembrava.

Ele se sentou ao lado dela. Mais seixos se espalharam dentro da piscina abaixo enquanto ele corajosamente pendurava as pernas na borda.

Sophie sorriu e sentou-se, deslizando as pernas dela sobre a borda do abismo.

Ele olhou para ela, então, deu-lhe um olhar particularmente perverso. "Há uma lenda Maia sobre uma princesa chamada Hechicera, que não podia casar com o homem que ela amava. Dizem que quando amantes chegam perto demais do dzonot, Hechicera se aproveita para arrastá-los para sua caverna onde ela os transforma em aluxob." Ele arqueou uma sobrancelha sugestivamente e disse: "Estamos muito perto da borda."

Sophie corou com a implicação.

Na verdade, eles realmente eram amantes.

Ela não queria esquecer um único momento em que ela tinha passado em seus braços. Por mais escandaloso que esse pensamento pudesse ser, ela não tinha num um único arrependimento.

A respiração de Sophie se acelerou. Ela desejou que ele a beijasse novamente... agora... e retirasse o cabelo para o lado como ele costumava fazer. "O que é um aluxob?"

Jack acenou com a cabeça. "Pessoas pequenas como duendes."

Sophie levantou suas sobrancelhas. "E o que ela faz com esses amantes infelizes?"

"Bem, eu não sei exatamente, mas pequenas cabanas são construídas em campos de milho após cada colheita. E as primeiras espigas são deixadas lá para alimentar os aluxob."

Ele ficou quieto, olhando para ela... como se ele quisesse beijá-la.

Sophie susteve a respiração. "Por quê?" ela perguntou, quando ele não o fez.

Sua voz era sedutoramente macia, quando ele disse, "Para os agricultores que os honram, os aluxob fazem seus grãos serem os mais ricos e embalam suas redes de noite."

Sophie pensou um momento, imaginando-se em uma rede com Jack, enquanto pequenos duendes os embalavam sob as estrelas. "Isso é uma lenda

encantadora."

Seus olhos brilharam enquanto a olhavam. "É," ele concordou.

"Eles devem ter sido um povo maravilhoso, benevolente!"

Ele encolheu os ombros. "Eu tenho uma suspeita que eles não eram tão benevolentes como alguns querem acreditar."

"Por que não?" Sophie perguntou realmente curiosa. Ele era tão cheio de conhecimento. Ela queria que ele lhe ensinasse tudo o que ele sabia.

Ele olhou para a piscina. "Bem... há um lugar chamado Chichen Itza. O nome significa 'boca do poço da Itzas'."

"Itzas?"

"Assistentes de água," explicou Jack. "Alguns acreditam que a pirâmide foi erguida como um altar de sacrifícios."

Sophie fez uma careta. "Como em Abraão e seu filho?"

Jack deu de ombros. "De qualquer forma, esta piscina mede quase três metros de profundidade. Abaixo da superfície estão os restos mortais de inúmeros sacrifícios e oferendas... animais e, às vezes, seres humanos, juntamente com jóias de ouro e jade."

Sophie estremeceu com o pensamento. "Quer dizer que eles jogavam as pessoas lá dentro... e as deixava morrer?"

"Isto ou eles já estavam mortos."

"Que terrível!"

"Isso não é nada ao lado de alguns dos seus rituais."

"Eu quero saber as coisas que você sabe!" Sophie, exclamou.

Sophie desejava que ela pudesse ficar para sempre ao seu lado e descobrir as coisas com ele. Ela desejava poder passar momentos tranquilos na companhia dele apenas sentados e lendo. Ela desejava saber tanto quanto ele. Mas agora, ela desejava mais do que qualquer coisa que ele se calasse e a beijasse.

Seu rosto se aqueceu quando ele a olhou.

O silêncio caiu entre eles, exceto o gotejamento da água caindo em algum lugar abaixo. Era um som bonito, musical.

"O que você está pensando, Sophia?" A voz dele era tão suave como uma carícia e o estômago dela vibrou ao som da sua voz.

"Eu estava pensando..." Ela piscou enquanto ela olhava ansiosa para a boca dele. "... que eu amo..."

Você, ela quis terminar.

Sua mão chegou de repente, tocando seu rosto, surpreendendo-a, e ela engoliu as palavras.

Jack segurou sua respiração, esperando ela falar.

"Sim," ele disse quando ela não continuou.

Ela piscou, e ele poderia dizer que ela estava lutando. "Que eu amo... como você sabe estas coisas."

A decepção deslizou através dele.

Ele acariciou seu queixo com o polegar. "Eu amo... sua curiosidade, Sophia".

Os olhos dela pareciam revelar uma batalha interna. Jack aguardou, esperando que ela falasse aquelas três palavras que ele tanto desejava ouvir.

"E... Eu amo muito, muito..." ela começou de novo, suas sobrancelhas se contraindo um pouco com o que parecia ser uma confusão. "Eu amo..."

"O que é que você ama?" perguntou-lhe, o coração dele martelando ferozmente.

Ela engoliu visivelmente. "Que você esteja disposto a compartilhar seus conhecimentos comigo!"

Seu polegar tocou seu lábio inferior, e descansou nele, e ela piscou. "E eu realmente... realmente adoro o teu sorriso lindo, Sophia." Seu lábio tremia um pouco, e ele brincou com ele, incitando-a com os olhos a falar aquelas três palavras. Ele a incentivou, também, a dizer-lhe "e adoro o som de sua voz... e a forma como você ri... Ele inclinou-se perto dela. "E o seu cheiro." Ele respirou fundo, almejando o sabor dela.

Sophie fechou os olhos e levantou o rosto para um raio de sol, e Jack sentado olhando para ela, fascinado, seu coração inchado de alegria por simplesmente estar na presença dela.

Nunca na vida ele tinha se sentido tão em paz com alguém, tão conectado... tão vivo.

Finalmente ele se inclinou para beijá-la, tocando timidamente seus lábios. A mão dele mudou-se para o pescoço, e ele a sentiu engolir mais uma vez. Mas ela

não o impediu, e aprofundou o beijo, querendo apenas que ele invadissem, penetrassem o corpo dela, para os dois serem um só.

Ele queria tudo dela, corpo e alma.

Ele queria a cabeça dela, queria o coração dela.

Dividido entre seu desejo de mostrar a ela que seu corpo não era tudo o que ele queria dela, que ele respeitava e amava o seu espírito e a sua mente também e queria fazer amor com ela de novo, e de novo, levá-la para sempre com ele, ele hesitou e se afastou.

"Sophie," ele começou.

Havia tanta coisa que ele queria dizer, mas ele não sabia por onde começar. Ele não queria que ela voltasse para Harlan, não queria perdê-la, mas ele queria que ela fizesse tudo o que a fazia feliz. Se de fato Harlan fazia isso para ela — se ele a fazia feliz — então ele queria isso para ela, mesmo que ele morresse por vê-los juntos. Mas ele esperava que ela não amasse mais o idiota. Ele realmente não suportaria vê-los juntos... saber que ele iria tocá-la... beijá-la... fazer amor com ela...

Estes pensamentos fizeram suas estranhas ficarem mais agitadas.

As palavras ficaram presas na garganta.

Ela olhou para ele, seus olhos dourados amplos vulneráveis. "Sim, Jack?"

Jack engoliu suas palavras, inseguro como falar. Ele nunca tinha falado essas três palavras para alguém em sua vida inteira, para ninguém. Nunca sentiu por ninguém o que ele sentia por Sophia.

Se houvesse apenas uma coisa que ele tinha aprendido com seus estudos — uma lição para ser carregada por toda a vida — era que nada dura para sempre. Nada. Seus estudos e as escavações eram a prova suficiente do fato; sociedades, grupos iam e vinham. Ele nunca tinha pretendido colocar seu coração em risco por algo tão fugaz como o amor. Mas ele não ligava mais...

Sophie valia à pena... e de repente ficou claro para ele que a única coisa que durava muito tempo depois que a carne se estragava... era o amor.

Ele queria Sophie ao seu lado para sempre, compartilhando sua jornada através da vida.

Mas quem era ele para pedir-lhe para desistir de sua própria vida por um

capricho... para segui-lo cegamente? O que ele realmente tinha para oferecer a uma mulher da sua posição?

Suas sobrancelhas se fecharam assim que ele começou a lutar com seus pensamentos.

O que era a coisa certa a fazer?

Ela amava Harlan Penn?

Ela desejava Jack, isso era verdade, mas desejo e amor eram duas coisas diferentes.

No final, a resposta era uma só: ela tinha que seguir seu coração. Ele não podia colocar palavras na sua boca, ou sentimentos em seu coração.

Ele suspirou pesadamente e olhou para seu lindo rosto, sorriu e acariciou sua bochecha com as costas da mão dele.

"Por acaso você não tem nenhum ovo com pimentas sobrando?" ele perguntou.

"Ovos com pimentas?" Ela piscou para ele. "Você está com fome?"

Se ela soubesse. "Morto de fome," ele confessou.

"E quanto á refeição que Maria trouxe... você não a comeu?" Ela afastou a mão de seu rosto e evitou seu olhar. "Não precisa comer o meu café da manhã só para me fazer sentir bem, você sabe! Estou bem ciente que estava horrível!"

Jack riu de repente. "Você está brincando? Eu prefiro comer veneno puro que comer o que Maria me trouxe!"

Sophie deu-lhe um olhar irritado. "Você só está dizendo isso para me agradar!" ela o acusou.

Deu-lhe um olhar tímido. "Ah, não!"

"Verdade?" Ela deu-lhe um olhar curioso. "O que ela trouxe para você?"

Jack abanou a cabeça, com nojo de novo apenas por pensar na comida. Ele fez uma careta e disse: "baratas cobertas com chocolate!"

Os olhos dela se abriram e sua mão voou para a boca. "Oh, Jesus Cristo!"

"Juro por Deus!" ele disse, fazendo caretas passando a mão por sua barriga.

Ela começou a gargalhar.

Profundamente ofendido por sua falta de preocupação com seu delicado estômago, Jack foi forçado a fazer cócegas nela. Ele fez cócegas nela até que

seus membros ficaram emaranhados e até que uma das suas botas voou para o outro lado da piscina e pousou na água com um respingo saudável.

"Oops," ele disse e parou de repente, olhando nos olhos dela. "Lá se foi o seu sapato," ele disse.

Sophie sorriu para ele. "Acho que você só vai ter que ir lá para buscá-lo, não é?"

Ele sorriu de volta, cutucando o peito dela. "Se eu for, você vai," ele disse.

Sophie susteve a respiração quando seu dedo escorregou entre seus seios, provocando-a.

"Quem disse?" perguntou um pouco sem fôlego.

Seu olhar seguiu seu dedo. "Eu sou maior que você," ele lembrou para ela.

Isso era verdade.

"Mas eu poderia gritar," Sophie garantiu-lhe.

Seu olhar encontrou o dela e ele arqueou uma sobrancelha em desafio. "Quem viria? Estamos demasiado longe para que alguém nos ouça."

Sophie encolheu os ombros. "Hechicera."

Seu sorriso era mau. "Então vou deixá-la", ele disse. "Poderia pensar coisas piores do que ficar preso aqui para sempre com você". Ele a beijou, então, um beijo doce e suave que fez o coração de Sophie bater cheio de amor.

Um nó se formou na garganta dela. Ela queria fazer amor com ele. Ela queria dar-lhe o corpo dela mais uma vez. Ela queria que ele soubesse como ela se sentia com o seu toque.

Sem dizer uma palavra, Sophie corajosamente desabotoou a blusa, divertindo-se com a maneira que ele a observava.

"Você tem certeza?" ele sussurrou contra o rosto dela, beijando-a suavemente.

Sophie levantou o rosto para ele beijar seus lábios. "Absoluta certeza" ela murmurou, e ele se juntou a ela, despiendo-a ansiosamente, fome queimando em seus olhos.

As mãos dele exploraram o corpo com uma ternura tão doce que Sophie queria chorar de alegria.

Ela fechou os olhos.

Mais do que tudo ela queria dizer-lhe como ela se sentia, mas estava com medo de abrir seu coração completamente... com medo que ele não a amasse... medo de falar as palavras em voz alta... com medo de ser uma tola... novamente.

Com Harlan, ela tinha dado tudo e tinha pensado que ia receber o amor dele em troca. Ela tinha se enganado e tinha medo de estar errada novamente. Harlan nunca tinha falado as palavras para ela.

Três simples palavras eram tudo o que ela precisava ouvir... mas ela precisava que Jack as dissesse primeiro. E embora não viessem facilmente em seus lábios, enchiam o coração dela.

Não havia mais dúvidas... ela amava Jack com toda sua alma. Jack era tudo o que ela sempre quis em um homem... e muito mais...

E Harlan era simplesmente uma lição que ela aprendeu... uma lembrança ruim, ficando cada vez mais distante a cada beijo que ela recebia dos lábios macios de Jack.

Ela fez amor com ele, desafiando Hechicera a cada grito de seus lábios.

Gananciosa por cada momento precioso que Jack estava lhe dando.

E ela não se segurou.

Exceto as três ansiadas palavrinhas.

Sophie se alegrou com o resplendor de sua vida amorosa.

Ela nunca se sentiu mais perto de alguém na vida dela. Mais do que tudo, ela desejava poder ficar neste paraíso na selva, só os dois, para sempre. O pensamento de voltar para Boston nunca tinha lhe sido mais desagradável.

Jack estava embaixo dela, protegendo seu corpo nu do chão da floresta. Seus olhos estavam fechados, e seus braços estavam ao redor dela, os dedos levemente acariciando suas costas.

As bochechas dela ficaram aquecidas com a memória de sua própria ousadia, mas ela tinha se deliciado com o momento. Ela agora sabia exatamente o que Harlan queria dizer quando tinha falado sobre cavalgar as nativas. Jack tinha montado sobre o seu corpo, implorando-lhe para cavalgá-lo. E ela tinha deixado, sem nenhuma vergonha. Enquanto isso, ele lhe murmurava palavras carinhosas, incentivando-a, fazendo-a sentir-se como sua deusa.

Ela ainda se sentia um pouco como uma deusa, com um Adônis saciado por baixo dela, seu corpo morno e reconfortante.

"Eu suponho que deveria me vestir," ela disse, embora com relutância. "Alguém pode sentir a nossa falta e vir nos procurar."

"Ninguém vai vir," Jack garantiu com os olhos ainda fechados. A luz do sol passava através do dossel acima deles, aquecendo suas costas, caindo em seu rosto. No cabelo, ela viu os primeiros sinais de prata. Ele brilhava a luz do sol, e ela percorreu seus dedos, apreciando a sensação do cabelo dele em suas mãos —

grosso e macio. E ele tinha um pequeno sinal por baixo do seu lábio inferior. Ela o tocou com reverência.

"Eles podem vir," ela argumentou. "Como pode você ter certeza que eles não vão vir?"

Ele balançou a cabeça e sorriu suavemente e disse: "porque você está comigo."

Sophie levantou uma sobrancelha. "Oh meu Deus," ela disse e sabia que era verdade. Ela preferia não ser tão óbvia, mas eles não estavam enganando ninguém. Ela duvidou que alguém além dele tivesse percebido seu olhar apaixonado.

Suspirando satisfeito, ela colocou a cabeça no seu peito, abraçando Jack apertado. Seu peito era liso e macio, uma sensação deliciosa contra sua bochecha. Sua mão presa no cabelo dela encontrou algo... uma folha talvez... e ele a tirou e calmamente começou a procurar outras. Sophie não se importava se ela tivesse o chão da floresta inteira no cabelo dela. Ela se sentia bonita aos olhos de Jack. Ele tinha lhe falado isso até que ela se atreveu a acreditar.

Ele levantou a cabeça, de repente, e Sophie também.

Ele estava sorrindo para ela. "Eu acho que nós dois devemos ir após sua inicialização," ele disse para ela e levantou uma sobrancelha sugestivamente.

Sophie riu. "Sem dúvida precisamos de um banho," ela concordou.

Ele gentilmente bateu no seu traseiro nu e Sophie gritou em surpresa. "Levante-se!" ele disse, acariciando onde ele tinha dado o tapinha. "Antes que eu sinta vontade de fazer novamente. Se eu ficar com vontade, nunca deixaremos a floresta, e eles definitivamente vão vir nos procurar e eu vou ter que matar qualquer homem que a veja assim."

Sophie riu novamente, alegre por sua possessividade. Ela se levantou. Ele também e sorriu para ela antes de saltar para a piscina. Sophie andou pela borda, rindo de suas travessuras infantis, balançando a cabeça e cuspindo água.

Ele mergulhou mais uma vez e voltou com a bota do Shorty. "Olha o que encontrei!"

Sophie sorriu com pesar. "Espero que Shorty não se importe muito."

Ele jogou a bota para ela. "Shorty tem uma maldita sorte por não estar

usando ela neste momento," ele disse. "Eu teria que matá-lo." Deu-lhe um olhar que lhe disse que, apesar de seu humor estar leve, ele falava a verdade. Ela tentou apanhar o bota, mas ela caiu atrás dela.

Ela sentou na borda da piscina. "Por causa do anel?" ela perguntou.

"Por causa do anel..." Deu-lhe um olhar aguçado, que Sophie não compreendeu inteiramente. Eles ainda não tinham falado sobre o anel, ou sobre Shorty, ou sobre Harlan, e isso a surpreendeu. "E por causa de onde e como ele o conseguiu."

Sophie mordeu o lábio enquanto pensava sobre o anel. Ela não podia conceber que Harlan fazia parte da trama. E era um presente muito valioso para ser usado como pagamento de serviços — embora qualquer serviço que Shorty pudesse ter feito para Harlan, Sophie não conseguia imaginar qual seria. "Ele deve ter roubado," ela deduziu em voz alta.

"Talvez." Jack disse. "Venha para a piscina," ele ordenou. "A água está ótima." Mas o humor tinha mudado, e Sophie queria saber por quê.

Então, novamente, ela queria respostas para muitas perguntas, e Harlan certamente poderia fornecer algumas delas. Ela mal podia esperar para seguir em frente com sua vida. Quanto mais cedo ela o confrontasse, melhor.

"Quando você acha que vamos chegar ao acampamento do Harlan?" ela perguntou para Jack enquanto descia para a piscina. "Espero que seja em breve!"

A água estava de fato maravilhosamente quente, e ela suspirou satisfeita.

Ele se enrijeceu de repente, como se a pergunta o irritasse. Ele não respondeu. Ele lavou o rosto vigorosamente, ignorando a pergunta, como se ele não a tivesse ouvido, e então ele saiu da piscina.

"Jack," ela o chamou, seu coração pulando de alegria.

Ele não respondeu.

"Jack, o que aconteceu? O que há de errado?"

Ele estava zangado com ela, de repente, e ela suspeitava que soubesse o porquê, mas tudo seria revelado a ele em breve.

"É melhor se apressar," ele disse de um modo quase malcriado enquanto ele se vestia sem olhar para ela. "Está ficando tarde, é melhor seguir nosso caminho."

A cada passo que os levava ao acampamento, o humor de Jack ficava cada vez mais azedo.

Ele não podia acreditar que Sophie podia fazer amor com ele, com tanto sentimento e então perguntar quanto tempo até eles alcançaram o acampamento de Harlan.

Ela estava em algum lugar atrás dele, falando com Kell, mas ele não conseguia olhar para ela. Raiva anuviava o cérebro dele.

Mulher teimosa, bonita e irritante!

Maria continuava grudada do seu lado, mas Jack não ouviu nem uma palavra do que ela disse para a ele. O pai dela tinha trazido ela, recusando-se a deixá-la sozinha. Jack pensou que era um pouco tarde demais para se preocupar com sua virtude. Sua mãe morreu dando à luz ao caçula de seus filhos quando Maria era apenas uma garotinha. Como resultado, Maria tinha crescido selvagem, livre para fazer coisas erradas enquanto o pai dela ficava fora. Mas sua selvageria era seu maior apelo. Ela era cheia de vida e apaixonada, linda mesmo. Neste momento, no entanto, a voz dela ralava em seus ouvidos.

Porque ela não era Sophie.

Droga. Ele não podia se imaginar apenas entregando Sophie para Harlan e então virar e ir embora.

Por Deus, ele não ia fazer isso.

Ele precisava de Sophie. A vida não tinha sentido sem ela — incluindo seus estudos. O que importava o que ele descobrisse ou o que ele aprendesse, se ele não podia ver seus olhos se iluminarem apenas por ouvi-lo falar sobre o assunto? Ele se sentiu cansado de ouvir a conversa de Maria, imaginando uma procissão de encontros sem sentido com as mulheres que ele nunca se importou em ver novamente.

"Sophie!" ele ouviu um de seus homens a chamando e seu coração ficou apertado.

Quem se atreveu a assombrá-lo com o nome dela?

Ele se virou para ver quem a tinha chamado e encontrou Pete acenando-lhe com entusiasmo. Ele berrou algumas ordens para o rapaz, mandando Pete ficar ao lado de Jose. Ele não sabia o que diabos ele tinha que fazer ao lado de Jose,

então ele ordenou-lhe levar a mochila dele. O jovem deu-lhe um olhar confuso, mas fez como ele disse.

Sophie atirou-lhe um olhar, e ele se virou a ignorando, zangado com ela por querer Penn.

Se eles continuassem neste ritmo, chegariam ao destino um dia antes do anoitecer.

Dane-se e que tudo vá para o inferno.

Como uma criança mimada, ele queria plantar seus pés e jogar a mochila dele no chão e se recusar a dar mais um passo na direção do acampamento do Penn.

"O que está errado com ele!" Sophie perguntou para Kell e abanou a cabeça.

Kell encolheu os ombros em resposta, mas escondeu um pequeno sorriso. "Você realmente não sabe"?

Sophie sorriu de volta e admitiu que, "na verdade, acho que eu faço idéia. Ele está irritado assim desde esta manhã."

Ela colocou a mochila um pouco mais para o alto. Uma bota ainda estava molhada e começou a ranger e os dedos dela estavam começando a ficar esponjosos. Ela tinha tentado secar as meias que tinha enfiado para encher a bota, mas como ela não teve muito tempo continuavam molhadas, e ela tinha colocado assim mesmo.

Jack tinha levantado acampamento e estava mantendo um ritmo acelerado o dia inteiro. Eles estavam se movendo tão rápido pela floresta e ela estava levando tantos tapas na cara que ela começou a se perguntar se ela tinha folha impressas por todo o rosto.

"O que aconteceu esta manhã?" Kell perguntou obviamente curioso, mas tentando soar casual.

Sophie encolheu os ombros, mas ficou vermelha. "Perguntei quando nós íamos chegar ao acampamento do Harlan e ele parou de falar comigo. Não disse uma palavra para mim desde então."

Kell sorriu. "Ele vai ficar bem assim que chegarmos ao acampamento do Harlan."

E ainda assim, Sophie não estava inteiramente ansiosa para compreender

Jack. O próximo confronto com Harlan a deixava principalmente renovada... mais forte... exceto quando ela pensava que todas as pessoas saberiam a verdade depois — que Harlan não se importava nem um pouquinho com ela. E isso a fazia se sentir de muitas maneiras que tinha errado, mas ela sabia que era um absurdo.

E por que deveria isso interessar? No instante em que ela descobriu sua perfídia, ela o tinha tirado do seu coração, apenas para perceber que ele nunca tinha estado lá para começar.

Jack estava.

A cada passo que eles davam, ela ficava mais ansiosa para chegar.

"Nervosa?" Kell perguntou.

Sophie deu-lhe um olhar tímido, acenando. "Um pouco, mas é a coisa certa a fazer," ela assegurou para Kell.

Kell assentiu com a cabeça e piscou. "Eu tenho que concordar. E eu estou realmente orgulhoso por você encarar isso."

Não era fácil. E o pensamento deixava seu estômago embrulhado.

"Harlan não te merece," Kell assegurou-lhe.

Sophie sorriu. "Obrigada," ela disse suavemente olhando para frente.

Jose estava conduzindo-os através de um caminho estreito da selva, e eles mal podiam andar lado a lado agora. Eles mantiveram o ritmo, não diminuíram, para que eles não se perdessem do homem diretamente na frente deles. Em algum lugar à frente, Jack estava caminhando com Maria e o irmão dela, mas ela não podia vê-los e estava feliz. Ela sabia no seu coração que Jack não queria Maria, mas ele também não estava ao lado dela.

Se ele estava bravo com ela, ele devia perguntar por que ela queria ver Harlan. Ela o amava, mas ela não era seu laçao. A única coisa que ela tinha aprendido de seu relacionamento com Harlan era que ela seria mais sábia se cuidasse de si mesma. Ela tinha desistido de tudo para ser o que Harlan procurava em uma mulher... e não tinha deixado nada para ela mesma. No final, Harlan obviamente não a tinha respeitado pelo seu sacrifício.

Não, ela nunca mais seria tão tola.

Se qualquer homem a quisesse — se Jack a quisesse — ele teria que aceitá-la

com todos os seus defeitos, não uma mulher cujo propósito era ter filhos e ser a esposa modelo apenas para honrar um marido infiel. Ela queria um homem que a quisesse por ela mesma — não por causa do nome dela, ou do dinheiro do seu pai.

Ela queria Jack — Jack, que não se curvava a qualquer homem — Jack, que corria atrás dos seus sonhos com o suor do seu rosto — Jack, que a respeitara o bastante para conversar com ela sobre as coisas que ele estimava — Jack, que foi o primeiro homem a realmente vê-la e não o pai dela ou o dinheiro dele ou o seu nome. E Sophie sabia disso também. Ela se viu em seus olhos. Ela viu seu coração lá também... pelo menos ela tinha essa esperança.

"Quanto tempo você acha que vai demorar para chegarmos ao acampamento do Harlan?" ela perguntou para Kell, impaciente. Jack não se preocupava em responder sua pergunta. Tudo o que ela sabia é que eles poderiam estar a dias de distância, ou apenas horas.

Kell olhou o céu, estudou a floresta. Eles chegaram a uma clareira e ele passou a mão em seu queixo e olhou para ela, sorrindo, em seguida, olhou para cima novamente para julgar o caminho em frente. "Na verdade... Acho que é logo depois —" ele levantou o braço para apontar, mas parou na metade do caminho.

Sophie olhou para cima para ver o que tinha chamado a atenção dele.

Era Jack, vindo em direção a eles, seu olhar quase assassino.

Seu coração pulou.

Seus homens se separaram como o mar vermelho, para ele passar e ir para a parte de trás da linha onde Sophie caminhava com Kell. Eles pararam em suas trilhas quando ele passou, voltando-se para assistir.

"Vamos parar aqui para passar a noite!" ele disse alto o suficiente para todo mundo ouvir e em um tom que não tolerava nenhum argumento.

Sophie estremeceu. Ele estava olhando para ela tão acaloradamente que ela pensou que ela pudesse explodir em chamas.

Kell piscou os olhos. "Que diabos por quê?" ele perguntou, sua expressão claramente surpresa. É logo depois — "

"Vamos parar aqui!" Jack trovejou, "Porque eu disse que vamos"

Kell apontou o caminho de terra que eles estavam andando. "Mas com os diabos, Jack —"

Jack apontou furiosamente para seus pés. "Eu disse que vamos acampar aqui!" ele persistiu, e sua postura não admitia recusa.

Sophie estremeceu novamente e mudou-se mais um pouco para trás de Kell.

Kell abanou a cabeça, mas admitiu sua derrota. "Tudo bem," ele concordou e atreveu-se a rir. "Como você queira, Jack."

Sophie olhou para Kell, perguntando se ele estava louco para rir. Ela nunca tinha visto Jack parecer terrivelmente furioso.

Os dois homens compartilharam um olhar, e então Jack foi embora.

Ninguém disse uma palavra, e eles montaram acampamento na pequena clareira.

Sophie se determinou a ficar longe de Jack, achando que era melhor deixar o humor dele melhorar. Ela não queria brigar com ele, e ela ia precisar de um ombro depois de enfrentar Harlan. Kell era doce, mas era de Jack que ela precisava agora.

Ela só não sabia como revelar a verdade.

Ela não queria sua piedade, só a compaixão dele, e ela não sabia como dizer-lhe que o noivo dela realmente não a queria — que ele tinha tudo, mas a tinha descartado. Ela preferia que Jack visse por si mesmo que ela não era tola no que dizia respeito à Harlan. Ela não era vítima e ela não estava nem um pouco arrasada, e ela queria que Jack visse a verdade com seus próprios olhos. De alguma forma, ela não pensou que ele acreditaria nela se ela simplesmente lhe contasse.

Na verdade, sua raiva por Harlan agora tinha quase desvanecido... ela não gostava dele e estava mais do que determinada a libertar-se da obrigação de seu noivado.

Harlan Horatio Penn poderia fazer tudo o que ele desejava, podia amar quem ele desejasse. Sophie não se importava. Ele poderia ficar no Yucatán para o restante de sua vida... só que sem o dinheiro do seu pai. Ela tinha a intenção de fazer o impossível para ver a honra do seu pai redimida.

Quanto a si mesma... tinha a intenção de seguir seu coração, para onde ele a

levasse.

Com ou sem Jack, ela pretendia seguir seus sonhos. Ela era sábia, forte e estava pronta para enfrentar o que o amanhã trouxesse para ela.

Jack permaneceu tempo suficiente para ter certeza de que suas ordens seriam seguidas e então partiu novamente para o início da fila, confiante de que não sentiriam falta dele enquanto estavam ocupados levantando o acampamento.

Não que ele estivesse ansioso para proteger a reputação de Harlan, mas ele não queria que Sophie fosse ferida se eles aparecessem e encontrassem Harlan ocupado com as mulheres.

Jack tinha estado ao lado do homem por quase um ano e seus trabalhos foram gastos quase que inteiramente em sua tenda, acariciando os peitos das mulheres. Antes de ter conhecido Sophie, o desgosto maior de Jack com o comportamento de Harlan era o simples fato de que ele parecia ter pouco respeito pela sua vocação. Se ele se aproveitava das mulheres que ficavam com ele, era tanto culpa dele quanto culpa das próprias mulheres. Elas ficavam com os estrangeiros na esperança de ganhar um marido que as levasse para longe da pobreza de suas aldeias, mas seus afetos eram calculados, na melhor das hipóteses. Jack tinha resolvido há muito tempo cuidar da própria vida.

Só que agora tudo era diferente.

Mas a ironia da situação não lhe escapou. Ele estava a caminho para avisar o noivo da mulher que ele amava que ela estava a caminho para que o traidor pudesse limpar sua tenda de provas incriminatórias. Que loucura era essa?

Ainda assim, ele não queria Sophie o encontrasse com as mulheres. Não era Jack quem deveria lhe dizer sobre os flertes do noivo dela — particularmente

não depois que ele a tinha seduzido.

Ele não tinha ido longe pelo caminho antes dele chegar ao seu destino. Jose os tinha guiado bem, e eles tinham feito a viagem em bom tempo. Ele invadiu a clareira em que Harlan tinha montado acampamento na floresta.

Jack não se incomodou em perguntar onde estava Harlan, ou qual era a tenda dele. Ele estava na tenda maior, é claro. E ele estava sempre dentro dela — o sol feria sua pele, a umidade da noite lhe dava tremores, praticamente qualquer desculpa para não trabalhar. Jack foi em direção a tenda, ressentimento em cada passo. Ele amava Sophie. Ele queria Sophie. E Harlan era um bastardo sujo, que não a merecia.

Ele encontrou Harlan sentado em uma mesa improvisada pequena, curvado sobre seu material de leitura, suas sobranças fechadas num pensamento profundo, e uma mulher de pele escura fazendo massagens nos seus ombros.

Uma fúria atravessou seu corpo.

Jack não disse uma só palavra. Ele foi direto para a mesa, bateu com os telegramas que ele tinha encontrado no fogão, e antes que Harlan pudesse dizer uma palavra, Jack pegou-o pelo colarinho e arrastou-o para fora.

Harlan ficou confuso. "MacAuley!" ele disse surpreso.

Jack apertou o colarinho de Penn. "Sim, sou eu, Harlan! Surpreso em me ver?" Claro que ele estava surpreso, ele tinha contratado um sabotador para certificar-se de que Jack não conseguiria chegar à cidade de Yucatán.

"Não, não!" Harlan objetou. "Não sei o que você está falando!"

Jack pegou mais provas no bolso. Ele mostrou o anel que ele tinha pegado com Sophie e mostrou para Harlan. "Não?"

O rosto de Harlan empalideceu.

Jack sorriu impiedosamente. "Vejo que você reconhece o anel," ele disse e fechou o punho em torno dele.

"Não fui eu"! Harlan disse e começou a gritar. "Eu não mandei os telegramas para o Shorty!" Sua equipe veio correndo, ouvindo seus gritos. Jack olhou em volta e deu um soco no queixo de Harlan. Harlan voou sobre seu traseiro, e sua equipe ficou parada, olhando.

"Você não mandou os telegramas para Shorty, certo?" Jack disse, flexionando

a mão vazia.

"Não!" Harlan declarou, andando para trás.

Jack abriu seu punho. "E não lhe deu este anel, também, não é, Harlan?"

"Ele deve ter roubado!" Harlan jurou, seus olhos estreitando-se furiosamente. "Não dei isso a ele!" Jack leu a verdade em seus olhos. Ele provavelmente não tinha dado o anel para Shorty. Shorty podia muito bem tê-lo roubado, mas isso não importava. Ainda assim, as evidências apontavam a mesma direção. Harlan era um trapaceiro e um ladrão!

Ele avançou para Harlan, mais uma vez, levantando-o e arremessando-lhe outro soco. "Isso é pelo Shorty!" ele disse fazendo Harlan cair sobre o seu traseiro.

Nenhuma pessoa da sua equipe moveu um dedo para ajudá-lo, Jack percebeu — não que isso pudesse tê-lo feito parar.

Ele agarrou Harlan mais uma vez, e deu-lhe outro soco. "E este é por Sophia!" ele lhe informou. Uma vez mais Harlan foi caindo para trás e Jack disse-lhe, "eu espero que você esteja se divertindo, Harlan! Espero que a moça tenha valido a pena!"

Ele o deixou caído no chão, sangue escorrendo do canto de sua boca. Harlan estreitou os olhos, e de repente se sentiu provocado. "O que você quer dizer este é por Sophia?"

Jack se sentiu encorajado pelo confronto nos olhos dele. "Briga comigo, Harlan!" ele exigiu. "Não é nenhum desafio lutar com um homem que é muito covarde para se defender!"

"Eu sou um cavalheiro!" Harlan, fervorosamente, protestou. "Não vou lutar com você!" ele assegurou para Jack, o tom de voz tão altivo como um homem poderia gerenciar enquanto ainda se encontrava deitado no próprio rabo, cuspiendo sangue através de seus dentes.

"Claro que não," respondeu Jack. "Você prefere pagar um homem para sabotar qualquer um que seja uma ameaça para você!"

"Não paguei Shorty para te sabotar!" Harlan negou veementemente.

"Sério, e como sabe que era o Shorty?" Jack rebateu, estreitando os olhos. "Eu não te disse que foi o Shorty, ou você adivinhou?"

Harlan abriu a boca para falar e então a fechou novamente. Jack deu um passo em direção a ele, e ele correu para trás para fugir dele.

"Você é uma desculpa esfarrapada para um homem, Penn!" Jack disse. "Não vou bater em você de novo, mas eu vou te dar um conselho!"

Alívio iluminou os olhos azuis confusos de Harlan. "O que é?"

Jack olhou para ele, tentando falar as palavras certas. Ele não queria dizer nada que pudesse refletir negativamente sobre Sophie.

"Sophia está aqui," ele disse finalmente, suas palavras cuidadosamente medidas. Suas mãos tremiam, e ele engoliu duramente, engoliu as emoções que estavam dentro dele.

Harlan falou olhando para ele. "Sophia está aqui! Onde?"

"Não mije nas calças, Harlan! Eu não sou estúpido o suficiente para trazê-la para dançar na sua orgia, mas ela vai estar aqui amanhã de manhã!" Harlan deu-lhe um olhar aguçado. "Você não merece o aviso prévio, mas estou aqui para te dizer que se eu pegar suas mãos em um peito na hora que ela chegar aqui, ou se você machucá-la, juro por Deus eu vou te matar com as minhas próprias mãos!"

Harlan olhou para ele sério. "Você não se atreveria!"

"A faça chorar, Harlan e veja o que eu sou capaz de fazer!"

"Não entendo!" Harlan, exclamou de repente. "O que ela fez contigo, MacAuley?" Ele deu um olhar acusando a Jack.

Jack segurou sua língua.

"Por que você deve se preocupar sobre minha relação com a Sophia!"

Jack ficou ali, querendo dizer muito mais, determinado a proteger Sophie a todo custo. Tudo o que ela queria, ele queria para ela — mesmo que ela quisesse o bastardo em pé diante dele.

"Porque eu a amo, por isso!" ele deixou escapar e piscou os olhos com surpresa de suas próprias palavras.

Harlan piscou também, mas ficou sem palavras.

Jack acenou com a cabeça. Era a verdade, droga. Ele a amava. E isso era tudo o que ele diria.

Ele girou sobre os calcanhares, deixando Penn olhando com a boca aberta atrás dele.

O resto era Sophie que devia fazer.

Precisando de tempo para pensar, Jack não retornou ao acampamento imediatamente. Quando ele finalmente voltou, encontrou o acampamento adormecido. Apenas algumas barracas estavam iluminadas, a de Sophie era uma delas, e considerando a experiência dela com lamparinas no passado, a luz o atraiu imediatamente para ela. Não havia muito perigo em começar um incêndio, enquanto as lamparinas fossem deixadas no seu suporte, mas só para ter certeza, ele se sentiu compelido a colocar sua cabeça dentro da barraca.

Seu coração dançou com a visão dela.

Ela era tão bonita, deitada, com o cabelo dela espalhado sobre seu rosto. Ela tinha adormecido com seu bloco de notas ao lado dela e seu lápis ainda na mão. O bloco de notas ainda estava aberto na página onde ela tinha desenhado. Curioso, Jack levantou o bloco, maravilhado com os detalhes que ela tinha capturado com tanta precisão no papel.

Era o dzonot onde eles tinham passado à tarde anterior. Nunca em sua vida ele tinha visto um... desenho tão espiritual. Não havia nenhuma outra maneira de descrevê-lo. Banhado em raios de luz do sol era quase possível se ver a santidade do lugar, e a vegetação luxuriante, era quase possível espiar o rosto da Hechicera. Ela não estava lá, mas de alguma forma ela estava... uma rosto quase indistinguível entre o grande dossel de folhas.

Estava incrível.

A curiosidade o fez virar a página, e seu coração bateu mais rápido quando

ele encarou o rosto. Era o seu rosto, capturado com um senso de perfeição que ele sabia que não possuía. O rosto era quase divino, os olhos penetrantes e inteligentes, os lábios cheios e sensuais...

Era ele, e ainda assim não era ele.

Era a cara dele como Sophie via, e a realização fez seu coração se inchar com emoção. Ele ainda estava curtindo a imagem quando ele virou a página para encontrar outro desenho dele. Era outra imagem dele... horrível... os olhos salientes de raiva e a boca aberta como se ele estivesse gritando. Cristo, se ele se sentiu lisonjeado pelo retrato anterior, este o deixou estremecendo. Mas o trabalho dela era extraordinário.

Sophie se agitou no sono, e ele fechou o caderno e colocou-o ao lado de sua mochila, junto com o resto de seus desenhos. Ele olhou de relance e depois olhou de novo, pego pela familiaridade deles.

Ele começou a folhear o caderno e foi surpreendido pela sua descoberta. Sua própria pesquisa. Ela tinha recriado os desenhos com uma precisão incrível... o Deus Jaguar... até mesmo os túmulos mapeados. A atenção aos detalhes era surpreendente. Seus desenhos não eram apenas precisos, eram bons, capturando mais o espírito do tema do que ele jamais poderia ter esperado. Ele podia usar seus talentos.

Com um sentimento de gratidão, ele guardou os desenhos e foi até ela, pairando sobre ela enquanto ela dormia, observando-a. A sombra de seus cílios caía sobre as bochechas dela, escovando-as suavemente.

Ele sentiu o desejo de beijá-la.

"Jack?" ela sussurrou sonolenta, e ele engoliu, empurrando de lado o pensamento de que amanhã ela já não estaria com ele.

Ele não queria pensar nisso agora.

Ele não queria sentir raiva.

Ele não queria se sentir sozinho.

Ele queria fazer amor com ela.

Ele beijou os lábios dela suavemente, seu coração batendo mais forte pela sensação deles tão macios contra a sua boca.

"Sophia," ele murmurou, desesperado para o gosto dela.

"Jack," ela disse, acordando. Ela sorriu docemente para ele e se alongando ociosamente e, em seguida, levantou os braços em volta do pescoço dele. Ela abriu a boca para falar.

"Shhh," Jack exigiu, com medo que ela fosse recusá-lo. Ele a silenciou com um beijo faminto, disposto a mostrar para ela o que estava em seu coração.

Como uma flor, ela se abriu para ele e ele fez amor com ela como nunca tinha feito amor com ninguém em toda a sua vida.

Antes de Sophie, ele não tinha conhecido o verdadeiro amor.

Antes dela... tudo que ele fez foi simplesmente uma preparação para agora...

Jack tinha lhe assegurado que eles chegariam ao acampamento de Harlan na manhã seguinte, mas Sophie ficou chocada ao ver como eles tinham acampado perto.

Eles tinham caminhado, no máximo, uma milha e então chegaram a uma exuberante floresta, que estava cheia de restos de objetos de uma época passada. Os edifícios eram um testemunho silencioso das pessoas que os tinham erguido, mas a floresta há muito tempo tinha começado a sufocar as ruínas. Flora e fauna também conspiravam para esconder os próprios edifícios dos olhos humanos. Eles estavam localizados nas profundezas da selva, e não eram ruínas que qualquer homem pudesse facilmente tropeçar.

Exceto que alguém tinha encontrado, e Sophie podia ver evidências do mato arrancado em alguns lugares, relutantemente, revelando a obra-prima de alguma cultura esquecida.

Momentaneamente a visão tirou o seu fôlego.

Ela ficou olhando para a clareira com surpresa, para a multidão de tendas que o dinheiro do seu pai tinha comprado e se perguntou qual tenda era a de Harlan.

Seu olhar procurou Jack.

Ele estava observando-a a uma distância, seus pés plantados no chão teimosamente, embora ela quisesse que ele estivesse ao lado dela.

Ele tinha percebido como eles estavam pertos?

Por que ele não disse a ela?

Apesar da intensidade de sua vida amorosa, por qualquer motivo ele ainda estava mal-humorado com ela. De repente, enquanto ela estava na sombra dessas ruínas, para além dos limites do acampamento adormecido de Harlan, ela se sentiu mais sozinha do que já tinha se sentido em toda a sua vida. Nunca ela se sentira tão minúscula e insignificante, seu propósito tão insignificante no esquema maior da vida.

Uma parte dela quis ajoelhar-se em homenagem a este lugar. Alguma parte dela queria esquecer tudo pelo que ela tinha vindo e simplesmente sentar-se e capturar o coração e a alma desta cidade esquecida. A maior parte dela queria se virar e fugir, mas ela tinha vindo tão longe para encarar Harlan e tinha a intenção de fazer tudo até o fim.

Ela deu um suspiro, soltou a mochila dos ombros e colocou-a no chão. O coração dela começou a martelar quando ela se ajoelhou para pegar a foto de Harlan.

A chegada deles tinha sido notada.

Quando o sol subiu, o acampamento de Harlan começou a acordar. Um por um, eles se arrastaram para fora de suas tendas para olhar para os intrusos.

De alguma forma, parecia que todos queriam vê-la... A equipe de Jack e de Harlan, também. Todos olhavam fixamente para ela, esperando para ver o que ela ia fazer.

Os dedos dela balançaram quando ela retirou a foto que ela tinha carregado desde Boston, e ela se recusou a olhar diretamente para os olhos de qualquer pessoa, especialmente Jack.

Kell veio para frente e deu-lhe um tapinha nas costas... pelo menos ela achou que fosse Kell pela maneira amigável que ela foi tocada.

Ela olhou para encontrar Jack, e o coração dela bateu mais forte. "Jack," ela exclamou e queria se atirar nos braços dele.

Pânico começou a tomar conta dela. Seu discurso meticulosamente memorizado sumiu da cabeça dela completamente.

Ele a arrastou, prendendo-a pelos braços, os dedos delicadamente investigando sua carne.

"Sophia," ele disse e o olhar em seus olhos verdes era fervoroso. Sophie quis

chorar da intensidade visível em seus olhos verdes. "Eu vou te apoiar... porém você tem que lidar com isso. Eu vou estar do teu lado..."

Ela sabia que ele estaria. Não era esta a sua preocupação. Ela queria contar-lhe tudo, mas agora não demoraria muito para ele perceber. "Oh, Jack!" ela gritou e tentou abraçá-lo, mas ele a afastou.

Eu vou dizer-lhe que foi tudo minha culpa," ele disse para ela. "Mas você não tem que confessar nada."

"Jack," ela protestou. "Tenho que —"

Ele apertou-lhe suavemente, mas com urgência. "Não, por favor, me escute!" Ele implorou para ela.

Sophie, de repente, queria chorar, e nem sabia por quê. Cheia de lágrimas em seus olhos, ela ficou chateada com ela mesma por ser tão tola.

Não era como se fosse uma despedida.

Por que ela estava chorando?

"Sophia..." Ele engoliu. "Só quero que você saiba..."

O coração dela se apertou dolorosamente. Ela olhou nos olhos dele, esperando que ele falasse. "Sim, Jack?"

"Antes de você ir..."

Seus dedos a apertaram com mais força, quase com desespero, mas Sophie não se importou. O olhar nos olhos dele dava a ela esperança.

Ela esperou ansiosamente para ouvir suas próximas palavras.

"Jack," ela incitou-o quando ele simplesmente a ficou olhando, um olhar com medo, como se ele estivesse com medo de falar as palavras. Mas isso era impossível, porque Jack MacAuley não tinha medo de nada e nem de ninguém.

Ela engoliu convulsivamente.

Ele era o herói dela, seu amante, seu amigo e ultimamente o mentor dela. Ela o amava ferozmente e respeitava-o ainda mais. Ela queria agradá-lo sempre.

O acampamento de Harlan agora estava completamente vivo, e Sophie aguardava que Jack falasse as palavras.

Eu te amo, seu coração clamou.

Diga Jack.

"Sophia!" alguém gritou. Era Harlan.

Sophie olhou por cima do ombro para vê-lo vindo em direção a eles, e pânico a cercou de novo. Ela apertou o braço de Jack, procurando freneticamente por ele. Ela não queria que ele saísse de perto dela e se ele o fizesse, ela iria cair de joelhos e humilhar-se diante de todos.

"Jack!" ela chorou baixinho, aterrorizada, mas não pelas razões que ele poderia estar pensando. O retrato de Harlan escorregou de seus dedos e caiu a seus pés.

Ela temia que ele nunca dissesse as palavras, com medo do mundo real que de alguma forma poderia levar ele embora, medo dele não esperar por ela... que ele pudesse ir embora sem saber a verdade — e ela ainda tinha medo de ser uma idiota para qualquer homem.

Seus olhos pareciam estar lhe suplicando.

Ela lhe deu um olhar suplicante.

A mão dele de repente levantou seu braço e suavemente estendeu a mão para acariciar o rosto dela. "Eu te amo, Sophia," ele disse, falando às palavras que ela mais precisava ouvir.

O coração dela foi parar em sua garganta, e as lágrimas saltaram dos seus olhos. A garganta dela se apertou, e ela não pode falar por um instante.

"Sophia!" Harlan gritou mais uma vez, seu tom excessivamente feliz. "Aqui estou... bem aqui!" ele a saudou.

Com força e determinação, que ela não sabia possuir, ela se afastou de Jack, mas ele a segurou. "Você não tem que ir," ele pediu a ela.

Sophie o empurrou firmemente, querendo muito lhe explicar, mas Harlan estava quase em cima deles. "Sim!" ela assegurou-lhe. "Eu tenho que fazer isso, Jack!" E ela se livrou de seu punho de ferro, tonta de alegria.

Ele a amava!

Querido Deus, ele a amava!

Nunca em sua vida alguém tinha falado essas palavras para ela. Nunca na vida dela ela queria tanto que alguém lhe dissesse essas palavras. Seu coração parecia querer estourar.

Ela não se importava com Harlan.

Isso não era menos doloroso, era somente necessário e ela estava de repente

ansiosa para fazê-lo! Ela endireitou os ombros dela, pegou a foto de Harlan de onde ela tinha deixado cair a seus pés, deu Jack a um último olhar e disse outra vez: "Tenho de fazer isto."

E ela sorriu para ele.

Quando ela se afastou dele, Jack viu o quanto doía seu coração. Ela começou a caminhar em direção a Harlan, sem olhar para trás, e ele ficou parado, sentindo como se ela tivesse arrancado suas entranhas e ela estava sorrindo.

Ele a deixou ir.

Ele não tinha nenhuma escolha.

Ele tinha entregado seu coração, e ela o tinha recusado e o tinha deixado de qualquer maneira.

Ele não suportava ver.

Seu olhar buscou o de Kell e ele encontrou seu amigo sorrindo também.

O que estava errado com todos?

Ele virou mais uma vez para Sophie, olhando para ela... indo em direção a Harlan cheia de confiança. Ela era uma mulher com uma missão. Na mão ela segurava o retrato vandalizado de Harlan como se fosse uma arma. Enquanto observava, ela levantou o retrato de repente e quando ela estava quase perto de Harlan rapidamente removeu a parte de trás da moldura. Ela tirou algo e então, tirou a foto também. E quando Harlan ia abraçá-la para recebê-la, ela desenrolou algo e empurrou no rosto dele.

Ele teria ficado arrasado se Kell não estivesse rindo. Jack não podia ouvi-lo, mas seus ombros sacudiam com alegria.

O que diabos estava acontecendo?

Como Kell sabia o que estava acontecendo?

Jack se aproximou para bisbilhotar, pensando que talvez ele suportasse ouvir o que estava acontecendo.

"Oh, Harlan, adivinha o que Jon compartilhou comigo!" ela declarou enquanto acenava um papel em seu rosto.

"O quê?" o noivo dela perguntou-lhe, tentando examinar o papel.

E depois, evidentemente, ele o reconheceu, porque ele empalideceu visivelmente e Sophie lhe disse, "vejo que você o reconhece, Harlan querido!"

A curiosidade cutucava Jack e ele se aproximou de Kell. "O que diabos é isso na mão dela?"

"Uma carta," foi tudo o que Kell se dignou a revelar, e sorriu para Jack.

Jack atirou-lhe um olhar, e se virou para Sophie outra vez, sua atenção fixada nela, quando ela começou a falar algo em voz alta para todos que quisessem ouvir.

"... e as mulheres daqui são as mais lindas que qualquer homem jamais tenha visto," ela leu, seu tom melodramaticamente poético "a pele aveludada e os olhos de um preto profundo, que um homem é capaz de ver seu próprio reflexo em suas profundezas!"

"Como você conseguiu isso?" Harlan explodiu de repente, seu rosto malhado de vermelho.

"E o cabelo!" Sophie continuou imperturbável pela histeria na voz dele, "Cristo, eu nunca tive a alegria de tocar em cabelos tão macios que fluem através de minhas mãos como a crina de um bom cavalo de raça!"

"Sophia!" Harlan protestou com um suspiro e tentou agarrar a carta dela.

"E entre parênteses...", ela acrescentou como um aparte, virando-se para Jack. Na verdade ela piscou para ele e risos eclodiram de seus lábios, apesar de sua absoluta confusão.

Ela não estava com raiva. Ele ficaria arrasado. Ela planejou isso desde o começo? Por que ela não lhe disse? Ele poderia ter se deliciado com seu propósito. Diabos, ele nem teria cobrado a sua passagem!

Ela voltou para a carta, falando de novo de um modo poético. "E elas adoram ser cavalgadas, Jon... Sei disso por experiência própria!"

"Sophia!" Harlan opôs-se, seu tom crescendo com raiva agora. Ele ficou ainda mais vermelho.

Todo mundo estava em volta deles agora, e os olhos permaneciam em Sophie.

"... nunca conheci mulheres de natureza tão natural," ela continuou, mais alto do que antes, dando um toque artístico com a mão dela. "Se você experimentar a alegria carnal do ventre de uma delas, você não deve achá-la uma exceção porque a próxima vai fazer você ansiar sentir seu gosto nativo e querer correr

como um selvagem através das selvas do seu corpo. Você quase vai esquecer que é um homem civilizado e nunca mais vai desejar definhar na miséria que é Boston."

Harlan tinha escrito isso? Então ele era mais idiota do que Jack supunha.

Riso irrompeu na multidão.

"Sophia, eu posso explicar!" Harlan declarou para ela. "Me dê esta carta, por favor!"

Ela colocou-a fora de seu alcance. "Nem por todo o dinheiro dos Vanderwahl eu não seria arrastado tão cedo deste paraíso!" ela terminou apaixonadamente.

"Posso explicar," ele disse novamente, mas seu apelo foi em vão.

"Não se incomode!" Sophie disse, virando-se para Jack.

Harlan foi atrás dela. "Sophia, minha querida princesa, eu posso explicar tudo!"

Ela girou para enfrentá-lo. "Não nunca mais diga isso outra vez! Eu tenho boas notícias para você, Harlan! Não precisa se preocupar com o ônus do matrimônio! Não comigo! Jamais!"

Jack abanou a cabeça, percebendo nesse instante que, de fato, essa era a intenção dela o tempo todo. Ela tinha vindo para este momento.

E ele estava muito orgulhoso dela.

"Além disso, não precisa sair deste lugar se você não deseja!" ela lhe disse dobrando a carta na mão, mantendo a prova. "E melhor ainda, você nunca mais precisa se preocupar com o dinheiro dos Vanderwahl!" ela lhe assegurou.

Ela se virou mais uma vez, deixando Harlan olhando para ela como se ele tivesse levado um tapa na cara. Ela caminhou orgulhosamente em direção a Jack, e entregou a carta para ele.

"Nunca foi o dinheiro que me importou!" Harlan mentiu sem hesitação.

"Eu te amo, também," ela disse para Jack sorrindo, ignorando Harlan, e então ela girou sobre seus calcanhares mais uma vez, voltando a olhar para Harlan, seu comportamento de repente feroz novamente.

Jack encontrava-se sorrindo.

Ela o amava.

Ela tinha dito isso.

"Oh não?" Ela olhou para um atordoado Harlan e disse, "todo homem deveria ter uma noiva compreensiva, hein? E um sogro disposto a soltar muito dinheiro para apoiar a sua causa?"

Harlan permaneceu sem palavras.

"Bem, você estava certo sobre uma coisa Harlan Horatio Penn! Não estou definhando! Mas eu não vou gerar seus filhos — não nesta vida!" Ela deu um soco no seu peito mais uma vez.

"Como ousa pensar que eu vou esperar por você mais cinco, seis anos para me casar com você! E como você ousa menosprezar o meu interesse em seus estudos! E como se atreve a sugerir que as mulheres não têm nenhuma paciência ou capacidade de aprendizagem! E talvez você pudesse ter escolhido melhor," ela disse "mas eu posso certamente! E vou!" ela acrescentou com um aceno de cabeça.

E então ela se virou e deixou-lhe pela última vez, indo na direção de Jack, seu sorriso radiante.

O coração de Jack inchou de amor por ela.

E de orgulho.

E de alegria.

Ela voltou para ele com ombros altivos e passos determinados, cheia de confiança.

"Você não pode fazer isso comigo!" Harlan bradava. "Você não pode escolhê-lo ao invés de me escolher, Sophia! É absolutamente vergonhoso!"

Sophie o ignorou.

"O que seu pai vai dizer?"

"Não me interessa!" ela respondeu, sem se virar.

Harlan avançou sobre eles de repente, sua mão levantada e apontando indignado para o céu "e não ache que eu não vou lhe dizer que você tem se deitado com ele..."

Jack colocou Sophie de lado assim que ela chegou perto dele, confiando-lhe aos braços de Kell.

Harlan estava perto de seus calcanhares.

"Desculpe-me um instante," ele disse-lhe calmamente e então deu um soco

em Harlan, pegando-o completamente desprevenido com sua falsa sensação de segurança e arrogância interminável. Ele o mandou voando para trás mais uma vez, adicionando outra marca da sua mão para a coleção no rosto dele.

Alguns homens nunca aprendem.

"Que diabos foi isso?" Harlan lhe perguntou, indignado, encarando-o.

Jack deu de ombros. "Quero que você vá para o inferno" ele respondeu, virou-se e levou Sophie nos braços dele.

Ele a beijou cuidadosamente, fazendo carinho no seu cabelo, divertindo-se com a sensação de seus fios macios e finos nos seus dedos. Ele olhou para ela com orgulho em seu coração. "Pronta para ir, flor?"

Sofia acenou com a cabeça, sentindo alegria como nunca antes.

Ele balançou a cabeça, desaprovando o que ela tinha feito. "Por que diabos você não me disse que era isso o que você vinha buscar?"

Ela envolveu seus braços em volta do pescoço dele e disse rindo, "porque não era da sua conta, Sr. MacAuley."

"Rapariga atrevida!" Jack disse e sorriu para ela. "Isso é maneira de falar com seu noivo?"

Sophie ignorou a raiva lunática e delirante de Harlan. Ela riu baixinho. "Isso foi sua maneira arrogante de pedir-me para me casar com você, Jack MacAuley?" Ela lançou-lhe um olhar tímido, e ele provocou os lábios dela com a sua língua, mordendo-os suavemente.

Ele sussurrou em sua boca, "creio que sim."

"Sim," ela disse. "Somente sob uma condição..."

"E o que seria?"

"Que você me deixe ficar com você... não importa onde você esteja."

"Combinado," ele concordou, selando o trato com outro beijo. "Eu só vou ter que fazer de você meu novo parceiro."

"Ei!" Kell protestou, embora seu tom estivesse misturado com riso.

"Teremos de discutir os termos em profundidade," Sophie lhe garantiu sorrindo enquanto acariciava seu cabelo.

"É muito fácil", revelou Jack. "Você pode ter tudo o que quiser..."

"Já tenho tudo que quero," disse Sophie. "Eu tenho você."

"Eu vou escrever a seu pai o mais rápido possível, Sophia!" Harlan ameaçou enquanto Jack a levantava e a levava embora.

"Eu também. Harlan," Sophie garantiu-lhe, e ela suspirou assim que Jack a beijou mais uma vez. "Acho que este é o momento onde devemos navegar ao por do sol e vivermos felizes para sempre," ela propôs.

"Que tal caminharmos em direção ao nascer do sol, em vez disso?"

Sophie riu e se agarrou a ele mais apertado. "E vivermos em uma casa branca perto do lago?" perguntou-lhe divertida.

Ela se encostou contra ele. "Uma tenda vai ser perfeita, muito obrigada."

"Uma mulher atrás do meu coração," declarou Jack.

Penn poderia ter cada concessão aceita. Ele podia ter o dinheiro e o prestígio. Ele podia ter qualquer coisa e tudo. Jack já não se importava.

Tudo o que ele queria era a mulher em seus braços.

EPÍLOGO

Sophie trabalhava com a luz de uma lamparina. Ela tinha saído da cama assim que Jack tinha adormecido, mesmo ele a tendo proibido de trabalhar mais esta noite.

"Você está cansada, Sophia," ele disse. "Você pode terminar os desenhos amanhã."

Ele não entendia. Ela tinha que acabar com eles esta noite, antes da imagem se tornar apenas um borrão na sua mente. No entanto não era trabalho que a compelia. Anos atrás, ela tinha pintado uma cena de casamento, uma réplica perfeita do que a mãe dela sonhava... exceto que a noiva e o noivo não tinham rostos. De alguma forma, nunca ocorreu a ela por que ela não conseguia pintá-los, mas agora... agora ela compreendia com clareza.

Ela olhou de volta para a cama... eles tinham comprado uma cama para o navio. As redes simplesmente não tinham espaço suficiente para os dois, e ela não podia imaginar dormir sem seus braços protetores sobre ela. Ele era tão bonito deitado ao luar, e ela esperava poder descrever cada característica perfeitamente em seu desenho. Ele era lindo, e ela amava-o ferozmente. E ela compreendia agora que ela nunca tinha amado Harlan... que Harlan nunca a tinha amado. Ela entendeu porque nunca na vida ela tinha sentido um calor tão grande por outro ser humano. Era uma alegria que tocava todos os aspectos da sua vida, como um raio brilhante de sol que penetrava mesmo através das nuvens mais escuras, banindo todas as sombras.

Já era tarde, mas ela queria terminar o desenho antes deles chegarem ao porto em Belize na manhã seguinte... para poder enviar junto com a carta para casa. Ela esperava que sua mãe visse e compreendesse. E o pai dela... ela sabia que ele iria compreender. Sempre que ela se deitava na cama com Jack as palavras sábias de seu pai voltavam a sua mente como uma luz na escuridão. Enquanto ela se preocupava em como ele iria ver sua decisão de se casar com Jack ela se lembrava de uma coisa que ele disse a ela uma noite a muito tempo atrás... uma noite não tão diferente da noite de hoje, quando ela tinha trabalhado sobre um dos seus desenhos. Ela tinha apenas oito anos de idade, mas a memória dela era tão clara como se estivesse acontecendo agora, como se ele estivesse ajoelhado ao lado da cama dela.

"Às vezes é preciso de muita coragem," ele disse, "siga seus sonhos ao invés de seguir os sonhos dos que você ama."

Bem, ela estava seguindo seus próprios sonhos agora, e ela estava mais feliz do que ela já tinha sido em toda sua vida. E ela tinha tanta alegria no coração que ela queria que todos fossem felizes como ela era!

Ela finalmente terminou a pintura e olhou para ela.

Um gazebo branco imaculado, decorado com fitas brancas como a neve pura, em contraste com o verde opulento dos gramados da casa de sua família. Raios dourados de sol penetravam como um dossel vibrante, e brilhavam para baixo como se Deus tocasse o casal no gazebo. No horizonte, cavalos pretos brilhantes galopavam num pasto distante. Ela se perguntava se o pai dela ia entender o significado. Ela se perguntava se ele iria se lembrar da estória que ele uma vez contou para ela. Ela não podia viver sua vida para eles, ou até mesmo persuadir-los. Mas não era tarde demais para eles. Nunca era tarde demais, enquanto houvesse vida.

Satisfeita com o resultado, ela colocou a pintura de lado, levantou a caneta e retirou uma folha de papel da mesa de Jack.

E começou a escrever.

12 de setembro de 1899

Queridos Mamãe e Papai,

Por favor, perdoem-me por ter demorado tanto tempo para escrever. Espero que sua viagem ao exterior tenha sido linda como sempre.

Vocês ficarão bastante aliviados em saber que eu não assassinei Harlan afinal. Na verdade, eu tenho muito a agradecer para ele. E ah, eu me casei, embora não tenha sido com Harlan, apraz-me dizer. Vou explicar tudo em detalhes quando eu voltar para Boston — assim que Jack e eu completarmos a expedição atual.

Foi uma linda cerimônia realizada em uma capela no México e realizada em espanhol por um sacerdote nativo. Agora, mamãe, não se preocupe, porque apesar de eu não entender uma palavra do que ele disse, Jack fala a língua de forma bastante eloquente, e traduziu tudo para mim. Você vai adorar ele, eu asseguro a você, como eu o adoro, e prometemos nos casar de novo quando voltarmos.

De fato, pode começar a decorar o gramado, da mesma maneira que você tantas vezes me descreveu.

Entretanto, eu sei que você está feliz por mim porque eu estou delirantemente feliz!

Caso você não esteja... Mamãe, um homem muito sábio uma vez me disse que felizes para sempre não é algo que alguém pode dar, nem mesmo uma mãe que ama muito sua filha. É um lugar dentro do seu coração. E eu encontrei esse lugar, Mamãe.

Eu realmente espero que você entenda e se não entender, perdoe-me por seguir o meu coração. Eu o amo, mãe, e estou mais feliz do que jamais estive. E pela primeira vez eu encontrei um propósito nos meus desenhos. Estou catalogando os artefatos e as descobertas de Jack, e ele disse que estou fazendo muito bem. Anexo você vai encontrar alguns dos meus melhores exemplos, juntamente com um novo desenho que acabei de fazer. Incluo também uma carta escrita por Harlan que me foi

entregue por Jonathon Preston. Ela irá explicar muito, eu acredito, e o papai vai achá-la de particular interesse.

Papai, eu me pergunto se você considerou comprar o cavalo que você me falou há muito tempo? Nunca é tarde demais. E eu concordo, a

mamãe tem realmente o sorriso mais encantador do mundo.

Sophie levantou suas sobrancelhas depois de escrever esse comentário particular. A mãe dela tinha um sorriso encantador... quando ela sorria... o que não era particularmente frequente.

Um sorriso um pouco torto veio aos seus lábios enquanto ela pensava em sua própria correspondência. Era dolorosamente óbvia? Para ela era óbvia, apesar de suas observações sutis que só o pai dela deveria entender.

"Até nos encontrarmos novamente," ela assinou a carta.

"continuo sua filha adorada, Sophia Vanderwahl MacAuley."

Ela assinou com tanta precisão quanto foi capaz, cada letra formada com amor meticuloso.

Sophia Vanderwahl MacAuley.

Jack mexeu na cama, num timing impecável.

"Venha para a cama, flor," ele exigiu.

Ela se virou para ver que ele tinha levantado a cabeça do travesseiro, olhando para ela, sonolento.

"Não consigo dormir sem você."

Sophie riu suavemente. "Você consegue seu bobo! Ouvi você roncar!"

Ele deu uma risada. "Pirralha impertinente. Volte para a cama. Os desenhos podem esperar até amanhã."

Sophie sorriu. "Eu estou indo, meu querido," ela disse e abandonou sua carta sobre a mesa. Ele estava certo, podia esperar.

Sentindo-se invencível, ela foi para a cama. Olhando para ele, ela se despiu para que ele pudesse vê-la nua a luz do luar e viu pela expressão do seu rosto que ele a queria... ele a amava. E de alguma forma, ela sabia que ele olharia para ela assim mesmo quando ela fosse velha e seu cabelo cinzento.

Palavras não eram necessárias entre eles.

Com esse conhecimento e vestindo apenas seu sorriso mais perverso, Sophie subiu na cama, ao lado do marido.

E, na verdade, eles viveram felizes para sempre.

SOBRE A AUTORA



Os romances de Tanya Anne Crosby já figuraram em diversas listas de bestsellers, incluindo as do New York Times e do USA Today. Conhecidos pelos enredos carregados de sentimento e humor e repletos de personagens imperfeitos, seus livros vêm recebendo elogios dos leitores e comentários entusiásticos da crítica. Tanya vive como marido, dois cachorros e dois gatos temperamentais no norte de Michigan.

Per maggiori informazioni:

@tanyaannecrosby

tanyaannecrosby

www.tanyaannecrosby.com

tanya@tanyaannecrosby.com